

EM NOME DE SALOMÉ

ROMANCE



JULIA ALVAREZ

Autora de *No tempo das borboletas*

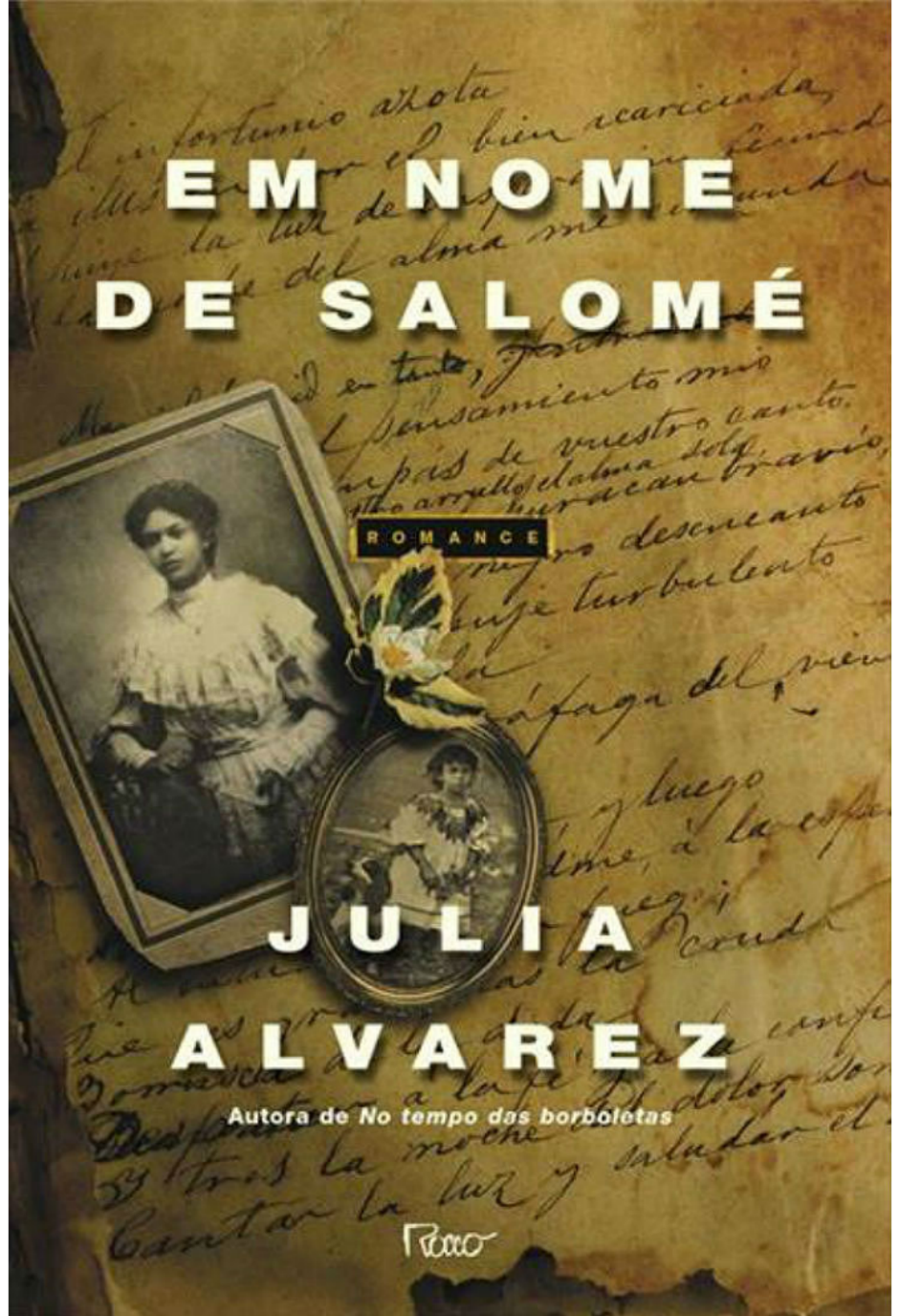
Rocco

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

EM NOME DE SALOMÉ

ROMANCE



JULIA
ALVAREZ

Autora de *No tempo das borboletas*

Rocco

JULIA ALVAREZ

EM NOME DE SALOMÉ

Tradução
Léa Viveiros de Castro

Rocco

Quisqueyanas valientes

Este livro é para vocês

*¿Qué es Patria? ¿Sabes acaso
lo que preguntas, mi amor?*

O que é Pátria? Você sabe
o que está perguntando, meu amor?
— SALOMÉ UREÑA

Sumário

PRÓLOGO

I

Uno: El ave y el nido

Um: Luz

Dos: Contestación

Dois: A chegada do inverno

Tres: La fe en el porvenir

Três: Ruínas

Cuatro: Amor y anhelo

Quatro: Sombras

II

Cinco: Sombras

Cinco: Amor e desejo

Seis: Ruinas

Seis: Fé no futuro

Siete: La llegada del invierno

Sete: Resposta

Ocho: Luz

Oito: Ave e ninho

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

PRÓLOGO

Deixando Poughkeepsie

Junho 1960

ELA PARA NA PORTA, uma mulher elegante de pele morena (italiana do sul? judia da região do Mediterrâneo? negra de pele clara a quem deixaram passar por branca em virtude das suas altas qualificações?) e contempla os aposentos vazios que lhe serviram de lar por dezoito anos.

Agora, em pleno mês de junho, o sótão está quente. Anos antes, quando ela conseguiu o lugar, o reitor ofereceu-lhe um apartamento mais moderno, mais perto do campus. Mas ela recusou. Ela sempre adorou sótãos, seu mistério, seus nichos e vãos, onde aqueles que não se sentem muito à vontade na casa podem se esconder. E este tinha uma luminosidade maravilhosa. Raios de sol cheios de partículas de poeira, como se o ar estivesse vivo.

Está na hora de colocar um pouco de sangue novo nesta velha casa. No segundo andar, bem debaixo dela, Vivian Lafleur do Departamento de Música está ficando velha e um tanto surda também. A cada ano o piano ganha mais fortíssimo, o pé dela carrega mais no pedal. Sua irmã mais velha, Dot, já se aposentou da seção de Matrícula e foi morar com a irmã caçula. “Vem depressa, Vivi”, ela às vezes berra do quarto. A música para. Será que é por causa de Dot? No térreo, Florence, de História, que já estava aposentada, foi chamada de volta quando a jovem de Yale, especialista em história medieval, tropeçou num buraco e quebrou o pé. “Estou tão contente.” Flo encurralou-a um dia lá embaixo, perto das caixas de correio. “Eu estava quase enlouquecendo naquele chalé no Maine.”

Ela própria está preocupada com o vazio diante de si. Sem filhos e sem mãe, ela é uma conta retirada do colar das gerações. Tudo o que deixa para trás são alguns colegas mais íntimos, também prestes a se aposentar, e seus alunos, aqueles jovens imortais que ela espera que tenham arquivado em suas mentes o subjuntivo espanhol.

Ela não deve se deixar levar pela morbidez. Estamos em 1960. Em Cuba, Castro e seus rapazes barbudos estão dizendo coisas assustadoras, maravilhosas, sobre a nova pátria que estão criando. O Dalai Lama, que fugiu do Tibete no ano passado montado num iaque com os chineses atrás dele, fez uma declaração: Devemos amar os nossos inimigos, senão tudo estará perdido. (Mas você perdeu tudo, ela pensa.) Neste inverno ela leu sobre uma expedição à Antártica comandada por Vivian Fuchs. Sir Vivian pediu ao mundo que se comprometesse a não jogar o seu lixo atômico lá. (Por que jogá-lo em qualquer lugar que seja?, Camila se pergunta.) Mas estes são sinais positivos, ela diz a si mesma, sinais positivos. Este não é um novo hábito dela: este esforço de livrar-se do estado depressivo que herdou da mãe. É claro que às vezes o quadro é um tanto sombrio. E daí? Use o subjuntivo (ela diz a si mesma). Formule um desejo. *Contrário às possibilidades, contrário à realidade.*

A MAIOR PARTE DA sua bagagem já tinha sido despachada, diversos baús e caixotes, anos de coisas acumuladas, reduzidas ao essencial com a ajuda de sua amiga Marion. Ela só está levando a sua mala e o baú com os papéis e os poemas da mãe, que acabou de descer para o carro com a ajuda de funcionários da própria universidade. Pensar que havia poucos meses ela estava consultando aqueles poemas em busca de sinais! Ela sorri da ideia que teve de que um passe de mágica pudesse resolver a grande questão da sua vida. E pensa, brincando, nas muitas vidas que viveu tendo como título este ou aquele poema de sua mãe. Como esta nova vida deveria intitular-se? “Fé no futuro”? “A chegada do inverno”? ou (por que não?) “Amor e desejo”?

A buzina torna a soar. Ela provavelmente será intitulada “Ruínas” se não descer logo! Marion está impaciente para partir, vermelha e praguejando, dando guinadas súbitas no volante enquanto dá a volta com o carro. “Mulher dirigindo”, um dos homens resmunga baixinho.

Marion e Les, seu novo marido, vieram de avião para ajudá-la com a mudança. (O companheiro de dez anos de Marion finalmente a pediu em casamento.) Agora as duas grandes amigas vão para a Flórida num carro alugado. Les já foi depositado (palavras de Marion) na casa da filha em New Hampshire, para que Marion e Camila pudessem fazer essa viagem juntas. Um longo caminho até

Baltimore e Jacksonville, de lá para Key West para tomar o barco para Havana. Marion vai tentar demovê-la dos seus planos.

— Todo mundo que é alguém está caindo fora.

— Bem, então não vou ter problema algum. “Eu sou Ninguém, quem é você?” — Ela adora citar Srta. Dickinson, cuja casa ela um dia visitou, cujo talento fantástico a faz se lembrar de sua mãe. Emily Dickinson está para os Estados Unidos assim como Salomé Ureña está para a República Dominicana ou algo parecido. Uma das suas sobrinhas, será que é Lupe?, adora essas analogias dos livros de passatempos que Camila leva para elas quando vai visitá-las. Mas ela própria sempre fica nervosa quando lhe pedem para colocar as coisas exatamente no lugar delas. Veja só a minha vida, ela pensa, para lá e para cá, para lá e para cá.

Mas agora — “Vamos fazer soar os tambores, as cornetas e as flautas?”, diz Marion brincando — ela está indo para casa ou para o mais perto possível de casa. Trujillo fez do seu país uma escolha impossível. Talvez dê tudo certo, talvez, talvez.

— Você não é uma ninguém, Camila — ralha com ela sua amiga. — Não seja modesta! — Marion adora se mostrar. Ela nasceu no Meio-oeste e por isso se impressiona facilmente com celebridades, principalmente quando elas vêm da costa ou então do estrangeiro. (“A mãe de Camila foi uma poetisa famosa.” “O pai dela foi presidente.” O irmão dela foi conferencista em Harvard.) Talvez Marion ache que o reflexo desta fama irá estancar a onda de preconceitos que normalmente persegue os estrangeiros e as pessoas de cor neste país. Ela não devia ser tão ingênua. Como é que Marion consegue esquecer a cruz queimando no gramado da frente da sua casa naquele longínquo verão em que Camila visitou a família Reed em Dakota do Norte?

— Precisa de mais alguma ajuda, Srta. Henry? — gritou um dos serventes. O nome dela é Henríquez (com acento no *i*), ela já disse isso a eles mais de uma vez, e eles repetiram o nome dela devagar, mas toda vez que ela precisa deles para alguma coisa, eles não se lembram mais. Srta. Henry, Srta. Henriette.

Mais adiante, na College Street, com suas blusas de cores claras, um grupo de jovens formandas caminha apressado para alguma reunião de fim de curso. Elas parecem flores libertas de suas hastes.

Uma delas se vira subitamente, protegendo os olhos do sol, a cabeleira vermelha tremulando ao vento. “*Hasta luego, Profesora*”, grita ela na direção das janelas do sótão.

Ela não pode ter-me visto aqui, pensa a professora. Eu já não estou mais neste lugar.

ANTES DE SAIR, ela faz o sinal da cruz — um velho hábito que não conseguiu abandonar desde a morte da mãe, sessenta e três anos antes.

Em nome do Pai e do Filho e da minha mãe, Salomé.

Sua tia Ramona, a única irmã de sua mãe, ensinou-a a fazer isso. Querida Mon, redonda e marrom e com o cabelo preto enrolado num coque no alto da cabeça, um Buda dominicano mas sem um pinga da calma budista. Mon era mais supersticiosa do que religiosa e mais excêntrica do que qualquer outra coisa. Na época era costume beijar a mão do pai e da mãe e pedir-lhes a bênção antes de sair de casa. *La bendición, Mamá. La bendición, Papá.*

(As meninas americanas faziam caretas na sala quando ela lhes contava sobre esta velha tradição. “Que babaquice”, disse a garota gorda e sardenta de Cooperstown, erguendo um dos cantos da boca como se esta prática antiquada fedesse.)

Quando a sua mãe morreu, Mon inventou esta maneira de pedir a bênção de Salomé. Para tirar forças de uma lembrança apagada que a cada ano se tornava menos real, até que o que restou de sua mãe foi apenas a história de sua mãe.

Às vezes a frase é meio oração, meio imprecação, como agora quando ela ouve a buzina estridente soando lá embaixo e a murmura baixinho. Marion vai acabar matando Dot. As duas irmãs sempre foram amáveis com a vizinha silenciosa do andar de cima, aquela amabilidade condescendente que os nativos têm para com os estrangeiros que não lhes metem medo. Todo inverno, Dot tricota para ela uns conjuntos horrorosos que ela tem que usar de vez em quando para mostrar que gostou.

Outra buzinação, e depois o grito “Ei, Cam! Você passou mal aí em cima ou o quê?” Ela olha pela janela dos fundos e acena para a amiga dizendo que está descendo. Marion está parada ao lado do carro alugado, um Oldsmobile turquesa Caribe. Elas discutiram sobre a cor. (Ela é do Caribe e nunca viu aquele tom de azul, ela diz. Mas o manual que Marion arrancou do porta-luvas dizia mesmo *turquesa Caribe*.) Com as mãos na cintura, as calças folgadas e o cachecol de lã escocesa em volta do pescoço. (Será que ela era mesmo de Dakota do Norte?), Marion parecia a professora de teatro

da faculdade, berrando com as alunas no palco. Anos ensinando educação física mantiveram Marion em forma, e os seus genes do Meio-oeste fizeram o resto. Ela é simpática e exibida, e causa rebuliço aonde quer que vá. “Você também é espanhola?” As pessoas costumam perguntar, e bem que Marion podia passar por espanhola, com seu cabelo escuro e seus olhos brilhantes, embora sua pele seja tão clara que o pai dela muitas vezes se preocupou, com medo de que ela fosse anêmica ou tuberculosa.

Elas passaram por muita coisa juntas, algumas é melhor que fiquem enterradas no passado, especialmente agora que Marion é uma respeitável senhora casada. (“Não sei quanto ao respeitável”, Marion diz, rindo.) Em matéria de política, entretanto, Marion é tão conservadora quanto seu marido, Lesley Richards III, cuja pele permanentemente bronzeada dá a ele uma aparência envernizada, como se estivesse sendo guardado para a posteridade. Ele é rico e alcoólatra e cheio de mazelas.

Ela não devia ser tão cruel.

Ao lado da porta está pendurada a árvore genealógica que sua estagiária fez quando estavam examinando os baús da família. Camila encontrou o pedaço de papel quando estava limpando a casa, sem dúvida deixado para trás por engano. Ela achou tanta graça no modo de a garota ver a vida dela que o pendurou no seu quadro de avisos. Ela pensa em levá-lo, depois resolve deixá-lo de lembrança para o próximo inquilino.

Outra buzina e outro grito.

Vai ser uma viagem longa até a Flórida. Ela traçou o caminho no atlas da biblioteca, usando os dedos para calcular a distância. Cada dedo era um dia na estrada. Cinco dedos, um bocado, com Marion cantando velhas canções de escoteiro e dirigindo depressa demais, especialmente com o baú de Salomé amarrado no teto do carro. No banco do passageiro, Camila se agarra no descanso de braço da porta e torce para não pegarem uma tempestade, reza para Marion não tentar demovê-la da sua decisão, dizendo que ela tem sessenta e seis anos, é sozinha, e devia pensar na sua aposentadoria, devia pensar no seu futuro, devia pensar em se mudar para uma casinha confortável pertinho da casa de Marion, pelo menos até que as coisas se acalmassem naquelas ilhotas temperamentais.

“Em nome de minha mãe, Salomé”, torna a dizer para si mesma. Ela precisa de toda a ajuda que puder conseguir aqui no fim da sua vida nos Estados Unidos.

DEPOIS DE PASSAREM POR Trenton, Nova Jersey, para ver se a amiga parava de se agitar tanto (“Quer me acender um cigarro?” “Sobrou batata frita?” “Bem que eu queria tomar um refrigerante!”), ela diz:

— Quer que eu conte para você por que resolvi voltar? — Marion está atrás de Camila desde que chegou, alguns dias antes, para ajudar a amiga a fazer as malas. — Mas por quê? Por quê? É só isso que eu quero saber. O que é que você pretende fazer com um punhado de *guerrillas* sujos, mal-educados, barbudos, governando o país?

De propósito, na opinião dela, Marion pronuncia mal a palavra para soar como *gorilas*.

— *Guerrillas* — corrige Camila, puxando bem os erres.

Ela teve medo de parecer boba se explicasse que, pelo menos uma vez na vida, antes de morrer, gostaria de se dedicar completamente a alguma coisa — sim, como a sua mãe. Os amigos achariam que tinha ficado louca, que estava com excesso de açúcar no sangue, que a catarata tinha obliterado a sua visão em todos os níveis. E a desaprovação de Marion ia ser a pior de todas, porque ela não só discordaria da escolha de Camila, como ainda iria tentar salvá-la.

Marion virou-se para olhar para ela. O carro desvia-se para a faixa da esquerda. A buzina de um carro que vem na direção contrária dá um susto em Marion, e ela conserta a direção bem a tempo.

Camila respira fundo. Talvez o futuro termine muito antes do que ela imagina.

— SOU TODA OUVIDOS — diz Marion depois que ambas se recobram do susto.

O coração de Camila ainda está batendo loucamente — como um daqueles morcegos que às vezes ficam presos no seu apartamento no sótão e ela tem que chamar o pessoal do apoio para vir tirá-lo.

— Tenho que voltar um pouco no tempo — explica. — Tenho que começar com Salomé.

— Posso confessar uma coisa? — pergunta Marion, mas é apenas uma pergunta retórica, uma vez que ela não espera pela resposta de Camila. — Por favor, não se ofenda, mas eu acho que nunca teria

ouvido falar na sua mãe se não tivesse conhecido você.

Isso não a surpreende. Os americanos não se interessam por heróis e heroínas de países sem importância, até que alguém faça um filme sobre eles.

Mais adiante tem um homem fumando um cigarro num painel de propaganda; atrás dele, um rebanho de vacas espera que ele termine.

— Então, qual é a história? — Marion quer saber.

— Como eu disse, vou ter que começar com a minha mãe, o que quer dizer com o nascimento de *la patria*, já que ambas nasceram ao mesmo tempo. — Sua voz soa estranhamente sua e como se não fosse. Todos aqueles anos dando aula. Seu meio-irmão Rodolfo chama isso de sua vantagem de professora, a forma como ela desaparece dentro do que quer que esteja ensinando. Ela fez isso a vida inteira. Muito antes de pisar numa sala de aula, ela já tinha o hábito de apagar a si mesma, de se transformar numa terceira pessoa, numa personagem secundária, na melhor amiga (ou filha!) da personagem principal moribunda, herói ou heroína. Sua missão na vida, depois que desce o pano, contar a história dos grandes nomes que já morreram.

Mas Marion não vai facilitar a vida dela. Camila não tinha ainda passado dos primeiros anos da vida de Salomé e das guerras pela independência quando a amiga a interrompe.

— Pensei que você fosse finalmente falar sobre si mesma, Camila.

— *Estou falando sobre mim mesma* — diz ela, e espera até terem ultrapassado um enorme caminhão de mudança, um verdadeiro navio com as laterais de chapa de alumínio, antes de recomeçar.

I

UNO

El ave y el nido

São Domingos, 1856-1861

A HISTÓRIA DA MINHA VIDA começa com a história do meu país, já que nasci seis anos depois da independência, uma criança enfermiça, que ninguém esperava que fosse sobreviver. Mas ao completar seis anos, a minha saúde era melhor do que a do meu país, pois *la patria* já tinha sofrido onze mudanças de governo. Eu, por outro lado, só tinha sofrido uma mudança importante: minha mãe tinha abandonado meu pai.

Eu mal consigo me lembrar da separação dos meus pais, e quanto ao meu país, eu cresci no meio de tantas guerras que não tinha uma compreensão real do perigo em que me encontrava. O que eu temia não eram as revoluções e sim o buraco escuro debaixo da casa onde nós tínhamos que nos esconder sempre que uma guerra era decretada.

Nós, crianças, não fazíamos ideia do motivo de todos aqueles conflitos. Um dos lados era vermelho, o outro era azul — sendo que a cor era a única forma de distinguir um lado do outro, embora ambos os lados dissessem que o que quer que estivessem fazendo, o faziam por *la patria*. Nós tivemos que lutar contra uma invasão do Haiti, e logo iríamos entrar em guerra com a Espanha. Agora estávamos brigando uns contra os outros. E ainda me lembro da canção que minha irmã Ramona e eu costumávamos cantar:

Eu nasci espanhola,
à tarde era francesa,
à noite era africana.
O que vai ser de mim?

Nós estávamos morando, minha mãe, minha irmã, Ramona, minha tia Ana — a segunda mãe da casa — e eu numa casinha de madeira com um telhado de zinco que brilhava. A casa ficava longe

o suficiente da praça central para escapar das bombas e das pilhagens. “Quem já ouviu falar de duas mulheres donas de uma casa!”, dizem que meu pai exclamou quando soube que sua mulher tinha comprado uma casa junto com a irmã.

Nós tínhamos orgulho da nossa casa, e principalmente do nosso telhado de zinco. Se você tivesse uma bela casa antiga do tempo em que os espanhóis se estabeleceram na ilha, você sem dúvida teria um telhado de telhas espanholas, o que era muito bom e mostrava que a sua família tinha um sangue puro, só que se você tivesse esse tipo de casa, estaria morando na parte velha, espanhola, da cidade, onde ficava o palácio do governo, a cadeia e a catedral e, em tempos de guerra, essa área seria o alvo dos canhões inimigos, que mandariam o seu lindo telhado antigo para o inferno.

Portanto, um telhado de zinco dos Estados Unidos da América, que era um país muito mais próximo do que a Espanha, era um telhado mais conveniente de se ter em 1856, quando eu tinha seis anos de idade e choviam bombas por todas as ruas da capital, enquanto os Vermelhos lutavam para recuperar *la patria* do controle dos Azuis.

ESTAMOS NUMA TARDE de outubro de 1856 e uma bomba acabou de destruir a fábrica de velas que ficava na nossa rua.

— Meninas — diz minha mãe —, preparem-se.

Nós sabemos o que fazer: embrulhar um *plátano* e um naco de bacalhau num retalho de pano da cesta de mamãe, vestir nossos vestidos mais velhos e depois sair correndo pelos fundos e nos esconder num buraco cavado debaixo da casa exatamente com este objetivo.

— Posso levar Alexandra? — pergunta Ramona. Minha irmã mais velha não vai a lugar algum sem a boneca de porcelana de cabelo cor de gema de ovo que nosso pai mandou para ela de St. Thomas.

Acho que Ramona gosta mais da boneca do que de mim porque ela não chora. Tem dias que eu acordo chorando e não sei dizer por que estou chorando, o que deixa Mamá muito preocupada, uma vez que melancolia é uma doença como lepra ou demência, em decorrência da qual as pessoas podem ser internadas. Às vezes, quando choro muito, meu peito fica apertado e não consigo respirar, o que deixa Mamá mais preocupada ainda, já que

melancolia é bobagem se comparada a tuberculose. Mas o Dr. Valverde diz que só o que eu tenho é um pouco de asma, e que Mamá tem que parar de se preocupar tanto senão ela própria vai acabar ficando histérica. Pensando bem, nós parecemos muito pouco saudáveis.

Mas hoje não foi um dia de choro. Eu me distraí escrevendo nas costas de um dos livros de catecismo que a minha tia Ana, professora primária, costuma distribuir para os seus alunos. Eu ergo os olhos do *Catón cristiano* para perguntar à minha mãe por que estão brigando hoje.

— *La patria* — Mamá diz, suspirando.

Hoje a palavra atrai a minha atenção, daquele jeito que as palavras têm de, subitamente, encarar você e se recusar a dizer o que significam.

— Mamá — eu digo —, o que é *la patria*? — e minha mãe não responde mas parece prestes a romper em prantos.

Uma bomba explode na rua, as paredes tremem e nosso crucifixo cai no chão, Cristo primeiro, seguido de sua cruz.

Mamá gesticula freneticamente. Tia Ana já está nos fundos, gritando para irmos depressa.

Rapidamente, recolho minhas coisas, inclusive o *Catón cristiano*. Não que eu esteja interessada em estudar o catecismo, mas sim nas costas do livro, onde comecei a escrever, ilegalmente, um versinho.

Passadas várias horas, depois que três tiros de canhão anunciaram uma mudança de governo, nós nos arrastamos para fora do buraco e subimos os degraus dos fundos, e então, já que sou a menor, Mamá e tia Ana me erguem até o telhado de zinco. Uma nova bandeira está se agitando sobre o palácio do governo.

— Vermelha — digo eu.

— Seu pai vai voltar logo — observa Mamá.

UMA SEMANA DEPOIS, alguém bate na porta da frente. A porta da frente está sempre fechada por causa do barulho e da poeira da rua. Também é mantida fechada porque numa ensolarada tarde de outubro uma guerra civil pode começar e um bando de homens aparecer galopando pelas ruas, dando tiros.

Mas hoje há apenas uma batida na porta e não está havendo nenhuma guerra. Tia Ana está ensinando o alfabeto a quinze meninas que trouxeram suas cadeirinhas de vime equilibradas na

cabeça até a nossa casa. Quando essas meninas ficarem mais velhas, irão matricular-se, quase todas, na escola das irmãs Bobadilla, a um quarteirão de distância, a escola que Ramona e eu frequentamos. Na escola da tia Ana, as meninas aprendem a se sentar direito numa cadeira, a dar as mãos quando vão se sentar e quando vão se levantar. Elas aprendem a recitar o alfabeto e a servir um copo d'água e a rezar o terço e a conhecer a via-sacra. Depois as irmãs Bobadilla assumem.

Nas irmãs Bobadilla, as meninas mais velhas aprendem trabalhos manuais, o que significa que aprendem costura, tricô e crochê; aprendem a ler — o *Catón cristiano*, os *Amigos das crianças* e os *Elementos de todas as Ciências* (“A terra é um planeta que gira em torno do sol”) e decoram lições sobre moralidade e virtude do livro *Moralidade, virtude e cortesia*. Mas elas não aprendem a escrever, assim, mesmo que recebam uma carta de amor, não vão poder responder.

Evidentemente, eu estou sendo criada por minha tia Ana e minha mãe Gregoria, que abandonou o marido, e essas mulheres não são do tipo que impediria de aprender ortografia uma garotinha cuja primeira pergunta ao ver o crucifixo não foi “Quem é esse homem?”, e sim “Que letras são aquelas escritas acima da cabeça dele, I, N, R, I?” Então, muito antes de Ramona e eu entrarmos para a escola das irmãs Bobadilla, minha mãe e minha tia nos ensinaram a ler e também a escrever.

Aquela tarde, quando batem, eu corro para a porta porque não fui à escola. Peguei um resfriado por ter passado tanto tempo no úmido buraco de revolução durante este mês. Arrasto o banquinho e abro a parte de cima da porta porque foi isso que me ensinaram a fazer toda vez que alguém bater.

Do lado de fora está um belo homem de cabelos negros e cacheados (o cabelo dele é comprido como o de um pirata!) e um bigode fino e uma pele cor de leite fresco no balde. Ele me olha e em seguida um sorriso ilumina o seu rosto.

— Bom-dia, senhor. O que deseja?

— Apenas ver essas lindas estrelas! Apenas ouvir minha pombinha arrulhar!

Nunca tinha ouvido ninguém falar assim antes. Eu fico espantada.

— ¿*Quién es?* — pergunta minha mãe dos fundos da casa.

— Quem é o senhor? — Eu repito a pergunta da minha mãe.

— Eu sou o portador desta carta. — Do modo como ele diz isso, as palavras rimam como numa canção. Ele ergue um papel, dobrado e selado com um selo de cera vermelha que eu já tinha visto entre os papéis da minha mãe.

Pego a carta e leio. Señoritas *Salomé e Ramona Ureña*.

— Isto é para mim?

— Então você *sabe* ler! — Ele sorri. Não gosto muito da ideia de estar causando divertimento a ele toda vez que abro a boca.

— Também sei escrever — digo eu, embora isto seja algo que Mamá me disse para não ficar anunciando, principalmente na frente das irmãs Bobadilla. Mas este homem é um estranho, uma pessoa que eu nunca vi nas proximidades das duas idosas irmãs, que são espanholas típicas, com uma casa de pedra e um telhado de telhas.

— Quem sabe você escreve uma resposta para a minha carta? É melhor você escrever essa carta, senão vou morrer sem resposta!

Eu faço sinal que sim com a cabeça. Vou fazer tudo que este homem me pedir, este homem que fala em versos.

O rosto dele se suaviza com um olhar que eu já vi antes no rosto de minha mãe.

— Escreva para mim, pombinha. Entregue a qualquer condutor de mulas para entregar na casa da Rua da Misericórdia que tem um arbusto de gardênias ao lado da porta e um loureiro no quintal. — Ele me entrega um mexicano, que é uma moeda pesada, de prata, que raramente me chega às mãos.

O homem avista alguma coisa por cima do meu ombro. O rosto dele fica sério.

— Lembre-se, é o nosso segredo — cochicha ele. — Agora guarde isso. — E antes que eu me lembre de que nunca escondi nada da minha família, eu guardo a carta e a moeda no bolso do meu avental.

Segundos depois, tia Ana está atrás de mim. Sinto uma antipatia que nunca senti antes dentro da minha casa. É como se o ódio que tem causado todas as brigas nas ruas tivesse sido posto numa garrafinha e tapado lá dentro — de modo que há dias só houvesse paradas e sol e felicidade —, e agora veio alguém e destapou a garrafinha bem ali, entre a minha tia e aquele homem estranho.

Mas minha tia Ana é professora. Ela tem que dar o exemplo. Naquele momento, suas quinze alunas estão sentadas atrás dela, olhando para o estranho e imaginando o que irá acontecer. Ela estende a mão pela abertura de cima da porta e diz:

— ¿Qué hay, Nicolás? — diz ela, e então grita lá para dentro: — Gregoria, é para você.

As quinze meninas inclinam as cabeças sobre as carteiras quando tia Ana se vira de volta para elas. Mamá vem depressa do quintal. O rosto dela mostra uma animação que eu não costumo ver muito e também o oposto disso, um freio à animação como se Mamá estivesse tentando evitar que seu rosto mostrasse essa animação.

— O que é? — pergunta Mamá a tia Ana, que olha para a porta e depois parece surpresa. — Ora, Nicolás estava parado bem ali.

Olho na direção que a minha tia está apontando, e é verdade, o homem desapareceu.

— O que foi que você disse para ele, Ana? — pergunta minha mãe com aquela voz calma que parece com alguma coisa que está começando a ferver em fogo lento.

Antes que a minha tia possa responder, ergo o ferrolho da parte de baixo da porta e corro pela rua até a esquina. O estranho já está na metade da outra rua. Eu grito a palavra que sei que o fará parar: “Papá!”

E, dito e feito, meu pai se vira e acena para mim.

ACHO QUE NUNCA NINGUÉM nos contou por que meus pais se separaram em 1852, dois anos depois que eu nasci. De fato, até o dia em que eu e Ramona enterramos nosso pai e conhecemos a sua segunda família na beira do seu túmulo, não sabíamos por que nossa mãe tinha deixado nosso pai. É claro que assim que as pessoas souberam que nós sabíamos, contaram tudo nos mínimos detalhes.

Supostamente, durante vários anos, minha mãe não suspeitou que o marido estava buscando prazer fora do casamento. Ela estava muito apaixonada pelo seu alegre Nicolás, que escrevia poesia e estudava direito e vinha de uma antiga e ótima família da capital.

O casamento entre minha mãe e meu pai tinha sido razoavelmente aceitável para a família dele, particularmente porque, se se contar para trás a partir do nascimento da minha irmã Ramona, não há muitas opções quanto ao que deveria ter sido feito. Mas se tivesse havido tempo para se debater o assunto, os Ureña talvez tivessem tido uma longa conversa com seu filho Nicolás, na qual teriam observado que embora Gregoria fosse bem clara, e embora ela falasse do seu papá das Ilhas Canárias, bastava olhar

para a avó dela e tirar suas próprias conclusões.

O modo como minha mãe finalmente soube das transgressões do marido foi através da perspicaz e franca irmã mais velha dela, Ana. Toda vez que Nicolás saía da linha, Ana conseguia dar um jeito de descobrir. A capital, na época, era uma cidade pequena, de uns cinco mil habitantes, o bastante para manter suas aventuras secretas se você falasse baixo e se mantivesse vestido em público. Mas Nicolás era um homem vistoso, um poeta além de advogado, e uma vez ele foi obrigado a sair rapidamente da casa de uma mulher, vestindo apenas o que tinha conseguido agarrar no caminho até a janela. Era de manhã cedinho, hora em que as pessoas respeitáveis estavam acordando, e não só ele foi visto por certas pessoas na rua, como ele próprio comentava o incidente com grande charme e frequência.

Naquela época, o partido Vermelho tinha conquistado o poder, e então meu pai tinha um posto no governo. De tardinha, ele voltava do palácio e encontrava uma mulher chorosa que se dirigia a ele formalmente e se recusava a deixar que ele enfiasse a mão pela frente do seu vestido quando a mãe dele se virava para mexer o *sancocho*. De noite, ele se ajoelhava ao lado da cama, tentando convencê-la, com aquela voz de veludo que convencia ministros que fulano devia ser multado por colocar água no leite e beltrano devia ter licença para levar o gado para pastar em terreno público, que o que a sua irmã Ana tinha ouvido era mentira, fazia parte da intriga política para desacreditar o novo governo.

E isto funcionava, é claro — por que não funcionaria? Se você ama o seu encantador marido, por que vai acreditar na sua irmã, que é três anos mais velha e ainda não se casou e que é famosa pelo seu temperamento difícil e modos ásperos? Mas então, um dia essa irmã diz que seu marido foi visto na Rua São Francisco, de madrugada, com uma mantilha de mulher amarrada na bunda; ela diz que ele tem outra mulher e outra família instalada numa casa, enquanto você é obrigada a morar com seus sogros e só pode discutir com ele à noite, aos sussurros, depois que todo mundo já dormiu.

E na manhã seguinte, depois que ele sai para o trabalho, você veste as duas meninas com seus vestidinhos iguais, diz a elas para ficarem sentadinhas na cama, bem quietinhas, enquanto você arruma as outras roupinhas delas e seu segundo par de sapatos, e a sua própria roupa e o segundo par de sapatos sobre um lençol cujas

pontas você dobra e amarra com um nó, e então você manda essa trouxa na frente por um homem numa mula que você contratou para entregar à *Señorita* Ana, que tem a pequena escola na Rua do Comércio. Então, logo depois, sem uma palavra de despedida para as irmãs, a mãe ou o pai do seu marido, você desce a Rua da Misericórdia com as duas meninas, sobe a Rua do Comércio, e pelos próximos quatro anos você não fala com esse homem com quem se casou e nem deixa que ele veja as filhas, nem quando você fica sabendo que ele foi preso a mando do vitorioso partido Azul, nem quando você fica sabendo que ele foi exilado para St. Thomas. Você diz, bem feito, embora o seu coração esteja partido em tantos pedaços que olhando para esses pedaços ninguém seja capaz de dizer o que eles formavam quando todos eram parte de alguma coisa.

NO QUARTO, À LUZ de uma lamparina, Ramona e eu escrevemos nossa primeira carta para o nosso pai num pedaço de papel rasgado do *Catón cristiano* da minha tia:

Querido Papá,
será verdade,
que você voltou,
só para estar perto,
de duas pombinhas,
que sempre pensaram,
que você tinha fugido
porque nós não éramos
comportadinhas?

Ele responde:

Queridas mocinhas,
Não ousem
Toldar seus sonhos
Com desespero,
O amor de pai
É infinito.

Pequenos bilhetes começaram a transitar entre a Rua da Misericórdia e a da Cruz. Nós todos assumimos pseudônimos. “Para

o caso de as cartas caírem em mãos erradas”, Papá escreve, impregnando a correspondência de intriga e perigo. Ele se assina Nísidas, que é um nome que também usa quando publica alguma coisa incômoda no jornal; ele me chama de Herminia porque eu sou mais paciente e persistente do que minha irmã Ramona, que recebe o pseudônimo de Marfisa, que nosso pai nunca explica, exceto para dizer “Leiam os italianos!”

As cartas são frequentemente em verso. Às vezes envolvem pequenos pedidos ou lembretes:

Herminia e Marfisa,
Transmitam à sua senhora
Muitos agradecimentos e beijos
Pelo traje que ela fez para Nísidas.

Aos poucos, nosso pai está recuperando a afeição de nossa mãe. Ela começa lavando a roupa dele, depois faz para ele um manto preto com um barrete de chinês (ele é juiz da Suprema Corte), medindo-o com um pedaço de barbante, do ombro até a cintura, da cintura até o tornozelo, depois se demorando para medir do pescoço até as costas, onde começam as nádegas dele. Ela corta o cabelo dele para ele não parecer maluco e guarda seus cachos na sua caixa de tesouros junto com os brincos que ganhou de casamento e o primeiro dente de leite meu e de Ramona a cair. Eles nunca mais viverão juntos como marido e mulher, mas o amor dele por Ramona e por mim e o fato de ele ter parado de ver a outra mulher, um fato que minha mãe fica sabendo porque as pessoas geralmente dizem o que sabem que você quer ouvir, diminuem sua decepção e permitem que ela desempenhe alguns, senão todos, os seus deveres de esposa para com ele.

Nossa mãe permite que visitemos nosso pai todo dia de tardinha, depois que ele já voltou do palácio do governo ou do Colégio Central, onde ensina, ou da redação do pequeno jornal, *La República*, onde publica seus artigos e poemas, às vezes sob o pseudônimo de Nísidas. Nós entramos no sobrado da Rua da Misericórdia com seu loureiro no pátio interno, cuja copa se pode ver da rua. Somos recebidas por nossas tias nervosas e nossos avós vigilantes, que comentam como estamos crescidas, o quanto nos parecemos com nossa outra avó, e depois somos despachadas com o comentário: “Vocês sabem onde encontrá-lo.”

Lá em cima no quarto dele, cercado por pilhas de livros, jornais velhos, uma caixa de penas de ganso, um tinteiro destampado, um baú de viagem ainda não totalmente esvaziado, Papá está sentado numa cadeira de balanço perto da sacada que dá para a rua. Ele está se balançando no ritmo do que está escrevendo, com uma garrafa ao lado dele, de onde bebe de vez em quando, celebrando uma rima inteligente ou uma frase feliz que acabou de criar e, às vezes, embora ele tente ocultar isto, às vezes ele está apenas bebendo e chorando.

Nós pegamos um livro. “O livro que vocês quiserem!”, diz papai e então nós três descemos até o belo jardim que ele plantou e nos sentamos sob o loureiro e lemos, Tasso e Simon de Nantua e o *Numa Pompilius* de Floriano, que eu gosto tanto que digo a mim mesma que um dia, quando tiver uma filha, vou chamá-la de Camila. (“Ela corre no meio de uma plantação de milho e não verga um único talo, anda sobre o mar sem molhar os pés...”) Nosso pai também lê poemas para nós, que nós decoramos. “As ruínas de Itálica”, “Sobre a invenção da imprensa”, bem como os seus próprios poemas, “À minha Pátria”, “Noite de Finados passada no exílio”, “O amado camponês” e “No aniversário de Gregoria”.

ÀS VEZES, QUANDO RECORDO este período da minha vida, me lembro dele tão intensamente quanto de um caso de amor. De fato, foi aí que eu comecei a dividir a minha vida em A.N. e D.N.: Antes de Nísidas e Depois de Nísidas. E se Antes de Nísidas é um sentimento escuro e terrível de estar confinada num poço com uma tia maluca e uma mãe suspirosa e uma irmã cuja ideia de divertimento é pentear o cabelo louro de uma boneca de porcelana, Depois de Nísidas é um sentimento ensolarado, alegre, de estar sentada no colo de um homem charmoso, embalada ao som de uma linguagem que às vezes soa como o doce arrulhar de pombas e às vezes como o ruído agudo dos apitos que Papá uma vez nos mandou de St. Thomas.

EM 1859, OS AZUIS estão outra vez no poder e meu pai está de volta ao exílio. Desta vez, ele fica mais de dois anos longe. De vez em quando, ele volta secretamente no meio da noite para realizar alguma ação revolucionária rápida. Eu acordo sabendo que há mais luz no quarto do que deveria haver, e luto contra o sono, abro meus

olhos e meu pai está lá, ajoelhado ao meu lado, segurando um lampião, abafando o meu grito de alegria. Ele promete que voltará em breve, quando o nosso país for de novo uma pátria livre.

“Quanto tempo vai demorar?” Eu sempre quero saber. E quando o meu peito começa a apertar e eu estou prestes a romper em lágrimas, Papá me diz: “Lembre-se, não desperdice suas lágrimas. Elas são a tinta de um poeta.”

E eu faço força para me lembrar que as lágrimas são a tinta de um poeta. Especialmente à noite, quando estou sentada ao lado da minha mãe, bordando pontos de cruz numa camisola de batismo ou mexendo o *sancocho* para que os ingredientes não grudem no fundo (se tivermos ingredientes — a comida está tão escassa durante este cerco mais recente da cidade, que já dura um ano, que muitas noites a ceia consiste em um chá feito com folhas fervidas, adoçado com melado). De repente, não consigo evitar. Penso no meu pai lá longe numa ilha, sozinho, ou escuto a vítima mais nova da escaramuça mais recente por *la patria* gritando na maca enquanto sua perna infeccionada é amputada pelo Dr. Valverde, e começo a chorar.

Não há nada que ninguém possa fazer para eu parar, nem a minha tia Ana com seu chá de folhas de *guanabana* para acalmar os nervos; nem minha mãe me embalando, cantando canções de ninar; nem minha irmã, Ramona, dizendo que me deixa brincar com Alexandra se eu parar de chorar. Só há um meio de eu parar, um meio que Papá vem tentando me ensinar, que é sentar e pensar nas palavras que expressem aquilo tudo, depois escrevê-las em versos que minha mãe copia cuidadosamente nas cartas que escreve para o meu pai.

DA PRÓXIMA VEZ que eu vejo meu pai, ele está parado na praça central, na manhã do dia 18 de março de 1861.

Não é difícil lembrar o dia exato. Toda vez que penso nisso, que é com frequência, eu ponho a mão no coração como se a data estivesse gravada lá dentro e eu pudesse sentir os números e letras com os meus dedos. Penso em Cuba e Porto Rico prestes a lutar pela independência, e nos Estados Unidos iniciando a luta pela independência dos seus negros, e então penso na minha própria pátria, desistindo voluntariamente da sua independência para voltar a ser colônia, e torno a me perguntar: “O que é *la patria*?” Que

conceito de país é este, que faz com que tantas pessoas morram pela sua liberdade e depois venha um outro grupo de pessoas e torne a colocá-lo sob grilhões?

É claro que na época, enquanto estava vivendo aquilo, eu não tinha ideia do que estava acontecendo. Tudo o que sabia era que o governo ia mudar e isso significava que papai ia voltar, pois a derrota do governo Azul sempre significava que meu pai voltaria com o partido Vermelho.

Na véspera do dia 18 de março, é lida uma proclamação nas ruas principais da capital. Todos deverão reunir-se na praça central no dia seguinte, ao nascer do sol, porque o presidente tem uma declaração importante a fazer.

— Nós não vamos — tia Ana discute com Mamá aquela noite. — Eles são capazes de nos fazer vestir nossas melhores roupas e então nos fuzilar.

— Por ordem *presidencial* — lembra-lhe minha mãe. — Era o que dizia a proclamação.

— O que é que este ou qualquer outro presidente que tivemos desde 1844 entende de ordem?

Ouvindo a discussão delas, sei que vou começar a chorar a menos que faça alguma coisa para me distrair. Não posso escrever um poema para o meu pai, exceto na minha cabeça, porque estamos economizando o querosene do lampião para outra invasão do Haiti que não chega nunca. Nós nos sentamos no quintal, sob as estrelas, e fazemos planos para a manhã seguinte.

Mais tarde naquela noite, deitada ao lado de Ramona, libero as lágrimas que contive durante toda a noite. Minha irmã se mexe e acorda.

— O que é desta vez? — pergunta ela, baixinho, com a voz cheia de impaciência.

— Ramona — pergunto entre um soluço e outro —, isso também dói em você?

Ramona se apoia num cotovelo. Sei o que ela está pensando. Recentemente, ela ficou menstruada, o que quer dizer que ela sangra entre as pernas, o que é uma coisa boa, ela diz orgulhosa, porque significa que ela vai ter lugar nos seus órgãos para bebês no futuro.

— E quanto a mim? — estou sempre perguntando. — Quando é que eu vou sangrar? — Ramona deve estar pensando que fiquei menstruada.

— O que é que dói? — pergunta ela.

Eu digo a ela. Dói estar viva.

— Que tipo de dor é essa, Salomé? Francamente. Está tarde. Nós temos que levantar cedo amanhã para estar na praça para a proclamação.

Nossa mãe deixou preparados nossos vestidos, nossas combinações, nossos sapatos, nossas meias, nossas fitas de cabelo e nossas bandeirinhas para acenarmos para o presidente. Tia Ana me contou a história da nossa bandeira: que durante a guerra com o Haiti pela independência um dos patriotas rasgou a bandeira haitiana e pediu à tia dele para costurar os retalhos formando outro desenho, já que ele não tinha dinheiro para comprar mais pano. Esta costureira, ela mesma uma grande patriota, mais tarde foi fuzilada por discordar do novo presidente sobre o que significa ser uma pátria, e pouco antes de ser executada, ela perguntou ao pelotão de fuzilamento se eles fariam o favor de amarrar a saia dela embaixo porque ela não queria que suas roupas íntimas aparecessem quando caísse morta na frente deles.

Eu estou pensando na história dessa mulher corajosa e perguntando a mim mesma de novo: O que é pátria, em cujo nome as pessoas fazem coisas assim, matam a mulher que costurou a bandeira nacional? Fazem o seu pai desaparecer? Arrancam a perna de um homem, o braço de outro? Então eu começo a chorar e não consigo parar, e em pouco tempo sinto dificuldade para respirar. Minha irmã me põe no colo, como faz com sua boneca Alexandra, e canta uma canção sobre um bebê que se torna um anjo, e que dá mesmo vontade de chorar, já que é a cantiga de ninar mais triste que existe.

Na manhã seguinte, Mamá nos acorda. Como pode ser de manhã se está tão escuro? Nós nos vestimos rapidamente, Mamá deixa que tomemos um gole do seu café enquanto penteia os nossos cabelos. Nós podemos ouvir a nossa tia Ana resmungando nos fundos da casa por ter sido obrigada a se levantar para fazer café para uma irmã que está disposta a correr o risco de ser morta junto com suas duas filhas pequenas. Ramona, que não é de chorar, começa a chorar.

— O que foi agora, minha filha? — suspira nossa mãe.

— Eu não quero ir — choraminga Ramona.

— Você é uma jovem *señorita*, pelo amor de Deus — Mamá ralha com ela. — Você não está entendendo, trata-se de uma ordem

presidencial!

Não é que a nossa mãe seja totalmente obediente a ordens. Mas ela ouviu dizer que Nicolás tinha voltado. Se Papá estiver no país, ele estará na praça, e embora Mamá não queira voltar a viver com ele, nem deixe que ele enfie a mão no decote do vestido dela quando tia Ana está de costas, mesmo assim ela está disposta a arriscar tudo para ver o homem que ama.

Então, de manhã bem cedinho, Mamá e eu partimos, deixando para trás uma Ramona aos gritos aos cuidados da nossa tia mal-humorada, que reclama que não só a irmã vai levar um tiro como ainda está levando um cordeiro para o sacrifício e deixando-a, Ana, com uma *señorita* que age como se fosse um bebê em vez de agir como uma moça em consideração aos nervos da velha tia.

As ruas estão cheias de pessoas de todas as idades dirigindo-se apressadamente para o centro da cidade. Muitas das crianças estão portando bandeiras, e algumas ainda estão mastigando uma fritada de banana ou um pedaço de pão. Nós nos reunimos na praça central. Acho que todos os cinco mil habitantes devem estar lá, mesmo tirando tia Ana e Ramona. Um grande palanque foi armado de um lado do palácio do governo, bem ao lado do mastro onde uma versão grande da bandeirinha que eu estava carregando balançava ao vento.

Um toque de corneta faz com que Mamá e eu demos um pulo. Duas fileiras de soldados com uniformes azuis entram marchando na praça, com as bainhas vazias, sem armas. Eles param e ficam de frente uns para os outros, e então, por esse corredor, vem caminhando o próprio presidente, um homem baixo com um rosto malvado como um cachorro que morde, e com o uniforme todo enfeitado de galões dourados. Este não é o mesmo presidente de quando o meu pai era juiz da Suprema Corte, cuja mão apertei um dia, que me perguntou se era verdade que eu sabia recitar todos os vinte e cinco versos de “Sobre a invenção da imprensa”, mas que me interrompeu quando cheguei no número dez, e por isso eu só agito um pouquinho a bandeira que estou segurando.

Este presidente sobe no palanque e começa a falar com uma voz cheia de arabescos. Ele fala sobre a ameaça haitiana e a proteção que teremos por sermos outra vez parte da Espanha. Então ele entrega as chaves da cidade para um homem com uma pluma no chapéu e uma espada na cintura, e algumas vozes na multidão gritam: “Viva a Rainha Isabel! Viva a Espanha!” E então, ouvem-se

cem tiros de canhão. Eu contei todos eles.

Depois do último tiro de canhão, ficam todos em silêncio. A bandeira é baixada — a versão grande da bandeira que tenho na mão —, e outra bandeira, amarela com listras vermelhas, sobe no lugar dela.

— Que bandeira é essa, Mamá? — pergunto, apontando. Sei que uma bandeira vermelha significa que Papá estará de volta, e uma bandeira azul significa que ele terá que ir para o exílio, mas não consigo adivinhar o que significa uma bandeira amarela e vermelha.

— A bandeira espanhola — responde Mamá.

— Então Papá vai voltar?

Mamá balança a cabeça afirmativamente. Eu agito a bandeira comemorando, mas Mamá arranca-a da minha mão.

— Chega! — diz ela, e então minha mãe quebra a bandeira e atira os pedaços no chão.

Eu fico tão atônita com a raiva da minha mãe que nem consigo chorar. Cato os pedaços de bandeira do chão, contendo as lágrimas, e enfio-os no bolso do meu avental. Nunca mais vou deixar minha mãe ler meus poemas para o meu pai! Nunca mais vou enfiar as agulhas da minha mãe! Nunca mais vou tomar Emulsão Scott para a minha asma! Mas os *nuncas* são demais. Eles pressionam o lado de dentro dos meus olhos e eu finalmente começo a chorar.

Como eu estou chorando, o resto da cerimônia é um borrão. Os dignitários aguados descem do palanque fora de foco, e com um passo solene dirigem-se à catedral para um *Te Deum* em honra da Espanha e da rainha Isabel. A multidão se dispersa. Olho para o palanque vazio e vejo meu pai nadando dentro das minhas lágrimas.

— Papá! — grito. E é mesmo o meu pai, encostado no palanque, falando com um soldado. Ele se vira e abre os braços e eu corro para ele com toda a fúria de querer me afastar da minha mãe e também com toda a vontade de estar com ele de novo.

No caminho de volta para casa, com a mão da minha mãe na minha, apertando a minha com delicadeza, desculpando-se, segurando a mão do meu pai do outro lado, eu sinto uma onda de felicidade. É a primeira vez que me lembro de estarmos caminhando juntos como uma família. Talvez amarelo e vermelho signifique que agora todos os dominicanos vão ser amigos de novo, e maridos e mulheres vão viver juntos, e filhos vão ter os pais junto deles o tempo todo, e meninas poderão escrever cartas e possuir

casas sem ter que dar explicações.

Quero perguntar ao meu pai se é isso mesmo, já que ele sempre sabe tudo, mas percebo pelo tom de voz dos meus pais que este não é um bom momento para interromper a conversa deles. Meu pai está explicando alguma coisa à minha mãe, mas ela não está convencida, pois só o que ela diz quando ele termina é: “Mas por que voltar neste momento tão vergonhoso?”

— Eu prefiro ser uma colônia a ser um cemitério — responde Papá. — Prefiro ser espanhol a haitiano. Nós ainda não estamos prontos para sermos uma pátria.

— Papá — pergunto a ele quando é seguro interromper —, o que é uma pátria?

Ele olha para baixo com o rosto vazio de respostas. Ele não sabe o que dizer!

E eu posso ver que está começando um novo tempo: não Antes de Nísidas e Depois de Nísidas, mas um tempo adulto, como Ramona sangrando entre as pernas. Vou ter que encontrar minhas próprias respostas para que, se um dia tiver uma filha, eu saiba responder qualquer pergunta que ela me faça.

UM

Luz

Poughkeepsie, Nova York, 1960

ELA GOSTARIA DE PERGUNTAR à mãe “O que devo fazer agora?”, mas nunca teve esse luxo: uma mãe a quem recorrer nos momentos difíceis da vida, uma mão em sua testa, uma voz carinhosa em seu ouvido.

Marion diz que estes são clichês de maternidade em que Camila acredita porque nunca teve a oportunidade de testá-los.

— Acredite-me — disse a ela sua amiga. — Eu tive uma mãe a quem recorrer e adivinhe qual foi o conselho que ela me deu: pergunte a Jesus. Isso me ajudou?

Ela tem estado tão nervosa ultimamente que começou a consultar os poemas da mãe. Mas o jogo está fugindo ao seu controle.

QUANDO ELA CONTA AO MÉDICO da escola o que está fazendo, o bondoso senhor tira os óculos e esfrega os olhos.

— Você está recorrendo ao pensamento mágico — explica ele, embora Camila não tenha certeza de ter ouvido direito. Mesmo depois de todos esses anos, ela tem que se esforçar para compreender e se fazer compreender em inglês. Na semana passada mesmo, ela teve que andar vários quarteirões até em casa porque o motorista de táxi deixou-a no endereço errado. Ela teve vergonha de dizer isso a ele.

— Pensamento mágico? — repete a frase. Isso não pode ser uma coisa ruim. Ela foi lá por causa dos olhos. A visão dela está embaçada. Às vezes ela tem a sensação de que há uma neve ligeira caindo entre ela e o mundo lá fora.

— Catarata — sugere ele. — Você está naquela idade mágica. — Ele pisca o olho. Que gentileza dele usar essa palavra de novo, *mágica*, uma palavra de que ela gosta. Ele é um homem gentil,

aposentado da marinha, disse ele. A faca de papel dele tem a forma de uma espada. Seu porta-canetas tem a forma de um submarino. Gravuras de navios navegam por suas paredes. Todo mundo tem suas manias.

Ele faz perguntas. Quais são os planos dela? Ela tem família? Ela está aborrecida com aquela bobagem de aposentadoria obrigatória? Ela está preocupada com o futuro?

— Não exatamente preocupada — diz ela com o máximo possível de franqueza. Afinal de contas, ela não quer ser trancafiada em algum lugar. Quem sabe quais são as regras para uma mulher estrangeira que enlouquece neste país? — Mas esta é a minha última chance e eu não quero desperdiçá-la.

— Sua última chance de quê, Srta. Henry? — pergunta ele delicadamente. Ela disse a ele para por favor chamá-la de Srta. Henry. Ele estava tendo tanta dificuldade para pronunciar o nome dela, dificuldade com o *r*, com o *i*.

— De recomeçar — diz ela com simplicidade.

Ele espera alguns minutos para ela explicar melhor, mas como ela não diz nada, ele lhe oferece a mão para descer da mesa de exames.

— Muito bem — diz ele quando ela pula pesadamente para o chão.

ELA ACARICIA A CAPA DESBOTADA, fecha os olhos e abre o livro, depois olha para baixo. As letras estão borradas. Não importa. Ela sabe todos eles de cor. O poema de sua mãe sobre o inverno:

Em nossos pobres países, os rios continuam a cantar,
os campos estão floridos, o céu se enche de luz...

Nenhuma resposta nisso. Mas ela sente um orgulho tolo, chauvinista, pelos invernos mais amenos dos trópicos.

Já passa das seis. Ela vai até a cozinha e se serve de uma taça de vinho. Toda noite, mais ou menos a essa hora, ela tira a rolha da garrafa que compra uma cidade depois. Um *burgundy* bem encorpado. Apenas uma taça. Ela teve vergonha de contar ao médico quando ele disse que estava receitando um sedativo leve e perguntou se ela bebia. A última coisa que ela precisava era de um sedativo leve. Que tal um forte toque de trombeta? Ela devia ter perguntado a ele. Um desses anjos que despertam os mortos quando

tocam suas trombetas. Que tal um desses?

Ela leva a taça até a janela. Em cada poste de luz há uma nuvem branca. A nevasca, prevista há dias, finalmente chegou. Estranho que ela tenha aberto o livro no poema da mãe sobre o inverno.

Talvez o jogo esteja funcionando. As respostas estão finalmente chegando.

Ela ergue a taça, mas não consegue pensar em nada que queira brindar.

NA TELEVISÃO, QUE ELA LIGOU para ter companhia, há uma reportagem especial sobre Cuba, porque se aproxima o aniversário da revolução. A nacionalização da terra, conduzida por Castro, continua. O rancho King foi transformado em cooperativa de alunos. Que espécie de revolução é esta? O presidente Eisenhower quer saber.

Nossa, ela pensa. Do tipo que fazemos nos países pobres.

Ela acabou de falar no telefone com Marion, lá na ensolarada Sarasota. (“Ha, ha! Nós não temos nem um pinga de neve!”) Ela ligou com pressa: o chalezinho do fim da rua dela está para vender. “Seria perfeito para você. Mas você vai ter que se decidir imediatamente, Cam, ele vai ser vendido em um dia.”

Será que este telefonema é um sinal, ela pensa, bem na hora em que ela está sem saber o que fazer? Sua vida chegou num impasse. Este ano ela não enviou cartões de Natal para ninguém. Todo mundo ia querer saber quais eram os seus planos para o futuro — e a ideia de aumentar a sua incerteza compartilhando-a é insuportável.

Lá embaixo, Vivian Lafleur está voltando de um chá na faculdade. O vento está formando redemoinhos com os flocos de neve. De poste de luz em poste de luz ela assiste ao progresso laborioso da sua vizinha: Vivian está quase dobrada em duas, segurando no lugar o seu chapéu verde-Kelly com uma luva de lã verde-Kelly. O seu próprio conjunto novo é de um tom que Dot escolheu especialmente porque tinha um nome que soava espanhol, *verde green*. Nos seus momentos mais descontraídos no último outono, Camila tinha escrito sob a coluna PRÓS PARA ABANDONAR A FACULDADE DE VASSAR: *Fim dos conjuntos de chapéu e luva de Dot*.

Quando tornarem a se cruzar, Vivian vai dizer que os

professores sentiram falta dela no chá, sem dúvida esperando que a vizinha de cima explique o seu recente isolamento. “Sentimos falta da nossa eminente hispanicista.” Durante anos, Camila pensou que Vivian estivesse debochando dela. Mas não, Vivian fala assim mesmo.

A College Street está deserta a esta hora. Dentro de alguns dias as meninas estarão voltando do feriado de Natal. Foi um feriado longo, esperando que seu último semestre começasse. Não que ela esteja aguardando ansiosamente por ele. Ela nunca foi muito boa em desenlaces.

Lá embaixo, Vivian olha para cima e vê Camila na janela. Ela fecha a cortina e volta a sentar na escrivaninha como se tivesse sido apanhada fazendo alguma coisa vergonhosa.

ELA ABRE A PASTA que etiquetou de O FUTURO. Suas listas, se alguém viesse a lê-las, eram tão embaraçosas quanto um diário. As razões a favor e contra uma decisão parecem tão insignificantes. Ela se lembra de Rodolfo, resolvendo mudar-se para uma localidade só porque ficava mais perto da única sorveteria em Havana que vendia sorvete de pistache. Ela própria aceitou o emprego em Vassar anos antes porque, quando chegou para a entrevista, sua futura colega Pilar deu a ela uma caixa de sabonetes perfumados no formato de borboletas.

Ela pega uma folha de papel em branco e escreve, COMPRAR O CHALÉ EM SARASOTA PERTO DE MARION, depois desenha uma linha no meio da página. PRÓS e CONTRAS. O fato de ser *perto de Marion* é pró ou contra? Ela reflete.

Mas antes mesmo de começar a listar suas razões, ela larga o papel. Nenhuma de suas razões é convincente atualmente. Ela volta aos poemas da mãe — fecha os olhos, respira fundo. Desta vez, abre num dos seus favoritos, “Luz”, que começa: “Onde o coração incerto irá tentar o seu voo? Rumores de outra vida o despertam.”

Ela aguçá os ouvidos, mas tudo o que ouve são os passos de Vivian na porta da frente e Dot chamando do seu quarto: “Vem depressa, Viv.” Ao fundo, a televisão zumbe, pontuada de gritos e aplausos. Começou um programa de variedades.

QUERIDA MARION, ESCRIVE ELA, você precisa entender... isto não é fácil para mim. Quando coloco minhas razões em palavras, elas não

soam verdadeiras. Mas nossas vidas se separaram há tanto tempo, e sei que nunca dará certo se eu for para junto de você e do seu marido quando me aposentar.

Sempre faltou algo entre elas. Costumava culpar a si mesma: ela não estava suficientemente comprometida com Marion. Agora desconfia que não estava suficientemente comprometida com a ideia de morar neste país.

E no entanto, ela continuou lá, por quase vinte anos, muito depois de Marion ter partido para a Flórida, muito depois dos seus irmãos terem desistido de tentar convencê-la a voltar para casa.

É um mistério como o coração se liberta.

E talvez exista uma espécie de coragem silenciosa em esperar até que isto aconteça. Mas ela não quer dar importância demais a isto. Nunca confiou nem na corneta nem no tambor. Prefere o piano suave, suportando a carga, batucando a sua melodia utilitária.

Acho que está na hora de voltar e me envolver com o que a minha mãe começou.

Ela sabe exatamente o que Marion vai responder.

“Que bobagem, Camila! Veja como sua mãe terminou!”

SEUS PLANOS TINHAM SIDO de ir passar o Natal em Cuba, como sempre. Mas por causa do caos em que estava a ilha, os bombardeios e o embargo iminente, a companhia aérea tinha cancelado todos os voos. Quando ela ligou para as sobrinhas em Havana para dar a notícia, elas ficaram terrivelmente desapontadas. Há anos que a tia Camila era conhecida como o Papai Noel de Poughkeepsie, um nome que sempre fazia as meninas rirem porque não conseguiam pronunciá-lo direito.

— É bom que você fique aí quieta — aconselhou Rodolfo quando pegou o telefone. O bebê da família tinha crescido e se tornado um sabe-tudo aos cinquenta e cinco anos. Agora que os irmãos mais velhos de Camila tinham morrido, Max ainda estava vivo, mas muito doente, Rodolfo tinha passado a mandar nela. Parece que as famílias, assim como a natureza, odeiam um espaço vazio.

“Tem coisas acontecendo, muitas coisas. O seu embaixador foi retirado”, continuou Rodolfo.

Ela sentiu uma pontada de raiva que lhe deu vontade de desligar o telefone.

— Bonsal não é o *meu* embaixador, Rodolfo. Eu sou tão cubana quanto você. — Dominicana, na verdade, de nascimento. A família tinha fugido para Cuba muitos anos antes, só para encontrar um ditador lá também. Mas continuaram lá. O ditador dos outros nunca é tão difícil quanto o nosso.

— Papai Noel foi proibido — observou Rodolfo casualmente, como se estivesse dizendo que tinha resolvido deixar crescer o bigode ou pintar a casa de amarelo. Talvez ele estivesse com medo de que o seu telefone estivesse grampeado. Será que as coisas estavam tão ruins assim?

— Deixa passar um tempo, Rodolfo. — Camila teve que falar bem alto para ser ouvida. As ligações de Poughkeepsie para Havana nunca foram muito boas. Lá embaixo, ela podia ouvir o silêncio das vizinhas prestando atenção no telefonema.

— Você vem em junho? — ele quis saber.

Estou esperando por um sinal, ela pensou em dizer, mas ele ia achar que tinha entendido mal e ia começar a gritar de novo.

— Eu vou escrever, Rodolfo — prometeu ela. — A ligação está horrível.

Como se o fato de ela dizer isso piorasse ainda mais a ligação, o barulho de estática aumentou e aí a ligação caiu. E seu irmão e a luz brilhante dos trópicos e centenas de papais Noéis proibidos, suas barbas brancas postiças pintadas de preto e usadas nos carros alegóricos de Fidel em desfiles, e o cheiro de *cafecitos* e suas três lindas sobrinhas contando às amigas que este ano a sua tia solteirona não viria dos Estados Unidos com sua mala cheia de esmaltes de unha e jogos de tabuleiro — tudo isso desapareceu —, e ela ficou de novo sozinha neste apartamento no sótão, no qual havia vivido e trabalhado anonimamente durante quase vinte anos. Sozinha com suas indecisões e temores.

CHEGAM DOIS MALÕES da parte de Max. O remetente não era tão engraçado quanto pretendia ser. *Do seu irmão Max, com um pé na cova.* As etiquetas estão carimbadas com o carimbo oficial da Cancillería da República Dominicana. Toda vez que ela o vê, Max tenta convencê-la a abandonar Poughkeepsie e ir trabalhar com ele no ministério das relações exteriores.

— Você poderia viajar. Poderia usar todas as línguas que sabe. — Ele não chega a dizer, embora ela saiba que ele está pensando:

Você poderia conhecer alguém.

— Eu jamais voltarei enquanto Trujillo for vivo — disse-lhe ela.

— Você não abandona o seu país por causa de uma única manga podre — responde Max, olhando para o outro lado, como se quisesse evitar encará-la. Ele mesmo aceitou vários postos dados por Trujillo. — Veja Mamá!

Que ideia de Max comparar-se com a mãe deles. Dez anos antes, no centenário da mãe, Camila deixou de usar o seu primeiro nome, Salomé, por considerá-lo uma honra que ela não merecia.

— Eu sou simplesmente Camila — ela corrige quem lê o nome dela em algum registro oficial.

“Eu sei que discordamos de muita coisa ao longo dos anos”, escreve Max na carta que acompanha as malas, “mas apesar disso, sei que só posso confiar os papéis da família a você.” Cabe a ela separar o que deve ser arquivado e o que deve ser destruído. A ironia do pedido dele não passa despercebida a ela, o João-ninguém da família, é que vai editar a história da sua famosa família.

Enquanto isso, o presente está sendo mostrado em dezenas de reportagens sobre os grandes e pequenos acontecimentos do ano na televisão. O Alasca e o Havaí tornaram-se nações. A boneca Barbie foi inventada imitando bonecas oferecidas a patrocinadores de um bordel de Berlim Ocidental. A meia-calça vai libertar as mulheres das cintas. Em Cuba, os camponeses estão cantando, “Com Fidel, com Fidel, sempre com Fidel”, na melodia de “Jingle Bells”.

Camila canta junto.

ELA FICA SATISFEITA quando o semestre começa. Sentiu saudades das alunas. No primeiro dia de aula, ela as cumprimenta com uma voz animada demais — *¡Buenos días, señoritas!* —, como se espanhol fosse o idioma de um estado emocional exacerbado. As meninas reclinam-se nas cadeiras, cautelosas quanto ao entusiasmo dela.

Ela tem quinze alunas em cada classe, todas com nomes como Joan ou Susan ou Nancy, então é difícil distinguir cada uma. Seu procedimento sempre foi passar o primeiro mês fazendo uma revisão gramatical, e depois passar para literatura, embora ela tenha sempre evitado ensinar a poesia da mãe dela. Talvez por ser este o seu último semestre, ela destina os cinco poemas mais famosos de Salomé à turma mais avançada.

Ela não confia na própria voz a ponto de lê-los em voz alta como costuma fazer. Prefere escolher uma voluntária. “Desperte do seu sono, minha Pátria, rasgue a sua mortalha”, começa uma das Susans da classe. Depois de uma fraca leitura do poema “A la Patria”, Camila pergunta à moça loura e pálida o que acha dele.

— É muito... muito... — Susan franze o nariz, como se a palavra que estivesse procurando pudesse ser encontrada pelo seu cheiro. Camila fica calada, deixando a moça gaguejar. Normalmente ela tenta ajudar as alunas com um estoque de palavras. Mas por que ela ajudaria alguém a achar uma palavra negativa para descrever a obra de sua mãe?

Outra aluna começa a falar.

— Eles são lamentosos demais, oh, pobre de mim e do meu país tão sofredor. E “martírio sob as palmeiras fecundas”! Essa poetisa é considerada boa? Eu nunca ouvi falar nela.

— Tão boa quanto a sua Emily Dickinson, tão boa quanto o seu Walt Whitman. — Ela fica espantada com o seu rompante. As alunas olham para ela com os olhos arregalados. Ela é uma mulher quieta, que usa roupas esquisitas, dos anos quarenta, e acessórios de inverno coloridos e engraçados, talvez para alegrar seu casaco preto. Ela é uma das professoras de que elas mais gostam, calma e de voz suave. Ela pode ver isso nos olhos delas, e como sempre acontece quando adota um outro ponto de vista, a sua raiva passa.

Ainda assim, no caminho de volta para casa, ela não consegue esquecer a indiferença na voz delas, o seu pouco caso. Tudo o que é nosso — desde nossas vidas até a nossa literatura — sempre foi tão descartável, pensa ela. É como se uma pequena rolha que houvesse mantido presos dentro dela anos de amargura tivesse sido retirada. Ela sente o cheiro da sua raiva — tem um cheiro metálico misturado com cheiro de terra, um arado enferrujado enfiado na terra.

Aquela noite, ela leva a sua taça de vinho para o quarto dos fundos e abre o baú.

ELA PASSOU A ÚLTIMA MEIA HORA prestando muita atenção, e, depois se distraiu, então o ranger da neve na entrada a surpreende. Uma breve pausa enquanto a visitante lê os nomes nas caixas de correio, o barulho da maçaneta sendo girada, a lufada de ar frio quando a porta é aberta lá embaixo, os dezessete degraus até o

apartamento do sótão.

— Desculpe — diz a jovem da porta. — Informaram-me que era College Street 204, mas pula do número 202 para o 210.

O rosto é franco e ansioso. (O que foi mesmo que sua mãe escreveu no seu poema dedicado aos estudantes? *Seus rostos frescos com o que não sabem...*) Sobre o rosto pálido há uma explosão de cabelos vermelhos.

— Você chegou bem na hora — mente ela. — Eles estão no quarto dos fundos.

— Dr. Henríquez — começa de novo a moça. — Eu sou Nancy, Nancy Palmer.

Ela leva a jovem Nancy até os fundos do apartamento.

— Suponho que Pilar, aliás, a professora Madariaga, tenha explicado o tipo de ajuda de que estou precisando.

— Eu sou iniciante em espanhol — disse a moça depressa. Talvez ela tenha visto algum papel solto em cima de uma das malas.

— Mas você sabe ler espanhol o suficiente para ler para mim?

— Eu tirei um A em espanhol com a Srta. Madariaga.

— *Muy bien, muy muy bien.* Vamos começar?

Camila explica o trabalho. Ela tinha achado que ia poder fazer tudo sozinha, mas tinha forçado demais os olhos este último ano. O oftalmologista disse que ela tem mesmo catarata e que precisa ser operada.

— Acho que é melhor eu apresentar todo mundo primeiro — explica para a moça. Assim ela vai saber em que caixa colocar as diferentes cartas e documentos. — Vou começar com Salomé Ureña, minha mãe, algumas das cartas podem dizer “la poetisa nacional”. Ela se casou com Francisco Henríquez, que todo mundo chama de Pancho ou Papancho, então ela passa a se chamar Salomé Ureña de Henríquez. Nós sempre mantemos nossos sobrenomes.

Nancy ergue os olhos como se tivesse percebido uma certa crítica.

— É o hábito nos nossos pobres países. — Ela pretende que a frase seja irônica, mas a moça balança a cabeça com aquela compaixão abstrata pelos miseráveis do mundo.

“Pancho tornou-se presidente Pancho em 1916...”

Nancy abre a boca de espanto.

— Foi um mandato muito breve — observa Camila —, nada diferente daquelas cidadezinhas. Como é mesmo que vocês dizem? Não pisque quando passar por elas, senão não vai vê-las.

— Quanto tempo ele foi presidente?

Ela conta os meses nos dedos para não errar.

— Quatro meses, eu acho. Nós estávamos morando em Cuba quando soubemos. Quando a família juntou-se a ele em São Domingos, nós mal tivemos tempo de desfazer as malas e já estávamos de volta ao exílio em Cuba. — Ela não diz que foi a ocupação americana que obrigou Pancho a sair.

— Nossa — diz Nancy, sacudindo a cabeça. — A senhora devia escrever uma biografia. Alice Roosevelt escreveu. Ouvi dizer que um dos filhos de Eisenhower está escrevendo uma do pai.

Camila descarta a sugestão. Ela já foi procurada antes por jornalistas e historiadores do outro lado da fronteira. Eles querem saber detalhes da vida dela como primeira-filha. Que detalhes?, pergunta. Não houve tempo para detalhes, não houve tempo para planejar um baile de comemoração, para imprimir os convites.

— Bem, acho muito legal ter um pai que foi presidente, mesmo que só por quatro meses.

— Eu queria que tivesse sido só por quatro meses — suspira Camila, e quando nota a expressão espantada no rosto de Nancy, acrescenta: — O que eu quero dizer é que os efeitos se estenderam por muito tempo. — Nove anos tentando recuperar o país. Um presidente sem país. Alguém (não ela!) *devia* escrever um livro sobre isso.

“Como vamos indo?”, pergunta Camila à moça. Ela começou a desenhar uma árvore genealógica da família num pedaço de papel.

— Até agora, tudo bem — diz Nancy.

— Bem, Pancho e Salomé tiveram três filhos, Fran, o mais velho... acho que você não vai encontrar muita coisa dele. Bem cedo ele se retirou de cena, por assim dizer.

— Ah, é? — diz Nancy, curiosa.

— Um temperamento violento, um incidente... — Ela faz um gesto como quem quer deixar o passado quieto. — Depois vem o querido Pedro, ele geralmente se assina “Pibín”. — O sorriso no rosto dela não deixa dúvida de que ele é o seu favorito. — E Maximiliano, que é sempre Max, que ainda está vivo, que ainda está criando caso. — Ela ri. Nancy ri também, gentilmente. Vai ser fácil trabalhar com ela, pensa Camila. Ela não tinha querido empregar uma de suas próprias alunas, a cujas críticas estaria exposta.

“E depois, é claro, venho eu. Mas eu também não estou muito aí nessas malas.” Ela sorri ao sol que entra pela janela. Esta é a

principal razão de ela nunca ter querido sair do pequeno apartamento. Num dia ensolarado, ele fica banhado de luz.

— É muito simples — diz Nancy, terminando sua árvore com um floreio. — Eu achei que ia ser como uma daquelas complicadas famílias latino-americanas com pencas de filhos.

— Você falou cedo demais — diz Camila, rindo. — Minha mãe morreu, e meu pai casou de novo. — Ela menciona a madrasta, as duas meias-irmãs, ambas mortas, os três meios-irmãos. Rodolfo, o bebê, agora tem três filhas! Ela diz o nome de cada uma. — E tem também a família parisiense...

— Acho que falei cedo demais — suspira Nancy. Seu papel agora está cheio de nomes e setas e linhas.

— E não podemos esquecer Colombo, o urso; e os macacos, de Um a Oito; e Paco, o papagaio. — Ela resolve não mencionar Teddy Roosevelt, o porco. A moça pode se ofender.

— Paco e Colombo... — Ora, ora, ela está anotando os nomes dos bichos! O humor nem sempre é compreendido.

— Por que não paramos por aqui? — sugere Camila. — À medida que forem surgindo outras pessoas, eu vou explicando.

O simples fato de apresentar esses fantasmas trouxe uma lembrança tão vívida deles que eles surgem diante dela, depois tremem e desaparecem no raio de sol no qual está sentada. Talvez fosse bom encarar cada um deles de frente. Talvez essa seja a única forma de se exorcizar um fantasma. Tornar-se um deles.

NA PRIMEIRA MALA, os pacotes de cartas estão todos amarrados com fitas vermelhas.

— Quem arrumou isto fez um bom trabalho — observa Nancy.

— Acho que foi minha tia Mon, ah, sim, é melhor você anotar o nome de Mon, abreviatura de “Ramona”, a única irmã de Salomé. Ela se tornou a guardiã da memória de mamãe.

— Guardiã de uma memória? — A moça pareceu surpresa com a escolha de palavras de Camila.

Talvez *guardiã* não tenha o mesmo sentido em inglês que tem em espanhol?

— Estou querendo dizer que minha tia se encarregou de manter viva em mim a memória da minha mãe. Minha mãe morreu quando eu era muito pequena. Eu mal me lembro dela.

Ela se levanta e vai até a janela. Quantas vezes ela acordou no

meio da noite e ficou vagando pelas casas onde morou, procurando alguma coisa, qualquer coisa que pudesse preencher o vazio que sentia dentro dela. E aqui, aos sessenta e seis anos de idade, o vazio permanece e as estratégias já não funcionam. Talvez ela devesse tomar aquele sedativo leve. Ainda está muito cedo para uma taça de vinho.

O telefone toca. Ela o ignoraria se a moça não estivesse ali.

— Será que você pode atender, por favor, Nancy? Eu estou trabalhando.

— É alguém chamada Marion — diz Nancy, tapando o bocal com a mão. — Ela diz que precisa falar com a senhora.

Camila sacode a cabeça. Neste momento, ela não vai suportar que alguém lhe faça perguntas sobre o seu futuro. O passado já é demais para ela.

NANCY DESATOU O primeiro pacote.

— Tem um retrato aqui dentro. Que moça bonita! — Ela ergue uma fotografia. — Esta era a sua mãe?

Camila fica tentada a dizer que sim, como teria dito no passado se lhe perguntassem. De fato, quando era jovem, ela costumava distribuir aquele retrato da mãe entre suas amigas. Mas a foto era de uma pintura, feita após a morte de sua mãe, de acordo com as instruções do seu pai.

— Na verdade, a bela mulher que está aí é uma criação do meu pai. Eu tenho um retrato verdadeiro guardado em algum lugar.

A moça olha para ela, esperando mais explicações, como se não tivesse entendido.

— Ele queria que minha mãe se parecesse com a lenda que *ele* estava criando — continua Camila. — Ele queria que ela fosse mais bonita, mais branca...

Algo muda no olhar da moça. Ela olha para Camila com mais atenção.

— Quer dizer que a sua mãe era uma... uma negra?

— Nós dizemos mulata. Ela era uma mistura — explica Camila.

— Isso é incrível — diz a moça finalmente, como se este fosse o comentário menos perigoso de fazer.

Camila não sabe se a moça está espantada com a cor da sua mãe ou com o retoque feito pelo seu pai. Mas não foi só Pancho. Todo mundo na família — sim, inclusive Mon! — retocou a lenda da sua

mãe.

Nancy abriu várias cartas.

— Eu não tenho uma pronúncia muito boa — diz ela antes de começar a ler.

— Você vai se sair muito bem — Camila tranquiliza a moça. — Só preciso ter uma ideia do conteúdo de cada uma. Vamos usar aquelas duas caixas para separá-las.

— Quer dizer que nem todas vão para o arquivo?

— Todas deviam ir para o arquivo, não é? — Apesar de Max, apesar dos outros, a história verdadeira devia ser contada.

Mas, por enquanto, ela quer a mãe só para si mesma.

— Devo colocar uma etiqueta nas caixas?

— O que foi que você disse, Nancy?

— Não é melhor eu escrever alguma coisa nas caixas para depois não confundi-las?

— Numa delas escreva “Arquivo.” — Ela pensa um pouco sobre como deve chamar a outra caixa. — E ponha simplesmente o meu nome na outra.

ELA COMEÇA A DISTRIBUIR suas coisas como se algo dentro dela já soubesse para onde ela vai. O que vai precisar. Ela presenteia Flo, do primeiro andar, com um exemplar do *Literary Currents* de Pedro, que inclui suas Norton Lectures em Harvard. Para Vivian, ela dá os seus discos de óperas italianas e de zarzuelas espanholas.

— E então, você já decidiu para onde vai? — pergunta Vivian.

— Ainda não — diz ela, e repete a mesma coisa para Marion, que torna a ligar para dizer que recebeu a sua última carta.

— Bem, quero que saiba que, não importa o que você decidir, em junho eu vou até aí para ajudá-la a fazer as malas. — Marion dá um suspiro resignado, de propósito para ela ouvir. — Por falar nisso, quem é a jovem que sempre atende quando eu ligo?

— Você está falando de Nancy? — Camila se delicia com a pausa que se segue. — Ela é a estagiária que está me ajudando.

— Diz a ela para anotar os recados. Eu vivo deixando o meu telefone e você nunca liga.

Graças a Deus pelas estagiárias nas quais você pode pôr a culpa!

— Nós temos andado muito ocupadas, examinando anos e anos de papelada.

— Cuidado com a sua asma — recomenda Marion. Ela envia um

beijo maternal pelo telefone, mas torna a ligar um minuto depois porque esqueceu de beijar o outro lado.

Nancy vai lá duas vezes por semana e nos fins de semana. Em pouco tempo, elas terminam de examinar uma das malas e passam para a outra. Toda noite ela se debruça sobre a caixa com as coisas pessoais de sua mãe: anotações para os filhos; um sachê com florezinhas roxas secas; um livro de catecismo, *Catón cristiano*, com a caligrafia de uma garotinha na contracapa; poemas simplórios de alguém chamado Nísidas; um cacho de cabelo; um dente de leite embrulhado num lenço; uma bandeirinha da República Dominicana que deve ter sido costurada pela minha própria mãe, com o pauzinho quebrado, sem dúvida por causa do peso dos outros pacotes que estavam por cima. O significado destas coisas, só os mortos sabem. Mas são detalhes da história de Salomé que ligam cada vez mais a vida da sua mãe à sua própria vida.

Quanto ao futuro, quem sabe o que reserva. Tudo o que ela sabe é que, vivendo-o, ela quer tornar-se Salomé Camila.

O EMBAIXADOR BONSAL está sendo entrevistado por David Brinkley. O que é que está havendo em Cubar? O Sr. Brinkley quer saber. Cubar. Camila notou que o presidente Eisenhower também pronuncia errado o nome, acrescentando um *r* no fim, um pequeno rugido de advertência. O Sr. Fidel Castro está muito enganado se pensa que pode fazer o que quer tão perto dos Estados Unidos, o embaixador Bonsal ruge diretamente para as câmeras. Depois, vem um filme de Fidel em pé na praça com centenas de pombos voando em círculos e pousando em volta dele enquanto fala. Ele parece familiar com seu rosto largo e pálido e uma barba que parece um babador preto sob sua boca.

Com quem ele se parece?, pensa Camila. Cada vez surgem mais fantasmas. Pessoas mortas há anos reaparecem nessas breves ressurreições! Há poucos dias, quando Pilar convidou-a para comemorar o seu último semestre com uma de suas paellas, Camila não conseguia tirar os olhos do colhe de Pilar, Kalua. O rosto triste, o olhar nobre, a tranquilidade da sua pose enquanto mantinha guarda perto de suas cadeiras — tudo isso a fazia lembrar-se de alguém. E então ela o viu, catorze anos antes, seu irmão Pedro, emergindo lentamente no rosto de um velho cão.

Fidel inclina a cabeça, os pombos levantam voo. Ele se parece

com Pancho! A mesma boca mal-humorada, o mesmo rosto concentrado, algo de feroz em seus olhos. A tradução simultânea para o inglês torna difícil entender o que ele está dizendo. Mas parece que houve um êxodo de profissionais. Ele está convocando professores e médicos, dentistas e enfermeiros. “Venham juntar-se a nós”, ele diz, olhando diretamente para Camila.

— OUVI DIZER QUE A SENHORA está se aposentando?

Ela encontra a jovem Nancy na volta para casa, depois de ter dado suas aulas. É um belo dia de inverno, o sol se reflete nos pingentes de gelo pendurados nos tetos dos edifícios. Há poucas semanas, elas terminaram de examinar as malas. O material a ser catalogado foi enviado para Harvard e Minnesota, para a República Dominicana e para Cuba. A mala dela permanece como uma rocha no apartamento que está desfazendo. Um dia, ela se juntará às demais. Por ora, ela a quer com ela, parte caixa de guardados, parte talismã.

— Não exatamente me aposentando — explica ela.

— Ah, é? — A moça entorta a cabeça. — E para onde a senhora pretende ir? — Por terem passado várias semanas trabalhando juntas, ela tem coragem de ser menos reservada do que seria normalmente com um professor.

Em vez de sentir a ambivalência que sentia no passado quando confrontada com esta pergunta, o que ela sente é uma sensação de liberdade — *os campos se vestem de flores, a luz inunda o céu*. Ela sabe exatamente para onde quer ir. Ela sente vontade de experimentar a sensação de dizer isso em voz alta, de ver a fumaça sobrenatural que as palavras deixam no ar.

— Eu vou me juntar a uma revolução.

— A senhora está se sentindo bem? — A moça olha para ela com mais atenção. Seu cabelo vermelho é adorável, como se alguém tivesse acendido uma chama no alto de sua cabeça.

Há muito tempo que ela não se sentia tão animada. Bem na hora que achou que sua vida estava acabada — que o resto dos seus dias seria uma sucessão de viagens curtas de um lugar seguro para outro, pílulas em contêineres compartimentalizados, etiquetados com os dias da semana, colecionando selos oferecidos em folhetos de propaganda e usando-os para comprar pequenos utensílios que estão sempre quebrando, e partes do seu corpo falhando, a começar

pelos olhos — em suma, bem na hora em que pensou que sua história estivesse acabada, epílogo, coda, diminuendo, ela encontrou uma caravela com as velas estufadas pelo vento (nada de arca de Noé, por favor, nenhuma salvação à custa dos outros), encontrou uma maneira de voltar para casa, uma canção da sua infância, *Vou para El Cabo encontrar a minha mãe... A baía hoje está muito rasa para se navegar...* Bem na hora que ela achou...

Tudo o que o coração quer é ser chamado de novo.

— Por que esta pergunta?

A mulher jovem pareceu sem graça, como se não soubesse explicar o que havia percebido no tom de voz da mulher mais velha.

— É que a senhora me pareceu... — Ela faz um gesto como se estivesse largando alguma coisa. — Mais contente — diz ela finalmente, embora esta não seja a palavra que combina com o gesto.

Camila atira a cabeça para trás e ri. A jovem abre um sorriso sem jeito, como se não soubesse onde estava a graça. Para tranquilizá-la, Camila diz:

— Eu estou voltando para casa ou para o mais perto possível de casa. Acho que já faz muito tempo que estou com saudades de casa.

— Aposto que sim — a jovem balança a cabeça concordando. Ela tem o dom de ser agradável. Camila devia mandar esta jovem Nancy para o sul para trabalhar com Max no corpo diplomático. — Vai ser bom viver num clima mais quente — acrescenta Nancy, revirando os olhos, como se as pilhas de neve em volta delas tivessem conspirado para arruinar suas vidas. — Mas não é perigoso?

— Todo o meu povo vive lá — diz Camila, mordaz, uma declaração não muito exata, uma vez que na verdade o seu povo vive na ilha ao lado.

— *Vaya con Dios* — diz Nancy com um orgulho óbvio por ter encontrado a expressão correta.

Camila sente uma onda de ternura pela jovem, com os cabelos brotando irreprimivelmente ao redor do rosto. Isto foi sempre um obstáculo na sua profissão. Todo semestre ela se apaixona pelos seus bebês, como costuma chamá-las, e as estraga completamente, como afirma Pilar. “É uma surpresa que saibam alguma coisa sobre o subjuntivo!”

Camila se despede e se dirige para o seu apartamento. No Portão

Joss ela para e se vira — a jovem ainda está olhando para ela — e ergue a mão vestida com a luva de lã roxa e diz:

— *Hasta luego.*

Lá em cima, os aposentos ensolarados a fazem sentir uma certeza estonteante pelo que está fazendo. Ela pega o seu fichário de listas, prós e contras deste ou daquele projeto, e enrola as folhas formando um cilindro que tem um ar divertidamente oficial — um diploma, um pergaminho. Acendendo o fogão, ela coloca fogo numa das pontas e atira os papéis em chamas na pia. O futuro se incendeia. Embora esteja no meio da tarde, ela se serve de uma taça de vinho e ergue-a num brinde.

— A nós — diz ela para o ar radiante, cheio de fumaça.

DOS

Contestación

São Domingos, 1865-1874

NO ANO EM QUE COMPLETEI quinze anos, me tornei mulher, segundo Mamá. Nós não tínhamos dinheiro para dar uma festa de quinze anos, mas escolhi a fazenda para um vestido novo, uma musselina lilás enfeitada de renda preta. Eu me lembro que estávamos terminando de fazer a bainha quando Papá entrou correndo, sem fôlego.

— O presidente Lincoln levou um tiro!

Nós gostávamos do presidente barbudo do nosso vizinho do norte. Ele tinha lutado pela liberdade das pessoas da nossa cor.

— Com tantos outros alvos melhores! — foi tudo o que Mamá disse, fazendo rapidamente o sinal da cruz. Mamá podia ser má, mas sempre acompanhava os seus lapsos de um ato de contrição, como se Deus pudesse não reparar.

No meu aniversário, Ramona e eu fomos até o centro da cidade com Papá, de braços dados com ele, uma de cada lado. Eu estava usando o meu vestido novo e uma mantilha com um pente de prata, presente de Papá. Nós íamos dar uma volta na praça central, mas quando chegamos lá e vimos a fortaleza com sua bandeira espanhola tremulando orgulhosamente, demos meia volta. Sob o loureiro do quintal, Papá fez um brinde para mim, dizendo que eu agora era uma mocinha crescida.

O meu país é que tinha voltado a ser um bebê, e era obrigado a obedecer à mãe pátria.

NAQUELE DIA — 18 DE MARÇO De 1861 —, na praça central, nós havíamos sido devolvidos à Espanha e nos tornado de novo uma colônia.

Eu sonhava em nos libertar. Meu escudo era o meu papel, e minhas espadas eram as palavras que meu pai estava me ensinando

a empunhar.

Eu praticava no papel e praticava na cabeça: rimas, refrões, canções patrióticas, hinos. À noite, eu ficava deitada na cama e em vez de dormir pensava no que iria dizer se, como María Trinidad, eu fosse amarrada e vendada antes de ser fuzilada. Eu imaginava o que sussurraria nos ouvidos do governador espanhol caso tivesse esta chance. Se ficasse com medo, repetiria sem parar o meu nome para mim mesma, *¡Herminia! ¡Herminia! ¡Herminia!*

Eu libertaria a pátria com minha pena afiada e meu tinteiro.

Mas tinha que tomar muito cuidado para não encenar o meu pai.

A CONDIÇÃO PARA PERMITIREM que meu pai voltasse ao país tinha sido que ele não se envolveria com política. Isto deve ter sido especialmente difícil para ele depois que a guerra da restauração começou no norte do país. Nessa altura, acho que Papá estava convencido de que era melhor ser a nossa própria pátria do que ser a colônia de alguém. Mas ele tinha dado a sua palavra. Ele não dizia nada, não escrevia nada. Em vez disso, bebia e vigiava de perto a mim e a Ramona.

Nós tínhamos parado de frequentar as irmãs Bobadilla depois que meu pai nos sabatinou em diversos assuntos e descobriu que não sabíamos quem era Lope de Vega nem Dante e não distinguimos o pistilo nem o estame de uma das flores que colheu para nós, mas sabíamos tudo sobre uso do leque (fechar de repente: não se aproxime; abrir devagar espiando por cima dele: pode me dirigir a palavra) e sobre que variedades de flor entravam num buquê Rainha Isabel e o que vestir num jantar formal e no caso de morte recente na família. Agora que os espanhóis estavam de volta, as irmãs Bobadilla estavam no auge da sua glória.

Mamá finalmente concordou com Papá que nós estávamos perdendo tempo e nos tirou da escola com a desculpa de que precisava da nossa ajuda em casa com a costura — o que era verdade. De tarde, nós tínhamos aulas particulares, e depois, no fim da tarde, quando refrescava, nós íamos para a casa de Papá, onde o encontrávamos no jardim ou em seus aposentos, remoendo as decepções da sua vida, e, sim, bebendo.

— O seu pai estava bebendo? — perguntava Mamá quando voltávamos.

Ramona e eu nos entreolhávamos e minha mãe dizia:

— Não importa, vocês não precisam traí-lo.

— Ajuda a preservar os órgãos vitais dele — sugeria Ramona.

— Abre o seu apetite e aumenta o fluxo de sangue para os centros nervosos e o cérebro — recitava tia Ana.

Mamá lançava à irmã aquele olhar feroz que era capaz de fazer o seu sangue congelar. Papá sempre dizia que os rebeldes deviam esquecer os seus planos complicados e soltar Mamá no palácio do governador. Ela lançaria um olhar capaz de derrubar o Império espanhol e congelar os bajuladores que tinham dado para falar comícios para mostrar como tinham o sangue puro. Papá chegou até a começar a escrever um poema intitulado “Para os olhos de Gregoria”, mas jamais o terminou.

PAPÁ É QUE NOS VIGIAVA o tempo todo. Parecia que ele tinha transferido toda a sua preocupação e sua atenção da pátria para mim e para Ramona.

Nós começamos a perceber, pelo menos eu comecei, como era crucial ele ter uma nação com que se ocupar, senão nós não íamos ter um só instante de paz. Quando mencionei isto para Mamá, deve ter sido uma das coisas mais engraçadas que eu disse na vida, porque ela repetia frequentemente, até para Papá, que me olhou de cara feia e disse:

— Então você quer se ver livre de mim, hein?

A bebida tinha feito isso. Você fazia uma observação inocente, e Papá se ofendia, e então a única coisa a fazer era escrever um verso para acalmar o que quer que o estivesse comendo por dentro.

Foi assim que consegui que ele voltasse a escrever. Um dia, depois que terminei de ler para ele um dos meus versos, ele começou a dizer coisas muito bonitas e inteligentes, pois meu pai tinha uma língua de prata, como minha mãe costumava dizer. Anotei o que ele disse e naquela noite reescrevi tudo fazendo com que rimasse. No dia seguinte, li para ele o poema dele, sem dizer que era dele, e ele olhou para mim quando terminei e disse, Nada mau, Herminia, e eu disse, Nada mau, Nísidas e ele disse, Herminia, eu escrevi mesmo isso? e eu disse, Nísidas, você não escreveu isso, e ele disse, Eu sabia, e eu disse, Nísidas você não escreveu isso porque você recitou, e de repente, o que não era raro quando ele tinha bebido, meu pai começou a soluçar, e tive que lembrar a ele, como

ele tinha me lembrado tantas vezes, que as lágrimas são a tinta de um poeta. Não as desperdice chorando.

— Eu sei, Herminia, eu sei — disse Papá. — E agora não vou mais desperdiçá-las. — Ele virou a garrafa como se fosse regar o jardim, mas devia estar vazia, porque só caíram algumas gotas. — Eu nasci poeta. As outras coisas aconteceram por acaso. Mas se você não fizer o que nasceu para fazer, você fica destruído. Vem cá, deixe-me mostrar-lhe uma coisa.

Ele me pegou pela mão e atravessamos a casa, passamos por suas duas irmãs melancólicas com seus vestidos escuros, balançando-se tristemente em suas cadeiras de balanço, pelos retratos com véus pretos na parede, uma vela votiva queimando ao lado do retrato dos seus pais e do seu irmão Lucas. Tantas pessoas que Papá amou já tinham morrido que eu compreendia por que ele sentia tristeza por estar vivo.

Na sala da frente, Papá abriu as persianas e empurrou uma das cadeiras de balanço. Aranhas fugiram correndo e vi o rabo comprido de um rato quando ele se enfiou debaixo da cômoda no meio de uma nuvem de poeira. Na sua tristeza, as irmãs tinham parado de cuidar da casa. Lá, escritas na parede com letra de criança, a carvão, havia palavras tão apagadas que eram difíceis de decifrar.

— O que é isto, Papá?

— É o primeiro poema do seu pai, escrito quando ele tinha cinco anos de idade!

A família de Papá tinha vivido nesta casa desde quando éramos colônia da Espanha da primeira vez. Até mesmo o cordão umbilical do meu bisavô estava enterrado no quintal. Quanto ao primeiro poema do meu pai, ele me contou a história. Sua avó, que gozava de ótima saúde, tinha adoecido de repente uma noite, depois de comer um pastel de goiaba. A família mandou chamar o famoso Dr. Martínez, cuja fama se devia em grande parte ao fato de ele ter estudado em Paris, um fato anunciado no seu letreiro, Dr. Alfonso Martínez, *Diploma de Paris*, e nas numerosas referências que fazia ao que o famoso Bernard ou o célebre Craveilhier tinham dito sobre *le corps humain*.

O Dr. Martínez examinou a paciente e recomendou um emético, que a família preparou, e disse que voltaria no dia seguinte de manhã, às dez horas. Naquela noite, a avó de Papá morreu. Na manhã seguinte, quando o Dr. Martínez apareceu na porta, a família

de Papá estava no quarto, velando o corpo. Dr. Martínez foi levado até a sala da frente, onde se viu diante do jovem neto, empunhando um carvão, e acabando de escrever o seu primeiro poema:

Doutor Martínez
usou o seu diploma parisiense
para matar minha avó
com sua competência.

— Você ficou em apuros por ter escrito na parede? — perguntei. Eu teria ficado. Tia Ana teria me batido nas mãos como costumava bater nas mãos dos seus alunos sempre que os apanhava fazendo alguma travessura.

Papá disse que não tinha sido castigado de forma alguma. Tinha simplesmente expressado o que todo mundo, na cidade inteira, estava pensando.

— Que é o que um poeta deve fazer — disse Papá, olhando para mim com aquele jeito dos Dez Mandamentos que tinha quando dava algum conselho que eu devia arquivar na categoria de coisas que meu-pai-disse-um-dia-e-eu-nunca-mais-vou-esquecer. — Um poeta expressa o que todo mundo está sentindo e não tem a coragem ou o talento necessário para dizer. — Depois acrescentou desnecessariamente: — Lembre-se disto.

Eu me lembrava muito bem, Papá é que tinha esquecido. Pois à medida que eu aprendia a trabalhar cada vez melhor as minhas palavras, me tornava mais destemida, e Papá mais preocupado comigo. É claro que ninguém sabia. Isso era parte da brincadeira: todo mundo comentando sobre Herminia, e ninguém sabendo que era eu, a não ser Papá e Ramona.

NÃO QUE TODA A MINHA produção fosse imponente.

Um dia, recebi uma encomenda do nosso fazendeiro para escrever um poema para ele. Eu o chamo de “nosso” fazendeiro só porque ele passava na nossa casa algumas vezes por semana trazendo víveres da fazenda dele. *Don* Eloy tinha me ouvido versejar, como ele dizia, e então queria saber se eu poderia escrever alguns versos para uma jovem que ele estava cortejando.

— Mas o senhor já tem sua *mujer* — disse-lhe eu. Talvez *Don* Eloy estivesse tão velho que já não se lembrasse mais que tinha uma esposa.

— Você quer dizer Caridad? Ay Dios, *pero si Caridad es una vieja*.

— Caridad não é nenhuma velhota, *Don Eloy*. Caridad tem a sua idade. Foi o senhor mesmo que disse. O senhor disse que vocês nasceram com poucos dias de diferença um do outro.

— Será que você não sabe nada? — disse *Don Eloy*, inclinándose para a frente. O hálito dele cheirava igual ao de Papá quando bebia. — As mulheres envelhecem de baixo para cima, e os homens de cima para baixo.

Ora, este era um fato que eu nunca tinha aprendido nas irmãs Bobadilla.

— E como é isso? — perguntei, pondo as mãos na cintura como Mamá fazia sempre que nós contávamos alguma lorota.

— Você ouviu dizer que os homens são bobos. Isto é porque os nossos cérebros envelhecem mais cedo. Mas o resto de nós permanece intato até estarmos bem velhos. Enquanto as mulheres, bem... basta olhar para aquela velha, aquela Ana de vocês, esperta um bocado, certo? O cérebro está todo lá, mas o resto dela... — ele fez um gesto do pescoço para baixo — morto como uma porta.

Que estranho a ciência fazer uma coisa dessas, pensei. Mas a ciência era mesmo muito estranha. Veja só toda aquela história de uma flor carregar tanto o estame quanto o pistilo como se não acreditasse que fosse achar um parceiro no meio de outros milhões de flores. (Havia mais flores do que seres humanos: Papá tinha me confirmado isto.) Finalmente, concordei em escrever o poema para *Don Eloy* em troca de uma cesta de goiabas da fazenda dele. Algumas semanas depois, ele me disse que a moça estava cedendo.

— Você tem que escrever outro. Aquele primeiro apenas balançou a árvore, mas agora eu quero que as mangas caiam.

Mas naquelas poucas semanas eu tinha tido a chance de fazer algumas investigações, e a ciência do envelhecimento de *Don Eloy* tinha sido totalmente desacreditada por Papá. Quanto às goiabas que ele tinha me dado, elas estavam cheias de bicho, e recordando a experiência da avó de Papá, eu as joguei fora.

NAQUELES DIAS em que éramos novamente uma colônia, os jornais estavam cheios de poesia. O censor espanhol deixava passar tudo que rimasse, então todo patriota tornou-se um poeta. Diariamente, o nosso amigo *Don Eliseo Grullón* ou Papá aparecia depois do jantar com um jornal ou outro para nós lermos. Havia dezenas de poemas

sobre liberdade.

Era tempo de poesia, mesmo que não fosse tempo de liberdade. Às vezes eu me perguntava se isto não fazia sentido, afinal de contas. O espírito precisava voar quando o corpo estava acorrentado. Cheguei até a escrever uma ode sobre isto, que não mostrei para ninguém, mas acrescentei ao estoque cada vez maior de poemas que guardava debaixo do colchão.

Não era só eu que estava escrevendo. Ramona também escrevia montes de poemas que ela gostava que fossem curtos e objetivos. Eu tinha uma tendência a me empolgar demais.

— Isso é bom — dizia Papá sempre. — Você quer ir mais longe. Você quer voar até o Parnasso.

— Onde é isso? — perguntei. Mas Papá estava no meio de um poema.

— Vem até aqui — ele me chamou. Ele leu para mim um dos versos. — Tem alguma coisa que não está soando bem. — Ele o leu algumas vezes. Ofereci algumas sugestões que ajudaram a fazer com que as palavras fluíssem melhor. — Herminia, Herminia — ele piscou o olho para mim —, em breve vou dar a minha corneta para você e só vou tocar a flauta.

Às vezes, Ramona e eu avistávamos Josefa Perdomo andando na rua e dizíamos com reverência: “Ela escreve versos!” Quando o terceiro governador espanhol chegou, Josefa deu-lhe as boas-vindas com alguns versos no *El Eco del Ozama*.

Todo mundo comentou sobre a beleza dos versos, mas eu não tinha tanta certeza. Quer dizer, os versos eram bonitos, mas estavam fazendo uma coisa feia. Estavam nos ligando a um país que nos havia transformado em colônia. Eram como os versos que eu havia escrito para *Don Eloy*, engraçados e inteligentes, mas derrubando mangas da árvore errada. *Don Eloy* devia estar cortejando a sua velha esposa e fazendo-a sentir-se como a jovem com a qual sonhava. Era isso que eu devia ter dito a ele. Eu vou escrever um poema que você possa dar a Caridad e que seja capaz de despertar cada pedacinho do seu corpo semi morto.

— Salomé, pelo amor de Deus. São apenas versos. — Ramona era feroz na defesa da poetisa gorducha e bonita. Era como se Josefa fosse uma versão humana da sua velha boneca Alexandra, cuja beleza de porcelana Ramona adorava. — Não é culpa dela que tenhamos voltado a ser uma colônia. Ela só está sendo educada.

Mas não fiquei convencida. Uma coisa era ser educada e outra

coisa bem diferente dar boas-vindas aos intrusos e dizer “A casa é sua”. E algumas pessoas estavam fazendo exatamente isso. As irmãs Bobadilla tinham exagerado na sua hospitalidade: oferecendo chás aos soldados e dignitários espanhóis, hasteando uma bandeira espanhola no telhado — aquele belo telhado de telhas espanholas. O cicio delas tinha ficado tão pronunciado que tínhamos medo de encontrar com elas na rua, pois elas nos enchiam de cuspe antes mesmo de a gente ter acabado de comentar sobre o tempo.

Naquele momento, eu prometi a mim mesma que jamais escreveria versos por educação. Entre escrever coisas bonitas e inúteis e não escrever nada, preferia não escrever nada.

Foi um padrão muito alto que estabeleci para mim mesma na hora em que estava começando a escrever. Mas acho que eu era assim mesmo, como Mamá teria dito, ou fazia as coisas com paixão ou preferia não fazer.

Era uma atitude que não iria me ajudar muito no amor.

NOSSO PROFESSOR PARTICULAR, Alejandro Román, um dia levou o irmão mais moço, Miguel, para assistir à aula. Nessa altura eu tinha dezoito anos e já havia aprendido tudo o que Alejandro tinha para me ensinar, então fiquei satisfeita em ver uma cara nova. Miguel queria ser poeta, e soubera pelo irmão que as irmãs Ureña eram as filhas de Nicolás Ureña, e que eram muito inteligentes. Miguel tinha esperança não só de nos conhecer mas também de encontrar o poeta em pessoa na casa de Mamá.

— Que tipo de poesia você escreve, Miguel? — perguntou Ramona na primeira vez que ele foi na nossa casa. Como detestei aquela pergunta, foi como espetar uma borboleta num papel.

— Do tipo arca de Noé, um pouco de tudo — respondeu ele com um sorriso nos olhos e olhando para o meu lado.

Eu tentei não sorrir. Recentemente, Mamá tinha começado a ler para nós trechos do *Manual de instrução para moças* de Doña Bernardita, e uma das coisas que Doña Bernardita aconselhava que não fizessemos era sorrir para um homem.

— Sorrir é algo muito íntimo — explicou Mamá. Jovens educadas só davam essas demonstrações de ternura para os seus maridos, junto com... — Mamá hesitou — junto com todo o resto. Quanto a todo o resto, Mamá não foi muito específica. Na verdade, Doña Bernardita dizia que excesso de conhecimento desse tipo

podia levar uma jovem a prazeres solitários.

Ramona e eu nos entreolhamos com um ligeiro erguer de sobrelance. Então Ramona, que como era a mais velha geralmente se arriscava primeiro em território desconhecido, perguntou:

— O que é isso, Mamá?

Mamá ficou vermelha, e o rosado do rosto a fez parecer mais jovem.

— É um termo que é usado para descrever... transgressão individual.

— Essa é mesmo uma boa explicação, Mamá — disse Ramona.

Mamá fechou o *Manual de Doña Bernardita* e olhou para a minha irmã.

— Você está querendo bancar a engraçadinha comigo, senhorita?

— *Non, non, Maman, pardonnez-moi* — disse Ramona carinhosamente e abraçou mamãe. Às vezes nós falávamos em francês ou em inglês para mostrar a Mamá o quanto tínhamos aprendido com nosso professor, Alejandro.

Naquele primeiro dia, Miguel tinha vindo, como eu disse, acompanhando o irmão mais velho. Mas logo ele passou a vir sempre e Mamá deixou que ele assistisse às nossas aulas. Acho que ela teve pena de nós, porque quase nunca saíamos nem recebíamos visitas. Nós ficamos muito amigos, nós quatro, e passamos anos nos encontrando. Mamá disse mais tarde que as nossas aulas eram as mais compridas que ela conhecia, mas na época ela não via nada de mais num inocente grupo de estudos.

O que aconteceu começou de forma bastante inocente. Um dia, Miguel e eu iniciamos uma discussão apaixonada a respeito de um poema de Lamartine. No nosso encontro seguinte, tornamos a discutir Lamartine, quase como se o poema fosse uma porta para nos levar a algum outro lugar. Na vez seguinte, Miguel disse, por falar em Lamartine, trouxe aqui um poema de Espronceda que acho que você vai gostar, e essa foi outra porta que nós abrimos, e Espronceda levou a Quintana, e Quintana levou ao nosso Nicolás Ureña (“Ouvi dizer que ele é seu pai”), o que levou a alguns poemas da poetisa desconhecida Herminia, que eu mostrei a Miguel (“Excelentes! Posso ficar com uma cópia?”), e então, um dia, nós já havíamos aberto todas as portas e atravessado todos os corredores, e nos vimos sentados lado a lado, como amantes de Dante, num

quarto onde não havia mais ninguém.

Naquele dia Mamá tinha ido até o cais com Ramona, porque tinha chegado um navio de St. Thomas que talvez estivesse vendendo algumas mercadorias de que estávamos precisando. Miguel tinha ficado para discutir a produção mais recente de Herminia, um poema sobre a glória do progresso. Minha tia estava terminando de dar aula para as suas meninas, mas quando elas estavam saindo, uma delas caiu na escada e começou a chorar. No meio de uma comoção de lágrimas e um joelho ralado, minha tia deve ter esquecido que ia deixar sozinhos dois jovens (um JAMAIS FAÇA ISTO! no *Manual de Doña Bernardita*), já que resolveu levar a menina chorosa até a casa da avó.

Foi uma questão de poucos minutos apenas. Mas naqueles minutos, houve tempo para um rapaz dizer um verso ou dois; tempo para uma moça ficar com o rosto pálido; tempo para ela murmurar, “Eu também”; tempo para ele dizer que não tinha ouvido, será que ela podia falar mais alto; tempo para ela tornar a gaguejar; e depois o tempo infinito da mão dele estender-se por cima de Lamartine, por cima de Espronceda e de Quintana, de apertar com fervor a mão dela, antes do tempo se esgotar, e lá estava a tia Ana, sem fôlego, parada na porta, sua longa sombra como se fosse o velho Pai Tempo que tivesse chegado para encerrar a aula daquele dia em diante.

“Eu jamais deveria ter consentido nisso”, Mamá culpou a si mesma quando ouviu da irmã a cena que ela havia presenciado. Minha tia havia voado para cima do atônito Miguel e o havia literalmente erguido pelo colarinho (que tinha arrebitado) e o depositado lá fora na rua. Sua gravata rasgada tinha voado em seguida.

Ramona passou vários dias sem falar comigo. Desconfio que ela não estivesse apenas zangada pelo fato de eu ter acabado com suas aulas, mas com inveja porque eu, a irmã mais moça, tinha passado a frente dela. Tinha sido *tocada* por um homem.

Quanto a Papá, ficou furioso. Era como se eu tivesse feito alguma coisa realmente horrorosa, como entrar para o partido Azul ou defender o novo partido Vermelho, que Papá não apoiava mais porque seu líder, Báez, tinha se tornado um ditador. “Todos eles partem o seu coração”, disse ele, olhando para mim com aquele olhar de Moisés descendo a montanha depois dos Dez Mandamentos e vendo os israelitas dançando quase nus em volta de um bezerro de

ouro.

A pior consequência, é claro, foi eu não poder mais me comunicar com nenhum dos irmãos Román. Pouco depois, o ditador Báez me livrou de toda tentação — pois os irmãos foram exilados para o Haiti por terem escrito poemas contra o novo regime. Nós tínhamos deixado de ser uma colônia e nos tornado uma ditadura com um censor que conhecia o poder da poesia.

Foi como se eu estivesse de volta à minha infância, pois assim como tinha entregue o meu coração a um homem charmoso que falava em rimas, eu agora tinha entregue o meu coração a um rapaz charmoso que havia declarado o seu amor por mim. Minha asma voltou. Eu passava os dias chorando.

Antes de Miguel deixar o país, quis dar um presente para ele. Eu tinha passado várias noites copiando os poemas de Herminia que Miguel havia pedido. Era o meu pequeno ato de rebeldia contra as ordens tolas dos adultos. Eu não fazia ideia de como os faria chegar a ele.

Foi Ramona quem encontrou a solução: Ramona, que nunca pôde suportar o meu choro e que faria qualquer coisa para estancar as minhas lágrimas. Na missa de domingo, quando Miguel passou pelo nosso banco para ir comungar, Ramona entrou na fila atrás dele. Enquanto esperavam que o padre Billini chegasse com o cálice, Ramona entregou sorrateiramente a Miguel uma folha cheia de poemas. Junto estava uma carta que eu havia escrito, revelando que eu era Herminia. Isto me pareceu algo muito mais íntimo do que sorrir, despir o meu disfarce e deixá-lo conhecer a minha alma secreta que eu havia colocado no papel.

ALGUMAS SEMANAS MAIS TARDE, Papá apareceu com um exemplar do *El Nacional* enrolado debaixo do braço e uma expressão assustada no rosto. Quando abriu o jornal e o jogou diante de mim, fiquei de boca aberta. Lá, na primeira página, estava o meu poema, “Recuerdos a un proscrito”, que eu havia incluído nos poemas para Miguel. Estava assinado “Herminia”.

— ¿Qué pasa? — perguntou Mamá, examinando o jornal de alto a baixo. O presidente Grant estava mandando uma comissão de senadores americanos para o norte do nosso país para estudar a possibilidade de comprar parte da ilha e despachar para lá alguns dos negros dos Estados Unidos. Um grupo que se autointitulava Ku

Klux Klan estava queimando cruzes na frente das casas dos negros, então talvez eles não se importassem de ir. O navio Clyde estava chegando de Havana. A *señorita* Trinidad Villeta tinha sido coroada Rainha de Maio no Teatro Republicano.

Papá olhou impacientemente para ela, e depois, olhando por cima do ombro e vendo que a parte de cima da porta ainda estava aberta, fez sinal para eu fechá-la. Depois de ler o poema em voz alta, meu pai disse:

— Isto incita à revolta!

O rosto da minha mãe brilhou de orgulho.

— Viva Herminia! Ela está dizendo o que todos nós sentimos e não temos coragem de falar.

Papá olhou bem para ela, e dava para ver que ele só estava percebendo agora que eu não havia contado o meu pseudônimo para minha mãe. Que era um segredo especial nosso.

Mais tarde naquela noite, quando já estávamos deitadas, Ramona e eu calculamos o que devia ter acontecido. Miguel tinha dado o meu poema para os amigos dele do *El Nacional* publicarem. Só podíamos torcer para que ele não tivesse revelado a minha verdadeira identidade.

Na tarde seguinte, em sua casa, Papá me alertou.

— Você precisa tomar cuidado, Herminia. Báez não é mais o velho Báez. Ele não protegeria o seu velho amigo se descobrisse que a minha filha está lançando sementes de revolta. Não publique mais nada sem a minha permissão!

É claro que eu prometi não fazer o que, aliás, nunca tinha feito. Na semana seguinte, outro poema de Herminia apareceu no jornal. “Una lagrima” não era exatamente panfletário, mas nenhum ditador poderia ler aqueles versos endereçados a um exilado sem se sentir desafiado. *Sua pátria ainda acorrentada... As lágrimas que você derramou por ela nunca secaram...* Havia boatos na cidade de que o *El Nacional* ia ser fechado até o fim da semana. Mas o jornal continuou a circular. Parecia que Báez estava querendo mostrar aos senadores americanos o quanto era amante da liberdade.

Durante várias semanas, apareceram no jornal poemas de Herminia. “Contestación”, “A un poeta”, “Una esperanza”, “Ruego”, “Un gemido” e, finalmente, “La gloria del progreso”, um poema que causou furor. Nosso velho amigo *Don* Eliseo Grullón, um estadista, declarou que quem quer que fosse essa Herminia, ela ia derrubar o regime com tinta e papel.

Papá estava fora de si. Por que eu o estava desafiando? Exílio era o mínimo que iria acontecer. Eu ia matar a todos nós. Finalmente, tive que confessar que não era eu quem estava fazendo aquilo. Que tinha dado cópias para alguns conhecidos.

— Desculpe, Papá.

Mas, secretamente, eu estava satisfeita. Poesia, a *minha* poesia, estava acordando os políticos. Em vez de permitir que o medo de papai me refreasse, continuei a escrever poemas cada vez mais ousados.

Às vezes minha mão tremia enquanto escrevia. *Herminia, Herminia, Herminia*, eu murmurava para mim mesma. Ela era a corajosa. Não se rendia aos seus medos. Não se encolhia ao ouvir uma palavra dura. Nem chorava por qualquer motivo, desperdiçando suas lágrimas.

Secretamente, protegida pela escuridão da noite, Herminia trabalhava para a libertação da pátria.

E a cada brecha que abria para a pátria, estava libertando também a mim.

TODA VEZ QUE ERA PUBLICADO no jornal um novo poema de Herminia, Mamá fechava as janelas da casa e o lia bem baixinho para nós. Ela estava encantada com a corajosa Herminia. Eu me sentia culpada por guardar este segredo dela, mas sabia que se contasse a ela, toda a sua alegria se transformaria em preocupação. Sua teoria era de que Herminia era, na verdade, Josefa Perdomo, mas minha tia Ana discordava. Josefa tinha um estilo mais sentimental, mais insinuante.

— Esta Herminia é uma guerreira — disse minha tia orgulhosamente. — Na verdade a minha teoria é que essa Herminia é na verdade um homem, disfarçado de mulher.

— Que interessante, tia — disse Ramona, olhando bem para mim. — Herminia, um homem. Não consigo imaginar isso. — Minha irmã estava se divertindo imensamente. Ela afirmava que graças a ela é que Herminia tinha ficado conhecida do público. Eu sabia que assim que Mamá descobrisse a nossa travessura, Ramona ia ser considerada a cúmplice inocente, envolvida nisso por sua irmã mais moça, que um dia tinha permitido que um homem tocasse nela.

De fato, nós duas tínhamos acendido uma fogueira que estava

ficando fora de controle. “A pátria encontrou a sua musa”, dizia uma carta escrita por um admirador anônimo e publicada no *El Nacional*. Rebeliões começaram a pipocar em toda parte. Os senadores americanos deixaram o país. O governador González, da província de Puerto Plata, ao norte, anunciou que estava criando um novo partido, o Partido Verde, e conclamou todos os dominicanos a se juntarem a ele num comício público para protestar contra a tirania de Báez. Sua proclamação inspirou um novo poema que eu comecei a escrever naquela mesma noite, *Acorde do seu sono, minha Pátria, livre-se de sua mortalha...*

Foi por causa deste poema que Mamá descobriu. Nós tínhamos o hábito de colocar nossos colchões para arejar no quintal. Nos dias em que fazíamos isso, eu tinha sempre o cuidado de transferir o maço de poemas que guardava debaixo do colchão para o fundo da cômoda.

Naquele dia, tinha feito a transferência, mas a tinta da última revisão que eu fizera em “A la Patria” ainda devia estar úmida quando eu guardei o poema no topo do maço na noite anterior. Aquela única folha tinha ficado presa no fundo do colchão, e quando o suspendemos, minha mãe deu de cara com o meu poema, ou melhor, com o poema de Herminia.

— *Y esto, ¿qué es?* — Minha mãe pegou o poema e leu o bastante para reconhecer o estilo. Ela olhou bem para mim. — Como você teve coragem, Salomé?

— Você disse que tinha orgulho de Herminia — lembrei a ela. — Você disse que ela tinha a coragem de dizer o que nós todos pensávamos mas não dizíamos. — Meus joelhos estavam tremendo. Podia sentir aquele aperto no peito que precedia as minhas crises de asma.

Minha mãe não disse uma palavra. Eu estava esperando que ela ralhasse comigo como às vezes ralhava com Ramona por ela ter sido atrevida. Mas ela pôde ver o quanto eu estava nervosa. Ela fez o sinal da cruz e sacudiu a cabeça.

— *Dios santo*, afasta de mim este cálice.

— O que é que vocês estão dizendo? O que é que vocês estão dizendo? — Tia Ana tinha percebido o nervosismo no ar, mas não conseguia adivinhar a causa.

Minha mãe estendeu o papel para a irmã, que o leu rapidamente. Quando viu a assinatura no final da página, abriu um sorriso.

— Ora, ora... — disse ela, fingindo inocência — quem poderia ser esta Herminia? E o que os seus poemas estão fazendo debaixo do colchão da minha querida sobrinha?

Assim, ela estabeleceu a regra que iríamos adotar. Nós não sabíamos quem era Herminia. Nós não sabíamos como o poema dela tinha aparecido na nossa casa. E como estava começando uma revolução no norte, e a capital estava ficando banhada em sangue, Mamá costurou todos os poemas de Herminia dentro do forro de um paletó velho.

— O que você acha? — perguntavam as irmãs Bobadilla à minha mãe ou à minha tia quando apareciam para fazer uma visita. — Quem pode ser essa Herminia?

— *¿Quién sabe?* — respondia Mamá. — Ana acha que Herminia é provavelmente um homem. — E eu podia ver que, enquanto falava, suas mãos faziam um pequeno sinal da cruz na altura do coração, em penitência pela mentira que tinha acabado de dizer.

EU TERIA GUARDADO o nosso segredo. Não assinei o meu nome nos meus poemas, não durante a nossa gloriosa revolução nem durante o cerco sangrento à capital nem durante os dias incertos de um governo atrás do outro. Mas então, um dia, no começo de fevereiro, quando tinha vinte e três anos de idade, nós abrimos *El Centinela*, um dos jornais que tiveram permissão para permanecer abertos por causa do seu conteúdo inócuo, e lá estava um pequeno trecho em prosa sobre inverno e flocos de neve, assinado *Herminia*.

— Herminia sem dúvida piorou um pouco — disse nosso velho amigo *Don Eliseo Grullón* quando foi nos visitar aquela noite com um exemplar do jornal que Papá já tinha levado para nós. — Por que os nossos escritores têm que escrever sobre o inverno como se fôssemos norte-americanos? — Tinha virado moda imitar tudo que era do norte, a ponto de fingir que tínhamos neve em dezembro e que precisávamos esquentar as mãos diante da lareira. *Don Eliseo* sacudiu a cabeça. — Nossa Herminia, como a nossa Josefa, nos decepcionou. Talvez esse tom glorioso seja demais para uma mulher manter. — Eu fiquei doente por não poder me defender.

— Pelo contrário, acho que a nossa Herminia está se voltando para outros horizontes — as irmãs Bobadilla defenderam o trabalho. Elas tinham começado a aparecer, agora que o respeitado estadista *Eliseo Grullón* era uma visita habitual. De acordo com *Don Eliseo*, a

nossa casa era a única da capital onde ele podia conversar com mulheres sobre política e poesia em vez de fitas e tecidos. — Acho um amor o que Herminia escreveu — continuaram as irmãs Bobadilla. Elas pareciam falar em coro, embora eu esteja certa de que, como sempre concordavam uma com a outra, as suas opiniões eram intercambiáveis. — “Flocos de neve dançando no ar gelado, enquanto a Sra. Inverno varre a praça da cidade” — citaram. Eu me senti mais doente ainda. Se eu escrevesse um poema sobre o inverno, ele seria fiel à realidade. — Não há dúvida de que Herminia ficou mais feminina. Mas o que o senhor acha, *Don Nicolás*? — Meu pai também estava nos visitando.

— Eu acho que não é a mesma Herminia — declarou Papá.

— Você parece muito seguro disso — observou *Don Eliseo*. — Mas se lembre, até Shakespeare teve os seus lapsos. Calderón escreveu algumas bobagens. Espronceda teve os seus momentos insípidos. E Sor Juana às vezes é insuportável. — Ele fez uma pequena reverência, desculpando-se por criticar uma favorita das damas. — Mas Ramona e Salomé não disseram nada — ele notou, o que fez Ramona gaguejar algo sobre a possibilidade de haver várias Herminias, assim como há várias Anas, Estelas, Filomenas e Salomé.

— Hum — refletiu *Don Eliseo*. Ele deixou passar um momento para não parecer que havia ignorado a observação de Ramona. Em seguida, virou-se para mim. — E você, Salomé?

Eu podia sentir a falta de ar que sempre me acometia quando era forçada a falar. Mamá dizia que a cada ano que passava tanto a minha asma quanto a minha timidez ficavam piores. Muitas vezes ela tinha que intervir e responder por mim.

— Herminia não tem se sentido bem... — Minha mãe parou com o rosto rubro. Rapidamente, ela se corrigiu. — O que é que eu estou dizendo? — disse ela, sorrindo sem graça. — Quero dizer *Salomé*. Desculpem. Toda essa conversa de Herminia. — Continuou ela, relatando os detalhes da minha última crise de asma. Era embaraçoso o modo como minha mãe falava dos meus achaques como se eu ainda fosse um bebê, cujas funções corporais pudessem ser transmitidas para o mundo.

As irmãs Bobadilla continuaram a conversar, mas *Don Eliseo* ficou olhando atentamente para mim. “Poetas devem ser corajosos”, foi tudo o que ele disse quando me deu boa-noite mais tarde.

NÃO SEI SE FOI POR ACHAR que Miguel em breve estaria de volta e então quis fazer alguma coisa para ele se orgulhar de mim. Ou se foi simplesmente porque eu tinha terminado o meu novo poema, “A la Patria”, aquele que Mamá tinha achado preso no fundo do meu colchão, e quis redimir o nome de Herminia. Mas uma manhã, pouco tempo depois, acordei cedo, vesti o meu vestido de musselina cor de lavanda, calcei minhas botinas, pus minha touca e amarrei bem as fitas. Então, enquanto Mamá e tia Ana estavam nos fundos preparando o café, e enquanto minha irmã Ramona ainda dormia, eu saí, encostando a porta para ela parecer estar fechada, e desci a 19 de Março até a Rua dos Mártires, dobrei à direita e depois à esquerda na Rua da Separação até chegar no centro da cidade. E enfiei o meu novo poema por baixo da porta do *El Centinela*.

Quando saiu a tiragem seguinte, *Don* Eliseo chegou cedo com um jornal enrolado debaixo do braço e um buquê de gardêneas, as minhas favoritas.

— Consegui um dos primeiros exemplares — disse ele, mostrando o jornal. E então, entregando-me as flores, acrescentou: — Quero ser o primeiro a dizer isto, é o seu melhor poema até agora, Herminia! — Ele piscou o olho. E então completou: — Tem uma multidão vindo para cá.

— Ay, *Dios mio*, ay, *Dios mio* — gemeu Mamá. Mesmo depois que *Don* Eliseo explicou que se tratava de uma multidão de admiradores, ela não se convenceu de que estávamos seguras. Minha tia Ana tirou o jornal da mão dela e, quando terminou de ler, entregou-o solenemente para Ramona, que o leu e depois passou-o para mim.

Mas eu não precisava ler o que tinha escrito. Tinha trabalhado naquele poema durante meses. Finalmente, depois de avançar arduamente de palavra em palavra, de linha em linha, concluí com as duas palavras mais difíceis de todas.

“Salomé Ureña”, eu assinei.

DOIS

A chegada do inverno

Middlebury, Vermont, 1950

— NÃO POSSO ACREDITAR que você veio até Middlebury para ver mais neve! — diz Marion, brincando.

É o tipo de observação que Camila poderia ouvir uma dúzia de vezes em Poughkeepsie. Mas de certa forma fica decepcionada ao ouvi-la da boca da amiga. Ela quer mais de Marion. Uma frase melodiosa, uma observação interessante, o poema de sua mãe sobre o inverno:

Em outros lugares você é muito mais severo,
despindo os campos de sua veste gloriosa,
calando as águas murmurantes dos rios...

Ela mantém a cabeça baixa enquanto desce a rua com dificuldade ao lado da amiga. A neve sopra em redemoinhos por toda a parte, como se não fosse só neve, mas neve dando um ataque, neve zangada por ser usada demais em belas cenas de inverno em cartões-postais e poemas, neve provando que pode ser má e muito perigosa. Se tivesse sido esperta em vez de vaidosa, teria usado a touca vermelha que a vizinha de baixo tricou para ela pelo Dia dos Namorados. Mas está somente com uma echarpe de seda amarrada na cabeça e com suas luvas de couro. Seus dedos estão dormentes. Mas sempre achou bobagem fazer estoque de roupas de inverno. Todo ano será o seu último ano nos Estados Unidos.

— Este é um dos meses de fevereiro mais frios que já tivemos — continua Marion, soltando fumaça branca pela boca em sinal de protesto. — Pobre Camila, sete horas dentro de um ônibus. — Não é do feitio de Marion ser tão solícita. Ela fica desconfiada.

ELA SAIU DE POUGHKEEPSIE de manhã bem cedo — uma viagem de seis horas, mas no meio da viagem começou a nevar e o motorista teve que ir bem devagar; a janela ficou toda pontilhada de branco. Toda hora ela olhava para o relógio. Tinha bastante tempo. A sua aula estava marcada para as quatro horas da tarde. A apresentação em si iria acontecer de noite.

O discurso que preparou é o mesmo que fará inúmeras vezes durante o ano, que marca o centenário do nascimento de sua mãe. É acadêmico e sem graça, ela sabe disso. Outros estudiosos podem falar sobre a poesia e a pedagogia de Salomé, mas ela, Camila, a única filha, tem a obrigação de lançar uma luz diferente sobre a mãe.

Ela quer que seu discurso seja estimulante, uma inspiração para sentimentos nobres. (Será que ainda se pode falar assim no meio do século XX? A Rússia acabou de lançar uma bomba atômica. Em Washington, o senador McCarthy está promovendo uma limpeza parecida com aquelas da polícia secreta de Batista. Na sua própria República Dominicana, um pequeno exército de rebeldes invasores foi arrasado pelos assecclas de Trujillo, seu primo Gugú entre eles.) Este é o seu primeiro pronunciamento público como membro da sua famosa família. Ela ficou surpresa com a quantidade de convites que recebeu este ano para falar sobre a mãe. Afinal de contas, ela é a anônima, aquela que nunca fez nada notável. Mas — e isto a aborrece — ela está sendo chamada por razões sentimentais, a filha que perdeu a mãe, a órfã de vestido engomado recitando o poema da mãe “El ave y el nido”, enquanto velhas tias e amigos da família soluçavam.

Talvez devesse fazer precisamente isso, jogar fora aquele discurso sem graça de vinte páginas — uma retrospectiva da história de Hispaniola, Gallego e Quintana como influências prosódicas nos poemas patrióticos de sua mãe, o pseudônimo da sua mãe (a prática de pseudônimos, seu objetivo e suas consequências num estado *caudillo*), uma breve anedota sobre uma rival invejosa que roubou o pseudônimo de sua mãe inserida como se fosse o chocalho que se agita na frente de uma criança para evitar que ela comece a berrar na frente de uma visita que se quer impressionar. E, em substituição, vestir o vestido preto de sua mãe, pendurar no pescoço a medalha nacional e aparecer no palco como se fosse uma borboleta espetada num pedaço de pano brilhante e recitar seus velhos favoritos (“Ruínas”, “Sombras”, “Amor y anelo”, e, é claro,

“Mi Pedro”) para as plateias universitárias.

Pelo menos este discurso é o primeiro. Talvez melhore com a prática. Na semana seguinte ela o estará fazendo em Columbia e no fim do mês em Harvard, onde Pedro ainda é lembrado e reverenciado. Depois, ela concordou em ir a Wellesley para o Cinco de Mayo, embora, é claro, Salomé não tenha relação alguma com o dia da independência do México.

— Não tem importância. — Seu amigo Jorge Guillén, que está ensinando lá acalmou-a. — É um “feriado latino-americano”, então, mesmo que você venha e fale sobre Carmem Miranda, os reitores vão achar que o campus é internacional.

— Jorge sabe ser mau — disse Camila para Marion.

— Jorge tem uma queda por você — Marion vive dizendo. O poeta espanhol tinha ficado viúvo dois anos antes, e pelos comentários de Marion, você pensaria que existe um tórrido romance entre Camila e seu colega de curso de verão. Mas a única coisa que está acontecendo é que Guillén tem mandado seus novos poemas para Camila, que são, como Camila explicou para Marion, “todos sobre a perda de Germaine”.

No dia do aniversário de Salomé, 21 de outubro, Camila foi convidada para falar no instituto que sua mãe fundou na República Dominicana. No primeiro de uma série de eventos programados para a semana comemorativa do centenário da sua mãe. Camila vai julgar o Concurso de Poesia Salomé Ureña e lançar a primeira edição da poesia completa de sua mãe. O festival vai terminar com uma cerimônia diante do túmulo dela, e Max escreveu dizendo que *el Jefe* vai comparecer e lançar uma nova moeda de cinquenta centavos com o “belo rosto de mamãe nela”.

É o bastante para que Camila tenha vontade de bater nele, mesmo sendo o seu distinto irmão mais velho. Se Pedro ainda estivesse vivo, não permitiria que o nome da mãe dele fosse usado desse modo pelo ditador. Nem Pancho teria permitido — embora Max sempre conseguisse passar a conversa no pai. Quanto a Camila, ela nunca foi capaz de colocar um pouco de juízo na cabeça de Max, nem em qualquer outro homem da família, depois que eles cismavam de fazer alguma coisa. O melhor que ela tem a fazer é ficar longe deles. Mas ela não quer desapontar as seiscentas meninas do instituto, cujas representantes de classe enviaram cartas suplicantes. “Estimada *Señorita* Salomé Camila. Imploramos que nos honre com sua graciosa presença.” A tendência dominicana de

escrever num estilo cheio de floreios aumentou astronomicamente desde o advento da ditadura.

— AQUI ESTAMOS! — anuncia Marion. Talvez sua amiga ache que, com aquele tempo, Camila possa ter perdido a noção de onde está. Mas ela sempre teve uma ótima noção de direção, sempre se preocupou com estratégias de sobrevivência. Em criança, quando ouviu pela primeira vez a história de João e Maria, disse logo que migalhas de pão não eram uma boa ideia. — E se algum animal comer as migalhas, e aí?

— Você já leu esta história antes? — perguntou sua madrastra, fechando o livro de histórias. Ela estava de novo com aquele olhar estranho, uma espécie de olhar de múltipla escolha, em que a resposta correta *não* era (a) suspeita, (b) preocupação, (c) desejo de agradar, (d) desejo de mandar embora, mas sim o ecumênico (e) todas as anteriores — tão difícil de conviver.

Marion sobe a escada ruidosamente, as portas em cada andar estão decoradas de forma variada com guirlandas de flores, pequenas almofadas de papel com lápis amarrados em barbantes presos com tachinhas, uma flâmula azul e branca da faculdade (a outra professora de educação física) e um cartaz do curso de idiomas. É uma casa de professores muito maior do que a sua em Poughkeepsie.

— Nosso hospício — diz Marion brincando, um tanto alto, batendo com os pés para tirar o resto da neve das botas. Camila imagina se as vizinhas de Marion reclamam. Ela pensa nas suas próprias companheiras de casa, Vivian e Dot. — Às vezes nós nem sabemos que você está em casa — comentaram elas. Camila acha que isto foi dito como um elogio.

A porta de Marion não tem nada pendurado — embora Camila se lembre de uma sucessão de enfeites no passado: um retrato que saiu na *Life* de Martha Graham inclinada para um lado com a perna no ar como um leque se abrindo; a bandeira do estado de Dakota do Norte — muito bonita, azul-turquesa com dourado, uma bandeira mais apropriada para uma ditadura tropical do que para um estado sem graça do Meio-oeste, cheio de alemães e suecos; uma foto das duas amigas numa montanha-russa, Camila de olhos fechados, segurando o chapéu, e Marion, de olhos arregalados, a boca aberta num grito, o cabelo curto em pé como se acabasse de levar um

grande susto. Agora, nem mesmo o cartão com o nome de Marion está pendurado na porta. Lá dentro, a sala está cheia de caixotes. O apartamento está sendo desmontado, as paredes estão nuas, exceto pelo retrato a óleo de um homem de cabelos prateados e aparência próspera, presidindo a sala — um quadro obviamente apropriado para uma sala de reunião de diretoria, com sua placa de identificação de cobre, *John Reed, Gerente Regional, Companhia Norte-Americana de Seguros*. “Papai”, o pai de Marion, morto há quatro anos. Ele seria a última coisa a ser empacotada por Marion, é claro.

— O que está havendo?

— Eu estou partindo — anuncia Marion, e então, como se a expressão chocada no rosto de Camila fosse por causa da sua visita, ela acrescenta: — Não se preocupe, vou ouvir a sua palestra primeiro.

A CAMINHO DE MUNROE HALL, Marion explica — se é que a explicação cheia de risinhos que ela dá pode ser considerada explicação. A cada ano que passa, enquanto Camila vai se tornando cada vez mais respeitável — professora catedrática e chefe do seu departamento em Vassar, presidente da Divisão Nordeste da Associação de Línguas Modernas —, sua amiga Marion vai se tornando mais excêntrica. Seu guarda-roupa dá a impressão de que ela assaltou a oficina de fantasias da faculdade. Usa o cabelo cortado bem curto com uma franja e echarpes de cores brilhantes ao redor da cabeça, que flutuam teatralmente atrás dela. É como se Marion quisesse atenção, e em vez de mostrar responsabilidade, ela fica se mostrando — como uma adolescente — para conseguí-la.

— Eu estou me mudando para a Flórida.

— Mas por quê?

— Lesley — diz Marion, observando-a atentamente.

Camila sente uma pontada de ciúme. Evita o olhar de Marion, sem querer que ela adivinhe os seus sentimentos. Nos últimos vinte e cinco anos, ela tem, de uma forma ou de outra, mantido Marion a distância. Por que ficar triste por ela ter finalmente encontrado o que sempre quis, uma mulher para amar e para viver com ela?

— Quem é ela? — Camila pergunta.

— Lesley é ele — diz Marion com um sorriso malicioso.

Camila não pode deixar de pensar que Marion armou a sua

pequena armadilha, um amante com nome de mulher para irritá-la. Ela não pode ficar nervosa. Sua aula vai começar dentro de poucos minutos. Vai ter que encarar um grupo de estudantes e conversar com eles sobre a poesia da mãe dela. Depois, concordou em conhecer um talentoso estudante dominicano que está passando por um difícil período de adaptação.

— É um nome escocês antigo — diz Marion. — Você sabe, como Leslie Howard. — (Quem é Leslie Howard?, pensa Camila.) — O nome dele todo é Lesley Frederick Richards terceiro. Na verdade, ele é chamado de Fred, mas eu prefiro Lesley. — (É claro!) — Ele tem uma casa de veraneio no Lago Champlain e este ano ele ficou lá. Mas o inverno é demais para ele, então está voltando para a sua casa na Flórida e quer que eu vá me encontrar com ele.

— Então vocês vão se casar?

— Casar?! — diz Marion horrorizada. — Quem falou em casamento?

Camila fica irritada como se estivesse falando com uma de suas alunas pouco cooperativas, aquelas que ela encoraja a estudar francês ou alemão.

— Marion, quer falar direito! — A neve continua a cair sem parar. De repente, ela se sente como uma noiva que estivesse sob uma chuva de arroz. — E o seu emprego?

— Ah, Cam, deixa disso. Este lugar não leva a dança a sério. Eu tenho que colocar as garotas em quadros vivos como se fossem repolhos à venda! — Por um momento, a amargura de Marion parece ter abafado a sua gaiatice anterior. Mas ela se anima, Marion sempre se anima. — De todo modo, eles estão felizes por se livrar de mim, pode acreditar. Especialmente depois do recital do outono. — Camila soube do recital, bailarinas apresentando as diferentes idades da mulher, inclusive uma cena de contrações de parto.

Nós duas estamos velhas demais para isto, pensa Camila. Velhas demais para estarmos andando por aí, almas sem mãe, sem filha, sem pai.

— Ay, Marion, Marion.

— Não precisa ter pena de mim, Lesley tem bastante dinheiro. — Marion está exultante!

Ela sacode a cabeça e sai andando na frente. Não se pode falar com Marion quando ela se comporta assim.

— Bem, não precisa ficar tão zangada — diz Marion, alcançando-a. — Você também tem o seu caso com Guillén.

— Marion, por favor, não começa. — Camila percebe aquele tom de sabe-tudo em sua voz e se contém. — Eu estou tentando simplificar e não complicar o que resta da minha vida.

— Você tem tentado fazer isso desde que nasceu! — diz Marion. Meu Deus, pensa Camila, por que ela foi aceitar esse convite? Quando Graziano, chefe do Departamento de Espanhol, convidou-a para falar sobre sua mãe, ela aceitou principalmente porque seria uma chance de visitar Marion.

“Deixa disso, Cam”, diz Marion triunfante, enfiando o braço no de Camila. “Pense em como papai ficaria satisfeito. Lembra de como ele se preocupava, achando que eu não era chegada a rapazes?” Marion faz uma imitação perfeita do Sr. Reed que Camila lembra. “De qualquer maneira, por que você não felicita a sua velha amiga por sua nova aventura? Lembre-se de que eu e você estamos no apogeu de nossas vidas. Você não leu o artigo que saiu na *Life* sobre mulheres de cinquenta? Anime-se, querida, a diversão está só começando!”

No meio do campus, com estudantes vindo na direção delas, Marion faz um passo de dança e depois se joga sobre o ombro da amiga, rindo. Os estudantes sorriem, satisfeitos de verem uma professora sendo extravagante. Eles se encaminham para o Munroe Hall — sem dúvida são alunos da turma que Camila vai visitar. Um deles, um rapaz tenso, com a pele tão morena quanto a dela, contempla-a com uma expressão sombria, como se estivesse tentando formar uma opinião sobre ela.

ELA DEVIA ESTAR ACOSTUMADA com isto. Periodicamente, ao longo de toda a amizade delas, Marion larga tudo e faz alguma coisa inesperada. Anos antes ela largou a universidade e foi para Cuba atrás de Camila. Camila lembra de ter aberto a porta e visto sua amiga, bonita, com seus cabelos castanhos e uma mala em cada mão. “Olá!”, disse Marion numa voz que Camila percebeu que tentava soar corajosa. A palidez do rosto dela era maior do que a habitual, era a cor do mais completo terror. “Lembra de quando você me disse *mi casa, su casa?*”, tinha dito ela com a voz embargada.

Camila sentiu uma onda de emoção que lhe deu vontade de chorar de felicidade. Havia sentido uma saudade terrível de Marion, muito maior do que estava disposta a admitir. Ela tinha suposto, ao

partir para o sul, que nunca mais veria a sua amada amiga. E ali estava ela, Marion! Fiel e devotada como um amante de novela.

Marion anunciou que tinha ido ensinar dança moderna em Cuba. “Excelente! Nós estamos precisando de uma escola de dança moderna em Cuba”, tinha dito Pancho, sem um pinga de ironia na voz. Provavelmente, se Marion tivesse dito que tinha ido para lá para abrir uma escola de balizas, Pancho teria dito: “Que bom! Nós estamos precisando aprender a fazer evoluções com bastões em Cuba.” Pobre Pancho, sempre preso demais aos próprios problemas para prestar muita atenção na loucura alheia.

Mas Marion ficou logo impaciente com a família de Camila e com a sociedade cubana em geral. Alguém tinha que dizer àquelas mulheres que elas estavam vivendo no século XX! E esse alguém era Marion. Ela encurtava a bainha dos vestidos acima da canela e cortava o cabelo bem curto quando tinha vontade. Ela saía sem acompanhante e fumava e xingava como um marinheiro. (Maldição! Que droga! Enfia isso naquele lugar!) Ninguém pestanejava. Ninguém se espantava. Afinal de contas, a Srta. Marion era americana; ninguém esperava que ela fosse bem comportada.

Mas quanto à *Señorita* Camila...

Era um cabo de guerra constante para Camila, colocada no meio, entre a amiga e a família, tentando manter a paz numa casa em que ela parecia ser a única pessoa neutra. Havia duas tias postiças, a doida da Mon, três meios-irmãos completamente estourados, Regina (que só falava espanhol) e a cozinheira da Martinica (que só falava francês), e um bando de animais, que por insistência de Pancho recebiam todos os comandos em inglês — e então, como se pudesse equilibrar todos eles com sua presença formidável, incomparável, havia Marion, ou melhor, *la Miss* Marion. Camila podia estar apaixonada, mas o que ela se lembra é de estar num estado de exaustão constante. Não é de espantar que tenha perdido a voz, e que sua professora, *Doña* Gertrudis, tenha dito que ela teria que desistir do sonho de se tornar uma cantora de ópera.

Quando Camila e seu pai partiram para passar um mês em Washington, Marion resolveu acompanhá-los até Nova York e de lá ir visitar a família dela em Dakota do Norte. Camila torceu para que, chegando lá, Marion decidisse não voltar. Ela tinha os seus próprios planos. Já estava com quase trinta anos. Ainda tinha uma chance de ser feliz se fizesse finalmente a escolha certa.

Mas no fim do verão, Marion estava de volta na porta da casa de

Camila. “Eu nunca vou desistir!”, tinha jurado Marion, mesmo da última vez, quando entrou no trem que a levaria para Havana, e, de lá, de navio para Key West e para um emprego de professora de dança na América do Norte. Ao longo dos anos, as duas amigas sempre estiveram próximas, sempre procuraram uma à outra, especialmente quando suas vidas pareciam estar desmoronando.

Recentemente, quando ambas já estavam cruzando a casa dos cinquenta, Marion insinuou que as duas amigas podiam “terminar ficando juntas”. Especialmente agora que os pais de ambas já tinham morrido e que elas não precisavam preocupar-se mais em dar explicações. Mas eles não estão mortos para mim, pensa Camila. Não há dúvida de que é a sua ambivalência que está afastando Marion de novo. Mas, na verdade, a falta de cartas e telefonemas de Marion nos últimos tempos tinha sido muito mais deprimente do que Camila teria imaginado.

Especialmente com essa história do centenário, trazendo de volta, como ela sabia que iria acontecer, aquela sensação de vazio da perda original. E ainda por cima as novas perdas! Pedro, o querido Pedro se foi. E por cima desta tristeza, uma outra: seu primo Gugú fuzilado numa praia no último verão.

Inverno atrás de inverno. *Despindo a terra do seu glorioso...*

Camila não hesita em improvisar sobre um dos poemas de sua mãe.

— *BUENAS TARDES* — ela sorri para a sala cheia de rostos jovens e desconhecidos. (*Seus rostos virgens do que ainda não sabem...*) Em homenagem à estação, ela faz uma leitura do poema de sua mãe “A chegada do inverno”.

— Excelente! — O diretor Graziano a cumprimenta depois da aula. Alto e efusivo, com os ombros largos de um jogador de futebol, ele parece deslocado no meio da sala de aula. Ao lado dele está um rapaz, magro e sorumbático, com um toque de canela na pele. Sem dúvida é o estudante dominicano que está tendo algum tipo de problema, ela não consegue lembrar bem qual. Ele segura nos braços, possessivamente, um pequeno embrulho. Os poemas de sua mãe, ela pensa. Ele quer que ela assine seu exemplar.

O diretor o apresenta como Manuelito Calderón, um nome que lhe soa vagamente familiar.

— Por que vocês dois não conversam aqui mesmo? — O diretor

arruma duas carteiras, uma de frente para a outra, depois faz um sinal para Marion. — Estaremos de volta em vinte minutos.

Ele ergue ligeiramente a sobrancelha como que para perguntar: ou prefere mais cedo? Camila compreende: a professora visitante deve ser protegida contra o estudante ou o colega muito ansioso.

— Vinte minutos está ótimo — diz ela, sorrindo para o estudante. — Você não acha, Manuelito?

— Como quiser — diz ele baixo em espanhol. Dentro do paletó de inverno grande demais, que ele não tirou, parece pouco à vontade. Camila imagina se é assim que suas alunas e suas colegas em Vassar a veem. Talvez seja por isso que suas vizinhas estão sempre tentando vesti-la com roupas quentes e aclimatá-la a um lugar ao qual sabem que ela não é chegada, como diria papai Reed.

— A SENHORA NÃO ESTÁ RECONHECENDO O meu nome? — pergunta o rapaz assim que o diretor e Marion saem da sala. Ele está examinando o rosto, buscando algum lampejo de reconhecimento que parece achar que merece. *Dificuldade de adaptação*, Camila se lembra da frase do diretor. Ela imagina que sim com esses modos grosseiros.

Afinal, ele esclarece que é filho de Manuel Calderón, que foi morto no verão passado na invasão Luperón. Ele sabe sobre Gugú. Antes que possa expressar sua simpatia, Manuelito continua, testando-a.

— Soube que o seu irmão trabalha para o governo. — Max trabalha com relações exteriores — diz ela, tentando minimizar a participação do irmão. De fato, Trujillo ofereceu postos para a família toda, o nome Henríquez Ureña daria prestígio ao seu governo. Até Pedro trabalhara brevemente como secretário de educação, mas se demitira antes de completar um ano. Mas Max tinha ficado.

— Então a senhora pode voltar quando quiser? — pergunta Manuelito. O olhar dele é feroz, mas seus olhos, ela percebe, são olhos de menino, cheios de lágrimas.

Ela suspira e olha para as próprias mãos. Estas envelheceram, estão manchadas e ásperas. Ultimamente, seu corpo está cheio desse tipo de surpresas. Ela olha para o espelho, e uma mulher envelhecida olha de volta para ela. Enquanto isso, uma menina aguarda nas asas do seu coração por todas as coisas importantes que

prometeram a ela e que ainda não aconteceram: um grande amor, um lar organizado, um país livre.

— Eu não voltei lá depois do massacre — explica. A matança dos haitianos a tinha perturbado profundamente. Quanto foi mesmo que Trujillo finalmente pagou pelos vinte mil mortos, vinte pesos por cabeça?

— Mas a senhora disse na aula que vai voltar em outubro para o centenário da sua mãe.

Ela hesita. Ela tinha dito isto. (“Vai haver uma procissão de seiscentos estudantes usando faixas pretas no braço. Vamos fazer uma parada para colocar uma gardênia, a flor favorita da minha mãe, em frente da casa onde ela nasceu. O perfume vai ser sentido a quilômetros de distância.”) Era como se ela estivesse criando aquele dia futuro, um toque disto, um toque daquilo, preenchendo os vazios deixados pela mãe.

O rapaz deposita o embrulho que estava segurando na carteira onde ela está sentada. A madeira está toda marcada, cheia de iniciais ligadas a sinais de mais, declarações de amor e acusações a professores: *Peguero é um chato*, depois uma citação atribuída a Martí, mas que soa um bocado bíblica: *Quem se dá aos outros, vive no meio de pombos*.

— O que é isto? — pergunta ela, indicando o embrulho.

— O trabalho que eu fiz para o concurso — diz ele. Ele está olhando para ela com um olhar que ela costumava chamar de olhar de termômetro quando o via no rosto da sua madrastra, os olhos penetrantes, medindo suas reações. — Eu sou dominicano. Posso participar?

— É claro que sim. Mas deve submetê-lo diretamente ao instituto. Por que não o manda pelo correio?

— Ele não passaria pelos censores.

Ela põe as mãos no colo como se quisesse escondê-las dele.

— Manuelito, há uma boa chance de que eu não vá para lá. Eu ainda não decidi. Mas lembre-se, se eu for, a minha bagagem também será revistada.

— Compreendo — diz ele, sacudindo a cabeça como que confirmando a suspeita que tinha sobre ela. — Você vem para cá, progride, esquece do seu país. — Ele está falando para alguém que criou na cabeça dele.

Ela poderia defender-se. Poderia dizer que veio para cá da mesma forma que ele, porque não tinha outro lugar para ir. *A pátria*

ainda acorrentada... As lágrimas que derramei por ela nunca secaram... Ou poderia tentar acalmá-lo concordando em fazer o que ele quisesse. Pancho sempre costumava dizer que a melhor maneira de lidar com um louco era não contrariá-lo. Mas este rapaz não é louco. Ele é a voz do seu próprio coração caso ela estivesse preparada para obedecer-lhe.

Em vez disso, ela se levanta, cansada. Uma longa noite a aguarda: a palestra sobre a qual ela não está se sentindo segura, uma recepção com colegas que ela não vê desde o último verão, uma conversa com Marion. Ela recolhe a echarpe, as luvas de couro, a pasta com suas iniciais gravadas em letras de ouro (S.C.H.U.), sentindo-se subitamente envergonhada por possuir coisas tão bonitas.

— Se eu puder ser-lhe útil de alguma outra forma, diga-me. — As palavras soaram vazias. O que ela poderia oferecer a ele? Uma recomendação para a faculdade? Uma carta de apresentação para um colega? Ele deseja mais dela. *Quem se dá aos outros vive no meio de pombos.* É a mesma velha história para onde quer que ela se vire.

Ele não diz nada, observando-a com os olhos apertados. Quando ela está saindo, ele grita atrás dela: “Vida longa para Salomé Ureña!”

MARION ESTÁ FORA DE SI. Elas estão sentadas na cozinha da casa dela, tomando chocolate quente antes de começarem a se vestir para o compromisso da noite.

— Que audácia! Você devia contar para o Graziano. Quem ele pensa que é? — É um grande consolo ser alvo de uma lealdade tão cega. A gente pode deixar os amigos encarregados da nossa defesa e tentar entender o ponto de vista do inimigo.

— Lembre-se, ele está desesperado. Perdeu o pai. Perdeu o seu país.

— E você perdeu sua mãe; perdeu o seu país. Mas está descontando em cima de alguém? — diz Marion.

Só em cima de mim, pensa ela.

— Bem, se eu o vir hoje à noite, vou dar um soco na cara dele — declara Marion. Então, tendo extravasado a sua raiva, ela permite que a curiosidade fale mais alto. — E como são os poemas dele?

— Bem parecidos com os de Mamá — admite Camila. De repente, ela está se sentindo ansiosa. Marion, principalmente, não

vai gostar da frieza do seu discurso. — A minha cautela falou mais alto.

— Bem, os poemas de sua mãe eram mesmo subversivos — diz Marion. Querida Marion, sempre disposta a defendê-la.

Já estava na hora de elas se arrumarem. Mas nenhuma das duas quer interromper aquele momento de intimidade. Muito em breve a vida as levará para bem longe uma da outra. Elas ficam ali sentadas na cozinha aconchegante, tomando uma bebida quente, contando as novidades dos últimos meses. De vez em quando, uma delas vai até a janela para verificar o progresso da neve, que ainda está caindo em profusão.

— Você acha mesmo que existem cem palavras para isso? — pergunta Marion. Então, com aquele seu jeito habitual de passar repentinamente de um assunto para outro, ela segura as duas mãos de Camila. — Eu sei que você não estava esperando por essa notícia. Desculpe...

— Eu só quero saber se você está feliz. — Camila a interrompe. Ela sabe que se deixar a amiga perceber a tristeza que está sentindo, Marion vai começar a se sentir hesitante. É melhor que uma delas finalmente faça as pazes com o futuro que escolheu.

— Eu apenas não quero envelhecer sozinha. Eu não tenho o mesmo expediente que você, Camila.

Expediente? Ela duvida disso.

— Ora, Marion, eu pensei que estivéssemos no apogeu de nossas vidas. Esta tarde você não me aconselhou a jogar tudo para o alto e me divertir?

Sua amiga de repente pareceu velha, deprimente com seu cabelo pintado de um preto muito brilhante, a pele em volta dos olhos empapuçada por falta de sono.

— Talvez você esteja se divertindo — diz ela acusadoramente. Ela parece estar prestes a chorar.

— Talvez — diz Camila vagamente. Em sua última carta, Guillén confessou que se sentia solitário. “Quem sabe podemos jantar juntos quando você vier em maio?” Ela tinha sentido uma sensação estranha ao ler aquelas palavras, uma súbita repulsa, como quando Domingo tocava nela. Pobre Domingo. Ela escreveu para ele, pedindo-lhe perdão, mas ele nunca respondeu.

— Mas você o ama, Marion?

Uma expressão de tristeza invade o rosto da amiga.

— Isto é uma aliança, Camila, uma aliança, não um romance.

Você sempre diz que a vida não é ou preto ou branco.

Ela diz mesmo isso? Seus pronunciamentos na boca de outras pessoas parecem sempre tão complacentes.

— Eu só estou perguntando porque você sempre...

— Preferiu mulheres? — Marion termina a frase que Camila não consegue dizer. Não é por escrúpulo, como Marion pensa. Ela detesta rótulos que limitam a pessoa a um único tipo de escolha.

— Quem foi que disse que isso mudou? — pergunta Marion desafiadoramente. Ela estende as mãos por cima da mesa e segura as duas mãos de Camila. — Você sabe que basta você...

— Marion, por favor — diz ela depressa, antes que o pensamento se transforme em esperança.

— Mas nós podíamos tentar. — Marion começa a chorar.

— Não, não podíamos. — Ela tenta acalmá-la. O que pode dizer? Que sabe que a vida que está esperando por ela não é a que pode viver junto com Marion. Que Marion já desempenhou o melhor papel, o papel glorioso do primeiro amor para sempre guardado em sua lembrança. Mas Marion sobreviveu ao papel e se tornou uma amiga querida, mandona e ligeiramente cansativa. Uma mulher que não tem mais o comando da imaginação de Camila, mas que quer mandar em todo o resto. — Você vai ficar bem, Marion — ela tenta consolá-la. — Ele parece ser um ótimo companheiro.

— Cammie, Cammie — diz Marion soluçando —, por que eu tenho a sensação de estar abandonando você? O que vai ser de você?

Querida Marion, querendo saber o final da história antes de ela terminar!

— Eu tenho um bom emprego, vou receber uma boa aposentadoria. Tenho dezenas de sobrinhas e sobrinhos. — Pensa em Gugú. Que ele descanse em paz, pensa ela, E.P.D., *En Paz Descanse*. No meu país, você tem que fazer um pedido especial ao lapidário se não quiser que estas letras sejam gravadas no túmulo que encomendou. Do mesmo modo que tem que pedir à parteira que não fure a orelha do bebê se for menina. (Até mesmo a sua mãe, tão discreta e simples, está usando no seu único retrato duas argolas grandes, gênero Chiquita Banana.)

Mais adiante, na sala, Camila pode ver o quadro com a imagem do Sr. Reed. Marion finalmente o retirou da parede e ele está encostado no sofá, olhando para Camila do outro lado do corredor. De vez em quando, papai puxava Camila no canto para falar sobre a

sua Marion, como se ela fosse uma de suas tabelas atuariais cujas previsões não estivessem trazendo lucros para a companhia. Ele tinha encorajado a amizade delas, acreditando que uma jovem tão elegante, a filha de um presidente, iria ser uma boa influência para a filha dele. Todo verão, enquanto estava na universidade, ela se hospedava na casa da família Reed. Ela se lembra do primeiro verão, quando umas pessoas do local deixaram uma cruz pegando fogo no gramado. O Sr. Reed tinha saído de casa com uma espingarda na mão e atirado para o alto para dispersar os carros parados na entrada da sua casa. Desse dia em diante, ninguém mais incomodou Camila nos verões que passou em LaMoure, Dakota do Norte.

Nossa Marion, pensa ela, contemplando carinhosamente o quadro.

— Prometa-me uma coisa — diz Marion. — Prometa-me que nada irá mudar entre nós.

Para evitar ser obrigada a mentir de novo, ela se inclina por cima da mesa e beija a amiga castamente nos lábios, um beijo maternal. Quando diz “Eu prometo”, não tem muita certeza da promessa que está fazendo.

O QUE SERÁ DELA? Enquanto se veste para o compromisso da noite, a pergunta de Marion fica martelando em sua cabeça como um cuco que se recusa a ficar recolhido em sua casinha mesmo depois que o pêndulo do relógio suíço onde ele mora parou de bater. Onde foi que ela ouviu uma anedota sobre alguém que arrancou o pêndulo de um relógio achando que ele era desnecessário?

O que será dela?

Ela já viveu o suficiente para saber que, ao contrário da sua querida amiga, grandes aventuras nunca funcionaram com ela. Amanhã voltará para Poughkeepsie. A neve terá amainado, os arbustos em frente à casa estarão cheios de toucas brancas, como se Dot tivesse passado aqueles dias todos tricotando. Ela dará suas aulas, explicando o mais-que-perfeito pela enésima vez, mandando ler seus poemas favoritos (*Juventude, tesouro divino, você está partindo, para nunca mais voltar*), e talvez ela consiga modificar ligeiramente uma opinião aqui, outra ali, e também se deixar modificar por elas: seu salto conquistado passo a passo. O que pode

haver de errado nisso?

EM NOME DO PAI, e do Filho e de minha mãe. Ela repete o velho encantamento, respirando fundo para se acalmar, enquanto se senta na coxia do McCullough Auditorium de Middlebury, esperando que o diretor termine a sua rebuscada apresentação. Ele está construindo uma personagem que ela não conhece, uma eminente hispanicista, uma mulher com dois doutorados, uma ilustre professora de Vassar. Ela ouve o aplauso educado que indica que está na hora de subir no palco. Na fileira da frente, Marion está sentada com sua túnica cor de terra que não a favorece nem um pouco. Aliás, ela está parecida com sua velha tia Mon com seus metros e metros de tecido sem forma. Mas a escolha de uma túnica não é totalmente equivocada. Ela confere realmente a Marion a autoridade de um vidente numa peça grega. Se ela comesse a aplaudir de pé, todos atrás dela fariam o mesmo.

O rapaz está sentado atrás dela. Ele parece subjugado, como se tivesse mesmo levado um soco de Marion. Mas deve ter se arrependido do seu rompante. Senão não estaria lá.

As luzes são diminuídas. O diretor acende a luz do pódio para que ela possa ler e sai do palco. Ela olha para o discurso que preparou. É uma mera constatação de fatos e obviedades, incapaz de empolgar alguém. Ela não pode fazer isso com a sua mãe. Não pode fazer isso com Marion e com o rapaz. Não pode fazer isso consigo mesma! Ela fecha a pasta.

— Eu aceitei este convite erradamente — ela começa com a voz trêmula de tensão. — Eu não posso celebrar a obra de minha mãe quando o país dela é um campo de batalha. — Ela menciona os recentes desaparecimentos, os assassinatos, o massacre dos haitianos, coisas que ela nunca mencionou antes em público. Durante toda a vida, ela teve que pensar primeiro no efeito de suas palavras sobre os importantes papéis que seu pai, seus irmãos, tios e primos estavam desempenhando no mundo. Suas próprias opiniões ficavam reservadas para textos escritos, mesas-redondas sobre as contribuições das mulheres para as colônias, comitês de elaboração de currículos implementando uma teoria atrás da outra de aprendizagem de idiomas.

“Mas se eu permanecer calada, vou perder a minha mãe para sempre, pois só a conheço realmente através das coisas que ela

representou.”

Não deixarem morrer seus sonhos
Foi a única homenagem que ela sonhou receber.

Ela termina citando sua mãe de improviso, depois procura a saída do palco. Nos bastidores, uma jovem encarregada da iluminação faz um sinal e o auditório explode em luzes e aplausos. Na primeira fila, ela ouve o rapaz gritando “Salomé! Salomé!” E ao lado dele, Marion está, como sempre, batendo palmas em pé e gritando “Camila!”

TRES

La fe en el porvenir

São Domingos, 1874-1877

DE REPENTE, ESTAVA TODO MUNDO olhando para mim.

Estudei o meu rosto no espelho: os mesmos olhos, boca, orelhas grandes (ah, como eu as odiava!), o nariz que eu queria que fosse mais fino, o cabelo rebelde que eu não conseguia amansar — em suma, eu era a mesma Salomé Ureña, mas agora todo mundo parecia apontar para mim, fazer uma reverência e dizer: “*Buenos días, poetisa.*”

É COMO SE eu estivesse usando um disfarce, um rosto famoso, por trás do qual eu observasse pessoas que há poucos meses não teriam me dado bom-dia na rua e que agora sorriem para mim com deferência e perguntam: “O que a senhora acha do tempo, *Señorita Poetisa?*”

— Quente — respondia eu do meu jeito brusco. Mas aí, como via que elas estavam esperando que eu dissesse mais alguma coisa, eu acrescentava: — O que é de se esperar no verão.

— Salomé acha que o verão vai ser quente — eu ouvia depois o meu comentário sendo mal interpretado.

— Você percebeu o magnífico tom de ironia quando ela disse “O que é de se esperar no verão”?

É assim que as beldades devem se sentir, pensava comigo mesma.

À NOITE, QUANDO ME deitava na cama, ansiava pelo tipo de amor que tinha lido nos poemas dos outros. Eu tinha vinte e quatro anos de idade, e só uma vez um rapaz tinha apertado a minha mão e murmurado versos no meu ouvido.

— E eu nem isso — dizia Ramona mal-humorada quando eu me

queixava com ela. — E você certamente eliminou todas as chances de que isto acontecesse comigo. — Minha irmã mais velha estava ficando cada vez mais parecida com a ranzinza da tia Ana.

Miguel e Alejandro, nossos antigos professores particulares, estavam de volta com suas belas noivas porto-riquenhas.

— Eles saem exilados e voltam noivos — reclamou Ramona. Ela tinha razão. Patriotas rudes e viris, dos quais nos lembrávamos usando camisas rasgadas e manchadas de sangue, com armas penduradas no ombro, o cabelo emplastrado de sangue, voltavam usando casacas e gravatas de seda com complicados nós franceses e cortes de cabelo que deixavam suas orelhas salientes e seus rostos mais gentis e redondos.

— O dia de vocês chegará, meninas, se tiver que chegar — dizia Mamá de vez em quando. — Enquanto isso, vocês têm sorte de terem uma à outra.

Mas se era para eu ficar ao lado da minha irmã pelo resto da vida, queria pelo menos uma pequena incursão no amor. Longa o suficiente para sentir os braços de um homem ao redor da minha cintura, ver o rosto dele despir-se da veneração e o meu da fama, viver aquele momento sublime de que falam os poemas quando a palavra se transforma em carne.

Era pedir demais?

TODA NOITE, APARENTEMENTE, a casa se enchia de visitas.

Tinha o nosso visitante de sempre, *Don* Eliseo Grullón, e Papá com seu coração cheio de orgulho e seu rosto vermelho de rum, e o poeta José Joaquín Pérez, que tinha acabado de voltar do exílio, e o padre Billini, que tinha fundado um colégio para meninos, além de um hospício (“Tem certas manhãs que eu estou em um e penso que estou no outro”, ele costumava dizer brincando), e o arcebispo Meriño, que também tinha voltado do exílio, um homem imponente, de ombros largos, com uma voz de trovão e uma cabeleira branca. “Pensei que você fosse mais velha”, disse ele quando me conheceu.

Acho que os desapontei. De fato, o que provavelmente o arcebispo Meriño quis dizer foi que ele pensava que eu fosse mais *atirada*. Mas ao ver a admiração nos olhos deles, ao perceber a expectativa em suas vozes, as homenagens que me faziam, mais eu me encolhia.

Então eu ficava sentada ali enquanto o Arcebispo Meriño discorria sobre o evangelho do domingo ou sobre os bons vinhos de Extremadura ou sobre as belas mulheres de St. Thomas, ou enquanto José Joaquín falava sobre a nova tendência da literatura nativa, ou enquanto Papá respondia perguntas sobre a poesia dele dizendo que de agora em diante estava deixando para mim o clarim e só ia tocar a flauta, e se eu tivesse algo a dizer e se houvesse silêncio suficiente, eu me manifestava. Mas não o suficiente para impressionar alguém.

E então espalhou-se o boato, segundo soube por Ramona, de que Salomé Ureña era uma mulher que quase não falava.

Enquanto isso, a pobre Mamá ficava assoberbada, tentando conversar com as pessoas e ao mesmo tempo providenciar para que fossem servidas. Ela agora achava que a casa era escura demais, que o telhado de zinco estava mofado, que as cadeiras de balanço rangiam muito, que o quadro do pai dela nos portões da cidade aceitando a rendição dos invasores haitianos estava pendurado no lugar errado.

“O que posso oferecer-lhes?”, perguntava Mamá às visitas. Nós tínhamos tão pouco dinheiro como sempre, mas agora recebíamos visitas importantes. É claro que a educação mandava que as nossas visitas, percebendo o estado das nossas cadeiras de balanço, as paredes mofadas por falta de pintura, o quadro dos libertadores numa moldura de pinho barato, dissessem: “Não se incomode, *Doña* Gregoria. Uma conversa agradável já é o bastante.”

Mas em vez disso eles pediam um *sherry* ou uma dose de rum, ou o que quer que houvesse em casa para beber, e eu via a pobre Mamá toda aflita, correndo para os fundos da casa, e logo depois Ramona saía pela porta lateral e atravessava a rua para comprar na bodega algumas doses de bebida que não tínhamos dinheiro para estocar na nossa dispensa.

— Esses padres e embaixadores e esse seu marido não percebem que rum custa dinheiro? — reclamava tia Ana depois que todos saíam. Ela estava quase colocando uma cestinha ao lado da porta com um mexicano ou dois dentro e um cartaz dizendo AGRADECIMENTOS, mas a minha mãe disse que morreria se Ana fizesse uma coisa dessas, como se fôssemos uma igreja com uma caixa de esmolas. Acho que o nosso vizinho da bodega deve ter ouvido aquela discussão frequente entre as irmãs, porque quando Ramona foi lá de novo para comprar um copo de *sherry* espanhol

que o arcebispo Meriño disse que estava desejando tomar desde seus tempos de Sevilha, o nosso vizinho deu a ela uma garrafa inteira, dizendo: “Como prova de gratidão para a musa do nosso país.”

HAVIA UMA NOVA ENERGIA e uma nova esperança em *la patria*. Todo mundo estava escrevendo poemas e ensaios, oferecendo ajuda a González, nosso jovem e bonito presidente, com sua barba e bigode elegantes e seu nariz aquilino e seu colete verde em homenagem ao seu partido. O Partido Verde, fundado por ele, tinha como objetivo unir todos os partidos sob a cor da fartura e da ressurreição. Finalmente, nós estávamos nos tornando uma nação de cidadãos a serviço uns dos outros.

Ele até assinou um tratado de paz e amizade com o Haiti em vez de usar a ameaça de invasão feita pelo nosso vizinho como um bicho-papão para nos amedrontar.

“Como diz Salomé”, eu soube que o nosso presidente disse “deixem a cegueira para o passado. Olhem para a frente!” Uma ou duas vezes, o presidente veio pessoalmente para se inspirar na musa de *la patria*. “Não arrefeça o seu ânimo, Salomé”, disse-me ele. “A luta continua!”

Obedeci. Aquele ano, 1874, foi provavelmente um dos meus melhores anos. Eu escrevi sete poemas que considerei dignos de serem publicados. E escrevi inúmeros outros que usamos para acender o fogão ou para escorar a mesa, para esta não ceder sob o peso do arcebispo Meriño.

Todo mundo tinha curiosidade em saber como eu escrevia e de onde vinham as minhas ideias. Havia rumores de que eu escutava vozes ou de que o anjo Gabriel aparecia para mim em sonhos. Outros diziam que era o meu pai que escrevia os poemas para mim.

— Vamos dizer a todo mundo que é mesmo o anjo Gabriel que aparece à noite para você — sugeriu Ramona. — Eu vou dizer que também o vejo, mas que é só a sua mão que ele aperta. — Era maravilhoso quando em vez de usar suas observações como armas para ferir a mim ou a si mesma, Ramona usava-as para nos fazer rir.

Uma vez, Ramona ficou séria.

— Como é que você *faz* isso, Herminia?

— Deixa disso, Marfí. Você também escreve. Eu faço o mesmo que você.

Mas a verdade era que Ramona não estava mais escrevendo. Um dia, logo depois do Dia das Mães, quando havíamos ambas escrito poemas para Mamá e tia Ana, a nossa segunda mãe, como ela fazia questão que a chamássemos, Ramona virou-se para mim e disse:

— Este foi o meu último poema. Passo o meu clarim para você, como Papá diria. De agora em diante, o poeta é você.

“Mesmo assim”, insistiu Ramona, “eu quero saber como você faz isso.”

Então expliquei a ela que de vez em quando surgiam versos na minha cabeça, e eu ficava revendo-os sem parar, de tal forma que se Mamá ou tia Ana ou ela, Ramona, me chamasse, às vezes eu não ouvia. Passava dias remoendo aqueles versos na minha cabeça, o dia inteiro, e então, uma noite, depois de termos varrido a sala e colocado as cadeiras no lugar e lavado os copos e as xícaras, e de todo mundo ter ido dormir, eu me levantava e escrevia o poema inteiro e, quando terminava, sonhava que ele viria, o grande amor que preencheria o espaço vazio deixado dentro de mim por aquela criação que tinha nascido do amor.

Ramona tinha começado a chorar.

— O que foi que aconteceu? — perguntei, sentindo-me culpada por ter-me empolgado com a minha descrição.

— É assim que eu me sinto também, mas não consigo escrever nada que faça as pessoas me amarem.

— Elas não me amam, Ramona. Elas amam *la poetisa*, se é que se pode chamar isso de amor.

Ramona fitou-me por um instante, depois sacudiu a cabeça.

— Pelo menos é alguma coisa, Salomé. Pelo menos não é você que é ignorada enquanto as pessoas vêm sentar ao lado da sua irmã e perguntar o que ela pensa do calor que estamos passando.

— Acho que sim — concordei, apertando a mão dela, pois percebi que ela não compreendia o quanto eu me sentia solitária no meio de toda aquela atenção. O quanto também ansiava por um amor que fosse além dos poemas, que penetrasse no silêncio selvagem do meu coração.

UMA TARDE, JOSÉ CASTELLANOS apareceu. Ele estava organizando a primeira antologia de poetas dominicanos, e queria incluir alguns poemas meus. Trouxe consigo o seu amigo Federico Henríquez y Carvajal, filho de uma das famílias sefarditas que se

havia estabelecido na capital quando ainda estávamos dominados pelos haitianos.

Federico tinha um favor a pedir. Será que eu concordaria em ler o seu novo romance, *A judia*, e dar a minha opinião sobre ele?

— Eu gostaria muito de fazer isso — disse eu, e era verdade. Estava sempre procurando alguma coisa para ler. Nós não éramos um país rico em livros; as poucas coleções deste ou daquele autor circulavam entre um grupo de leitores conhecidos entre si. Eliseo Grullón tinha a obra de Victor Hugo; Meriño tinha uma coleção de Shakespeare e *La historia de la literatura española*; Billini tinha me emprestado Quintana e Gallego; e várias pessoas tinham Lamartine; mas só José Joaquín Pérez tinha Espronceda e Sor Juana de la Cruz.

Federico estava apalpando o casaco como se o manuscrito tivesse sumido lá dentro.

— ¡Ay, Dios mio! Pancho levou a bolsa. *Un momentico* — disse ele, caminhando rapidamente até a porta. Na rua, eu vi um garoto que não tinha mais de quinze anos, mal tinha começado a usar calças compridas, com uma bolsa pendurada no ombro. Ao ouvir o assobio do irmão, ele se virou e acenou. Ele tinha um rosto doce, jovem (e um daqueles versos soltos pipocou na minha mente: *seu rosto jovem, virgem daquilo que não sabe*); os olhos dele eram escuros e intensos; seu cabelo preto grosso como o de um cacique índio. Ele não me viu, porque tinha me escondido atrás da porta.

Federico voltou com o pacote na mão.

— Esse meu irmão é totalmente distraído. — Federico sacudiu a cabeça, tolerantemente. — Foi visitar a namorada. Ele está sempre apaixonado.

A verdade é que aquele garoto parecia jovem demais para ter uma *novia*. Mas os meninos podiam começar a buscar o amor desde cedo e continuar a fazê-lo até a velhice — eu me lembrei de *Don Eloy* e seu segredo —, e eram aplaudidos por sua virilidade. Enquanto nós, meninas, tínhamos que conduzir a nossa busca frenética, sem dar a perceber que o estávamos fazendo, naquele espaço estreito entre suficientemente crescida e solteirona.

— Esse Pancho vai arrasar corações — observou José.

— Vai mesmo — concordou Federico.

— O que posso oferecer a vocês, meus jovens? — Minha mãe tinha entrado na sala.

José fez uma cara de quem estava refletindo sobre que tipo de alimento iria preencher a fome que trazia dentro dele. Mas Federico

adiantou-se:

— Nada, *Doña* Gregoria. Esta conversa já é o bastante.

Aquela tarde eu não tive dificuldade nenhuma em me expressar.

JÁ ERA DE NOITE quando os dois homens se levantaram para ir embora. Tia Ana já tinha entrado diversas vezes na sala para ver se as visitas tinham saído. A sala da frente tinha sido sempre seu território particular, uma vez que ela a usava para dar aula. Agora, todas as noites, ela se transformava no salão de Salomé, como dizia Ramona, e nunca estava arrumada para voltar a ser sala de aula no dia seguinte.

Quando estava finalmente indo embora, Federico disse:

— Não sei de onde vem esta história de que Salomé Ureña é uma mulher que não fala. Não me lembro de ter passado uma noite mais interessante do que esta. — Ele se inclinou galantemente. Pude sentir o perfume do óleo que usava no cabelo quando a cabeça dele mergulhou na minha frente.

Senti o rosto queimando e desviei os olhos. Será que eu tinha falado demais? Ou será que ele estava dando a entender que sentia uma atração por mim e pela minha conversa? Eu olhei para ele. Mas o olhar que vi em seu rosto era de admiração. Ele estava vendo a famosa poetisa que tinha concordado em ler *A judia* e que ele esperava que fosse escrever um poema no jornal elogiando o livro. Ele não estava enxergando a mim, Salomé, com meu nariz engraçado e orelhas grandes e olhar faminto e um toque da África nos meus cabelos e na minha pele.

MAS QUEM SABE eu tinha feito um julgamento apressado demais do olhar de Federico? Alguns dias depois, enfiaram por debaixo da porta um poema, “Guirlanda”, dedicado “à minha distinta amiga, a inspirada poetisa *Señorita* Salomé Ureña”. Estava assinado “Federico Henríquez y Carvajal”.

Corri até a janela da frente, abri-a só um pouquinho, esperando avistar a figura alta e magra de Federico, mas quem vi foi o seu mensageiro, o irmão mais moço, balançando os braços e assobiando uma popular zarzuela enquanto se afastava.

Ramona chegou na janela.

— Lá vai o jovem galante — zombou ela, imitando o andar gingado dele. Nós rimos e o rapaz se virou no momento em que

fechávamos depressa a janela.

Ramona viu o envelope na minha mão e arrancou-o.

— Me devolve isso — disse eu, mas ainda estava rindo do rapazinho convencido, e então Ramona não levou a sério a minha ordem.

Ela leu a primeira estrofe com uma voz bem afetada. Federico estava tecendo para mim uma guirlanda de flores da amizade, colhidas no seu coração. Ou era o que dizia. Eu me aproximei de Ramona e continuei a ler quando ela parou. Ao terminar, olhei para a minha irmã para ver sua reação.

Ela estava fazendo uma careta, como se tivesse acabado de provar alguma coisa amarga.

— Normalmente, no fim eles dizem que vão morrer se você não corresponder ao amor deles. Esta guirlanda de amizade eterna é esquisita.

— Talvez ele esteja sendo original — disse eu, arrancando a carta da mão dela. Eu tinha tido a mesma sensação de estranheza, mas não quis confessar.

— Original? Você não me disse ontem à noite que o romance dele, *A judia*, era pouco original e um tanto cansativo?

Eu tinha dito isso, mas agora parecia que eu havia me precipitado. Na verdade, eu reli o livro naquela mesma noite. *A judia* suspirava de tristeza e desespero, mas a linguagem me pareceu menos superficial e a concepção um pouco mais inspirada agora que tinha sido escrito por alguém que talvez estivesse interessado em mim.

Em resposta, eu escrevi um poema para Federico. Como fazia com tudo o que escrevia, mostrei a Ramona, que simplesmente me devolveu dizendo:

— Salomé, este foi o pior poema que você escreveu na sua vida.

Minha irmã era famosa por sua franqueza, mas isto já era grosseria. Talvez eu estivesse desacostumada a ouvir críticas depois de tantos meses de elogios.

— Como assim? — perguntei.

— Salomé, você nunca usou antes essa linguagem tola, pelo amor de Deus. “Eu adoço sob a crueldade do meu destino implacável.” É tão ruim quanto... quanto Josefa em seus piores dias. — Minha irmã mais velha tinha sido uma ávida seguidora da adorada poetisa Josefa Perdomo, mas nos últimos anos a admiração dela tinha esfriado. Agora que estava mais velha, Ramona dizia que

queria poemas de peso, de substância, não apenas bonitos.

Peguei de volta o poema, quase chorando. E se eu estivesse perdendo o meu talento? Ultimamente andava escrevendo tantos poemas para formaturas e aniversários e enterros que as pessoas me pediam que não tinha tempo para consultar o meu coração para saber o que devia escrever. Eu me lembrei da promessa que tinha feito anos antes, depois de ter escrito aquele poema idiota para *Don Eloy*: ou eu escreveria poemas com todo o meu coração ou não escreveria poema algum.

— Mas eu não sei de nada — acrescentou Ramona, ao ver que eu estava triste. — Não sou eu o poeta. O outro poeta da família está chegando, pergunte a ele.

Papá apareceu na porta antes que eu pudesse guardar o poema. Mesmo assim, não deveria ter mostrado a ele. Devia ter percebido que Papá não ia gostar de nenhum poema, por melhor que fosse, caso fosse dedicado a um *homem*. Mas eu precisava tanto de aprovação que estendi o papel para ele ler.

Ramona e eu nos sentamos, uma de cada lado dele. Papá começou lendo alto, mas à medida que progredia, foi ficando calado, franziu a testa. Finalmente, quando terminou, amassou o papel até formar uma bolinha com ele.

— Este é o tipo de coisa que a Herminia dos flocos de neve escreveria — disse ele numa voz baixa e desapontada. — Você, Salomé Ureña, pode fazer melhor.

Eu me levantei, respirando com dificuldade, como acontecia toda vez que ficava nervosa, e corri pelo corredor, passei por Mamá e tia Ana que estavam tirando tabletes de sabão de lixívia de uma fôrma de madeira e saí correndo para a rua. Estava sem touca, sem xale e sem capa. Meu rosto estava molhado de lágrimas. Eu estava um horror, mas não estava ligando a mínima que as irmãs Bobadilla ou mesmo o presidente me visse naquele estado.

Para onde vai uma mulher desesperada numa cidade pequena, habitada por pessoas que a conhecem ou que já ouviram falar nela? Eu fui para o norte, pela Rua dos Estudos, sem fazer ideia de onde estava indo. Já estava quase chegando nos portões de San Antonio quando vi as ruínas do velho monastério de San Francisco bem na minha frente. Billini havia reconstruído recentemente uma das alas para ser asilo de loucos. Parecia que eu estava indo na direção certa, afinal.

Entrei por uma porta lateral no muro de pedra e me vi num

pátio interno cheio de ruínas de pedra e algumas árvores. O lugar estava deserto. Era fim de tarde e sem dúvida as freiras estavam na capela, rezando o ângelus. Debaixo de uma árvore, ao longe, avistei uma pilha de trapos, que de repente se mexeu e se ergueu como a cobra do encantador de serpentes sobre o qual eu tinha lido em *As viagens fantásticas de Marco Polo*, e se transformou numa criatura humana. O cabelo dela era todo desgrenhado; sua roupa suja e rasgada de tal maneira que dava para ver pedaços do seu corpo nu. Lentamente, comecei a recuar em direção à porta, com medo de assustá-la com algum movimento brusco demais.

Talvez por não usar nem combinação nem corpete nem saia comprida nem sapatos de fivela com meias de algodão, em resumo, por não estar vestida como eu, mesmo tendo saído sem me arrumar, ela me alcançou com algumas passadas antes que eu conseguisse chegar na porta. Ela me agarrou pelos ombros e embora eu tentasse fugir, ela era forte — tinha a minha altura mas era mais gorda —, e eu não consegui me soltar. Ela fedia a urina e suor.

Mas ela estava me olhando de uma forma que havia muito tempo ninguém me olhava. Estava me vendo com um desejo selvagem de saber quem eu era. Tentei desviar os olhos, mas não consegui.

Nós ficamos nos olhando e eu só consegui me soltar quando ela abriu a boca para soltar um grito.

EU NÃO PODIA FICAR ZANGADA com o meu pai porque ele não estava bem. Vivia se queixando de pontadas de dor que, segundo ele, eram como flechas entrando no seu peito. O rosto largo, cheio de covinhas, tornou-se magro e macilento. Ele perdeu o seu jeito animado, fanfarrão. Frequentemente nós o encontrávamos na cama, incapaz de se levantar. Finalmente, nós vencemos o medo e a desconfiança que Papá tinha em relação aos médicos e chamamos o Dr. Alfonseca para vê-lo.

O jovem médico sentou-se ao lado da cama, tomando o pulso de Papá. Sua sobrecasaca preta fazia-o parecer um pássaro preto empoleirado na beira da cama do meu pai, algo em que eu não queria pensar, pois pássaros pretos eram considerados de mau agouro.

— Então, qual é o seu veredicto, doutor? — perguntou papai quando o rapaz terminou o exame. — Eu vou morrer? — Ele estava

tentando ser jovial, mas eu podia ver o medo nos olhos dele.

— Morrer! — disse o médico, como se isto estivesse fora de questão. — Você tem que viver o suficiente para ver essas moças casadas, *Don Nicolás*. — Ele esperou até estarmos lá embaixo na sala para falar sobre o estado de papai.

— Preparem-se para o pior — disse ele em voz baixa para Ramona e para mim, e para a única irmã de Papá que ainda estava viva, *Altagracia*. — *Don Nicolás* está com um câncer que já invadiu os pulmões e os intestinos.

Senti como se a flecha que Papá dizia sempre que varava o seu coração tivesse varado o meu também.

— Eu sei que isto é um choque — continuou o médico. — Mas temos que dar esperanças a ele. *Don Nicolás* é muito impressionável. Afinal de contas, ele é um poeta. — O médico balançou a cabeça significativamente na minha direção. — Eu virei aqui diariamente para dar a dose dele de láudano. É importante que ele se sinta confortável.

Não sei como conseguimos atravessar aquele dia, pois depois de chorar junto com *Altagracia* na sala, tivemos que subir e mentir para Papá, dizendo que o Dr. *Alfonseca* tinha dito que ele estaria dançando valsa quando chegasse o verão, e depois fomos para casa para contar para Mamá.

Foi aí que eu compreendi que minha mãe era uma mulher que ainda amava profundamente o homem que tinha partido o seu coração. Mas os anos haviam suavizado o golpe causado pela desilusão e o amor dele pelas filhas tinha amainado a sua raiva, e o estado de declínio em que ele se encontrava tinha colado de volta os pedaços do seu coração. Ela passou vários dias e várias noites rendendo a mim e a Ramona, ajudando *Altagracia* a preparar as refeições do meu pai e a cuidar dele. Tinha voltado a ser a sua fiel esposa.

— Ele vai desconfiar de alguma coisa vendo você lá o tempo todo — comentou Ramona um dia, quando nós três estávamos nos dirigindo para a casa de Papá.

Minha mãe ergueu bem a cabeça — sua touca preta ocultando o seu rosto, exceto quando ela se virou para falar conosco.

— Eu tenho maneiras de convencer o seu pai. Além disso, Deus vai realizar um dos seus milagres, eu sei que vai. — Não era só Papá que precisava ter esperanças para não desmoronar.

Mas este não ia ser um dos milagres de Deus. Papá piorou e no

fim de março estava fraco demais para andar até o jardim ou para virar as páginas de um livro. Eu passava várias horas lendo para ele, e quando levantava os olhos do livro, normalmente ele estava com os olhos fechados, a cabeça virada para um lado no travesseiro. Com o coração apertado, corria para ele e colocava a mão perto de sua boca para ter certeza de que ele ainda estava respirando.

Um dia eu estava lendo para ele alguns poemas publicados na antologia de José Castellanos, que tinha sido publicada no fim do ano anterior. Ele tinha incluído quatro poemas de Papá e seis meus.

— Que fim levou aquele seu amigo, Federico? — perguntou meu pai. Eu estremeci, pensando no quanto os moribundos são perceptivos, porque naquele exato momento tinha chegado aos poemas de Federico na antologia. Quando recebi um exemplar do livro, eu tinha ficado surpresa ao ver incluído o poema que ele tinha mandado para mim. Era como se ele quisesse anunciar a nossa grande amizade, que, na verdade, não tinha dado em nada. Federico estava muito preocupado com outras coisas.

— Ele vai se casar em breve com Carmita García — disse eu ao meu pai. Ao saber da notícia algumas semanas antes, eu não tinha ficado surpresa. Bem ao lado do poema de amizade para mim na antologia de Castellanos havia um poema dedicado a Carmita com todos os suspiros e juras de amor que não existiam no meu. Obviamente, eu havia julgado corretamente aquele primeiro olhar que vira no rosto de Federico.

— Aquele poema que você escreveu para ele, o que eu destruí, perdoe-me, *mi'ja*. Eu estava tentando protegê-la. — Ele parou um momento para recuperar o fôlego, fechando os olhos, como se interrompendo um sentido pudesse aumentar a capacidade dos outros.

“Eu me lembro daquele dia, você saiu correndo”, continuou ele. “Quando você voltou, parecia... ter visto... o diabo em pessoa. Aí eu compreendi que você estava interessada no rapaz.”

Eu inclinei a cabeça. Tornei a sentir a dor da decepção.

— Anos atrás, eu deixei o meu clarim para você... agora deixo a minha flauta — disse ele.

Isto se parecia demais com uma despedida.

— Ay, Papá, não fala assim, você é muito jovem. A bíblia diz que Matusalém chegou aos novecentos e sessenta e nove anos. Você pode muito bem passar dos cinquenta e três.

Nós ficamos calados por algum tempo, e então ele abriu os olhos

e me olhou.

— Diga-me — disse ele, e eu adivinhei o que ele ia me perguntar, pois sempre conseguia saber o que meu pai estava pensando. — Ninguém quer me contar... Eu estou morrendo?

— Ora, Papá — disse eu, na minha melhor imitação do Dr. Alfonseca. Tentei tirar dos meus olhos o que sabia, mas sei que não consegui. — O médico diz que você está com uma crise muito forte de catarro intestinal — menti, desviando os olhos dos dele. — Se você se cuidar e obedecer às suas filhas, no verão você já estará dançando uma valsa.

Ele deixou a cabeça cair de volta no travesseiro com as mãos cruzadas no peito, como se estivesse imitando a pose de um cadáver. E então, quando eu corri para o lado dele, assustada, para checar sua respiração, ele falou, bem baixinho, como se já estivesse no mundo dos mortos.

— No verão eu não estarei mais aqui.

— Papá, por favor — soluzei, incapaz de me controlar —, por favor, não me deixe.

— Estou deixando para você a minha flauta e o meu clarim — ele tornou a me lembrar.

PAPÁ MORREU no dia três de abril.

Se eu tentasse descrever a dor, teria que compará-la àqueles momentos após uma grande pancada ou uma queda feia. Você fica deitada no chão, tonta de dor, sem saber a extensão do machucado.

Assisti a Mamá e Altagracia prepararem o corpo de Papá, vestindo-o com a toga preta e o chapéu de chinês dos seus tempos de Suprema Corte, tia Ana perfumando-lhe os bolsos com pétalas de gardênia do arbusto que ficava perto da porta, enchendo sua boca de sementes de anis para adocicar os vapores nocivos. Eu me lembro do dia seguinte na velha casa da Rua da Misericórdia, dos vestidos pretos, dos soluços abafados no lenço, e então o que teria sido um choque se eu já não estivesse tão anestesiada que já não conseguia sentir mais nada: a outra mulher, Felipa Muñoz, e suas duas filhas, que pareciam ter a mesma idade que eu e Ramona.

O verão chegou e partiu com a única interrupção de uma ida até o campo, perto de Baní, onde moravam primos distantes de mamãe. E então chegou o período das chuvas, e o governo no qual tínhamos tanta esperança se dissolveu, e tivemos guerra de novo, os Verdes

contra os Vermelhos e os Vermelhos contra os Azuis, até que ficou tudo um caos, e a única cor dominante era o vermelho do sangue derramado. Lá no norte, os Estados Unidos comemoraram o seu centenário. O presidente Grant deu uma grande festa para todos, mas o nosso novo presidente Espaillat tinha tantas revoluções com que se preocupar que não pôde ir. No fim daquele ano, o relógio fabricado por um relojoeiro suíço que tinha ficado cego fabricando-o foi entregue para ser colocado na catedral, mas os pêndulos eram longos demais e o sacristão, numa crise de impaciência, arrancou-os, achando que eles eram apenas decorativos, então o tempo parou e durante meses ficou sendo quinze para as sete. E isto, de alguma forma, confundiu-se com os sete governos que tivemos antes do fim do ano seguinte, e com o Circo do Sr. McCurtney chegando na cidade e o domador de leões, *Herr Langer*, sendo devorado pelo seu próprio leão enquanto centenas de pessoas assistiam horrorizadas. E durante todo esse tempo, embora eu tomasse conhecimento de todos esses acontecimentos e escrevesse algumas vagas linhas de vez em quando, fiquei recolhida, esperando a dor passar.

Seguiu-se um período de calma, e mais uma vez visitantes vieram à nossa porta. Mas Mamá dispensou-os. Ela escreveu os nomes deles num livro, que disse que guardaria para a posteridade, e Ramona disse que esta não viria através das filhas dela, a menos que Mamá nos deixasse tirar os vestidos pretos e aceitar os inúmeros convites que estávamos recebendo para saraus de leitura ou de música. Uma meia dúzia de sociedades artísticas e literárias tinha surgido na cidade.

Mas a verdade é que eu não tinha vontade de ir. Não tinha vontade de tirar o vestido preto, nem de ser uma poeta famosa, nem de olhar para a cara dos rapazes, imaginando se este seria aquele que enxergaria além dos elogios e dos louros e do nariz largo e do caráter simples a filha enlutada que um dia tinha levado alegria ao coração amoroso do pai.

Ficava deitada, anestesiada, como se o meu corpo já estivesse morto, mas ouvindo a minha respiração como tinha ouvido a respiração do meu pai sentada na sua cabeceira. Na verdade, eu não sei dizer como se passaram dois anos, não sei como compus os poucos poemas que escrevi, não sei dizer como amarrei a minha touca ou abotoei os meus sapatos ou a que horas da manhã, um dia, quando tinha vinte e sete anos, estava indo para a missa com a minha irmã Ramona e quando olhei para a porta da igreja havia

dois rapazes parados lá.

Meu primeiro pensamento foi para a elegância com que eles estavam vestidos — paletós cinza-prateados e gravatas de seda — para a missa das seis. Um deles era alto e magro como um caniço, com olhos redondos e um bigode caído como um peixinho pendurado na boca de um gato, e o outro era muito vistoso, com uma beleza masculina e feições que me pareceram familiares: rosto jovem e franco; olhos escuros e intensos; cabelos negros e grossos como os de um cacique índio. Fiquei imaginando quem seria esse rapaz quando passamos por ele para entrar na igreja, e concluí que não era ninguém que eu conhecesse, pois escutei-o perguntar ao amigo: “Então, qual delas é Salomé?”

Olhei para Ramona e felizmente ela não tinha ouvido a pergunta, senão teria lançado para mim um daqueles olhares do tipo “está vendo só o que eu digo”. Durante todo o tempo que passei ajoelhada no banco, e depois quando me levantei e fiz minha genuflexão, tentei lembrar onde tinha visto aquele rapaz antes. Recentemente, naquele mundo estranho onde vinha vivendo nos últimos dois anos, Papá tinha reentrado algumas vezes em minha vida, uma vez quando eu estava passando a ferro a minha roupa de cama; outra vez nos gritos de dor da nossa vizinha dando à luz o seu primeiro filho; outra no sorriso satisfeito desse mesmo bebê, adormecido no seio da mãe; e agora nos olhos curiosos deste rapaz que eu havia encontrado antes e que tinha sido enviado de volta à minha vida como o fantasma do meu pai.

A missa tinha terminado. Nós caminhamos de volta para casa, o sol refletindo nos telhados de zinco como se trouxesse saudações dos mortos. Mas o meu fantasma não estava à vista. Logo eu o esqueci, no meio das tarefas diárias, com o coração ainda dolorido e um vazio na cabeça em vez das frases rimadas que eu costumava ouvir o tempo todo.

— Você precisa tentar, Salomé — me dizia Ramona de vez em quando. Ela tinha se recuperado mais depressa e estava fazendo tudo para me tirar daquele torpor. — Por todos nós, especialmente por Mamá.

— Eu *estou* tentando — dizia eu. Minha voz soava pequena e distante como se estivesse saindo do fundo do velho buraco revolucionário que ficava debaixo da casa.

— Eu sei que você está, eu sei, Herminia — disse Ramona, sentando-se ao meu lado. Estremeci de dor, porque não suportava

mais ouvir alguém me chamar pelo apelido que meu pai me dera um dia. Ela abriu um pacote cheio de convites que não paravam de chegar. — Olhe para isto — disse ela. — Todas estas pessoas estão esperando. Todas elas estão convidando você para alguma coisa. E agora Mamá disse que podemos aceitar.

Nesse momento, nós ouvimos alguém bater na porta da frente. Ramona e eu nos entreolhamos com curiosidade. Era muito cedo para ser alguma visita. Talvez uma aluna que tivesse vindo buscar o *Catón cristiano* que havia esquecido na sala de visitas/sala de aula? Nós corremos até a frente da casa para ver quem poderia ser.

Os dois rapazes parados na nossa frente eram os mesmos que estavam na igreja poucos dias antes: o alto, com um ar brincalhão, que parecia estar sempre prestes a cair na gargalhada, e o mais moço e mais bonito, cujo rosto era tão estranhamente familiar, cujos olhos eram os do meu pai. Ele estava usando uma gravata vermelha e um botão de gardênia na lapela. Foi ele que falou.

— *Señorita* Salomé Ureña — começou ele, olhando de uma para a outra, como se não soubesse ao certo qual de nós duas era Salomé.

— Esta é minha irmã, Salomé, e eu sou Ramona — disse minha irmã, controlando o riso, porque o rapaz pareceu extremamente formal e muito nervoso.

O rapaz elegante explicou o objetivo da visita. Ele e seu sócio, Pablo Pumarol, tinham vindo convidar-nos pessoalmente para uma *soirée* em homenagem à poesia, que seria oferecida pelos Amigos do País. Outras jovens estariam presentes, bem como diversas mães dos sócios; em outras palavras, uma reunião bem familiar.

Eu mal ouvi o que estavam dizendo, porque, aos poucos, estava me lembrando do rapaz: ele era o irmão caçula de Federico, que tinha ido atrás da namorada no dia que o irmão veio nos visitar! Imaginei se ele seria o mesmo irmão Henríquez que recentemente havia sido apanhado escrevendo o meu poema “A la Patria” nos muros da fortaleza. O velho *Don* Noël tinha sido obrigado a pagar uma multa, e todo o clã dos Henríquez tinha aparecido num domingo à tarde, com baldes de removedor e trapos de pano para limpar o velho muro, levando junto as mulheres, esposas e irmãs, com cestas de balas e caramelos para distribuir para as crianças. As irmãs Bobadilla tinham voltado contando que aqueles judeus tinham se comportado tão bem como se fossem cristãos.

— Nós ficaríamos profundamente honrados se você aceitasse o

nosso convite. — O rapaz agora estava olhando diretamente para mim.

Tentei desviar os olhos, mas os dele eram como os de papai e os da mulher louca, penetrantes. Eu não pude resistir. Pensei: Será que esse rapaz não sabe que não se deve olhar assim para uma mulher?

Tive vontade de responder àquele olhar dizendo: Entre, rapaz, entre e veja como Salomé Ureña é tímida e desajeitada; como o rosto dela ficou magro e encovado de tristeza, como suas orelhas continuam grandes como sempre foram e seu cabelo ainda permanece indomável; como o seu maço de poemas está juntando poeira e seu coração vive assombrado pelo fantasma do pai que não lhe dá nenhum sinal de que ela pode continuar vivendo sem ele.

Mas havia vivido numa apatia silenciosa por dois anos, e não consegui encontrar as palavras que queria dizer a ele. A única coisa que consegui dizer foi:

— Podem contar comigo.

Ele esperou que eu dissesse mais alguma coisa, mas não havia mais nada a dizer. Ele fez uma reverência, Pablo também, e antes de se retirarem, o rapaz elegante, que havia se apresentado como Francisco Henríquez y Carvajal (“Todo mundo me chama de Pancho”), tirou a gardênia da lapela e ofereceu-a a mim. Em seguida, desceram a rua, o rapaz mais jovem, tão amável, com as mãos enterradas nos bolsos, daquele jeito que os homens costumam fazer quando estão inseguros e precisam ouvir o tilintar consolador das moedas. Ramona fechou a parte de cima da porta e me abraçou, feliz.

— Minha maravilhosa, corajosa, charmosa e talentosa irmã! — Ela correu para os fundos da casa para informar à mamãe que ela, Ramona, tinha finalmente conseguido tirar-me daquele estado de depressão.

Assim que ela saiu da sala, abri a pequena janela lateral e fiquei vendo os rapazes se aproximarem da esquina, parando para deixar passar o burro da água com sua *tinaja* de água potável. A ginga estava de volta ao andar do rapaz e suas mãos já não estavam mais nos bolsos, e ele as balançava como um menino que tivesse cumprido uma tarefa difícil e estivesse orgulhoso de si mesmo.

E eu me senti saindo do buraco onde havia estado mergulhada por tanto tempo. Tive vontade de esticar as pernas, de acordar o meu cérebro entorpecido. Senti o cheiro do pão assando na *panadería* ali perto, o cheiro salgado da brisa do mar. O sino tocou

na fortaleza. Fiquei com a cabeça enfiada para fora da janela, como o bebê da vizinha da bodega durante o seu nascimento, com a cabeça para fora e o resto sem nascer ainda, só dando uma olhada no mundo onde ia entrar. Então, como se fosse a bênção do meu pai finalmente me alcançando, eu ouvi a banda ali perto começando a ensaiar para a procissão de Corpus Christi no dia seguinte: o rufar dos tambores, depois o trinado da flauta, o toque vibrante do clarim.

TRÊS

Ruínas

Cambridge, Massachusetts, 1941

ELA ADORA ANDAR DE trem. Sente-se como uma heroína, suspensa entre duas vidas, suspensa entre dois destinos. Um verso de um poema de sua mãe surge em sua cabeça e se repete sem parar nas rodas do trem — até perder o sentido.

Qual dos meus diversos sonhos conquistará meu coração?

Ou será que foi ela mesma que escreveu isso?

Mas, inevitavelmente, a heroína chega numa estação. Tem gente esperando por ela lá, personagens importantes que esperam demais dela. Talvez o próprio Domingo vá estar lá, ainda furioso, exigindo outras explicações.

Quando ela dá por si, está em pé, andando pelo corredor do Yankee Clipper Express Nova York—Boston.

LÁ ESTÁ ELE! Seu querido irmão Pedro!

Ele está tão elegante num casaco cintado marrom, o colarinho levantado, sem chapéu, embora seja um dia frio de março. Uma banda começa a tocar em algum lugar, clarins e tambores, talvez haja algum dignatário no trem. Ela imagina que a música é para ela, uma banda que o irmão contratou para comemorar a sua fuga.

Ela realmente fugiu. Lembra-se de uma gravura antiga num livro de mitos que havia na biblioteca do seu pai: uma menina fugindo para evitar uma nuvem escura de morcegos que a perseguiam. Mas não tem ninguém atrás dela: Papancho está morto, Mon está morta, Marion agora está dando aula em Vermont, “alegre como um passarinho”, e Domingo partiu, furioso por ter sido — segundo ele — “uma experiência”. Ela está livre daquele pequeno cemitério do passado que tem cuidado, que está ficando cheio com seus mortos particulares, seus amores perdidos, além de todas as novas vítimas cubanas da ditadura de Batista.

— Pibín! — grita ela, batendo na janela, mas Pedro não a viu. Ela tenta abrir a janela do trem, mas não consegue. Rapidamente, guarda o caderno na bolsa e pega suas coisas. Sai depressa pelo corredor carregando a mala, depois hesita antes de aparecer no alto da escada.

ELE PODE não reconhecê-la. Passaram-se vinte anos. Ela está com quarenta e seis anos de idade. Ele mesmo parece muito mais velho e mais comum do que o rapaz ardente do qual ela se lembrava, que andava atrás dela pela Universidade de Minnesota como se fosse um espião. Este Pedro tem o ar de uma pessoa realizada, seu cabelo preto e liso agora salpicado de branco. Ele agora é famoso, diz ela a si mesma, mais famoso do que sua mãe jamais foi.

E *ela* também mudou. É o que todo mundo diz. Está mais magra, os ossos do seu rosto estão mais salientes. Ela, bem, também tem a aparência de uma pessoa famosa.

Talvez o rosto dela saiba o que vai acontecer! Nos últimos meses, ela tem escrito poemas sem parar. Passa semanas com a cabeça nas nuvens, remoendo versos em sua cabeça. Às vezes ela pensa que é uma besteira completa tornar-se poeta na sua idade. A sua mãe começou bem cedo. Ao completar trinta anos, a parte mais significativa da sua obra já tinha sido escrita. Mas Camila podia acabar sendo a filha que havia herdado o dom da mãe, sendo que a manifestação deste dom tinha acontecido mais tarde.

Pedro avista-a e seu rosto se enche de prazer e emoção. Ela fica aliviada. Ao longo dos anos, ele sempre se mostrou muito preocupado com a “vida pessoal” dela, como ele diz em suas cartas, como se já soubesse que no futuro sua correspondência iria ser publicada (ele é mesmo muito famoso), e esta expressão é a forma mais segura de ele se referir à perversão da irmã. De fato, quando soube que Marion tinha ido para Santiago atrás de Camila, ele escreveu para o pai — Camila encontrou a carta sendo usada como marcador de livro no exemplar de Lamartine do pai — dizendo que a americana não devia ser recebida na casa. “*Una influencia malísima. Camila es demasiado impresionable...*” Uma má influência. Camila é muito impressionável...

Mas isto tudo já ficou para trás. Eles se reaproximaram através das cartas. De fato, quando ela escreveu contando a Pedro sobre Domingo — exibindo o namorado como se fosse uma espécie de

troféu, apesar de ser pobre, um escultor, de pele mais escura que toda a família, com aquela gagueira irritante, não importa —, ele respondeu cumprimentando-a como se ela tivesse anunciado que havia finalmente se recuperado de uma enfermidade prolongada.

Ele está segurando duas bandeirinhas — a bandeira dominicana e a cubana, do seu país de adoção. Quando ela desce os degraus, ele as ergue e sacode animadamente, dando-lhe as boas-vindas. Ela percebe a expressão de orgulho e amor nos olhos dele. Pedro é o que dizem que é mais parecido com a mãe deles, até no tom mais escuro da pele, e quando ele olha para ela daquele jeito carinhoso, ela pensa, era assim que Mamá olharia para mim se estivesse viva.

Eles caem nos braços um do outro. Quando se afastam, ela se surpreende ao ver lágrimas nos olhos do irmão. Ela ergue a mão para enxugá-las e a mão dele imita a dela, enxugando as lágrimas que lhe escorrem pelo rosto.

ELES ATRAVESSAM O CAMPUS a pé, até a casa de hóspedes onde Pedro reservou um quarto para ela. Cambridge ainda está tomada pelo inverno. As árvores estão nuas, os prédios de tijolos também parecem estar hibernando. Do outro lado de um quintal com fileiras de árvores, um grupo de rapazes de uniforme está marchando.

— O que está havendo? — pergunta ela a Pedro num sussurro. Ela se lembra deste detalhe por causa de Minnesota: como a respiração se torna visível no ar frio, revelando que ela falou.

— Americanos treinando para a guerra. Nós temos tantas que nunca perdemos a prática — diz ele com amargura. — Trinta e uma só durante a vida de Mamá. Eu contei para a minha última aula.

Ela também tinha contado no passado, sem acreditar que fossem mesmo tantas. Recentemente, Max escreveu para ela da recém-nomeada Ciudad Trujillo. Ele tinha descoberto um buraco fundo debaixo da casa onde Mamá tinha passado a sua infância — ela se lembra! —, onde as mulheres aterrorizadas costumavam esconder-se durante as guerras. Elas devem ter passado um bocado de tempo debaixo da terra.

Logo à frente dos soldados, um grupo de homens brandia cartazes, PROTEJAM A NOSSA PAZ e gritavam palavras de ordem.

— Isso não é muito pacífico — diz Pedro baixinho quando eles passam.

— O que vocês têm aí? — Um deles deixa o grupo e para bem

na frente deles. Tem os olhos brilhantes e vazios de um gato. Ele vira a cabeça na direção das bandeiras que saem da bolsa que Pedro está carregando. Camila sente as costas tensas e a respiração ofegante. Ela pensa se deve dizer quem o irmão é. Este é o Norton Lecturer em Estudos Latino-Americanos de Harvard deste ano. Será que isto lhes daria salvo-conduto?

Dois rapazes se aproximam e dão o braço ao manifestante, murmurando alguma coisa no ouvido dele. Talvez estejam lembrando a ele que são pacifistas tentando salvar o mundo.

Pedro fica parado pacientemente como se estivesse aguardando que um obstáculo fosse removido do seu caminho. Ele nunca foi de briga. *Meu Pedro não é um soldado, nenhum César ou Alexandre atormenta o seu coração*, era assim que começava o último poema de Salomé.

Camila aperta o passo, puxando o irmão pelo braço.

— Por que eles estão protestando? — pergunta ela depois que estão suficientemente longe. A sua própria universidade em Havana sempre foi um caldeirão de revolução, e Batista a está sempre fechando.

— Eles não querem ir para a guerra — explica Pedro. — *El presidente* Roosevelt prometeu que nenhum rapaz americano irá morrer nesta guerra europeia. Mas o sentimento neste campus é que o país estará em guerra antes do fim do ano.

Ela olha nervosamente para as bandeiras de Pedro, saindo do bolso lateral da sacola dela. Tendo em vista os boatos de uma guerra iminente, carregar bandeiras estrangeiras não é uma atitude muito sábia da parte do seu irmão. Não melhora em nada o fato de ele parecer estrangeiro.

— O mundo inteiro está começando a se sentir como os nossos pequenos países — acrescenta Pedro, sacudindo a cabeça tristemente. Ele pendura a sacola dela no ombro. Suas mãos desaparecem no paletó como se ele estivesse procurando por algo consolador nos seus bolsos.

— NÓS VAMOS A UM LUGAR especial para conhecer todo mundo — diz Pedro, oferecendo-lhe o braço. Ela depositou suas coisas no andar de cima da casa de hóspedes e prendeu o cabelo num coque com um pente de prata que foi de sua mãe.

O lugar, na verdade, é uma caminhada com passos rápidos,

passando pelo portão da universidade e descendo diversas ruas estreitas e cheias de curvas. Os protestantes já se dispersaram. Camila contempla carinhosamente o irmão, pensando em tudo o que ele deve ter suportado ali sozinho nos últimos nove meses.

Ele envelheceu. Seu rosto está cheio de vincos: formou-se um parêntese ao redor da boca; a testa fica vincada mesmo quando não a está franzindo. Ele tem cinquenta e seis anos de idade, mas não é só a idade que aparece. Parece cansado, tem uma expressão triste e perplexa no rosto. Ele não se queixaria, é claro, mas num de seus ensaios, que ela leu recentemente numa revista, ficou surpresa de ler sobre “o terrível deserdamento moral do exílio”. Ela sentiu uma pontada de tristeza por saber de forma tão impessoal sobre a tristeza do seu irmão, por tomar conhecimento do alto preço que ele teve que pagar pela sua vida errante. Ao contrário do irmão Max, Pedro recusou-se a ficar sob o governo de Trujillo, preferindo mudar-se com a família para a Argentina, onde tem ganho a vida com dois ou três empregos de professor ao mesmo tempo. A bolsa Norton foi algo que caiu do céu, mas só dura nove meses. Ele está economizando cada centavo para a escassez que virá depois.

Eles param diante de uma porta dupla com a silhueta escura de um touro em cada metade de porta. O lugar, conhecido como El Toro Triste, O Touro Triste, pertence a um republicano que foi forçado a se exilar quando a guerra civil explodiu na Espanha cinco anos antes. Os amigos e colegas de Pedro estão reunidos lá, alguns de lugares distantes como Nova York e Princeton, para ouvir o último seminário de Pedro amanhã à noite. Como viajar está ficando cada vez mais difícil, alguns tiveram a precaução de chegar um dia antes.

Uma mulher alegre, de cabelos escuros, se adianta e abraça Pedro carinhosamente, exclamando que ele está muito bonito e elegante. Ela é baixa e gorda, com um ar de camponesa, mas tem os olhos expressivos de alguém que conhece muito do mundo.

— Eu sou Germaine — apresentou-se ela, segurando as duas mãos de Camila. Ela é francesa, o que aguça o interesse de Camila. Desde que soube a respeito da outra família que o pai tinha em Paris, ela não consegue conhecer uma mulher francesa de uma certa idade sem pensar na meia-irmã e nas sobrinhas que jamais conheceu. Será que elas se parecem com Pancho? Será que se parecem com ela?

— Venha conhecer o meu Jorge. — Germaine leva-a pelo braço.

O marido dela é Jorge Guillén, o poeta, cujo livro de poemas, *Cántico*, é um dos poucos livros que Camila levou com ela de Havana.

Jorge está de pé, um homem alto e magro, com o ar distraído de um intelectual com seus óculos de lentes grossas. Na verdade, ela não sabe ainda se ele é distraído, mas já deu este atributo a ele. Agora que está escrevendo, ela está desenvolvendo os maus hábitos dos escritores, criando o mundo em vez de viver nele. Talvez por isso é que o bom amigo de sua mãe, Hostos, tenha banido os poetas da sua república realista e racional.

— Muito prazer — diz ele, fazendo uma mesura. — Ouvi dizer que você acabou de chegar dos campos de extermínio de Cuba?

— Jorge, Jorge — Germaine ralha com ele. Ela parece muito mais moça do que ele, sua voz aguda parecendo um sino tilintando no outono dos anos dele. — Não estrague a reunião.

Jorge senta-se obedientemente, oferecendo a Camila a cadeira ao lado dele. Ele parece tão tímido quanto ela, mas sabe-se lá por que acontece o milagre que às vezes ocorre entre dois tímidos: juntos, eles ficam falantes. Eles falam de Cuba, da repressão cada vez maior, e de repente ela se vê confessando o que não contou a mais ninguém, nem mesmo ao seu irmão:

— Eu fugi.

Ele a contempla com interesse. Ela tem uma história para contar para ele.

— E para onde vai a nossa heroína? — pergunta ele.

Ela sente o sangue subir-lhe ao rosto, como se fosse uma garota recebendo a atenção de um homem pela primeira vez. Mas a triste verdade injeta uma súbita sobriedade na conversa.

— Eu não estou indo para lugar algum, estou é deixando o lugar de onde vim.

— Nós somos os novos israelitas — diz Jorge, seu rosto comprido e triste tornando a observação ainda mais sombria. — O que será de nós? Se lembramos, morremos. Se esquecemos, morremos. — Desta vez, Germaine toca de leve no ombro dele. — Mas vou deixar as soluções para o seu irmão. É um verdadeiro Davi esse seu irmão, tratando destas questões no país do próprio Golias!

— Sim — diz ela, sorrindo afetuosamente na direção de onde o irmão está sentado, no centro de um grupo de colegas, envolvido numa discussão acalorada. Ela tem tanto orgulho de Pedro, não por causa da sua fama, mas pela qualidade da sua mente. Pensativo e

sério, muito ajuizado para a idade, mesmo quando era bem pequeno. “Eu dei à luz um velho”, dizem que sua mãe comentou a respeito dele.

Foi precisamente por isso que ela trouxe, no fundo da mala, os poemas que escreveu. Ela já os mandou para o Max, que respondeu dizendo que eram “fabulosos”. Ele quer publicá-los nos jornais dominicanos com o seguinte cabeçalho, SALOMÉ VIVE OUTRA VEZ, mas ela pediu que ele não fizesse isso, pois ainda não está muito segura sobre eles. Ela também mandou alguns para um velho amigo da família, o poeta Juan Ramón Jiménez, e ele foi mais circunspecto. “Belo verso”, escreveu aqui e ali, mas as páginas estão cheias de sugestões escritas a lápis. Ela sabe, como professora, que isto não é um bom sinal, o uso do lápis tem como objetivo suavizar a indignidade das correções. Mesmo assim, a avaliação dele é encorajadora:

“Você tem o dom da sua mãe. Continue a escrever.”

À medida que os amigos de Pedro vão chegando, Germaine os leva para conhecer “A irmã caçula de Pedro, Camila”. Salinas, de Princeton, os del Rio, de Columbia, Casaldüero, de Smith. Aqui estão as melhores cabeças e os melhores escritores da Espanha, agora vivendo no exílio, reunidos para homenagear seu irmão. Talvez ela também, um dia, crie algo de valor que lhe dê um lugar naquele grupo ilustre, e não apenas como irmã de Pedro ou filha de Salomé.

— Seu irmão me disse que você é professora — diz Jorge, retomando a conversa.

— Eu era — ela o corrige. Ela explica que sua universidade foi fechada de novo. E que ela está desempregada.

Jorge ergue as sobrancelhas em sinal de solidariedade. Ela notou que ele usa as sobrancelhas para gesticular, como pontuação.

— Então você está, de fato, fugindo do prédio em chamas.

— Na verdade, eu ajudei a pôr fogo nele. — Mas ao dizer isso, pareceu que ela estava se vangloriando, então ela acrescenta: — Ou melhor, meus alunos ajudaram. — De fato, usando sua beca preta, toda manchada de giz na frente, ela saiu e se juntou a eles.

Ele sorri, balançando a cabeça em sinal de aprovação.

— Mas você também sabe ensinar o mais-que-perfeito e manejar a guilhotina? — Ele ergue uma das sobrancelhas numa interrogação. — Estou perguntando porque tem uma vaga em Vassar. Eu tenho uma amiga lá, Pilar. Posso dar uma ligada para

ela.

Camila hesita. Ela não sabe ao certo se quer voltar aos rigores do magistério em tempo integral. Passou os últimos vinte anos em salas de aula. Está na hora de abrir suas asas: de se dedicar a escrever. Ela tem um dinheiro para receber. Pancho morreu sem um tostão, mas — sem dúvida por obra de Max — Camila tem recebido uma pequena pensão do governo dominicano, por ser filha solteira de um ex-presidente. Ela não se sente muito à vontade em receber dinheiro da ditadura, mas esta é uma das concessões que está fazendo pela sua arte.

— Minha irmã está aqui para se divertir e, eu espero, para assistir à minha conferência — diz Pedro, vindo em sua ajuda. — Talvez eu a leve de volta comigo para a Argentina — continua. Ela fica surpresa ao ouvi-lo dizer isto. Há alguns meses, ela escreveu para ele mencionando esta possibilidade, mas Pedro respondeu explicando que a vida em Buenos Aires estava muito cara e que a situação dele lá era muito difícil. O país está cheio de imigrantes europeus fugindo da guerra. Foi por isso que ele decidiu passar um ano em Harvard e está deixando para trás Isabel e as meninas para economizar dinheiro. “Encontre-se comigo em Boston”, tinha dito ele. — Podemos conversar sobre o futuro lá. Talvez até inventemos o futuro lá.

O proprietário do Touro Triste, um velho rabugento com a barba por fazer e uma boina, vai de mesa em mesa enchendo copos. Ele puxa bastante de uma perna, talvez em decorrência de um ferimento de guerra. De repente, Camila tem a sensação de que todos eles ali naquela sala são sobreviventes de catástrofes nacionais que os espalharam pelo mundo. Ela imagina um historiador do futuro encontrando um retrato do grupo reunido. *Os grandes poetas da sofredora Espanha reúnem-se em Boston para assistir à última conferência Norton de Pedro Henríquez Ureña*, poderia ser a legenda, com os nomes listados da esquerda para a direita. (Mas quem é a mulher sentada no canto ao lado de Guillén? Ah sim! Salomé Camila Henríquez Ureña, a poeta.) Ela sente uma pontada de culpa por dar a si mesma um título que ela ainda não mereceu.

Pedro pede silêncio.

— Em homenagem ao nosso encontro — diz ele —, eu gostaria de dar-lhes as boas-vindas com alguns versos. — Quando Pedro termina de recitar as palavras de saudade de Martí pelo seu país, há um silêncio na sala, como se o Libertador em pessoa tivesse

acabado de abrir as portas, separando os dois touros e se sentasse no meio deles.

Salinas é o próximo, seu corpo se balançando no ritmo de um *romancero* alegre, a voz embargada de emoção. Ele termina com um de seus próprios poemas, um tributo ao poeta Lorca, uma maldição contra os falangistas que o assassinaram e mandaram todos eles para o exílio! Um por um, os colegas se levantam e recitam, e o salão gelado se ilumina de presenças brilhantes.

— É a sua vez — diz a ela Jorge, depois de fazer sua apresentação. — Seu irmão disse que você é uma declamadora maravilhosa.

Apesar de tímida, ela adora declamar. Na sala de aula, geralmente surpreende seus alunos pela sua capacidade de lembrar de qualquer poema e recitar algumas estrofes, quando não recita o poema inteiro, totalmente de memória. Ela revê mentalmente a lista de poemas de sua mãe, imaginando qual deles causará mais efeito. “Sombras” seria triste demais, e “Contestación”, embora seja sobre o exílio, um tema constante em todos os corações ali presentes, não é um dos melhores de Salomé. Camila olha para Pedro, na esperança de que ele sugira alguma coisa, e vê tensão em seu rosto. Ele não quer que ela recite um dos poemas da mãe. O modernismo é que manda. O estilo neoclássico de Salomé está fora de moda. E a desaprovação ou mesmo a desatenção daquelas pessoas famosas causaria mágoa.

— Alguém do seu lado do mundo — insiste Jorge.

— Eu vou declamar um poeta pouco conhecido — diz ela, respirando fundo. Dentre seus poemas, um deles recebeu uma avaliação muito positiva de Juan Ramón, um *BELO POEMA* sublinhado, escrito no final da página, com apenas uma sugestão a lápis na margem. Chama-se “La raíz”, uma raiz enfiando-se na terra escura em busca de água, sonhando com flores. Ela ensaiou dizê-lo em voz alta muitas vezes para si mesma, mas agora está muito nervosa, e sua voz falha algumas vezes.

Quando termina, ela se sente depressa, sentindo o familiar aperto no peito. Estas crises começaram quando ela era criança: uma sensação de pânico e falta de ar. Pancho chegou uma vez a se mudar com a família toda de Santiago para as montanhas, pois estava convencido de que Camila havia herdado os pulmões fracos da mãe e que ficaria tuberculosa no clima quente daquela cidade costeira.

Há um momento de silêncio e depois Jorge exclama: “Bravo, bravo!” Outros o acompanham. Quem é este poeta? Eles querem saber. Um jovem dominicano, responde ela vagamente, evitando os olhos de Pedro, com medo de conhecer seu julgamento.

Mais tarde, quando caminham de volta para a casa de hóspedes, ele diz:

— Camila, você tem mais versos desse poeta?

— Uma coleção inteira — admite ela. Frequentemente eles se falam assim, indiretamente, com um certo tato, confiando na profundidade do amor que têm um pelo outro. — Eu gostaria que você lesse e me desse a sua opinião — diz ela. É o mais perto que ela chega de uma confissão.

— Sim, eu gostaria muito de fazer isto — diz ele.

A noite já caiu e o ar está mais frio. Ela dá o braço a ele e sente o cheiro surpreendentemente forte de água-de-colônia no seu casaco. Um toque de Isabel, sem dúvida. Camila se ressentida desta intromissão da cunhada. Mas isto é bobagem, ela tem o irmão todo para ela agora. Quando as pessoas se viram para olhar para eles, ela chega ainda mais para perto dele, como se eles fossem um casal passeando naquela fria noite de inverno.

Ela olha para as estrelas e se surpreende com a facilidade com que consegue identificá-las: o cinturão de Órion, a Ursa Maior, Cassiopeia na sua cadeira. Que mundo estranho, ela pensa. Do outro lado do oceano, o céu está iluminado pelas bombas explodindo sobre Londres. Na parte do mundo em que eles nasceram, os capangas de Batista estão cometendo algum crime, protegidos pela escuridão da noite. E ali estão eles, ela e Pedro, em Cambridge, Massachusetts, caminhando alegremente sob aquelas mesmas estrelas do mês de março, o mês em que a mãe deles morreu. Com certeza, tal privilégio exige algo deles em troca.

Ela se apoia no irmão, sentindo a carícia áspera do sobretudo dele em seu rosto, e pensa na mãe deles.

ELA ESTAVA PENSANDO, de fato, no último poema que a mãe escreveu.

Eles tinham ido para a costa norte na esperança de que o ar do mar pudesse salvar a vida de Salomé. O pai ainda estava mantendo segredo de que a mulher tinha tuberculose, de modo que uma temporada no campo era aconselhável. Quanto ao círculo familiar,

todos tinham que tomar precauções, e o bebê, Camila, em especial tinha que ser mantido a distância. Mas é claro que, sempre que tinha uma chance, ela queria estar com a mãe.

Um dia, na hora da *siesta*, ela acordou com o barulho familiar de alguém tossindo. Camila desceu da sua caminha e foi atrás da mãe. Encontrou-a no quarto dela, sentada na pequena escrivaninha que ficava perto da janela, de frente para o mar. Sua mãe estava chorando. Era perigoso para ela, chorar, porque isto sempre a fazia tossir. Seu corpo emagrecido sacudia horivelmente e ela lutava para conseguir respirar.

— Mamá, Mamá, o que você tem? — Camila se lembra de ter perguntado, prestes a romper em choro também. Supostamente, ela tinha passado de balbucios e sorrisos para frases inteiras, sem o período intermediário de palavras soltas ou sílabas sem sentido. Criada por uma mulher doente, moribunda, talvez ela soubesse que não havia muito tempo a perder.

— Nada, nada — acalmou-a Mamá, tapando a boca com o lenço. Ela bateu no banco ao seu lado e Camila subiu nele sozinha, pois a mãe não tinha mais forças para erguê-la. Lá de cima, ela pôde ver que a mãe estava escrevendo. — O que é isso? — perguntou ela.

— Um poema para o seu irmão Pibín, meu amor.

— Eu quero um poema para mim, Mamá.

— Ele também é para você, mas eu já comecei a escrever e já mostrei para o seu irmão, então vou deixar o título assim mesmo.

— Então lê para mim.

Sua mãe leu o poema, parando de vez em quando para recuperar o fôlego, mas também para reavaliar o que havia escrito. Sem dúvida, já que o poema estava sendo agora dirigido a Camila, a mãe estava tendo que improvisar algumas rápidas mudanças de rima e terminações femininas. Mas havia também um desespero na voz dela, como se ela tivesse muito pouco tempo para dizer algo muito importante.

Quando terminou, ela teve um acesso de tosse. Tivisita, que Pancho tinha levado para tomar conta da mulher, entrou no quarto.

— O que é que você está fazendo aqui, Camila? — disse ela. — Eu acho que você não devia...

— Nós estamos bem, Tivisita, obrigada. — A mãe ficou olhando Tivisita fechar a porta.

Camila encostou-se na mãe.

— O que quer dizer, Mamá? — Ela tinha ouvido as palavras,

mas não sabia o que a mãe estava dizendo a ela com aquele poema que tinha acabado de ler.

— Quer dizer que eu amo você muito, muito. — Ela estava olhando atentamente para Camila como se estivesse tentando enxergar a mulher que sua filha se tornaria no rostinho infantil erguido para ela.

É claro que Camila não sabia até que ponto se lembrava de tudo aquilo. A verdade é que ela se lembra de alguns relances. E o resto é a história que ela inventou para unir essas vagas lembranças, de modo a não perder completamente a mãe. Mas o que a mãe disse em seguida, ela tem certeza de que não inventou. Sua mãe tomou as mãos dela e apertou-as.

— Fique perto de Pibín. Confie no que ele lhe disser.

— E Papancho?

Sua mãe ficou na dúvida por um instante.

— É claro, Papancho.

— E Fran?

— Sim, Fran. — Eles repassaram toda a lista dos membros da família, mas sua mãe tornou a dizer: — Mas confie principalmente em Pibín.

— Por quê? — insistiu ela.

Mas a memória dela não consegue ir mais longe. Por mais que tente, Camila não consegue reconstruir o que a mãe possa ter respondido. Provavelmente, a conversa não continuou por muito tempo. Sua mãe se cansava facilmente naqueles últimos dias, e não conseguia acompanhar o ritmo das perguntas da filha.

Anos mais tarde, quando estava com dez anos, Camila tinha tornado a encontrar o poema numa coletânea da obra da mãe na biblioteca do pai. Com um lápis, verso a verso, ela tinha mudado todos os pronomes e as terminações masculinas — sua primeira aventura poética! —, de modo que o poema fosse dirigido a ela e não a Pedro.

Escrever em livros era um crime sério naquela casa de amante de livros, e ela tinha sido punida de um modo que seu pai considerou duro. Ela teve que copiar todo o livro de poemas da mãe. Foi assim, de fato, que ela começou a decorar todos os poemas de Salomé.

Ela tinha tentado explicar ao pai por que tinha feito aquilo, mas Pancho disse que a lembrança dela era uma “fabricação”. Era Pedro quem tinha resgatado aquela lembrança para ela anos mais tarde,

quando eles estavam morando juntos em Minnesota (antes de Marion, antes das coisas desmoronarem entre eles). Uma noite, bem tarde, Pedro relatou uma recordação da mãe, não muito diferente da de Camila.

— Ela me chamou no quarto dela — explicou Pedro. — Ela tinha começado a escrever um poema para mim três anos antes, mas estava tão doente que o largou. Ou era o que eu pensava. Mas poucos meses antes de morrer, ela disse que tinha uma surpresa. Ela leu o poema para mim, e quando terminou, disse uma coisa muito curiosa.

Antes mesmo de Pedro falar, Camila soube exatamente o que a mãe tinha dito.

— Eu pedi ao futuro para tomar conta de você. Agora você toma conta da sua irmãzinha.

NA NOITE SEGUINTE, no Fogg, Camila se junta à multidão que enche o auditório. Muitas das eminências de Harvard estão lá: catedráticos, reitores, dignitários — Jorge aponta-os para ela. Há um boato de que o reitor da faculdade chegou, mas, de fato, Pedro disse a ela que o reitor Conant tinha enviado as suas desculpas. Neste momento ele está executando uma missão para o presidente Roosevelt, voando para, a Inglaterra para conversar com o Sr. Churchill.

— Esta é mesmo uma ocasião muito especial — explica Jorge. — Um dos nossos convidados por Harvard! Isto não ocorre desde Santayana, no início do século. — Ele ergue as sobancelhas para enfatizar a importância da noite.

Ela está sentada ao lado dele e de Germaine na fileira da frente, que Pedro reservou para os amigos e colegas. Quando ela se vira para falar com eles, avista um mar de tweeds escuros e lãs sóbrias atrás dela. Parece uma reunião de agentes funerários.

Ela mesma está usando preto, um vestido que pertenceu à mãe dela e que nunca usou antes — ou melhor, tinha tentado usar uma vez, há muito tempo, e o pai, ou talvez a madrastra, não permitiu. Quando estava fazendo as malas e decidindo o que ia levar, tornou a experimentá-lo, e o vestido coube perfeitamente. É estranho pensar que o corpo dela é igual ao da mãe, como se de alguma forma ela estivesse ressuscitando a mãe na sua própria carne.

Enquanto está sentada na plateia, escutando o irmão, ela sente a

mesma excitação que sentiu mais cedo no Touro Triste ouvindo os poetas recitarem seus poemas tristes.

— Precisamos comprometer-nos com a *nossa* América — está dizendo Pedro —, a América que os nossos países, pequenos e pobres, estão lutando para criar.

Ela também quer ser parte dessa autocriação nacional. Os poemas de sua mãe inspiraram uma geração. Os seus, ela sabe, não são toques de clarim, mas tímidos oboés, música de fundo tocada ao piano, uma onda gigante de violoncelos suportando o peso de uma melodia. Toda revolução precisa de um coro.

— Não podemos ser meros redentores de traças — Pedro tropeça nas palavras. Ela sabe o esforço que é para ele falar em inglês, como se exige de todos os Norton Lecturers. — “Quem se dá aos outros vive entre pombas” (Onde foi que ela ouviu esta frase antes?)

— Não vamos nos esquecer do fator mais importante, especialmente importante de lembrarmos nas vésperas da guerra, o que o nosso apóstolo Martí disse uma vez antes de ser abatido nas montanhas de Cuba: “Só o amor constrói!” — A citação de Martí faz a plateia se levantar para aplaudir. Quando ele sai de trás do pódio e vai para a frente do palco, para agradecer o aplauso da plateia, Camila vê o rosto dele, coberto de suor e cansado da tensão. Que preço alto ele pagou por ter sido aquele que recebeu o legado da mãe deles.

Mas agora ela está aqui para ajudá-lo a carregá-lo.

Do seu lugar na primeira fila, agindo como irmãzinha caçula, ela joga um beijo para ele.

MAIS TARDE NAQUELA NOITE, depois que todo mundo deixou o Touro Triste cantando canções republicanas, Camila finalmente tem chance de dizer ao irmão o quanto se orgulha dele.

— Não foi só o discurso — diz-lhe ela, evitando encará-lo, pois não é hábito deles falar tão abertamente um com o outro. — Estou orgulhosa por você não ter ficado naquele emprego. Por não ter concordado com os esquemas de Trujillo. Se ao menos você pudesse convencer o Max. — Essa não é provavelmente a melhor hora para mencionar o irmão deles, mas as palavras de Pedro aquela noite a inflamaram.

— O nosso Max é extremamente cabeça-dura — admite Pedro — como o resto de nós. — Pedro bate na cabeça com os nós dos dedos

para mostrar o quanto todos eles são cabeças-duras.

— É mais do que teimosia. Aquele negócio dos haitianos foi uma desgraça. Vinte pesos por cada morto... — Ela sacode a cabeça. — A história jamais lhe perdoará. — Para não falar na irmãzinha dele, pensa Camila.

Pedro se mexe na cadeira, inquieto.

— Vamos esquecer o Max por ora. — Ele baixa a cabeça e olha para ela como se estivesse olhando por cima de um invisível par de óculos. Camila acredita que ele consegue enxergar até a bagunça que ela deixou atrás dela em Cuba. Um amante zangado, uma casa desfeita às pressas, caixotes e malas com papéis de família valiosos deixados com amigos.

“Você precisa ser mais cuidadosa, Camila.”

— Eu sou cuidadosa — protesta ela. — Você não precisa se preocupar comigo. — Sem dúvida Max contou a ele sobre sua aventura numa prisão cubana, Max teve que viajar da República Dominicana e usar sua imunidade diplomática para soltá-la.

— Como vai o seu amigo? — pergunta ele, olhando firme para ela. — O escultor — acrescenta, embora ambos saibam que ele estava pensando também em Marion.

Ela gostaria de jamais ter mencionado o nome de Domingo nas cartas que escreveu para ele.

— As coisas não deram certo. — Ela olha para as próprias mãos, sabendo que Pedro está esperando para saber por quê. O que ela pode dizer? Ela não aguentava mais enganar a Domingo e a si mesma. Na noite em que voltou das duas semanas passadas na cadeia, ela tinha terminado com ele, usando como pretexto o fato de que ele havia desertado do comitê de boas-vindas no cais quando a *guardia* chegou com os cachorros. “Você nos abandonou”, acusou-o.

“Você m-me deixou m-muito antes d-disso”, tinha respondido Domingo com toda a razão.

— Jorge falou com você? — pergunta Pedro de repente. Ela faz sinal que sim. Enquanto esperavam pela conferência de Pedro, Jorge tinha dado a boa notícia. Ele tinha ligado para a colega dele, Pilar Madariaga, em Vassar, naquela tarde. O relato entusiasmado que ele fez da “irmã de Pedro Henríquez Ureña”, ela podia imaginar, tinha impressionado tanto a Pilar que ela havia virtualmente garantido um emprego para Camila na mesma hora.

“Vassar é uma universidade de muito prestígio, você sabe”,

continua Pedro, vendo que ela não diz nada.

É claro que ela sabe disso, mas há coisas mais importantes do que prestígio, ela tem vontade de dizer a ele. A sala de repente fica fria. Talvez o proprietário tenha diminuído o aquecimento para eles ficarem sabendo que ele quer fechar. Está na hora de irem embora.

— Você não gosta mais de pedagogia, é isso? — pergunta Pedro. A voz dele é íntima, persuasiva. Era como se ele estivesse perguntando a uma de suas filhas pequenas por que ela não queria dar um beijo no Papá.

— Não é isso — diz ela, imaginando se aquele é o momento de perguntar a ele sobre os poemas dela.

— Eu ouvi você dizer a Jorge que queria um tempo. — Pedro tira o casaco das costas da cadeira e o coloca sobre os ombros dela. Numa voz baixa e cuidadosa, ele diz: — Eu tive uma chance de ler aqueles poemas hoje de manhã.

Ela aperta mais o casaco em volta do corpo. Não consegue dizer nada. A sua voz a trairia.

— Eles são bem-feitos, bem escritos. Alguns, na verdade, me lembram os poemas de Mamá. — Ele faz uma pausa, como que para deixar que isto seja internalizado. Ela pode sentir o olhar dele sobre ela. — O meu favorito, aliás, foi o que você declamou para nós ontem à tarde, “La raíz”. Eu o achei muito bem resolvido, mas as rimas da última estrofe eram um pouco forçadas.

Querido Pibín, pensa ela. As rimas podem ser melhoradas. Existem conclusões mais importantes a serem tiradas.

— Você tem algum conselho a dar ao autor? — pergunta ela com a maior neutralidade possível. Ela começou a enfileirar os potes de sal e pimenta sobre a longa mesa, imaginando por que o proprietário se preocupou em fornecer esses condimentos. Nas duas vezes em que o grupo esteve lá, não foi servida nenhuma comida, exceto azeitonas e amendoins, salgados demais, aliás.

— Sim, eu tenho um conselho — diz Pedro. Cada palavra que ele diz é medida. — Eu acho que o poeta devia continuar a escrever para o seu próprio prazer. Mas acho que ela devia aceitar o emprego em Vassar, se ele lhe for oferecido. — A voz dele é quase um murmúrio, como se tivesse descoberto um segredo que ela precisa guardar e que ele não quer tirar dela.

— Entendo — diz ela, limpando a garganta da tristeza que ali se alojou. Ela não ousa erguer os olhos, senão as lágrimas que estão se alojando neles irão cair. — E quanto ao que você disse sobre ajudar

a construir a nossa América. E quanto às suas palavras desta noite? — É como se, deliberadamente, ela estivesse direcionando a discussão para outro tema, um emprego nos Estados Unidos em contraste com um serviço em casa, a fim de evitar encarar o julgamento de Pedro com relação aos seus poemas. Ou talvez os dois assuntos não sejam tão discrepantes, afinal de contas.

“Pibín, responda-me. É o seu conselho a todos nós esta noite de não parar de lutar?”

— Você pode lutar de Poughkeepsie — diz Pedro, tropeçando no nome da cidade. Aqueles grupos de consoantes são impossíveis de pronunciar para eles.

— E que luta seria essa?

— A luta é sempre a mesma, Camila, você não percebe? Martí lutou contra Cuba de Nova York, Máximo Gómez enfrentou Lilís lá de Cuba, Hostos veio para nós de Porto Rico. Neste momento, o lugar mais seguro para você é Vassar.

— E você e Isabel estão lutando da Argentina, e Max de dentro do regime, eu suponho? — Ela percebe a decepção na própria voz. Ela sempre considerou o casamento de Pedro como uma desistência dos seus propósitos mais elevados. A luta para prover Isabel e suas filhas de belas roupas, casas de veraneio, escolas particulares consumiu as energias dele em empregos insignificantes, mal pagos.

Ele inclinou a cabeça como se estivesse aceitando o julgamento dela. *Meu Pedro não é um soldado, nenhum César ou Alexandre atormenta o seu coração.* Após um momento de reflexão, ele acrescenta:

— Eu continuo lutando. Estou defendendo a última fronteira.

— E qual seria ela? — Ela o desafia a responder.

— A poesia — diz ele. Ele a substituiu na tarefa de enfileirar os condimentos na mesa, como se estivessem jogando um jogo estranho, parente do xadrez, mas com menos peças, um jogo de coragem, que, com a mesma rapidez, se pode ganhar ou perder. — Eu a estou defendendo com a minha pena. É uma coisa pequena, eu sei, mas estas são as armas que me foram dadas. Eu a defendo porque ela representa o que há de mais puro em nossa alma, o projeto do novo homem, da nova mulher. Eu a defendo contra as penas compradas, os ditadores, os farsantes, os bem-intencionados mas desprovidos de talento.

Seu eloquente irmão. Com que beleza ele sela o seu destino.

— Eu sinto muito — diz ele numa voz tão francamente triste que

ela sente pena dele por um momento. Ela lembra a si mesma que ele próprio desistiu de escrever poemas porque achou que não era suficientemente bom. — Mamá não me perdoaria se eu não dissesse a você o que acho. Outros podem discordar.

Sim, ela tem vontade de dizer a ele. Max discorda. Juan Ramón Jiménez discorda. Mas é a opinião dele que conta, ela sabe disso. E ela desconfia que ele esteja certo, pois o que ela está sentindo não é tristeza e, sim, um imenso alívio. Vassar não é longe de Vermont, onde Marion começou a ensinar. Talvez agora, sem as pressões da família nem as esperanças criadas por Domingo, ela e Marion consigam superar suas diferenças.

— Eu aprecio a sua franqueza — diz ela finalmente, juntando suas coisas. Ela começou a sentir o seu orgulho ferido. Não quer a piedade dele. Isso seria horrível. Há outras mulheres que ela pode ser além da heroína de uma história.

— Você pelo menos vai ver?

O modo como a voz dele sobe numa súplica é como uma mão erguendo-lhe o queixo. Ela olha para ele. O que ela vê é o rosto de um velho — cansado e gasto, os olhos cheios de saudade, *o terrível deserdamento moral do exílio*, que ele agora está insistindo que ela compartilhe com ele. Que modo de tomar conta de mim, ela tem vontade de dizer, mas eles já disseram coisas demais um para o outro.

— Vou ter que pensar nisso — diz ela, levantando-se para ir embora.

CUATRO

Amor y anhelo

São Domingos, 1878-1879

UMA NOTÍCIA APARECEU EM todos os jornais.

Estamos recolhendo dinheiro para a medalha nacional de poesia a ser concedida a Salomé Ureña. Quando atingirmos nossa meta de duzentos pesos, anunciaremos a hora e o lugar da homenagem.

Assinado, “Semper Vigilans”.

— QUEM É ESSE SEMPER Vigilans? — quis saber minha mãe.

— Sempre Vigilante — traduziu tia Ana. — Acho que é o pseudônimo de José Joaquín.

Ramona e eu sabíamos muito bem. Ela olhou para mim, apertou os olhos, antes de sair bruscamente da sala. Não conseguia entender como uma mulher como eu, de vinte e oito anos, pudesse ter perdido o juízo. Como é que eu podia permitir que um garoto de dezenove anos, escondendo-se atrás daquele pseudônimo idiota, promovesse aquele leilão público do meu talento?

Ela tinha razão. Normalmente, eu teria ficado envergonhada com tanta atenção. Mas pelo contrário, estava perturbada e encantada com as artimanhas do rapaz. Eu só consigo comparar isso com o cachorrinho que meus primos Baní me deram de presente, para me distrair da minha tristeza, quando fiquei na casa deles logo depois da morte de Papá. Eu via Coco mastigar o meu sapato ou enfiar na boca a fita de cetim da minha touca ou babar em cima do meu exemplar das *Aventuras extraordinárias de Marco Polo*, e corria atrás dele com uma vara, mas aí ele parava, olhava para mim balançando o rabo com sua linguinha cor-de-rosa para fora da boca, os olhinhos pretos fitando-me com adoração, e eu largava a vara e tomava Coco nos braços e enfiava o rosto no pelo dele.

Foi exatamente assim que eu me senti com relação a Pancho, no início. Fiquei assistindo àquele jovem galanteador exceder-se com

artigos, cartas, subscrições, eventos em minha homenagem. Eu o estava deixando fazer tudo o que queria, é claro, achando que logo ele iria se cansar daquilo.

A PRIMEIRA *SOIRÉE* de poesia que Pancho nos convidou para assistir foi organizada pelos Amigos do País. Muitos desses clubes tinham surgido na capital: eles organizavam cursos e concertos e campanhas políticas — de fato, eles mantinham vivo o espírito de liberdade numa época em que os nossos líderes estavam, na maioria, preocupados consigo mesmos. Dentre os mais famosos, porque era um dos mais antigos, estava o Amigos do País.

Eu tinha me vestido em meio luto, um vestido cinzento enfeitado de crepe preto, uma touca e uma capa de bombazina preta que Ramona achava que me deixavam muito magra e austera. O evento foi realizado na casa de *Don* Noël Henríquez, na Rua Esperança, e os temas a serem tratados foram anunciados nos jornais naquela quarta-feira: *Em que consiste a grandeza da poesia?* Enquanto isso, a Sociedade de Jovens estaria discutindo *Qual é o futuro do fatalismo?* La Republicana, *O Haiti é mesmo nosso inimigo?* E o tema favorito de Ramona, que seria tratado no Amanhecer da Sociedade do Povo, *O amor é o coroamento da espécie humana?*

É claro que as mulheres convidadas não poderiam participar das discussões.

— Mandaram que nós ficássemos de boca calada — disse-me Ramona —, a menos que o moderador se vire para nós e diga: “E o que é que o sexo frágil tem a dizer sobre o futuro do fatalismo?”

Don Noël morava numa bela casa de dois andares com telhado espanhol e uma sacada de ferro batido que combinava com os dois postes que ficavam um de cada lado da porta da frente. Ramona e eu fomos recebidas primeiro por Federico com tanto entusiasmo que pude ver por que havia interpretado mal suas atenções anteriores, e depois por vários outros irmãos Henríquez, todos com a mesma beleza morena de Pancho. O pai, de cabeça branca, *Don* Noël, com toda a aparência de um *páter-famílias*, ofereceu um braço a cada uma de nós, mas bem naquele momento chegou o ministro da cultura com a esposa, e ele foi forçado a se desculpar para poder recebê-los adequadamente.

Então, Ramona e eu entramos no salão cheio e barulhento, uma agarrada na mão da outra, sem que ninguém notasse a nossa

presença. Nós éramos tímidas por natureza e não estávamos acostumadas a circular com desenvoltura de um grupo para outro, conversando amenidades. Com nossos vestidos escuros e feios, já com quase trinta anos e com as faces ruborizadas, nós devemos ter parecido acompanhantes de alguém. Dirigimo-nos para o lugar em que algumas das senhoras mais velhas pareciam estar se acomodando, e nos sentamos sem dar uma palavra.

Do meu lugar no canto, pude observar Pancho enquanto ele circulava pelo salão, cumprimentando sócios e recém-chegados. Ele tinha uma voz forte que se sobressaía. Eu o ouvi apresentar uma meia dúzia de amigos como o seu melhor amigo; todo escritor tinha escrito o melhor ensaio sobre a independência de Cuba ou o melhor livro sobre o massacre dos índios.

Quando ele subiu no pódio numa das extremidades do amplo salão, ficou muito claro que quem estava no comando era ele. Tinha acabado de fazer dezenove anos — tinham aparecido nos jornais diversas odes comemorando o aniversário dele, mas apesar de tão jovem, os Amigos do País o haviam eleito seu presidente. Após algumas palavras de boas-vindas, apresentou alguns dos seus convidados de honra. Ficou aparente que a sala estava cheia de luminares. Ele pediu que o grande general Máximo Gómez se levantasse e fizesse uma mesura. Ulises Espaillat, frágil e envelhecido dos nove meses que passou tentando nos governar, foi aplaudido delirantemente. Depois, José Joaquín Pérez, nosso celebrado poeta, levantou-se e pôs a mão no coração para mostrar o quanto significava para ele estar ali.

— Agora, vou apresentar a nossa convidada de honra desta noite. — E então, descendo do pódio, ele atravessou a sala na minha direção.

Ramona disse depois que eu parecia um daqueles caranguejos ermitãos que se esconde dentro da casca e se recusa a se mexer. De fato, fiquei paralisada. Era como se alguém tivesse me amarrado dentro do meu corpo, usando como cordas os meus próprios músculos.

Mas se eu era um caranguejo ermitão, aquele rapaz era uma craca presa na minha casca.

— Por favor, Señorita Salomé, conceda-me a honra.

Cometi o erro de olhar para aquele rosto suplicante, e foi como se a criança do vizinho estivesse me pedindo o caramelo que eu estava prestes a colocar na boca. Como eu podia recusar? Eu me vi

levantando da cadeira, dando o braço a ele e me dirigindo para a frente do salão.

No caminho, as pessoas se levantavam para me aplaudir. Desejei que o meu véu de luto ainda estivesse preso na minha touca, de modo a esconder o meu rosto.

No pódio, Pancho se inclinou para mim e perguntou se eu poderia recitar alguma coisa. Lancei a ele um olhar de terror.

— Eu faço isso para você — ofereceu-se ele.

Devo dizer que Pancho recitou “A glória do progresso” lindamente, sem consultar o texto, com a voz cheia de paixão, como se ele mesmo tivesse escrito o poema. Aliás, quando comecei a trabalhar em um novo poema, foi a voz dele que imaginei entoando os versos.

Depois de recitar o poema, Pancho e vários outros sócios leram discursos em que a grandeza da poesia consistia na nobreza do espírito e no compromisso apaixonado com a pátria, exemplificada na poesia de Salomé Ureña.

— Algum dos nossos convidados, incluindo aqueles pertencentes ao sexo frágil, tem alguma coisa a acrescentar a essas observações? — perguntou Pancho quando os discursos terminaram.

Trinidad Villeta levantou-se, criando aquele rebuliço que sempre acompanha o pronunciamento de uma moça bonita.

— Eu concordo com todos os nossos ilustres oradores. E sou uma amante da poesia de Salomé. — (Eu pude ver Ramona estremecer do lado dela.) — Mas gostaria de ressaltar a presença aqui hoje de dois outros poetas cuja obra também exemplifica a grandeza da poesia, José Joaquín Pérez e Josefa Perdomo.

Eu me senti uma idiota por ter permitido que me exibissem como um troféu à custa de outros.

— Ela só estava com ciúmes — disse Ramona quando nos preparávamos para dormir aquela noite. — A verdade, Herminia, é que Papá teria ficado muito orgulhoso de você! — Ela me abraçou. Foi a primeira vez, desde a morte de papai, que ouvi o nome dele ser mencionado sem sentir um aperto no peito.

POUCO TEMPO DEPOIS, RAMONA E EU fomos empossadas como sócias honorárias dos Amigos do País. Apesar da nova rodada de revoluções, nós continuamos a nos reunir regularmente.

Admito que frequentava essas reuniões para poder ver Pancho.

Sempre que eu entrava na sala, ele corria para o meu lado. No entanto, em uma ocasião, ele não me viu chegar, e o vi conversando com Trini Villeta. Eu já descrevi Trinidad Villeta? Ela poderia passar por irmã de Pancho, com a mesma pele rosada e olhos escuros e cabelos pretos que usava formando dois círculos sedosos sobre as orelhas. Toda vez que eu a via, tinha que lembrar a mim mesma que Deus me havia dado outros talentos, muito especiais. O ângulo do corpo de Pancho, a mão dele na parede ao lado de onde Trini estava parada, sua outra mão na cintura eram um sinal claro de que aquele era um *tête-à-tête* que ninguém devia interromper.

Eu me sentei ao lado de José Joaquín Pérez, que tinha ficado em pé e feito um sinal mostrando a cadeira vazia ao seu lado. Mais tarde ele disse que foi naquela noite que me incentivou a iniciar o meu longo poema “Anacaona” e, com ele, abordar o tema indígena que todos os nossos jovens poetas estavam privilegiando. Mas, na verdade, eu não me lembro de uma só palavra que José tenha dito, exceto quando ele olhou por cima do meu ombro e anunciou: “E aqui está o nosso presidente, Pancho!”

RAMONA, É CLARO, NOTOU a minha distração.

— Lembre-se — disse-me ela no dia seguinte ao dia em que tínhamos visto Pancho flertando com Trini — de que este não será o primeiro Henríquez a enganar você.

— O que você quer dizer? — perguntei zangada.

— Você sabe o que eu quero dizer, Salomé. Não banca a doida comigo. Pancho está apaixonado pela sua poesia e não por você. Mesmo que ele confunda as duas coisas, você não deveria confundir.

Eu tinha tão pouca confiança em mim mesma que fiquei convencida de que ela tinha razão. Pancho era jovem e bonito demais para estar interessado em mim. O próximo convite que recebemos dos Amigos do País para uma reunião de boas-vindas ao grande educador Hostos, eu recusei.

Faltar a uma reunião não era nada fora do comum. Mas eu também não compareci ao evento seguinte organizado pelos Amigos do País em que Hostos ia discursar sobre o futuro da humanidade. Deixei de comparecer a vários eventos, e Pancho não se manifestou. Comecei a achar que minha irmã tinha razão quanto a ele.

Então, um dia, chegou um embrulho. Eu o abri e era o novo

livro de poemas de José Joaquín Pérez com uma dedicatória muito gentil: *Para Salomé Ureña, cuja lira me faz querer silenciar a minha*.

Essas palavras serviram para me sacudir. Pensei no quanto vinha desperdiçando o meu talento e o meu tempo ao permitir que o meu coração me distraísse da minha verdadeira vocação que era escrever. Com tristeza, eu me lembrei do que *Doña Bernardita* tinha escrito em seu *Manual*: “*Pequeñuelas*”, aconselhava às meninas, “deixem que a beleza do mundo impregne suas almas antes de conhecer o amor. Pois, depois disso, vocês não enxergarão mais nada no mundo além do amor.” Na época, achei que isto seria uma coisa maravilhosa, mas agora via que era um grande desperdício, transformar o mundo num livro de suais, despetalar uma flor e só pensar, *Bem me quer, mal me quer*, em vez de notar o sol radiante e as pétalas brancas da margarida.

Então decidi fazer o meu trabalho, que era escrever poemas que manteriam vivo o amor pela liberdade nos corações dos meus compatriotas durante aqueles tempos difíceis. Escrevi um poema para José, agradecendo por ele nos fazer recordar do nosso trágico passado com seus poemas indígenas. Ele deve ter submetido o meu poema ao *El Estudio*, porque dois dias depois foi publicado naquele jornal.

Como se eu tivesse oferecido uma tigela de leite a um cãozinho, Pancho apareceu.

RAMONA NÃO O DEIXOU ENTRAR.

— Salomé está ocupada — declarou ela, mantendo a parte de cima da porta entreaberta. — Ela está trabalhando em um novo poema.

— Não a incomode — disse ele depressa. — Vou esperar aqui fora até que ela termine.

— Como você teve coragem, Ramona? — Reclamei assim que ela fechou a porta.

— Onde foi que ele esteve o mês inteiro que você passou chorando no travesseiro? Eu ouvi muito bem!

Mas eu já estava abrindo a porta e enfiando a cabeça para fora. Ele estava agachado na calçada com as costas apoiadas na parede da casa. Quando ficou em pé, estava com uma mancha branca nas costas do paletó.

— Pancho, entre, por favor. — Tive que erguer a voz. Nosso

cachorrinho Coco estava latindo loucamente. — Você vai assustar a visita! — Ralhei com ele.

— Que nada, que nada — protestou Pancho, agachando-se para dar um naco de carne-seca para Coco. Pancho carregava pedacinhos de carne seca numa bolsa presa no cinto. — Adoro bichos — ele explicou. Eu tinha ouvido um boato de que Pancho havia tentado comprar o leão de *Herr Langer*, mas que o *Ayuntamiento* tinha mandado matar o leão depois que este devorou o próprio dono.

Ramona não estava disposta a permitir que Pancho fizesse mais uma conquista na família. Ela pegou Coco no colo e saiu da sala.

Pancho sentou na primeira cadeira que eu ofereci a ele.

— Salomé — confessou ele —, eu não tive coragem de vir aqui... Achei que poderia tê-la ofendido.

— Mas por que você pensou uma coisa dessas? — perguntei. Esta possibilidade nunca me ocorrera naquelas noites em que me revirei na cama com o coração partido.

— Você não compareceu a nenhuma de nossas reuniões desde que Hostos se juntou a nós. Eu achei que, talvez, você também pertencesse ao grupo que acha que todos os positivistas são ateus.

Sancho Pancho, pensei, o apelido que Ramona tinha dado a ele, brincando com o nome do roliço ajudante de Dom Quixote. Onde ele foi arrumar aquela ideia de que eu não queria me misturar com eles?

— Pancho, afinal de contas, o que é um positivista?

— Salomé Ureña — disse ele, esquecendo todas as outras preocupações —, você não sabe o que é um positivista?

Ele se ajeitou na cadeira e começou a me explicar. Hostos, o grande educador porto-riquenho, acreditava em uma coisa chamada positivismo, que declarava que a humanidade estava evoluindo para um estado mais elevado, mais perfeito. Os positivistas, no mundo todo, estavam lutando uma batalha evolucionária pacífica para substituir a nuvem escura da irracionalidade e da violência e da religião pela razão, pelo progresso e pela ciência.

— A única revolução que ainda não experimentamos foi a revolução pacífica da educação — Pancho declarou com a voz tão ardente quanto quando recitava os meus poemas para os sócios do seu clube.

Vendo aquele brilho nos olhos dele, comecei a entender que Pancho era um homem que se entusiasmava facilmente por ideias nobres e grandiosas. Poucos meses antes tinha sido Salomé Ureña, a

musa da pátria; agora era Hostos e a educação do homem positivista.

— Então você vai voltar a frequentar as nossas reuniões? — quis saber Pancho. — Hostos quer muito conhecê-la. Ele é um grande admirador dos seus poemas. Ele diz que você é uma positivista nata.

Eu não me surpreendi ao ouvir isso, uma vez que muitas pessoas que liam a minha obra me diziam coisas que ainda desconhecia a meu respeito.

— Pode contar comigo — disse eu brincando, repetindo as primeiras palavras que havia dito para ele na vida. Mas Pancho não sorriu. Ele parecia preocupado, inquieto. Finalmente, ele revelou o que o estava preocupando. — Eu li o poema que você escreveu para José.

Eu não sabia se Pancho estava com ciúmes — como seria possível? O poema era tão obviamente sobre o meu apreço pelo venerável poeta, e não sobre os meus sentimentos pelo homem casado, respeitável.

— Posso ler esse poema na nossa próxima reunião? — perguntou Pancho.

— Pode, é claro. Mas estou terminando um novo que talvez seja mais adequado. Vou levá-lo comigo.

Foi como se eu tivesse falado em água para um homem que estava morrendo de sede. Pancho me agradeceu imensamente pela minha generosidade, pela minha inteligência, pelo meu talento.

Eu vi que se quisesse aquele homem, tudo o que tinha a fazer era continuar escrevendo.

NO PRIMEIRO DIA do ano novo, recebi uma carta de Pancho.

Abri-a com as mãos trêmulas, pois ela tinha todo o jeito de uma carta de amor — papel do mais fino linho e letras pretas e cheias de floreios para capturar a amada em cordas de palavras.

Depois de lê-la pela segunda vez, confesso que me senti desapontada. A carta tinha três páginas, e nem uma vez a palavra amor ou algo próximo de amor era mencionado. Pancho explicou que estava escrevendo porque, depois da nossa conversa sobre o positivismo, ele tinha percebido como era pobre a base que eu tinha de ciências. Eu era a única poeta da nossa nação que tinha a chance de se tornar um grande poeta de todos os tempos. Mas nunca tinha recebido a luz da verdade científica. E já que ele, Pancho, tinha se

dedicado às ciências (aritmética, álgebra, geometria, trigonometria, mineralogia, astronomia, filosofia — para mencionar apenas algumas), ele se oferecia, com todo o respeito, para transferir todo o conhecimento que tinha na sua mente para a minha.

— Que arrogância! — Ramona tinha chegado por trás de mim e estava lendo a carta por cima do meu ombro. Eu discordei dela. De fato, o que eu havia concluído era que Pancho tinha uma grande confiança na minha capacidade.

Numa coisa nós duas concordamos: este plano de estudos ia durar uma vida inteira.

Então, será que aquilo era algum tipo de proposta? Eu não queria perguntar a Ramona, então resolvi falar com Mamá. De qualquer maneira, teria que pedir a permissão dela para tornar a estudar com um homem.

Mamá sorriu afetuosamente enquanto lia a carta, sacudindo a cabeça de vez em quando como tinha feito diante do cachorrinho em Baní. Por ora, ela ainda estava com uma aparência bem jovem, os fios brancos em seu cabelo pareciam reflexos do sol e não marcas da idade. Quando terminou de ler, ela dobrou a carta cuidadosamente e devolveu-a para mim.

— Acho que você devia aceitar a proposta dele.

— Ramona acha inconveniente — expliquei.

Mamá atravessou o quarto e fechou a porta. Depois, virou-se para mim e disse em voz baixa:

— Vou dizer uma coisa para você que não quero que seja repetida fora deste quarto. Está ouvindo? — Eu balancei a cabeça.

— Uma vez, há muito tempo, uma outra irmã se meteu na vida da irmã mais moça. E essa irmã mais moça ainda sofre até hoje por ter permitido essa interferência. Salomé, minha filha — ela me segurou pelos ombros —, você é amada por todo o país. A sua poesia é memorizada pelos seus compatriotas, jovens e velhos. Mas não existe nada, nada, não importa o que seja, que se compare com o amor de um homem. Não desista da sua chance de ter isso. Eu ficarei do seu lado quando a tempestade desabar, pois as críticas virão.

— Pelo fato de ele ser muito mais moço? — perguntei.

— Por isso e por ele ser branco, enquanto nós somos mestiços. A família dele tem dinheiro e nós não temos. — Ela estava contando os motivos nos dedos, e então fechou a mão como que para esmagar aquelas tolas oposições. — E há também a religião dele, judia, é

claro...

Percebi que até Mamá se preocupava com isto.

— Mas a família se converteu — protestei. Pancho tinha me contado que o seu avô judeu tinha se casado com uma mulher dominicana e concordado em criar os filhos como católicos.

— Nós nunca iremos convencer sua tia — continuou Mamá. Depois, indicando a carta que eu tinha na mão, ela acrescentou: — Seja como for, você deve aceitar.

— Mas Mamá — disse eu, deixando de fingir que estava falando das aulas. — E se ele descobrir que não me ama?

Eu era uma mulher adulta, mas da forma que olhei para ela, Mamá deve ter pensado que eu era uma garotinha de novo. Ela afastou o meu cabelo e deu um beijo em minha testa.

— Esse é sempre o risco que corremos. Mas o amor vale esse risco. E se você cair, tem uma rede bem grande pronta para segurá-la.

Eu pensei que ela fosse dizer “Os meus braços” quando perguntei que rede era essa? mas minha mãe disse:

— Os poemas que você escreveu e aqueles que irá escrever.

LÁ PARA O FIM DAQUELE ano, os jornais anunciaram que um Sr. Bell dos Estados Unidos tinha inventado um modo de falar com quem estava longe. Esta notícia provocou uma das inúmeras tiradas de tia Ana.

— Isso é mexer com a obra de Deus!

— Não se preocupe, Ana — tentou acalmá-la Mamá. — Vai demorar muito até o telefone chegar aqui. Talvez a obra de Deus nem esteja mais por aqui.

No ano de 1878 “de Nosso Senhor, e não se esqueça disto”, tia Ana disse, nós tivemos oito governos e outras tantas batalhas. Cada governo que era derrubado ia para o exílio no Haiti. “Em breve vai haver mais políticos dominicanos no Haiti do que aqui”, comentou Don Eliseo. “Melhor para nós”, disse Mamá baixinho.

No meio de toda esta turbulência, Semper Vigilans conseguiu juntar a quantia de duzentos pesos. A notícia apareceu nos jornais: a homenagem teria lugar no sábado, 22 de dezembro, às sete horas, na Biblioteca Nacional fundada pelos Amigos do País.

Eu não sabia se Pancho era, de fato, Semper Vigilans, mas sabia que ele e os Amigos do País estavam por trás desta campanha para

me oferecer a medalha. Então, protestei diretamente para Pancho. O nosso país não estava em condições de gastar dinheiro numa medalha de ouro quando estávamos apenas começando a nos recuperar de um ano de lutas.

Nós tínhamos estado analisando a estrutura das flores. Pancho abriu os longos lírios brancos com uma faquinha sobre uma tábua de madeira equilibrada em seus joelhos. Ele tinha pedido a minha permissão para tirar o paletó para a aula de dissecação. Vendo-o trabalhar em mangas de camisa, eu me lembrei daquelas lições de muito tempo atrás no jardim da casa do meu pai. Naquela época, eu achava o meu pai o homem mais bonito do mundo. Mas, de fato, Papá era mais simpático do que bonito, com seu rosto largo e seu sorriso contagiante e seus olhos travessos. Pancho, por outro lado, era uma beleza. Até Ramona chamava-o de Absalão, por causa do belo rapaz do Velho Testamento. Ela tinha um monte de apelidos para ele. Mas Pancho nunca sorria. Ele era o oposto de Papá neste particular: não tinha o menor senso de humor. Mas esta seriedade me atraía, pois fazia-o parecer mais velho do que os seus dezenove anos.

— Salomé, você não está vendo? É exatamente isso que a pátria precisa, concentrar-se em excelência, nobreza e progresso. — Pancho gesticulou com a faquinha na mão. Recentemente, ele tinha começado a falar como todos os positivistas, como se estivesse fazendo discursos o tempo todo.

— As pessoas podem se concentrar nessas coisas sem gastar dinheiro com futilidades.

Pancho pousou a faca sobre a tábua. Nos últimos meses das aulas diárias, nós tínhamos passado rapidamente pela matemática (“Você tem um raciocínio muito rápido”, comentava Pancho o tempo todo) e atualmente estávamos estudando os inorgânicos. Na próxima semana, Pancho prometeu que vamos começar a estudar astronomia.

— A modéstia lhe fica muito bem, Salomé — disse Pancho.

Havia uma doçura na voz dele, como se ela estivesse vindo do interior sedoso da flor que tínhamos acabado de abrir.

Olhei para o papel que estava usando para fazer algumas anotações. Não pude deixar de olhar para o braço de Pancho, forte e com um emaranhado de veias azuis na altura do pulso. Como desejei tocar nele! Mas tinha sido criada num país onde as heroínas nacionais amarravam as pontas da saia quando iam ser executadas.

Eu não sabia que era possível para uma mulher tocar no braço de um homem espontaneamente.

— Salomé, eu tenho uma confissão a fazer. — Pancho tinha baixado a voz. — Eu prometi solenemente a você que subiríamos juntos os degraus do conhecimento, não foi?

— Sim — disse eu, tomando cuidado para respirar normalmente.

— Eu preciso quebrar essa promessa — disse ele, fazendo uma pausa dramática. Às vezes eu me perguntava se Pancho não lia romances demais. — Hostos pediu-me para acompanhá-lo numa viagem de sete meses pelo país, visitando escolas, vendo o que pode ser feito.

Estes, evidentemente, eram objetivos que todos nós, patriotas, estávamos perseguindo, mas foi desconcertante ouvir que eu teria que fazer um sacrifício pessoal.

— Eu sei que você poderia encontrar um sem-número de admiradores, muito mais qualificados, que considerariam uma honra ocupar o meu lugar. O que eu peço — ele hesitou, pegando a tábua de dissecar que estava sobre os seus joelhos, como se quisesse ocupar as mãos — é que você me dê a honra de esperar até que eu volte para retomar os estudos.

Olhei para aqueles olhos escuros, para aquele rosto belo e ardente, e não consegui acreditar que ele não percebesse que eu estava apaixonada por ele.

— Eu espero você voltar, Pancho.

Ele tinha aberto outra flor e a estava cutucando nervosamente com a faca. Ele tinha explicado como funcionava todo o mecanismo de fertilização. O pistilo no meio, com sua abertura grudenta, esperando pelo pólen do estame. Enquanto ele mexia na flor, eu sentia a respiração ofegante de paixão e desespero.

A NOITE DA HOMENAGEM passou num borrão. Mamá, que não ia mais a lugar algum, fez uma exceção. (“Uma pessoa da família vai ser declarada poeta nacional! Você tem que ir,” disse a ela nosso velho amigo *Don Eliseo Grullón*.) Ramona me havia surpreendido com um buquê de gardênia do arbusto que ficava no jardim da velha casa de Papá. Eu apertei a mão dela em agradecimento, porque tive medo de cair em prantos se tentasse dizer alguma coisa.

A biblioteca no centro da capital estava toda iluminada. Havia rumores de que vários ex-presidentes estavam presentes, mas

considerando o grande número de governantes que já havíamos tido, eu não considereí este fato privilégio algum. Pancho tinha organizado uma fila de recepção, e cada convidado que chegava ele me apresentava. A única coisa que conseguia dizer era *É muita gentileza sua, É muita gentileza sua*. Ao meu lado, Pancho elogiava extravagantemente todo mundo. Quando a fila estava terminando, tive a impressão de ter apertado a mão de todo grande homem e de toda bonita mulher da ilha.

Exceto uma. Trini não compareceu. Quando tive um momento livre com Mamá pouco antes de o programa começar, perguntei se ela tinha visto a família Villeta.

— Ora, é claro que não, Salomé. O pai morreu ontem. — Eu fiquei envergonhada pela minha alegria ao ver que a minha rival não estava ali para roubar a atenção de Pancho.

Foi quando a multidão se levantou para me aplaudir, no momento em que a medalha com sua fita de cetim foi pendurada no meu pescoço, que finalmente percebi que minha vida tinha mudado para sempre. Li o meu curto discurso de agradecimento com as pessoas inclinadas para a frente, tentando escutar, pois a minha voz falhava a toda hora. Mas quando Pancho leu o meu novo poema com sua voz forte e expressiva, a multidão tornou a se levantar. *¡Salomé! ¡Salomé! ¡Salomé!* Versos do poema foram recitados de volta para mim. Inclinei a cabeça, agradecendo os aplausos, e depois que estes tinham diminuído, aumentado e tornado a diminuir, como uma série de ondas morrendo na (praia, uma voz de homem gritou: “Essa mulher é um bocado homem!” Suponho que isto tenha sido dito como um cumprimento.

NO DIA SEGUINTE, MAMÁ, Ramona e eu fomos dar os pêsames aos Villeta.

— Senti tanto ter perdido a sua coroação — disse Trini, depois de termos conversado um pouco sobre a perda do pai dela.

Eu me perguntei se Trini queria me magoar com sua escolha de palavras e comentários inoportunos ou se era realmente ignorância. Talvez ela não fosse muito inteligente — embora eu não quisesse pensar assim e acrescentar mais um exemplo à teoria de que as mulheres não eram muito inteligentes e que por isso não se devia desperdiçar dinheiro educando-as.

— Foi uma condecoração — corrigi. Ramona tirou da bolsa a

medalha e deu-a para ela segurar. Nós a havíamos levado para mostrar aos Villeta, cuja contribuição de dois pesos tinha sido listada nos jornais.

— Eu gostaria de ter estado lá — lamentou-se Trini. — Pancho esteve aqui esta manhã e me disse como a noite foi bonita. Vocês sabem, ele vai partir logo depois da *Noche Buena* com aquele homem esquisito, Hostos.

É claro que eu sabia tudo sobre a viagem de Pancho, mas o fato de ele ter estado lá logo cedo para contar a Trini sobre a nossa noite especial foi um duro golpe. Ramona viu a minha decepção, e, enquanto Trini continuava a conversar, ela apertou a minha mão como eu tinha desejado apertar a de Pancho, caso soubesse que isto era possível.

NA VÉSPERA DE SUA PARTIDA, Pancho foi se despedir de mim.

— Vou sentir muita falta das nossas aulas — declarou ele, tentando ver a minha reação.

Pensando na visita que ele tinha feito a Trini, eu não demonstrei nenhum sentimento pela sua partida. Falei apenas do meu trabalho.

— Estou quase terminando o meu poema para Emiliano Tejera.

Foi como se eu tivesse mencionado o positivismo para um padre. Pancho fechou a cara.

— Emiliano? Você agora está escrevendo um poema para ele?

Cerca de um ano antes, os ossos de Colombo tinham sido encontrados por um empregado enquanto limpava uma galeria na catedral. O eminente historiador *Don* Emiliano tinha me pedido um poema para celebrar este acontecimento.

— Eu às vezes demoro a atender um pedido, como você bem sabe.

— Você escreve poemas para todo mundo — disse Pancho, fazendo beicinho. — Escreveu um até para o meu irmão.

— Isso foi porque Federico escreveu um para mim.

Pancho enfiou a mão no colete e tirou um maço de papel dobrado ao meio.

— Aqui está — disse ele, orgulhoso. — Eu também escrevi um para você.

— “Epístola para Salomé Ureña” — eu li o título em voz alta. Epístola!, pensei. Por que não um soneto, uma balada, um acróstico amoroso usando as letras do meu nome?

— Posso ler para você? — Pancho disse, pegando de volta os papéis. Acho que Pancho gostava do som da própria voz tanto quanto dos poemas que recitava.

“O que você acha?”, ele perguntou quando terminou. Ele parecia muito satisfeito com o trabalho.

— É uma bela epístola, Pancho — disse a ele. E era mesmo, entusiasmada e marcial.

— Então agora é a sua vez — disse ele. — Você tem que escrever um poema para mim.

Eu dei um sorriso forçado. Não estava querendo comprometer-me...

DEVO DIZER QUE surpreendi a mim mesma quando escrevi “Lamentos”. Foi como se, erguendo a minha pena, eu tivesse libertado a mulher que havia dentro de mim e a deixado livre no papel. Mas mesmo enquanto escrevia, sabia que aquelas paixões declaradas não eram permitidas a uma mulher. De fato, se o pobre Papá já não estivesse morto, ele teria morrido ao ler o meu poema para Pancho.

Não que eu mencionasse o nome dele. Colocar uma dedicatória naquele poema seria o equivalente a um pedido de casamento da minha parte.

Ouça os meus anseios!

Aplaque o desejo selvagem do meu coração!

Apague o meu fogo ardente com seus beijos!

— Meu Deus, Salomé! — disse Ramona quando o leu. Ela levou a mão à garganta. — Lembra-se de *Don Eloy*? Isto é o suficiente para despertar qualquer mulher que esteja morta da cintura para baixo. Aliás, de quem se trata aqui? — Como ela nunca mais tinha visto Pancho, supôs que eu tinha terminado com ele depois da minha visita à casa dos Villeta. Mas havia dezenas de rapazes parando na minha porta com buquês e promessas de servir de todas as maneiras a poetisa nacional.

— Não é sobre ninguém em especial. É sobre o que nós, mulheres, sentimos quando nos apaixonamos.

— Está tudo muito bem, Salomé. Mas você não pode publicar isto. Você é a musa da pátria, pelo amor de Deus — disse ela, sacudindo a mão sobre a cabeça. — Ninguém acha que você tem

um corpo de verdade.

— Está na hora de descobrirem — declarei.

EU REALMENTE não tinha a intenção de publicar “Lamentos”. De fato, à noite, quando me deitava na cama e pensava no poema escondido debaixo do colchão, tinha a sensação de que uma fogueira fora acesa debaixo de mim e que eu tinha que fazer tudo que estivesse ao meu alcance para apagá-la.

Passaram-se dois meses e nem uma palavra de Pancho. Ele tinha planejado ficar fora três meses, mas mesmo assim eu tive esperança de ter alguma notícia dele nesse meio tempo. Raciocinei comigo mesma que ele tinha tomado o navio Clyde na direção leste, rodeando a ilha, até chegar na costa norte — uma vez que os caminhos por terra eram muito perigosos. Onde ele ia postar uma carta? Mas mesmo assim, não importa o que digam os positivistas, uma pessoa apaixonada não costuma dar ouvidos à razão.

O que me convenceu a publicar aquele poema não foi o silêncio de Pancho, mas um evento quase desconhecido que ocorreu na nossa vizinhança. Eu não vou mencionar nomes nem entrar em muitos detalhes, uma vez que a pobre moça já sofreu demais. Ela mal tinha feito quinze anos, uma criança na verdade, de uma família humilde. Quando os pais descobriram que estava de barriga, eles a atiraram na rua. Ela tinha sido aluna da tia Ana, e então, não sabendo o que fazer, a pobre moça apareceu na nossa porta com sua triste história. O homem em questão não reconheceu a relação. Nós entramos em contato com nossos parentes em Baní, que concordaram em ficar com ela até o nascimento do bebê. O assunto foi resolvido de forma rápida e discreta, mas causou uma grande impressão em mim.

Pareceu-me injusto que a vida daquela moça ficasse arruinada, enquanto o canalha continuava noivo de uma moça de ótima família, aparentemente sem sofrer nenhuma consequência pelos seus atos. Pela primeira vez, eu me lembrei da segunda família do meu pai e senti uma pontada de mágoa contra ele. Por que um homem podia satisfazer suas paixões, mas se uma mulher ousasse fazê-lo estaria assinando sua sentença de morte?

Havia uma outra revolução a ser lutada caso a nossa pátria quisesse ser realmente livre.

Peguei a caneta e enderecei o poema aos editores do *El Estudio*.

O POEMA CAUSOU FUROR. Alguns leitores insistiram em dizer que se tratava do trabalho de um impostor, como tinha acontecido alguns anos antes, quando outro poeta tentou se fazer passar pela verdadeira Herminia com um poema idiota sobre flocos de neve. Pois como era possível que a altiva e nobre Salomé Ureña escrevesse um poema daquele para um homem? Diversas senhoras exigiram que, caso o poema fosse mesmo meu, a medalha nacional fosse tirada de mim. Mas umas poucas mulheres confidenciaram que eu havia escrito exatamente o que elas haviam sentido quando se apaixonaram.

Logo o choque causado pelo poema transformou-se em curiosidade pela vida da escritora: para quem o poema havia sido escrito? Ele não tinha dedicatória, e como Salomé Ureña nunca tinha estado comprometida com ninguém, e o único rapaz que estava sempre junto dela era o jovem Pancho, então a única conclusão era de que Salomé Ureña havia escrito aquele poema para um homem casado cujo nome ela tinha que manter em segredo.

E assim começou o jogo de adivinhação sobre quem seria o amante secreto de Salomé.

NO MEIO DESTA CONFUSÃO, Pancho voltou. Foi recebido no cais pelo seu grupo de amigos dos Amigos do País. Sem dúvida eles o colocaram a par do poema escandaloso que Salomé tinha escrito. Eles estavam fazendo apostas para saber quem era o amante. O mais votado era José Joaquín Pérez.

Naquela mesma noite, Pancho apareceu na nossa porta com o *El Estudio* na mão. Ele estava uma figura: o cabelo todo descabelado, a barba crescida. Coco, que nesta altura já era louco por Pancho, rosnou para aquele desconhecido. Acho que ele não tinha nem se lavado da poeira da estrada e do sal e da areia do mar. Por um instante não soube se o barrava na porta ou se o deixava entrar.

Mas Mamá percebeu, com aquele sexto sentido próprio das mães, que aquele era o momento pelo qual eu estava esperando. Ela pediu a Ramona para ir ajudá-la a terminar o novo vestido de luto de Trini Villeta. Esperei que Pancho perguntasse “Como vai Trini?” Mas ele não pareceu ter ouvido o nome dela. Ele estava olhando fixamente para mim, como se não houvesse mais ninguém na sala.

— Sua viagem correu bem? — comecei. Queria conversar sobre

amenidades: o balanço do navio, o ronco de Hostos, os caranguejos deliciosos de Puerto Plata. Eu nunca tinha sido contemplada de forma tão íntima por um homem. Era desconcertante.

Mas Pancho não queria falar sobre sua viagem. Ele ficou olhando para mim com olhos iguais à faca com que havia dissecado aqueles lírios, atravessando a minha compostura.

— Salomé — disse ele finalmente, mostrando o jornal. — Eu preciso saber para quem você escreveu este poema.

— Para alguém que eu amo — disse eu com simplicidade.

— Mas você me prometeu um poema — continuou ele teimosamente. Tinha perdido peso; o rosto dele estava mais fino. Ele estava com uma aparência mais velha, mais máscula. — Eu não suporto imaginar que você se sinta assim com relação a outro homem.

— Eu não me sinto — disse eu, olhando diretamente para ele.

Devagar, como um líquido se espalhando, eu vi a compreensão tomando conta do rosto dele, sua boca se abrindo de espanto.

— Este poema é para mim? — murmurou ele.

Tirei o jornal da mão dele e coloquei-o sobre a mesa. Aproximei-me dele com uma confiança que me surpreendeu. Talvez, ao escrever o meu poema, tivesse descoberto que tinha um corpo. Então, como se fosse a coisa mais natural do mundo para uma mulher fazer com o homem que ama, tomei as mãos dele e encostei meus lábios primeiro numa palma e depois na outra.

QUATRO

Sombras

Havana, Cuba, 1935

ELA ESTÁ NA SALA DE REUNIÕES, preparando cartazes para uma demonstração, quando Nora aparece na porta.

— Tem um homem aqui para vê-la — diz ela com uma certa cautela, como se desconfiasse que alguém estivesse escutando. Por cima do ombro de Nora, Camila vê a sombra de alguém esperando no hall.

Seu grupo de mulheres troca olhares entre si.

— Quer que a gente vá com você? — Várias murmuram.

— Continuem trabalhando, senhoras — diz ela, tentando controlar o tremor em sua voz. Anos estudando ópera e ela ainda não consegue dominar essa simples arte. — Eu volto logo — diz ela para quem quer que a esteja esperando saiba que ela deverá voltar. Como se isso fizesse alguma diferença para os capangas de Batista!

Sacudindo o guarda-pó, ela dá uma olhada em volta: colegas do Lyceum estão trabalhando em pequenos grupos, pregando varetas, costurando faixas, escrevendo slogans. Elas estão enfrentando o monstro com espadas de brinquedo, faixas coloridas que dizem: QUEREMOS VOTAR! LIBERDADE PARA CUBA! MARTÍ AGORA ESTÁ NA AMÉRICA! Mas que outras armas elas tinham para lutar? Até mesmo a sua mãe, uma heroína, só conseguiu lutar com poemas.

Ela fica surpresa de encontrar o hall quase deserto. Nada de *guardias* com suas botas pretas e seus quepes esperando para levá-la para um dos centros de interrogatório de Batista. Em vez disso, um mulato grande com um rosto bonito, de feições largas e um corpo que, como ela estava pintando cartazes, classifica como sendo “todo em letras maiúsculas”, adianta-se e se apresenta.

— Domingo — diz ele numa voz que daria um ótimo *Otelo*, grave e cheia. — Eu estou aqui para e-e-esculpir o seu pai.

— Meu pai morreu — diz ela sem rodeios. Talvez ele seja mesmo um capanga de Batista, um agente disfarçado que não se informou direito. — Ele morreu há um mês.

— Eu p-p-posso esperar, se estiver sendo inconveniente — diz ele. A camisa branca está amassada; a gravata é, sem dúvida, uma tentativa de parecer formal. — D-d-diga-me quando seria c-c-c-conveniente.

Gago — uma pena com aquela voz tão bonita. Ela sente uma onda de ternura como se ele fosse um estudante tímido que não conseguisse responder uma pergunta simples.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa, *Don Domingo*?

— Domingo — ele a corrige. — Só Domingo. — Ele é um escultor cubano que foi contratado por um comitê histórico para esculpir um busto de *Don Pancho*. — V-v-vai s-s-ser um p-p-presente para o nosso p-p-país vizinho.

— Entendo — diz ela, imaginando do que se tratava. Sem dúvida, Max tinha organizado alguma homenagem sem que ela soubesse. Talvez ele duvidasse de que a irmã pudesse concordar com qualquer coisa que envolvesse a ditadura de Trujillo ou a ditadura virtual de Batista ali. De qualquer maneira, a pergunta continuava sendo pertinente. — E então, em que posso ajudá-lo, *Don Domingo*?

— Domingo — ele torna a dizer, sorrindo, como se a houvesse apanhado num erro sem importância, como se estivessem jogando algum jogo bobo de tabuleiro e ele tivesse acabado de jogar os dados e obter os números vencedores.

Ele que fique com o seu pequeno triunfo, porque a próxima coisa que tentar dizer irá derrotá-lo com um ditongo ou uma consoante difícil. Ela ainda não identificou quais as combinações de sons que lhe causam problema.

— Eu tenho umas f-f-fotos que o s-s-seu irmão mandou p... — Ele tropeça numa palavra que não consegue dizer. Seu rosto fica com uma expressão desamparada. Ela faz várias sugestões, mas nenhuma é a correta.

Ele desiste de dizer a palavra e continua. Até onde ela consegue entender, Max enviou algumas fotografias de Pancho para quem quer que o ministério do exterior tenha contratado para fazer este busto como um presente de Cuba para a República Dominicana. Mas Domingo precisa de mais do que isso para realizar o trabalho.

— Eu gostaria que você posasse... se fosse p-p-possível.

Isso é muito estranho.

— O busto não é meu — responde ela secamente.

— Seu irmão escreveu d-d-dizendo que você se p-p-parece com seu pai. Assim que eu a v-v-vi, enxerguei *Don* Pancho.

Muitos anos antes, é claro que ela não gostava que dissessem que se parecia com Pancho. Ela queria se parecer com sua mãe, a bela fantasia de mãe criada por um pintor de Londres. Pelo menos este escultor está tentando ser mais fiel. Mesmo assim, por que ele precisa que ela pose para este busto — ele tem retratos, vários retratos. Pancho era um homem público, e gostava de ser fotografado.

— Eu preciso capturar a f-f-força viva dentro da p-p-pedra.

Ela se espanta com esta descrição simples. É como se um dos seus alunos menos talentosos a tivesse surpreendido com uma resposta altamente original. Ela se autocensura por ter subestimado o homem.

— Seria apenas uma s-s-sessão ou duas. O meu estúdio é... perto. Você concorda? — A gagueira dele está ficando menos pronunciada. Talvez ela piore quando fica nervoso e ele está começando a ficar mais relaxado com ela. Mesmo assim, toda vez que abre a boca, ela fica tensa, prendendo a respiração, como se isso pudesse ajudá-lo. Ele é um homem de sorte, ela pensa. Farei qualquer coisa que ele pedir só para poupá-lo de ser obrigado a me convencer.

— Pode contar comigo — diz ela, virando-se para sair. As palavras saíram sem querer. As primeiras palavras que sua mãe disse para o seu pai. Que estranho.

Quando volta para perto das senhoras, ela percebe que suas mãos estão transpirando. Sua nuca está molhada. Talvez o esforço de ajudar o escultor a falar tenha sido demais. Sua mente divaga enquanto ela trabalha. Ela se pega visualizando o homem que acabou de conhecer, sua presença forte, como uma escultura feita na pedra. A fantasia é tão vívida que, quando ela olha para o cartaz que está fazendo, vê que escreveu o nome dele, DOMINGO, em grandes letras maiúsculas.

É UM PROBLEMA ESTAR acrescentando mais um compromisso à sua agenda já tão apertada. Acabaram de saber que uma delegação de jornalistas americanos estará chegando no fim do mês. Vai ter

que ser organizado um comitê para recebê-los e colocá-los a par da situação. Batista tem pleno controle do exército e está acabando com as liberdades civis. Isto tem que ser levado ao conhecimento do presidente Roosevelt. Em suas conversas ao pé do fogo, o presidente calmo e confiante prometeu ajudar os pobres e oprimidos do país dele. Talvez ele estenda esta mesma consideração aos seus vizinhos do sul.

É preciso também marcar visitas a diferentes líderes partidários para dar um último empurrãozinho na questão do voto feminino. Os estudantes querem que suas universidades sejam reabertas, e um grupo de senhoras do Lyceum estará oferecendo uma *garden party* para Mendieta e Batista, na esperança de que o presidente fantoche e seu manipulador possam ser amaciados por merengues e Mary Pickfords.

E no meio de tudo isto, ela concordou em posar duas horas de cada vez para que o escultor possa capturar a sua semelhança com o seu pai. Até na morte o pai é tão exigente com ela!

Marion costumava acusá-la de acumular responsabilidades de propósito, como uma criança acrescentando mais uma carta ao seu castelo de cartas para ver se ele se mantinha em pé. “Até que ponto você precisa ser forte?”, costumava perguntar. Pelo menos tão forte quanto Mamá, Camila pensava. Mas ao contrário dos ombros largos da mãe, que carregavam o futuro da nação, os de Camila estão mais acostumados a aguentar cargas extras. É ela que tem cuidado dos idosos, acalmado os temperamentos mais exaltados, pago as contas. É ela que tem providenciado para que seus meios-irmãos recebam algum tipo de educação. Nunca teve muito tempo para trabalhar em alguma coisa que realmente a interessasse.

Mesmo antes da morte do pai, quando a família ainda estava morando em Santiago, era o salário dela de professora que garantia a maior parte do sustento da família. Marion tinha abandonado Cuba “para sempre”, frustrada com a devoção de Camila à família e com saudades do seu próprio país. Tinha sido uma separação dolorosa, mas aos poucos Camila tinha conseguido entender que a própria personalidade exigente de Marion havia ocupado o pouco que lhe sobrava de tempo e energia.

Com a partida de Marion, Camila começou suas viagens a Havana. Uma semana de cada vez, sempre que havia férias, recessos ou as paralisações cada vez mais frequentes das escolas, ela partia. Ela dizia a Pancho e às velhas tias que queria ver seus meios-irmãos

e assistir a algumas peças de teatro e a sua amada ópera. Mas o que ela queria mesmo era simplesmente sair dali para uma cidade maior.

Ela ficava sempre no *barrio* universitário com seu irmão “caçula”, Rodolfo, que continuava tão agarrado à irmã mais velha quanto quando era pequeno. Não se surpreendeu ao vê-lo tornar-se um líder estudantil, muito popular, pois ele era muito bonito e charmoso. (*Un martillo*, as meninas o chamavam — um martelo, porque era capaz de derrubá-las com “o golpe de um único sorriso”).

Era Rodolfo quem a havia envolvido com suas manifestações e comícios, onde ela conheceu outras mulheres, muitas delas profissionais e solteiras como ela. Às vezes ela era obrigada a sorrir para si mesma. Ali estava ela — escravizada às menores exigências da família e lutando por aquelas liberdades muito mais amplas. Mas de certa forma isso fazia sentido. Não fora sempre mais fácil para ela viver abstratamente do que em carne e osso?

Camila e suas novas amigas decidiram fundar o próprio grupo. Para evitar aborrecimentos, elas tiveram a ideia de escolher um nome parecido com os nomes dos clubes elegantes de Havana. *Lyceum Lawn e Tennis Clube*, dizia a placa com letras douradas pendurada sobre a porta da casa que elas alugaram para ser sua sede. No quintal, uma única quadra de tênis dava um ar de realidade à mentira de que era mesmo um clube esportivo feminino.

Em pouco tempo, Camila tinha uma vida secreta na capital. Ela vivia com medo de que seu retrato aparecesse nos jornais. DAMAS DO LYCEUM INVADEM O PALÁCIO PRESIDENCIAL EXIGINDO O VOTO DAS MULHERES. (Ela podia imaginar os cabeçalhos e diversas vezes havia composto artigos inteiros na sua cabeça enquanto marchava nas passeatas: “*Don Pancho Henríquez*, o ex-presidente da República Dominicana, defensor da paz, que atualmente reside em Santiago de Cuba como nosso hóspede, expressa profunda tristeza pelo comportamento da sua filha rebelde.”)

Pancho estava sempre ameaçando morrer se os filhos não cumprissem os seus desejos. Foi para evitar que o pai doente ficasse sabendo do seu segredo que ela começou a usar o mesmo chapéu em todos os protestos, um chapéu preto com um véu que ela podia abaixar para esconder o rosto nos retratos. É claro que todas as damas do Lyceum usavam chapéu e luvas condizentes com o papel

que desempenhavam de *señoras* e *señoritas*, mesmo quando invadiam o palácio ou enfrentavam a polícia.

E portanto, para a primeira sessão com Domingo, ela aparece na porta dele usando o chapéu e as luvas que usava nas passeatas e vestindo o conjunto preto que vinha alternando com outras roupas escuras naquele mês. Está surpresa com a própria ousadia. Não sabe nada sobre ele. *Simplemente Domingo*, tinha dito ele, sorrindo — não com um ar de triunfo, não, ela tinha interpretado mal —, sorrindo irreverentemente, como se estivesse recusando-se a esconder alguma parte íntima de si mesmo não permitindo que ela usasse o título formal de *señor* ao se dirigir a ele.

A verdade é que não faz sentido que Domingo tenha pedido a ela para posar, e menos sentido ainda que ela tenha concordado. O belo Rodolfo é a cara do pai quando moço. Basta olhar para o retrato que Pancho tirou no seu primeiro ano em Paris. É claro que Max pode não ter contado ao comitê do busto sobre Rodolfo, favorecendo, como sempre faz, a “primeira família”, como ele os chama.

Mas Camila podia ter dito logo a Domingo que a pessoa certa era o meio-irmão dela. Em vez disso, ela tinha aceitado o convite porque, pura e simplesmente, quis aceitar. Ela não se sente tão intrigada por um homem desde Scott Andrews, dez anos antes, e essa atração estava tão misturada com as complicações da situação política do seu pai que ela não sabe dizer o que sentiu realmente pelo homem propriamente dito. Mas esses sentimentos estão tão claros e ofuscantes quanto o sol ao meio-dia, não há mais nenhuma ambiguidade a respeito. De fato, recentemente, quando seus pensamentos divagam em reuniões e passeatas, ela está pensando em Domingo, mas não são apenas as recordações inocentes que se sucederam ao seu primeiro encontro, e sim pensamentos sensuais que deixam o seu rosto vermelho e suas mãos molhadas de suor dentro das luvas.

— Você veio vestida para um enterro — observa ele quando abre a porta. A frase sai com tanta facilidade que ela põe em dúvida a gagueira dele.

— Eu ainda estou de luto — diz-lhe ela, tentando não parecer ofendida. Não que ela acredite nesta prática mórbida, mas concordou para satisfazer as tias. — De qualquer maneira, é do meu rosto que você precisa para o busto, não é?

Encurralado, ele volta a gaguejar.

— S-s-sim, é c-c-claro. Por favor, s-s-sente-se aqui. — Ele a ajuda a tirar o casaco e depois, como se ela não passasse de uma das suas bolas de argila, a posiciona na cadeira, segurando o rosto dela com suas mãos grandes e virando-o para um lado e para o outro como se quisesse fazer com que a semelhança aflorasse.

Finalmente desiste. Alguma coisa não está funcionando. Ele senta num banquinho e cruza os braços na frente do amplo peito, analisando-a.

— O seu p-p-pai não vai aparecer.

Ela está quase perdendo a paciência com ele.

— É claro que não, o meu pai está morto.

— Não está não — diz Domingo, sacudindo a cabeça.

NO DIA EM QUE SEU PAI morreu, ela estava dando uma aula de geografia do outro lado da rua. Com o fechamento frequente de escolas, ela estava sendo obrigada a dar aulas particulares para sobreviver. Tinha acabado de pegar o globo para mostrar ao pequeno Ricardo Repilado onde os seus irmãos e meios-irmãos estavam morando agora — Pedro em Buenos Aires; Rodolfo e Eduardo em Havana (“Eu sei onde é isso!”); Cotú estudando na França (onde a outra família de Pancho mora — três bilhetes das *petites filles* para o vovô Papancho com *baisers* para *tante* Camille); Fran e Max em São Domingos (onde sua família nasceu).

— Então por que você mora aqui? — perguntava o garoto esperto.

Ela estava imaginando como poderia explicar (brevemente) que tinham vindo originalmente para Santiago como exilados; que de vez em quando o pai voltava para servir a um ou outro governo, deixando a família lá em segurança, tendo uma vez servido até como presidente; que durante a ocupação dos Estados Unidos a família inteira tinha mais ou menos se instalado em Cuba; que tinham ficado lá porque uma ditadura tinha se instalado no país deles — embora uma ditadura também tivesse surgido ali! Mas no fim Camila disse apenas:

— Esta é uma boa pergunta, Ricardo, e voltaremos a ela em outra hora — quando viu sua velha ama Regina na porta.

— Seu pai está com uma dor. — Regina estava ofegante, apertando um lado do corpo como se também estivesse com dor. Regina era gorda e velha demais para levar um susto daqueles.

Camila sentiu uma pontada de impaciência pelos exageros do pai. Pedro uma vez disse a ela que não conseguia abrir uma carta do pai sem que suas mãos tremessem. Sem dúvida, aquela era apenas mais uma das crises de Pancho. Talvez uma discussão com Mon a houvesse provocado. — Diga a Pancho que eu irei assim que terminar aqui — disse ela, mandando a velha embora.

Mas algo na recusa da dócil Regina em se retirar, sua postura ali parada, lançando uma sombra comprida no chão da sala, fez Camila ir até o corredor para saber direito o que tinha acontecido.

— Seu pai estava em pé na cadeira para pegar um livro e caiu... Nós o encontramos no chão, *Doña Ramona* e eu...

Camila saiu correndo da casa e passou pelo portão sem perceber que estava carregando o globo. Marion costumava dizer que nada fazia Camila se apressar. Mas ela sabia que se Pancho tinha caído de uma cadeira aos setenta e seis anos, era melhor ela correr para socorrê-lo.

Aliás, ela já tinha uma bronca preparada para quando ele se recuperasse. Quantas vezes ela tinha pedido a ele para não trepar em cadeiras para apanhar livros? Ele podia pedir a Regina para pedir a ela o livro que quisesse. Mas Pancho reclamava que ela estava sempre em Havana ou dando aulas ou fazendo conferências e Regina estava velha demais para subir em escadas. Além disso, a vista de Regina estava tão ruim que ela sempre pegava o livro errado. Um dia, recentemente, ele se viu lendo Dante quando o que queria ler era alguma coisa leve de Cervantes.

A casa deles em Santiago era alugada, uma casa amarelo-claro com quatro colunas brancas que hoje lhe pareceu um mausoléu. Ela estremeceu quando entrou na sala da frente que servia como consultório para o pai e viu um dos macaquinhos amuado num canto. A sala não dava a impressão de ser um consultório médico. Em vez de estarem cobertas com diagramas de ossos e músculos do corpo humano, as paredes estavam cheias de livros. Sobre o busto de Cervantes, estava a coleira arrepiada de Columbus. Poucas semanas antes, o velho urso de estimação tinha morrido. Pancho tinha ficado inconsolável. Ele sempre adorou animais.

Ela o encontrou sentado na poltrona com Mon e Pimpa ao lado dele, cada uma dizendo para a outra o que poderia haver de errado com o cunhado. Logo, logo, elas vão estar brigando por causa disto, pensou Camila.

Pancho estava mortalmente pálido.

— Camila — disse ele aliviado quando a viu entrar na sala, agitando a mão sobre o braço da poltrona. Ele pareceu não ter forças para erguê-la.

Assim que ela o viu, soube que não se tratava de nenhuma doença imaginária. Alguma coisa grande, irrefutável, havia entrado no corpo dele e não sairia de lá sem ele. Ela se ajoelhou diante da cadeira e olhou para ele.

— Esta é a minha última doença — disse ele, meio em dúvida, como se quisesse que ela o convencesse do contrário.

— Bobagem, Pancho — disse Ramona. — Eu sou onze anos mais velha do que você e olha só para mim. — Ramona era pesada, tinha as pernas tão grossas que, ao vê-la parada na porta, Rodolfo um dia brincou dizendo que parecia que a casa tinha duas colunas extras.

— Vocês chamaram o médico? — perguntou Camila às tias. O Dr. Latorre morava a dois quarteirões de distância.

Ramona fez que sim com a cabeça.

— Ele está a caminho. — E como se as palavras tivessem o poder de invocá-lo, o Dr. Latorre entrou na sala. Um olhar para o paciente e o jovem médico ficou sério. Ele pareceu ver o que Camila tinha visto no rosto do pai.

— O que aconteceu, *Don Pancho*? — perguntou o Dr. Latorre, desabotoando rapidamente o colarinho dele. Antes que Pancho pudesse responder, o Dr. Latorre silenciou-o com um movimento de cabeça para poder ouvir atentamente o que dizia o estetoscópio.

Pancho tinha mesmo subido numa cadeira atrás de um livro, mas a queda foi depois, quando ele estava voltando à poltrona para começar a ler. Ele ia sentar quando teve a impressão de ter levado um soco no peito.

— Alguém com a intenção de me derrubar — disse o pai irritado como se estivesse relatando um ato de selvageria.

O Dr. Latorre encheu uma seringa com o líquido tirado de uma pequena ampola. Depois da injeção de morfina, Pancho pareceu relaxar e um pouco de cor voltou ao seu rosto. Pimpa e Mon saíram da sala para telefonar, uma vez que Pancho insistiu que elas avisassem aos filhos dele que estavam em Havana. Durante alguns minutos, o médico e o paciente discutiram os sintomas. De repente, Pancho pôs a mão no coração com uma expressão de surpresa no rosto, como se o malfeitor o tivesse atacado de novo.

O Dr. Latorre se inclinou para a frente, tentando ouvir os batimentos cardíacos. Ele foi chegando cada vez mais perto como se

estivesse ouvindo um som que cada vez se afastava mais dele. Finalmente, ele tirou o estetoscópio do ouvido e olhou para Camila.

— Sinto muito — disse ele, como se não conseguisse contar a ela que seu pai estava morto.

Ela não teve nenhuma reação. Sentiu uma dormência, como se ela mesma tivesse levado um grande golpe e não soubesse ao certo se ia conseguir se levantar. Ainda estava ajoelhada quando o Dr. Latorre saiu da sala. Ouviu as tias soluçando enquanto tornavam a ligar para avisar os sobrinhos em Havana. Ela olhou para Pancho, pensando como era estranho ter perdido o pai e não sentir nada. Ele parecia vivo, os olhos entreabertos, os lábios ainda úmidos de saliva, o cabelo branco balançando um pouco com a brisa que vinha da janela.

— Papancho? — sussurrou ela, sacudindo o braço dele para acordá-lo.

Ela olhou em volta, como que para pedir ajuda, e foi então que viu o livro que o pai tinha apanhado na estante antes de passar mal. Era um exemplar dos poemas da mãe dela, caído no chão, com várias páginas dobradas, de modo que era impossível dizer qual dos poemas de sua mãe seu pai havia querido ler no seu último dia neste mundo.

Ela apanhou o livro e endireitou as páginas. Antes de guardá-lo de volta na estante, ela buscou o último poema. Ainda podia ver as marcas apagadas de lápis onde tinha consertado as palavras da mãe. Depois virou para o poema que sua mãe tinha escrito quando o pai dela morreu, “*¡Padre mío!*”, e foi então que a dormência acabou e seus olhos se encheram de lágrimas.

NA TERCEIRA SESSÃO, Domingo diz que começou a trabalhar no busto. Ele explicou que esculpe a partir de desenhos, não do modelo vivo.

— Se houver alguém na sala, eu não c-c-consigo me dedicar à p-p-pedra. — Do modo que ele fala de escultura, parece estar falando de fazer amor.

“Mas v-v-vou precisar de m-m-mais algumas sessões com v-v-você” — explica. Demorou um certo tempo para o rosto do pai dela aparecer.

— Eu estou muito ocupada no momento com o meu trabalho — hesita ela. *Trabalho* é como ela descreve suas atividades no Lyceum

para as suas velhas tias quando elas perguntam para onde ela vai quando sai de casa. Depois do enterro, ela entregou a casa de Santiago e se mudou com toda a família para Havana, deixando os animais para trás. Dois macacos, um papagaio, um pônei e doze patos foram oferecidos ao parque local. O pequeno Ricardo Repilado convenceu a mãe a deixar que ele ficasse com a tatataraneta de Coco.

A mudança não foi fácil para as velhas tias. Elas ainda estão muito confusas. Não querem que ela saia de casa. Elas têm ouvido o rádio. Tem havido batidas policiais e muitas outras coisas terríveis. Será que ela não pode ficar? Camila pensa nelas como sereias familiares, atraindo-a para um perigo muito maior, uma vida fechada dentro de casa.

— Não vai me acontecer nada — ela promete.

— Só mais algumas sessões, p-p-por favor! Eu f-f-ficaria eternamente agradecido — implora Domingo. Esta frase floreada, saindo da boca de quem costuma usar uma linguagem simples e direta a faz rir. Ele ri também, com a cabeça atirada para trás, a boca aberta, deixando ver o músculo escuro e úmido da sua língua. Está montado num banquinho, desenhando-a, uma hora de um ângulo, outra hora de outro, sua mão se movendo sobre o papel branco como se tivesse vida própria.

Ela não pode deixar de notar os olhares dele dirigidos ao seu rosto. As fantasias dela não diminuíram com o contato mais frequente. Às vezes, depois de uma sessão, ela não sabe ao certo se ele tocou nela ou se ela apenas imaginou isso. Quase sempre ela sente um vazio na cabeça, uma sensação de náusea que atribui ao abafamento do estúdio:

Ela contou a ele sobre o seu trabalho no Lyceum: a campanha pelo voto, as aulas de alfabetização, as visitas aos políticos. Ele a observa atentamente, a mão registrando cada pequena mudança na expressão do seu rosto, como se ele não estivesse realmente escutando. É irritante.

— E agora, os escritores americanos estão chegando — acrescenta ela. As damas do Lyceum vão juntar-se a outros grupos a favor das liberdades civis que vão esperar o navio no porto numa demonstração de solidariedade.

— Diga-me como p-p-posso ajudar — oferece ele. Ele pode preparar cartazes ali no seu estúdio. — Eu g-g-gostaria de me juntar a vocês.

Ela leva alguns instantes para entender que ele está se oferecendo para tomar parte na demonstração em si, não apenas nas atividades preparatórias.

— Vai ser perigoso — explica ela. — Batista já anunciou que vai prender qualquer um que aparecer. Você pode perder a sua encomenda.

Ele faz um gesto com a mão como se isto fosse uma insignificância. Por cima do ombro dele, sobre um banquinho alto, ela pode ver o volume do busto do seu pai coberto por um pano. Ele lhe disse que trabalha nele à noite, depois que ela sai. Só irá mostrá-lo a ela depois que estiver pronto.

— E você p-p-pode perder o emprego na universidade — diz ele.

— Não tem emprego nenhum. Não tem universidade. — Ela foi fechada de novo. Além disso, neste exato momento, o emprego dela é no Lyceum. Ele, por outro lado, parece dedicado à sua arte. Por que arriscar uma boa encomenda por uma causa de que nunca tinha ouvido falar antes?

Ele olha para ela de uma forma tão penetrante que é ela quem desvia os olhos.

— A minha v-v-vida não s-s-e resume só em arte, Camila.

Ela pediu a ele que a chamasse de Camila. Se é para ela chamá-lo simplesmente de Domingo, não faz sentido ele se dirigir a ela como *Señorita* Henríquez Ureña. Notou com certa excitação que ele nunca gagueja ao falar o nome dela. Camila, diz ele claramente todas as vezes, como se estivesse abrindo uma casca sem nunca ferir a noz que está lá dentro.

Ela tenta parecer calma, não mostrar no rosto a agitação que está sentindo. Mas tem a impressão de estar correndo pelo jardim, arrancando as folhas, de tão excitada.

JÁ TEM DUAS SEMANAS que ela posa para ele todos os dias. Às vezes, quando está muito calor, eles ficam na sala da frente com as janelas abertas, apenas conversando. Outras vezes, vão até o estúdio e ficam trocando histórias enquanto serram madeira para fazer cartazes ou escrevem slogans no inglês que ela aprendeu em Minnesota anos atrás.

Ela fala principalmente de sua mãe. Contou a ele a história de Salomé, e ele participa da conversa como se conhecesse a poeta nacional, que aos trinta anos casou-se com um jovem branco de

uma família importante. E assim eles vão conversando e tecendo a teia imaginária da vida de Salomé a partir do que Camila sabe e do que está descobrindo ao falar abertamente com ele sobre a mãe.

— Agora eu c-c-consigo ver mais dela no seu r-r-rostro — diz-lhe ele. Ela lhe mostrou o único retrato que tem de Salomé, os olhos tristes, o oval moreno do rosto, a boca de lábios grossos, nariz grosso que o artista londrino afinou, o sinal de encrespamento na raiz do cabelo penteado bem puxado para trás.

É tão bom poder conversar sobre essas coisas! Até a sua amiga Marion, tão franca, sempre evitou o assunto da raça de Camila. Como se este fosse um assunto proibido. “Não me importa o que você é”, dissera Marion muitas vezes. Mas quer que Marion se importe com quem ela é. Quer ser apreendida de forma global, e não ser vista apenas através das lentes estreitas de alguns adjetivos que outras pessoas consideraram aceitáveis. E tendo sido inteiramente apreendida, ela quer ser amada. Talvez seja demais pedir isso a alguém. Mon uma vez disse-lhe que só Deus e as mães (e, ela acrescentou, “algumas tias”) eram capazes de fazer isso.

Marion! Desde a morte de Pancho, sua velha amiga vinha escrevendo regularmente cartas gentis de condolências e notícias de Dakota. Mas, ultimamente, as condolências estavam virando conselhos. “Você tem que vir para cá para ficar comigo”, escreveu ela. “Não tem nada que a prenda aí agora.”

Camila fica irritada com a simplicidade com que Marion dispõe da vida dela. O que eu faço com as minhas tias? O que faço com o meu trabalho no Lyceum? O que faço com as minhas aulas? Todos esses questionamentos aparecem e, por último, o que ela tem mais dificuldade em expressar: o que faço com Domingo? Ele não é a prova de que o sentimento dela por Marion era uma anomalia? Ela tem uma sensação de libertação ao pensar nisso. A vida seria muito mais fácil. Haveria a chance de ter filhos, de constituir uma família, todas as coisas que acontecem com as felizes heroínas de histórias de amor.

— Tem sempre uma c-c-conversa animada acontecendo aí dentro — diz Domingo, tocando no alto da cabeça dela com a ponta dos dedos. Ele é um homem tão grande que dá a impressão de ser mais alto do que ela, mas, na verdade, eles são da mesma altura. Quando ela olha para ele, não tem como escapar dos seus olhos escuros e penetrantes.

“Posso ouvir um p-p-pouco do que está s-s-sendo dito?”

— Só se você me deixar ver o que já fez até agora.

Ele sacode a cabeça.

— Não p-p-posso. O seu julgamento s-s-severo iria acabar com ele.

— Eu não o olharia como um juiz — discorda ela. Mas, na verdade, entende o que ele está sentindo. Diversas vezes nas últimas semanas, ao sair daquelas sessões, sentiu o desejo de escrever versos. Ficaria mortificada se suas tias ou qualquer outra pessoa lesse aquelas confissões. Raízes mergulhando na terra que se transformam em Domingo estendendo os braços para ela. Minha nossa!, como a sua mãe pôde permitir que seus poemas particulares fossem publicados, pensa ela. De fato, na edição póstuma da obra de sua mãe, Pedro omitiu vários desses “versos íntimos”. Mas são exatamente esses poemas que Camila tem lido avidamente, aliviada em saber que a mãe um dia sentiu o que ela está sentindo agora. *Apague o meu fogo ardente com seus beijos! Aplaque o desejo selvagem do meu coração!*

Lá fora, o táxi já chegou para buscá-la no fim da tarde. Quando ela sai pela porta da frente junto com Domingo, um homem de chapéu escuro e terno de ombreiras que estava falando com o motorista volta para um carro onde esperam outros dois homens. Será que o motorista estava simplesmente pedindo informações ou eles estavam sendo vigiados? Mas ela ainda não fez nada, tem vontade de dizer a eles, nem com as senhoras no cais do porto nem com Domingo na cama larga onde ele dorme sob um mosquiteiro como um sultão debaixo da sua tenda de seda. (Ele mostrou a casa a ela, demorando-se no quarto dos fundos, fazendo-a experimentar as molas da cama que ele mesmo fez.)

Quando o carro se afasta, ela tem um impulso súbito de se virar e olhar para trás. O outro carro está saindo da vaga. Mas não é este o perigo que atrai sua atenção. Na calçada, Domingo acena antes de voltar para dentro de casa. Ela sente uma certa falta de ar ao pensar que está deixando para trás uma parte de si mesma no mais precário de todos os lugares, o coração de alguém.

NA VÉSPERA DA demonstração no cais do porto, ela chega em casa depois de uma sessão com Domingo e vê o carro da embaixada estacionado defronte da casa que acabaram de alugar. Na sala, na velha poltrona de Pancho, com os pés em cima da mesinha, está o

seu irmão Max. Ele está indo da República Dominicana para Londres, tendo sido nomeado embaixador na Inglaterra por Trujillo. Ela não o vê desde antes da morte do pai — Max estava numa missão na Argentina quando isso aconteceu —, e a lembrança deste triste acontecimento, que eles ainda não compartilharam, faz com que se abracem longamente.

— Deixe-me olhar para você — diz Max, segurando-a com o braço esticado. — Você vai partir todos os corações de Havana, não vai, Mon? — A velha fecha a cara, sem saber se deve ficar alegre pelo fato de a sobrinha ser capaz de tal façanha. Max tornou-se extravagante nos seus elogios, sem dúvida uma competência valiosa num governo de bajuladores. — A verdade, Camilita, é que você está linda. Talvez um pouco magra.

— Magra demais — as tias aproveitam a deixa. Camila lança-lhe um olhar que diz: Não as provoque, por favor.

— Vamos conversar lá fora no pátio — sugere ele, depois de passarem algum tempo com Mon e Pimpa. As duas velhas começam a se agitar freneticamente. O pátio tem que ser varrido e as cadeiras espanadas. A pobre Regina fica sem fôlego tentando cumprir as ordens às vezes contraditórias para fazer isto ou aquilo imediatamente.

— O que o traz aqui? — pergunta Camila quando ficam finalmente sozinhos. Max é ocupado demais para aparecer para fazer uma visita a caminho de Londres. Ele parece cansado. Camila soube por Pibín, que conviveu bastante com Max na Argentina, que Max está pensando em deixar o regime. Há discordâncias demais entre ele e Trujillo: a falta de liberdades civis, o problema com o Haiti, o ensino sem criatividade das escolas públicas. — Você está preocupado com alguma coisa, Max?

— Você conheceu Domingo? — pergunta ele. — O escultor que está fazendo o busto — acrescenta, como se ela precisasse ser lembrada. Ela imagina se o motivo é este, se o seu irmão ouviu dizer que ela está se encontrando demais com esse cara boêmio. — É realmente uma honra o povo cubano estar doando um busto de papai para a nossa galeria de presidentes. Espero que você tenha sido útil.

— Acho que ele não tem do que reclamar — diz ela de um modo gaiato. O irmão olha bem para ela para ver se não está de gozação com ele. Ela e Pedro têm fama de ter herdado o humor ácido de sua mãe, que geralmente intriga aquele irmão alegre e expansivo, que

prefere ser exagerado. Ele vai enfrentar dificuldades na Inglaterra.

— Portanto, Camilita, você está vendo que não deve ser grosseira com pessoas que têm sido tão gentis com a nossa família.

— Tem coisas que são mais importantes do que ser gentil. — Ela está irritada pelo modo como Max está tentando controlá-la com diminutivos que a reduzem à condição de uma criança. — Além disso, eu nunca tive a oportunidade de aceitar ou recusar esta honra. — Ela diz a palavra *honra* como se ela tivesse um gosto ruim. De fato, ela está cansada das honras que um regime ou outro vive concedendo à sua família. — Acredito no que estou fazendo.

— Não pense que não sei quem está por trás disso tudo — diz Max, ficando vermelho. — Se Rodolfo e Eduardo querem se matar...

— Não são eles — Camila defende os irmãos. — Eu sou uma mulher adulta, Max. — Mas é claro que ele não está convencido. De que outra maneira ele pode explicar por que a irmã, que sempre foi tímida e retraída, que sempre se manteve à parte, tenha se tornado de repente tão inflamada, tão ativa?

— Eu vou levar você comigo — ele anuncia. — Já estive conversando com Mon e Pimpa sobre a mudança. Elas são totalmente favoráveis.

Ela fica em pé, indignada por ele estar decidindo a vida dela com as tias, nas suas costas. O movimento rápido faz o sangue girar em sua cabeça e por um momento ela tem a impressão de que vai desmaiar.

— Você pode levá-las se elas quiserem ir, mas eu não vou com você. Eu tenho a minha vida aqui. — A voz dela começou a tremer. Ela não tem o hábito de enfrentar a sua família.

— Este aqui nem é o seu país, Camila.

Ela pediu a cidadania cubana — coisa que não contou a Max, com medo de que ele se opusesse. Já que ela vai lutar pela liberdade aqui, é melhor que atrele o seu destino ao do país. E como Martí disse uma vez ao seu tio Federico, por que falar de Cuba e São Domingos quando até a cordilheira submarina que vai de uma ilha a outra sabe que elas são uma só.

— Eu posso mandar extraditá-la.

Ela olha para ele. Os olhos dele estão cheios daquela convicção enlouquecida que ela lembra de ver nos olhos do pai nos anos em que o acompanhou a Washington. Ela se pergunta até onde Max iria na sua lealdade a Trujillo. Ele parece um estranho, capaz de tudo.

— Eu sei que você pode fazer muita coisa comigo.

A expressão de tristeza em seu rosto a surpreende: é o seu irmão de novo, o grande conversador da família, o jovem músico que chegou a tocar piano num bar de Nova York, o namorado que se casou com a melhor amiga dela, Guarina, o garoto que um dia pôs um lagarto na gaveta onde ela guardava sua roupa de baixo.

— Eu não quero que você vá a essa marcha que vai haver amanhã — diz ele com simplicidade. — Estou pedindo isto como um favor pessoal, se não houver nada...

— Não — ela o interrompe. Este apelo quase sempre obtinha dela o efeito desejado: *Faça isto por mim*. — Não, Max — diz-lhe ela. Ela não diz tudo o que está pensando: Eu me dei inteira a vocês este tempo todo.

E então, por não suportar ver a sua expressão perplexa e infeliz, ela vai para o quarto dela e arruma suas coisas. Vai passar a noite na casa de Rodolfo. Não descarta a possibilidade de Max inventar alguma maneira de impedi-la — talvez até obrigando Mon a fingir uma crise nervosa que exija a assistência de Camila. Como é pouca a confiança que ainda tem nele! É assim que irmãos e irmãs se divorciam, pensa ela de repente.

Quando está saindo, sente uma pontada de culpa por estar abandonando suas tias, e escreve rapidamente um bilhete explicando o que vai fazer. Mas uma vez do lado de fora, ela se vê andando para a direção oposta de onde apanharia um táxi para o apartamento de Rodolfo. Esta noite ela precisa de um tipo de consolo que um irmão não pode dar. Quando toma um táxi, o endereço que dá ao motorista é o de Domingo.

ELA NÃO SABE O QUE DIZER quando ele abre a porta com uma expressão de surpresa que logo se transforma em prazer. Esquece que estes momentos entre um homem e uma mulher possuem seus próprios códigos, e que ele irá presumir que sabe o que ela quer, aparecendo na casa dele às oito horas da noite.

Mas ela não sabe o que quer quando ele a ajuda a tirar o casaco pela segunda vez naquele dia nem quando prepara para ela um mojito como ela nunca provou antes. Ele tem razão. Ela raramente bebe — com medo, de fato, de apreciar demais esta válvula de escape. Ela observa a si mesma quando conta para ele sobre o encontro que teve com seu irmão Max, quando ele endireita o cabelo dela que se soltou do coque, e em seguida, sem nenhum

aviso, tira o grampo que solta a sua cabeleira escura e cacheada.

Ele a beija com sua boca grande, molhada e assustadoramente viva. Ela retesa os músculos e o empurra.

— O q-q-que foi? — pergunta ele, encarando-a. Ele sempre pôde ler o estado da sua alma através dos músculos do seu rosto, uma habilidade imprescindível a um escultor, conforme disse a ela. Mas não quer que ele veja a sombra de dúvida que cai sobre ela. Enterra o rosto no ombro dele e deixa que ele passe a mão por todo o seu corpo. Ela sente repugnância por suas mãos enormes, pelo seu órgão duro pressionando sua coxa. A palavra transformada em carne nem sempre é uma criatura atraente.

“Tem certeza de que q-q-quer mesmo isto?”, murmura ele em seu ouvido. Parecia Max pedindo que ela não fosse à marcha no dia seguinte.

— Sim — diz ela, enquanto ele começa a desabotoar os botões de trás da blusa dela, enfiando as mãos por baixo —, mas não aqui. — Por cima do ombro dele, ela pode ver o mesmo carro daquela tarde estacionado outra vez no meio-fio, o lampejo de um cigarro sendo atirado no gramado pelo motorista. Cuba está fechando o cerco. Os rapazes de Batista assumiram as rédeas. É loucura pensar que suas damas do Lyceum possam marchar até o cais do porto e mudar tudo, loucura estar aqui com este homem quando toda vez que ele toca nela ela se encolhe. Mas ela já se libertou da outra vida e não tem como voltar a ela. No estúdio, eles se dirigem para o quarto dos fundos e ela vê de relance o busto que ele deixou sem cobrir. Seu próprio rosto a encara, selvagem e quase terminado.

II

CINCO

Sombras

São Domingos, 1880-1886

NO ESPAÇO DE POUCOS anos a minha vida ficou tão cheia que eu não conseguia mais abraçá-la!

Se eu fosse escrever todas as coisas que a tornaram cheia, a lista seria tão longa quanto o índice no final do meu livro de poesia. Sim, essa foi uma das coisas que terminei no ano em que me casei: um livro de poesia. De fato, não o terminei realmente. Até o último minuto, ainda estava trabalhando no meu longo poema “Anacaona”.

Mas Pancho insistiu que o livro tinha que sair. O país estava num período de paz e os meus poemas patrióticos iriam inspirar os meus leitores. Além disso, os Amigos do País já tinham anunciado que o livro seria publicado em maio.

— Mas nós precisamos nos instalar primeiro, Pancho — argumentei. Estava sentada na minha pequena escrivaninha, no meio dos pacotes preparados para a mudança que ia ocorrer em poucos dias. Por causa diz, mau humor constante de Ramona e da reprovação de tia Ana, nós não nos sentíamos à vontade na casa de Mamá, e por isso havíamos alugado uma casinha algumas ruas adiante.

— A poesia vem em primeiro lugar! — declarou Pancho. Ele estava trabalhando na nossa cama, que era a cama que eu dividia com Ramona, que agora estava dividindo um quarto com tia Ana. Nem precisa dizer que esta arrumação não contribuiu em nada para melhorar a situação.

Enquanto eu trabalhava no longo poema, sentada na escrivaninha, Pancho preparava os originais dos meus poemas para a edição dos Amigos do País.

— Salomé, você tem certeza de que quer mesmo dizer palmeiras brilhantes? Que tal palmeiras fecundas? Combina melhor com a métrica, não acha: “E martírio sob as palmeiras fecundas”?

O meu jovem marido, que antes se prostrava em adoração aos

pés da minha musa, agora estava polindo suas arestas.

— Não — disse eu com firmeza. — Não soa melhor.

Pancho ergueu os olhos, desaprovando o meu tom. Desde o nosso casamento, o meu jovem marido tinha se tornado mais seguro de si.

— Isso é porque você já o ouviu tantas vezes que não consegue mais ouvi-lo direito. Confie em mim, Salomé, estou pensando no seu futuro.

“Meu futuro” era a frase mágica que surgia sempre que ele queria fazer as coisas à maneira dele. Pancho tinha visão e podia ver para onde eu estava indo. Será que eu não via isso? E se eu não via, então estava provando que ele estava certo, que eu não estava enxergando direito e que devia confiar nele para me mostrar para onde eu estava indo.

Quando ele falava desse jeito, eu ficava tão confusa que não conseguia raciocinar direito. No fim, só queria livrar-me daquela teia de palavras para continuar o que estava fazendo. “Então está bem”, dizia eu.

Mas este é o mistério do amor, quanto mais você esvazia o copo, mais cheio ele fica. Além disso, ele tinha razão. Eu não estava vendo para onde estava indo porque o meu olhar tinha caído no futuro bem diante dos meus olhos. Aqui eu estou falando do homem que conheci logo depois do meu casamento.

EU TINHA OUVIDO PANCHO e os Amigos do País falarem tanto de Hostos que me cansei do homem antes mesmo de conhecê-lo.

— O apóstolo diz isto, o apóstolo diz aquilo.

— Apóstolo? — perguntou tia Ana zangada. Ela estava corrigindo os exercícios de aritmética das suas alunas. Pancho estava explicando para nós que o apóstolo queria que os estudantes raciocinassem em vez de decorar. — A bíblia fala em doze apóstolos. Eu não sabia que existia um décimo terceiro. — Tia Ana era tão religiosa que todo dia às três horas, a hora em que Cristo havia supostamente morrido, ela fazia o sinal da cruz a fim de lamentar a sua perda. — Além disso — acrescentou tia Ana —, tenho certeza de que se Deus tivesse um décimo terceiro apóstolo, ele não seria porto-riquenho.

— Hostos é o nosso apóstolo intelectual, *Doña Ana* — explicou Pancho. — Não usamos este título religiosamente...

— Precisamente, vocês, judeus, não tratam nada religiosamente.

— Nós não somos judeus — disse Pancho. A paciência na voz dele era bastante óbvia, como um cinto colorido num vestido de luto. Tia Ana não se convencia de que os Henríquez agora eram tão cristãos quanto ela. — Nós somos positivistas. Acreditamos que Deus nos deu uma razão e que a educação é o meio que temos para desenvolvê-la.

— A religião é o meio que temos para isso. Eu dou aulas há cinquenta anos, meu jovem. Já estava ensinando muito antes de você nascer. Ensinei a Salomé tudo o que ela sabe.

Isso não era exatamente verdade, mas deixei passar.

— Com todo o devido respeito — disse Pancho —, a religião tem o seu lugar nas nossas vidas, mas a razão também tem. — Pancho era capaz de discutir até o dia seguinte para provar o seu ponto de vista. Tia Ana era igual a ele. Muitas vezes eu pedia licença, achando que Pancho viria atrás de mim, e ficava deitada na cama ou, então, o que era mais comum, sentada na minha escrivaninha e me obrigava a escrever mais alguns versos do longo épico que estava escrevendo sobre a nossa trágica princesa indígena. E eu os escutava falando na sala, com as vozes alteradas.

Então, a primeira vez que eu falei com Hostos depois de uma reunião dos Amigos do País, disse a ele:

— Você tem sido a causa de muitas discussões na minha casa.

Ele inclinou sua bela cabeça e sorriu tristemente.

— Eu pareço causar problemas aonde quer que vá. — Eu tinha ouvido dizer que ele fora expulso de Porto Rico, Peru, Espanha, Venezuela, por expor suas ideias radicais. Mas, é claro, isto tinha sido antes de ele ter passado da revolução política para a reforma educacional. Eu conhecia a história toda, de trás para a frente, como se fosse a minha própria história.

“A senhora, por outro lado, inspirou muitos de nós a almejar objetivos mais elevados com seus poemas”, continuou Hostos.

Oh, não, pensei, lá vamos nós. Eu estava cansada do trono moral onde todo mundo queria colocar-me. Depois de ter escandalizado metade da cidade com o meu poema “Lamentos”, tinha compreendido o perigo de ser coroada a rainha do coração do povo. Queria ser a rainha de um único coração, o de Pancho, mas temia que ele não se contentasse em agir num âmbito tão restrito.

— Só escrevi o que todos sabemos ser verdade — disse eu finalmente.

— Exatamente — concordou Hostos. Ele tinha um rosto comprido e ossudo, com uma testa ampla e a cabeça coberta de cachos pretos entremeados de branco. Parecia ao mesmo tempo velho e moço. Pancho tinha me dito que Hostos tinha acabado de fazer quarenta e um anos. — Essa é precisamente a nossa luta. Tornar racional o único ser vivo que é dotado de razão.

Eu já tinha ouvido pessoas dizerem coisas divertidas, engraçadas, românticas, mas nunca tinha ouvido uma pessoa falar com tanta simplicidade e com tanta autoridade moral a ponto de me fazer sentir, bem no fundo de mim mesma, a correção e a justiça do que ele estava dizendo. Devo ter feito uma cara muito espantada.

— Você parece surpresa por eu ter dito isso. — Os olhos dele eram acinzentados, profundos e semicerrados. Eram os olhos mais tristes do mundo, contemplativos e melancólicos.

— De jeito nenhum, Apóstolo — disse eu, sem pensar que minha tia me jogaria no seu *sancocho* fervendo se me ouvisse chamar assim um ser humano, ainda mais um porto-riquenho.

E ENTÃO TAMBÉM comecei a ouvir atentamente o que Hostos tinha a dizer. Eu estava moralmente apaixonada — será que isto faz sentido? Um amor moral que tomava conta dos meus sentidos e que inundava todo o meu corpo de uma excitação maravilhosa sempre que o apóstolo estava na mesma sala que eu!

Logo depois que nos mudamos para a nossa casa, ele passou a vir diariamente. Pancho tinha aberto uma pequena escola em nossa sala com seu amigo José Pantaleón. Eles estavam preparando meninos para ingressar na Escola Normal que Hostos tinha criado para rapazes. O novo presidente, nada mais nada menos que o nosso velho amigo arcebispo Meriño, era especialmente comprometido com a educação.

Então, todas as manhãs, das oito às doze, ou então às tardes, das duas às cinco, Hostos aparecia para dar aula aos meninos sobre algum assunto que Pancho e José não dominavam totalmente. *El maestro*, como ele era chamado também, fazia perguntas e empregava objetos de uso comum — a alça de um moedor, a mola de uma tampa, a queda giratória de uma flor do meu vaso de jacarandás —, ele os conduzia lentamente (embora eles dessem a impressão de estar conduzindo a si mesmos) a um momento de

compreensão que fazia com que suas pequenas bocas se abrissem e seus olhos piscassem com a luz da razão, como suponho que Hostos diria. Pancho e José ficavam olhando. Quando eu passava pela porta, no meio do trabalho de descascar legumes para o almoço, parava para olhar, maravilhada com a genialidade do homem.

E todas as vezes eu era fulminada por um pensamento, que tentava interromper no meio para que ele não fugisse ao controle: ali estava um verdadeiro companheiro para a minha alma!

Mas logo em seguida vinha um outro pensamento. Eu tinha conhecido a jovem e bela mulher de Hostos, Belinda. Mesmo que não estivéssemos comprometidos com outros, eu não era bonita o bastante para atrair um homem como Hostos. Eu era como o galho de jacarandás roxos que Hostos sacudia enquanto os meninos desenhavam a trajetória feita pelas flores que caíam em espiral.

Eu servia como exemplo. Incitava meus leitores a ações nobres.

Eu suspirava, enxugava as mãos no avental e voltava a descascar meus legumes.

NÃO QUE EU DESSE uma atenção positivista a nada disso. De fato, o que sentia era uma paixão cada vez mais profunda por Pancho. Ficava maravilhada com seu corpo jovem: seus braços fortes e pálidos; seu cabelo grosso e ondulado. Ele era terno e impetuoso, o que me deixava à vontade na cama. Mas era da sua alma que eu sentia falta nos nossos momentos íntimos. Ele vivia tão preocupado com todos os seus projetos.

Eu disse que a minha vida era cheia, mas a vida de Pancho estava abrindo nas costuras de tão cheia. Ele estava envolvido com meia dúzia de coisas: estudando direito à noite no Instituto Profissional que Hostos tinha aberto, dirigindo o seu próprio jornal, *El Maestro*, presidindo os Amigos do País, dirigindo a escola que ficava na nossa sala de visitas, editando o meu livro de poemas. Além de tudo isso, quando Meriño foi empossado, ele pediu a Pancho para ser seu secretário particular. Isto significava um monte de viagens, pois como o presidente Meriño explicou, Pancho deveria ser os olhos dele no país.

Chorei quando Pancho me contou sobre a grande honra que lhe fora conferida. Honra! Eu estava começando a odiar esta palavra. Recordei os três longos meses antes do nosso noivado que ele passou na estrada, a saudade terrível que tinha sentido dele.

Naquela época, eu estava morando com Mamá e Ramona e tia Ana, e agora estava sozinha numa casa escura com uma sala cheia de meninos derrubando minhas jarras de flores com a desculpa de que queriam ver as flores caírem em espiral.

— Mas você não está orgulhosa, Salomé?

— É claro que estou, Pancho — disse eu, enterrando o rosto no ombro dele para que ele não visse as minhas lágrimas. Ele estava me abraçando daquele seu modo distraído. Já estava muito longe, sentado na varanda de uma pequena aldeia, conversando com líderes locais sobre o futuro glorioso da pátria. — É que nós quase nunca estamos juntos ultimamente.

Ele deu um passo para trás e ergueu o meu queixo para olhar-me no rosto. Meus olhos estavam inchados e o meu nariz estava escorrendo. Pela centésima vez desejei ter um desses rostinhos bonitos que amolecem os corações dos homens.

— Salomé, a nossa pátria mal conseguiu erguer-se sobre pernas trêmulas. Nós temos que arregaçar as mangas, como diz *el maestro*, e trabalhar duro, lado a lado, para construir o futuro com o qual nós dois sonhamos.

— Ay, Pancho — gemi —, eu sei disso.

— Temos que criar um novo homem para uma nova nação — continuou ele, instruindo-me. Às vezes eu tinha vontade de atirar uma jarra bem pesada em cima das pregações de *el maestro*. — Eu sei como você se sente — disse ele, amolecendo. — Mas Salomé — acrescentou, com os olhos meigos, de um jeito que fez o meu coração inchar de amor e autossacrifício —, quem vai fazer este trabalho se nós não o fizermos? Sei que estou exigindo muito de você. Mas achei que estes eram objetivos que nós compartilhávamos.

— E são, Pancho — disse eu, recuperando os meus brios. Pancho era muito bom nisso, em me fazer recuperar os meus brios.

COMO ESTAVA FORA, Pancho pediu que eu o substituísse na sala de aula. Isto era pouco comum: uma mulher dando aula para meninos. Mas eu era *la musa de la patria*. Podia ser feita uma exceção. Às vezes, durante minhas aulas, Hostos aparecia por lá.

— *El maestro* chegou — dizia eu para os meus alunos.

Hostos sentava-se no fundo da sala para me observar.

— Por favor, continue.

Era o mesmo que ele tivesse dito “Cale-se”, porque com os olhos dele em cima de mim, eu ficava muda. Algumas vezes ele entrava tão silenciosamente que me pegava de surpresa. Suponho que foi a partir dessas observações que ele chegou à conclusão de que eu era uma professora nata e que devia abrir a primeira escola secundária de moças que iria treiná-las também como professoras.

Pancho adorou a ideia.

— Vamos dar aulas para os meninos de manhã e para as meninas de tarde. Salomé tem uma ótima base em ciências e literatura. Não é, querida?

— Graças a você — disse eu, sabendo que era isto que ele queria ouvir.

— Eu sempre lamentei esta falha deplorável — continuou Hostos para explicar sua ideia. — Nós estamos forjando o novo homem mas não a nova mulher. De fato, é impossível desenvolver um sem cuidar da outra. — Hostos observou-me com seus olhos tristes. — Deve ser muito difícil para você, Salomé, perceber a falta de companheiras de verdade dentre as pessoas do seu próprio sexo. — De novo a alegria de conversar com um homem que me compreendia!

— Mas, mestre, eu não tenho nenhuma formação como professora. Só frequentei uma das nossas pequenas escolas.

— Você tem uma alma profunda o suficiente para conter todo o seu país. — As palavras dele mostraram que ele me conhecia profundamente, de uma forma que Pancho, tão voltado para o futuro, era incapaz de fazer. Mas ele é jovem, pensei. *El maestro* tem vinte anos mais do que ele. Eu tinha que fazer algumas concessões a um marido que mal tinha deixado de usar calças curtas quando me apaixonei por ele.

— *El maestro* tem razão, Salomé. Você sabe mais do que pensa. E sempre que perceber alguma falha, eu prometo que ajudo.

— Mas você está fora a metade do tempo, Pancho!

Hostos tinha se levantado e estava andando na sala de um lado para outro. Parou diante de um vaso de flores; pareceu notar repentinamente as pétalas que tinham caído sobre a mesa. Vagarosamente, ele as apanhou, uma por uma, e guardou-as no bolso. Eu me perguntei o que ele iria fazer com elas.

— Eu não consigo pensar em ninguém melhor do que a primeira mulher da ilha para nos conduzir nesta tarefa — disse Hostos, virando-se e me dando um daqueles sorrisos luminosos que

raramente iluminavam o seu rosto comprido e triste.

— Vamos ver — disse eu, agitando as mãos no colo.

— O dever é a mais elevada das virtudes — disse Pancho, citando o mestre para ele mesmo.

QUANDO PANTO VOLTOU de uma viagem ao norte, eu tinha um novo poema para mostrar a ele, “Vespertina”. Era sobre a saudade desesperada que eu tinha sentido dele, quase a ponto de enlouquecer.

— Estes poemas pessoais são muito carinhosos. — Ele se inclinou e beijou-me a testa com gratidão. — Mas você não deve desperdiçar o seu talento cantando em tom menor, Salomé. Você deve pensar no seu futuro como o bardo da nossa nação. Nós queremos as canções da pátria, precisamos de hinos que nos tirem do pântano do nosso passado e nos conduzam ao nosso glorioso destino de Atenas das Américas.

— Pancho! — exclamei secamente, quebrando o feitiço que ele parecia estar jogando em si mesmo. — Além de poeta também sou mulher.

— Esse tom de voz não é agradável, Salomé — disse ele, com uma das mãos enfiada no colete como se fosse um estadista fazendo um discurso.

— Eu não me importo! — Eu tinha começado a chorar. Nos meus últimos poemas, tinha começado a usar uma voz que vinha do fundo de mim mesma. Não era uma voz pública. Era a minha própria voz expressando os meus desejos secretos que Pancho estava ignorando.

— Eu não achei que alinhar a sua vida com a minha seria um incentivo para você negligenciar os seus deveres — continuou Pancho.

Enxuguei minhas lágrimas no avental.

— Achei que lhe agradaria escrevendo isto. Mas talvez fosse melhor você listar os meus deveres para eu não esquecer.

Com uma voz triste e ofendida, que eu não estava acostumada a ouvir, ele disse:

— Você tem razão, Salomé. Eu às vezes confundo a minha musa com a minha mulher:

— Eu quero ser as duas coisas — disse eu com veemência.

— Você é as duas coisas — me afirmou.

COM FREQUÊNCIA, HOSTOS MENCIONAVA a ideia de uma escola para *señoritas*. Suponho que com o nascimento da filha dele, María, o abstrato tenha se tornado concreto. Era tocante ver o quanto Hostos se dedicava a cuidar dos filhos. Belinda me disse que toda noite o nosso mestre deitava na cama com cada um deles e cantava a canção de ninar especial que havia composto para cada um.

— Você pensou na minha sugestão, Salomé?

Eu ainda não estava convencida. Acho que eu ainda sentia que a minha primeira obrigação — depois das minhas obrigações de esposa, é claro — era com a minha poesia. Afinal de contas, tinha recebido uma medalha nacional. As pessoas haviam comprado todos os exemplares dos meus poemas que os Amigos do País haviam publicado e já estavam querendo mais. Agora, a nova voz também estava me obrigando a ouvir. Então, como poderia abrir uma escola que iria absorver o pouco tempo que eu tinha para escrever?

— Mas, mestre — enquanto eu falava, inclinei-me para ele como se todo o meu corpo estivesse falando —, a poesia também é uma parte necessária do nosso ser.

Hostos olhou para o embrulho em seus braços e sorriu. María continuou balbuciando como se já tivesse opiniões acerca daqueles assuntos de peso.

— Nós, povos do sul, temos grande abundância de poesia.

Eu sabia que Hostos não incluía o meu trabalho na sua condenação geral das artes. Afinal de contas, os meus poemas haviam inspirado sentimentos nobres e encorajado o progresso e a liberdade. Se tivesse lido “Lamentos” ou “Amor y anhelo” ou “Vespertina”, ele teria insistido para eu abrir uma escola não só para o bem das mulheres do meu país mas também pela saúde da minha razão.

Devo dizer que nunca me senti atraída para o ofício de professora. Não podia deixar de pensar na voz rabugenta da minha tia, na batida da sua vara de marmelo, no choro de uma pobre aluna com o rabo de burro feito de folha de palmeira pendurado no vestido. Bem cedo jurei que jamais seria professora. Imagino que seja a mesma aversão que algumas filhas que tiveram mães terríveis sentem pela maternidade.

— Vamos ver — disse eu, estendendo os braços à pequena María para desviar a conversa do grande sacrifício que Hostos estava me pedindo para fazer.

EU ESTAVA GRÁVIDA, ou pelo menos achava que sim, já que meu período havia falhado. Resolvi esperar mais um mês antes de contar a Pancho porque queria ter certeza. Meu marido era igual a uma criança se você promettesse alguma coisa a ele e depois não cumprisse. Ele ainda estava esperando pelo novo e grandioso poema em honra a *la patria* que achava que eu estava escrevendo.

Quando o meu período falhou pela segunda vez e os enjoos matinais começaram, resolvi contar a ele. Ele tinha acabado de voltar de uma curta viagem a Baní, onde alguns velhos caudilhos estavam à beira de uma revolução.

— Pancho, tenho uma notícia para você que vai alegrar um pouco toda esta tristeza.

Embora estivesse preocupado e cansado da viagem, seu rosto iluminou-se. Ele estava sentado na beirinha da cama, e eu ajoelhada ao lado dele, ajudando-o a tirar as botas e massageando suas pernas para aliviar o cansaço da viagem.

— Onde está ele, Salomé? — perguntou Pancho, olhando para a minha escrivaninha.

Eu desanimei. Não queria que o meu filho viesse em segundo lugar a coisa nenhuma, nem mesmo a um dos meus poemas. Então não dei a notícia a ele. Em vez disso, mencionei o outro assunto em que vinha pensando agora que a pátria estava à beira de um novo colapso.

— Talvez *el maestro* tenha razão. Nós precisamos de uma escola de *señoritas*, especialmente do jeito que as coisas estão.

— Eu sabia que você não iria desapontar-me, Salomé — disse Pancho, sorrindo para mim e dissolvendo o pensamento que estava se formando na cabeça sobre quem é que estava desapontado.

PANCHO FINALMENTE CONSEGUIU o poema dedicado a *la patria* que tanto desejava. Mas acho que até ele teria preferido o meu silêncio às atrocidades que aconteceram naquele mês de junho e que me levaram a escrever “Sombras”.

Nessa altura nós já estávamos morando de novo com Mamá e Ramona e tia Ana. Com Pancho fora a maior parte do tempo, eu ficava muito solitária naquela casa pequena e escura.

A princípio tive medo de que Pancho se recusasse a morar de novo com a minha família. Nem Ramona nem minha tia Ana eram muito gentis com ele, mas devo admitir que Pancho adorava um

desafio. “Elas estão mudando de ideia”, ele vivia me dizendo, embora eu, que as conhecia muito bem, não visse nenhum sinal disto.

Havia bons motivos para nos mudarmos — além da companhia e do cuidado que eu iria receber da minha família. Nós não podíamos continuar a pagar o aluguel de uma casa. Nenhum dos diversos projetos em que Pancho estava engajado dava dinheiro. Até o emprego dele como secretário do presidente rendia mais em honras do que em pesos.

Logo depois que voltei para casa, tia Ana resolveu fechar a escolinha que mantinha havia cinquenta anos. A casa de repente ficou duas vezes maior. Mamá me ofereceu a sala da frente que minha tia tinha vagado para eu fazer a minha própria escola, e Ramona se ofereceu para me ajudar. Ela era a única que sabia que eu estava grávida, e ficou preocupada com o fato de eu iniciar uma escola sozinha ao mesmo tempo que estaria tendo um filho, além de cuidar de uma criança grande disfarçada de marido.

— Presta atenção, Ramona — disse-lhe eu, pois tinha prometido que tentaria ter um bom relacionamento com Pancho.

— Eu quero que você tenha tempo para escrever, Salomé — disse-me ela. Ao contrário de Pancho, que estava sempre anunciando o meu futuro glorioso, Ramona queria que eu escrevesse porque sabia que isto me dava grande prazer e satisfação.

“E você sabe”, acrescentou ela, baixando a voz. “Embora eu tenha brigado com você quando escrevi ‘Lamentos’, estes novos poemas estão entre os meus favoritos.”

— Pancho diz... — Mas a expressão do rosto dela me fez parar.

— Quando você se mudar para cá, vou providenciar para que você tenha tempo para escrever. Nem que eu tenha que envenenar todas as distrações. — Ela me deu um daqueles sorrisos zangados que tinham se tornado habituais sempre que ela falava de Pancho.

Eu ri meio sem jeito, imaginando até onde minha irmã iria para livrar-se do meu marido.

O AYUNTAMIENTO VOTOU por conceder-me sessenta pesos por mês, por aluno, o que, com um mínimo de dez alunos, seria suficiente para comprar material e pagar os professores. Toda vez que *el maestro* aparecia para conversar sobre a escola, minha tia

ficava parada na porta para oferecer “alguns conselhos resultantes de uma vida inteira dedicada ao ensino”. Uma vez, quando Pancho sugeriu que seguissemos o modelo positivista do apóstolo, que era diferente do estilo antiquado, religioso, memorizador da minha tia, esta se encrespou com Hostos.

— O senhor está criando escolas sem Deus, escolas sem moral!

— Não, *Doña Ana*, de jeito nenhum. — Hostos levantou-se e ofereceu-lhe a cadeira dele. — Uma educação ética é a minha primeira preocupação. Deixe-me explicar-lhe o que estamos tentando fazer aqui. Por favor, junte-se a nós.

E, quando percebemos, aquela mulher furiosa estava sentada numa cadeira de balanço, comendo na mão de Hostos.

No fim da nossa reunião, enquanto acompanhávamos *el maestro* até a porta, Pancho pediu desculpas pela intromissão.

— Você foi muito gentil em incluí-la.

— Não foi gentileza nenhuma. Ela vem exercendo esta profissão a vida inteira. Se prestarmos atenção, vamos aprender muita coisa com ela.

— Mas, mestre, como podemos prestar atenção em alguém que diz que não se aprende nada sem sofrer um pouco?

Hostos baixou a cabeça e sorriu.

— Grande parte das mães novatas concordaria com ela, não é, Salomé?

EM MAIO DE 1881, a revolta que Pancho tinha tentado evitar irrompeu finalmente no sudoeste. Meriño aboliu todos os direitos civis e promulgou um decreto informando que todos aqueles que fossem apanhados carregando armas seriam fuzilados na hora. O exército se preparou para a guerra.

— É só para acalmar as coisas — explicou Pancho. — Meriño jamais porá isso em prática. Eu garanto a vocês.

— Meriño talvez não — concordou Hostos —, mas ele tem um general sedento de sangue que o fará. Lilís adoraria usar para livrar-se dos inimigos a desculpa de estar “restaurando a tranquilidade” e “protegendo a pátria”.

Uma patrulha foi de porta em porta recolhendo armas. Quando chegaram nas nossas redondezas, os soldados, exaustos, só batiam na primeira casa de cada quarteirão e pediam que os moradores atestassem o desarmamento de todos os vizinhos. Quando bateram

na nossa casa de esquina, tia Ana abriu o batente de cima da porta e disse a eles que já tínhamos todas as armas de que precisávamos: os poemas de Salomé e Cristo, nosso Senhor. É claro que o tenente que chefiava a operação imediatamente destacou dois soldados para cada casa do quarteirão e ele e dois subalternos esquadriharam cada centímetro da nossa, com Coco atrás, latindo desesperadamente. De repente, ouviram-se vários tiros. Um dos nossos vizinhos, apanhado com um pequeno revólver que havia escondido na bota, tinha sido levado para o meio da rua e fuzilado. Acho que foi aí que nós todos compreendemos que Meriño e seu general, Lili, estavam falando sério. Deste dia em diante, tia Ana quase não falou mais. Acho que ela se sentiu responsável por um sacrifício que poderia ter evitado.

O fato de estarmos retrocedendo ao nosso velho estado de guerra me deixou mais doente do que já estava. Todo o trabalho duro dos últimos dois anos tinha dado em nada: as novas escolas que Hostos havia criado, os sacrifícios esperançosos de tantos jovens, muitos como Pancho, dispostos a trabalhar de graça. Pela primeira vez, comecei a duvidar que tivéssemos capacidade para ser livres.

— Não devemos desanimar — disse-me Hostos quando apareceu um dia para rever os planos do instituto. Agora que Pancho e José tinham transferido a escola deles para um prédio ao lado da Normal para meninos mais velhos, eu não via mais o mestre diariamente como acontecia quando a escola era na nossa casa. Eu me perguntava se a minha ansiedade em iniciar o meu próprio instituto devia-se à possibilidade de estar com Hostos mais amiúde. Nossas conversas eram um bálsamo para o meu espírito cansado.

Nós estávamos medindo a sala da frente para ver quantas carteiras pequenas poderíamos colocar lá. Já havia um globo num dos cantos da sala, uma doação de *Don Eliseo*. Sobre um banco comprido, havia montes de livros dados por amigos que souberam que íamos iniciar uma escola. Havia algumas almas esperançosas que acreditavam na nossa revolução pacífica.

Hostos estava escrevendo números num pedaço de papel enquanto tornava a medir a sala com passadas. Eu me sentei, cansada do esforço. Já não vinha me sentindo bem havia vários dias, e tinha começado a desconfiar de que algo havia dado errado com a minha gravidez.

Hostos parou de andar de um lado para outro e olhou

diretamente para mim. As janelas estavam fechadas para a poeira da rua não entrar, então a sala estava numa semiobscuridade que dava uma impressão de mistério ao nosso encontro.

— Quando é que você vai contar a Pancho? — perguntou-me.

— Sobre o quê?

— Quantas outras coisas você está escondendo dele?

— Pancho anda muito preocupado — disse eu, defendendo-o.

— Seu marido está colocando todas as outras obrigações dele na sua frente.

Cala a boca, disse eu a mim mesma, pois fiquei tentada a confessar a minha solidão e a minha decepção. Era um conforto enorme simplesmente saber que Hostos entendia tudo isso.

— Você é uma professora nata em muitos aspectos, Salomé. Pancho vai aprender com você a ser um bom marido. Mas como sua tia sugeriu, talvez você tenha que tirar um pouco de sangue dele.

— O que você quer dizer com isso? — disse eu, me levantando. Pela minha mente passaram visões de Ramona envenenando o copo de água de Pancho. Mas tornei a me sentar, com uma súbita tonteira.

— Quero dizer que vai exigir um certo esforço — explicou Hostos. De repente, ele pareceu notar o meu mal-estar. — Você está bem, Salomé?

Podia sentir o sangue escorrendo pelas minhas pernas, confirmando os meus temores.

— Acho melhor você chamar Ramona — disse eu, contendo o choro.

ELES TROUXERAM CADÁVERES AMONTOADOS em carroças e os depositaram na praça. Disseram que era para que os parentes pudessem identificar os seus mortos, mas todos nós sabíamos que era uma advertência para nós. O mau cheiro no Centro da cidade era tão forte que Hostos fechou a Escola Normal até o fim do mês. Foi até melhor. Meriño se declarara ditador e se voltara contra os positivistas. Eles eram livres pensadores, que davam mais importância à hipotenusa de um triângulo do que o número de anjos que havia na cabeça de um alfinete.

O mundo parecia estar desmoronando. Naquele verão, o presidente americano Garfield foi morto a tiros por um homem que havia sido apanhado roubando artigos de papelaria dentro da Casa

Branca. O Sr. Garfield estava tentando reformar o seu governo e este ladrão barato tinha sido recusado para um emprego anteriormente. Homens bons estavam sendo mortos. Enquanto isso, os ricos e gananciosos estavam no controle. Nossos jornais relataram que o homem mais rico do mundo, um Sr. Vanderbilt, tinha dito: “Quero que todo mundo vá para o inferno, com exceção de mim e dos meus.” Quando ele morreu, foi enterrado num mausoléu de trezentos mil dólares, onde um vigia entrava na sua cripta a cada quinze minutos para certificar-se de que o corpo não havia sido sequestrado. Tia Ana amassou o jornal e colocou-o na latrina, que era o lugar dele.

Pensamentos sombrios me perseguiram dia e noite. Eu tinha a impressão de termos falhado não só como nação mas também como criação de Deus. Sempre que Pancho saía para ir ao palácio presidencial, eu ficava aterrorizada com o que poderia acontecer a ele. Oferecia cada palavra de cada poema meu, cada elogio que havia recebido e viesse a receber e cada menção da minha obra para a posteridade — tudo — em troca de ver o meu amado voltando são e salvo ao fim do dia. O problema era que quanto mais positivista me tornava, menos eu tinha fé em Deus ou na poesia.

Nesse meio tempo, o *Ayuntamiento* me informou que havia reduzido a nossa dotação pela metade. Desse jeito, nós iríamos comprar madeira mas teríamos que esperar para fabricar as carteiras. Iríamos contratar professores mas não poderíamos comprar livros. Fomos obrigados a adiar a inauguração da escola.

Não que eu estivesse em condições de abrir uma escola. Logo depois de perder a criança, fui atacada por uma febre intermitente. Tinha implorado a Ramona para não contar a Pancho sobre o aborto, pois não havia necessidade de entristecê-lo com uma coisa que ele não precisava saber.

— Talvez assim ele cresça — disse Ramona zangada. Mas acho que ela manteve a promessa, pois Pancho nunca disse nada sobre isso.

Mesmo no meu estado entorpecido, febril, percebi que Pancho estava decidindo o que fazer a respeito do seu posto no governo de Meriño. *El maestro* vinha de vez em quando e eu os ouvia conversando na agora abandonada sala de aula.

— Você tem que pedir demissão — insistiu Hostos com Pancho. — Eu sei que você acha que pode ser mais útil se estiver perto dos ouvidos de Meriño, mas a sua reputação vai ficar manchada por

estar próximo a ele.

— Alguém tem que contrabalançar a influência má de Lilís — argumentou Pancho. Ele conhecia o general por ter servido com ele nos últimos dois anos. De fato, Lilís tinha convidado Pancho para padrinho do seu primeiro filho, e Pancho, com seu jeito inocente, não tinha percebido a esperteza do general. Um compadre não podia erguer um dedo contra a família do seu afilhado, então agora as mãos de Pancho estavam atadas. — Meriño está se deixando enganar por esse cara.

— Meriño não é nenhuma criança — ouvi Hostos responder. — Ele enfrentou Santana, enfrentou os espanhóis, enfrentou Baez. Pode muito bem enfrentar Lilís, se quiser.

Será que escutei mesmo esta conversa ou imaginei-a junto com outras que só existiram na minha cabeça? Será que eu acordei mesmo uma tarde naquele quarto fechado, com a chuva batendo no telhado de zinco, e vi, sentado ao meu lado, *el maestro* lendo um livro, de vigília na minha cabeceira?

“O que você está fazendo aqui?” — tive vontade de perguntar, mas meu fôlego não dava para enfunar as velas de tantas palavras.

O livro foi posto de lado. Um pano molhado numa tigela foi delicadamente espremido dentro da minha boca. E então foi molhado de novo e colocado sobre a minha testa quente.

— Você não deve ficar aqui, mestre — consegui dizer. — Suas filhas, Belinda. E se for tifo?

— Você e eu sabemos que não é tifo. — Mais uma vez eu ouvi o som da água e senti o alívio do pano molhado nos meus lábios que queimavam.

— O que foi que Pancho decidiu? — perguntei após um momento de silêncio.

— Ele pediu demissão — explicou Hostos. — Mas nós achamos melhor que ele passasse uns dias escondido. Não precisa se preocupar — acrescentou Hostos ao ver a preocupação no meu rosto. — É apenas uma precaução. Aliás, eu também estou me escondendo.

— Aqui?

— No seu velho buraco revolucionário sob a casa. Só vim até aqui em cima para uma visita.

Algun tempo depois, eu o vi sair silenciosamente do quarto. Depois escutei a voz de Belinda. Ela tinha vindo para ver Hostos com a desculpa de estar visitando uma amiga doente. E eu que

tinha pensado que Hostos tinha subido só para me ver!

Mais tarde, naquela noite, quando me senti mais forte, estendi a mão para molhar o pano. Na mesinha de cabeceira, vi o livro que Hostos devia ter esquecido. Meu livro de poemas! Dentro dele, encontrei umas flores secas e me lembrei das flores de jacarandá que eu tinha visto Hostos guardando no bolso.

PANCHO ESTAVA INCLINADO SOBRE A CAMA, o rosto tenso, os olhos úmidos e preocupados. Outro sonho?, pensei. Mas minha febre estava cedendo. Estava me sentindo melhor. Fechei os olhos e tornei a abri-los.

— Eu estava com medo, Salomé — sussurrou ele. — A vida sem você não teria sentido.

Ergui a mão e toquei na sua cabeleira rebelde e escura.

Mais tarde, nas longas horas que passei naquela cama, esperando a febre passar, recordei várias vezes as palavras de Pancho, como se elas fossem aquele pano molhado, acalmando o meu coração febril. Talvez *el maestro* tivesse razão, e Pancho fosse aprender a ser um marido para a mulher com quem tinha casado.

EU ESCREVI “SOMBRAS” naquela cama.

Agora que estava claro que eu não estava com tifo, as visitas iam aparecendo para saber notícias minhas. Eu as ouvia conversando na sala. Vozes abafadas, alarmadas com a situação. As mortes. A repressão a jornais e pessoas. Muitos desejavam que Salomé melhorasse e escrevesse um dos seus poemas para incentivar os patriotas a lutar de novo contra aquela onda de violência.

Mas eu tinha perdido a fé na possibilidade de que as palavras pudessem transformar-nos numa pátria de irmãos e irmãs. Não tinha sabido que o próprio Lílís gostava de recitar trechos dos meus poemas patrióticos para as suas tropas antes da luta? Fui convertida às ideias de Hostos. Ele tinha razão. A última coisa que o nosso país precisava era de mais poemas. Nós precisávamos de escolas. Precisávamos educar uma geração de jovens que pensassem de forma diferente e interrompessem o ciclo de sofrimento na nossa ilha. Estava na hora de guardar meus brinquedos infantis e arregaçar as mangas. Com ou sem dinheiro, assim que eu me sentisse mais forte, estaria abrindo a minha escola, mesmo que tivéssemos que nos agachar e fazer nossas contas com pauzinhos na

poeira do chão.

Mas, primeiro, eu tinha que dar adeus à poesia. Não faria mais odes e hinos à república. Tinha um trabalho mais importante a fazer.

Cale-se por ora, minha canção,
a tempestade chegou,
com suas ondas batendo e seus trovões roncando.

Quando li o novo poema para Pancho, ele sacudiu a cabeça tristemente.

— Ay, a ideia de que você não vai mais escrever me parte o coração. O que irá preencher o lugar da poesia nas nossas vidas, Salomé?

— As crianças — disse eu, pensando na escola.

Pancho interpretou errado a minha resposta e chegou para a frente na cadeira.

— Você está esperando? — perguntou ele. Senti uma pontada de tristeza, pensando na criança que eu tinha perdido, e cuja perda sempre lamentaria sozinha.

— Muito em breve — prometi a Pancho, como se tivesse controle sobre a natureza assim como tinha sobre as palavras que escrevia no papel.

EM POUCO TEMPO A MINHA VIDA ficou tão cheia que não conseguia contê-la dentro dos meus dois braços. Graças a Deus eu tinha Ramona e Mamá e tia Ana para colocar um dos meus filhos para arrotar enquanto o outro chorava de fome e o terceiro queria que eu abotoasse o seu sapato ou quando uma jovem aluna chegava com um problema insolúvel de geometria e queria que eu a ajudasse a resolvê-lo. Pancho, é claro, ainda tinha o dom de preencher cada momento livre com algum projeto. “Não é só a natureza que detesta o vácuo”, eu sempre brincava com ele. Mas ele cumpriu sua promessa e além da escola dele, que dirigia junto com José, e da escola de medicina, que começou a frequentar à noite depois de terminar a escola de direito, ele me ajudou a dirigir o instituto naqueles primeiros anos de nenhum dinheiro e um número crescente de matrículas.

De vez em quando, quando tinha um minuto para mim mesma, eu me sentava e fechava os olhos e ouvia um velho chamado que

vinha lá do fundo. Não era um dos meus bebês nem uma das minhas alunas nem Coco latindo nem minha mãe, minha irmã ou minha tia, nem meu marido pedindo o jantar.

Cale-se por ora, murmurava eu.

CINCO

Amor e desejo

Washington D.C., 1923

ELA RESOLVE EXPERIMENTAR uma nova vida escrevendo para Marion sobre si mesma. Mesmo que não dê em nada, talvez a história do que está acontecendo comece a fazer sentido para ela.

Querida Marion

Estamos finalmente instalados aqui! Estamos morando numa casa em Georgetown, um endereço elegante que Pancho pode fornecer à Casa Branca e ao Departamento de Estado.

Os cartões de visita do seu pai diziam *Francisco Henríquez y Carvajal, Presidente, República Dominicana*, embora, é claro, exista uma certa discussão a respeito do direito dele a esse título. A casa é um empréstimo que Camila conseguiu do antigo amigo e protegido do seu pai, Peynado.

Pancho não sabe nada sobre esta transação. Ele pensa que a casa é um arrendamento que sobrou dos anos em que Peynado foi seu embaixador nos Estados Unidos. Mas agora Peynado mudou de lado e está negociando sozinho com os americanos. Pancho veio para Washington para mostrar ao Departamento de Estado que os dominicanos já têm um presidente e que nem Peynado nem nenhum dos outros vira-casacas têm o direito de negociar sem sua aprovação.

— Eles não vão ouvir — disse Camila ao pai quando ele propôs esta viagem lá em Cuba. Ela tentou convencê-lo a desistir, a ficar quieto no exílio, cuidando de um ou outro paciente. Eles já tinham passado por tanta coisa!

Ay, Marion, que saga tem sido isto... Eu ainda me lembro daquele mês de julho, em 1916 (nem acredito que já se passaram sete anos), quando a delegação dominicana chegou na

porta da nossa casa em Cuba. Eu sei que já contei a você o quanto ficamos surpresos ao saber que Papancho tinha sido eleito presidente *in absentia*! E a maior surpresa, depois de estar vivendo no exílio há tantos anos, ele aceitou! Eu me lembro de ter dito a você que fiquei para trás com os meninos em Cuba, já que Tivisita tinha morrido havia menos de um ano e eu queria ter certeza de que esta presidência iria “pegar” antes de obrigar a família inteira a passar pelo sacrifício de uma mudança. Dois meses depois, nós nos juntamos a Papancho em São Domingos. Eu me lembro que os meninos ainda estavam usando uma faixa preta no braço em sinal de luto pela mãe. Mas esta é a parte que eu nunca contei para você, porque sei do orgulho que você sente pelo fato do meu pai ser presidente. Marion, Papancho só foi presidente por quatro meses. A família não estava reunida nem havia um mês — vinte e sete dias! — quando Papancho veio até os nossos aposentos no palácio uma tarde com a notícia de que os americanos haviam invadido a ilha. “Eu me recuso a ser a marionete deles!”, declarou ele para os repórteres que o haviam seguido até o andar de cima. Nós voltamos para Cuba, com o gabinete todo atrás — sim, até mesmo Peynado veio junto —, para estabelecer um governo no exílio. Assim começou a nossa saga.

Sete anos depois, o gabinete tinha debandado, mas Pancho ainda insistia em dizer que tinha direito à presidência. Camila tentou colocar algum juízo na cabeça dele. Ele não pode salvar um país que não quer ser salvo do modo como ele quer salvá-lo. Mas se ela ainda não o conhecia bem nesta encarnação, agora está vendo o pai como uma Força da História, e quando este tipo de ideia entra na cabeça dos Henríquez homens, não há maneira alguma de detê-los — exceto pela paralisia que atacou temporariamente Pancho no ano passado.

— Mas onde é que nós vamos ficar em Washington? — Camila finalmente desistiu de protestar e passou para as questões práticas.

Max veio com uma solução, e incentivada por ele, Camila escreveu para Peynado, que respondeu dizendo que, é claro que sim, ele ficaria “mais do que honrado de ter o ex-presidente da nossa ilha hospedado na minha casa”. Ele não a estaria usando durante o mês de maio, e de qualquer maneira, caso ele fosse à cidade por um ou dois dias, haveria bastante espaço: quatro quartos

no segundo andar, além de um sótão com uma cama de armar, onde Camila de vez em quando fica sentada, sonhando com Scott Andrews.

Ela tem refletido sobre o pedido de casamento que ele fez na sua última carta. Como ela deixou a pergunta sem resposta e Scott Andrews é um homem tímido, não é provável que ele torne a fazê-lo. De fato, um dos motivos pelos quais ela finalmente concordou em acompanhar o pai neste mês de maio, no que ela considera uma missão humilhante e arriscada para a saúde dele, foi para descobrir se o pedido ainda está valendo, como Scott Andrews diria. Depois, é claro, ela tem que decidir se o ama ou não.

ELA CONHECEU O MAJOR ANDREWS numa recepção na Casa Branca há pouco mais de dois anos. Foi durante uma de suas numerosas viagens ao norte para tratar do posto de Pancho. Camila estava indo para o toalete, mas tomou a direção errada e acabou numa sala majestosa, toda iluminada, com um enorme retrato pintado a óleo que a fez parar. O rosto era, evidentemente, um rosto de homem, mas os olhos de Lincoln eram os mesmos olhos tristes, de pálpebras caídas, de sua mãe!

Camila ouviu passos atrás de si, virou-se e ficou surpresa ao ver um guarda, foi o que pensou que ele fosse, vindo para prendê-la. Scott Andrews estava de serviço na Casa Branca aquela noite, e sua função era manter os convidados na área reservada para a recepção. Desde que a Sra. Harding tinha aberto a Casa Branca para o público, vinham desaparecendo pequenos enfeites: cinzeiros onde Teddy Roosevelt havia jogado as cinzas do seu charuto, borlas de abajures do tempo de Martha Washington. Scott Andrews contou isto a ela mais tarde, o tipo de informação que ele gostava de oferecer-lhe, sabendo que ela adorava aquelas fofocas inocentes que lhe davam a sensação de ser bem informada. E embora ele não tivesse tido a intenção de fazê-la chegar a esta conclusão, Camila compreendeu que a primeira impressão que ele teve dela — uma mulher alta e serena de um país de língua espanhola — foi de que ela estava roubando alguma coisa.

E agora, neste mês de maio num elegante endereço emprestado, neste mês de maio com o calor do verão já se aproximando da capital da nação, Camila veste a roupa menos gasta que tem para ir implorar de novo por seu pai. Ela marcou um encontro com Scott

Andrews para perguntar se ele tem alguma maneira de conseguir uma audiência com o presidente para Pancho.

Durante a conversa, ela espera que ele toque no Outro Assunto, como ela gosta de pensar nele para não se apavorar. Não deve continuar ignorando seus próprios interesses para tomar conta do pai. Além disso, está cansada da raiva dele. Tem dias que ela não quer sair da cama. Mon contou-lhe que sua mãe sofreu de depressão quando era menina, que era chamada de melancolia na época. Camila a sente, batendo nos seus joelhos e subindo.

Esta é a sua vigésima nona primavera: está na hora de ela ser feliz.

“QUERIDA MARION”, ESCRIVE CAMILA:

Washington está pior do que nunca. O calor aqui é tão opressivo quanto em Santiago de Cuba. Com certeza não tão agradável quanto Havana com sua brisa do mar. Como é que alguém pode acreditar numa nação que construiu sua capital num pântano?

Ela tem quase certeza de que pode dizer essas coisas para Marion sobre o seu país, já que Marion é a primeira a criticar esta “nação biruta,” como ela a chama. Marion, afinal de contas, saiu da Universidade de Minnesota e foi para Cuba atrás de Camila. Nos últimos dois anos, Marion esteve ocupada abrindo a primeira escola de dança moderna em Santiago, ensinando “inglês para fazer compras” para as filhas dos barões do açúcar, aprendendo a andar a cavalo, a atirar, a jogar tênis, croqué, e a beber Mary Pickfords, uma combinação de rum, suco de abacaxi, xarope de romã e gelo, que apesar do nome Marion não poderia beber no seu “seco” Estados Unidos.

Quando Camila e seu pai partiram para Washington, Marion foi com eles até Nova York, depois tomou um trem para oeste para passar o verão em Dakota do Norte com o pai, que tinha ficado viúvo recentemente e que estava terrivelmente preocupado com ela. Como é que ela, de livre e espontânea vontade, podia escolher morar num país selvagem como Cuba em vez de morar no melhor país da Terra? Marion responde contando sobre sua academia de dança, sobre as esquisitices da casa dos Henríquez com seus estranhos bichos de estimação, dentre eles um urso, um macaco e

um porquinho cor-de-rosa chamado Teddy Roosevelt (o que é, seu pai escreve de volta, “um tremendo desrespeito”).

Eu sempre penso como deve ser estranho para você, Marion, voltar para casa depois de passar dois anos longe. Por falar em sagas, a sua foi uma odisséia! Tenho certeza de que a última coisa que papai Reed esperava quando mandou você estudar no leste, em Minnesota, era que você terminasse em Cuba! Ele deve estar muito feliz por ter você de volta.

Marion está planejando voltar para Santiago no fim do verão, e assim que sua missão em Washington estiver cumprida, Camila e seu pai também voltarão para lá. *A menos que aconteça alguma coisa*, Camila pensa, enquanto dá um beijo de despedida na amiga na Estação Grand Central. Embora Camila tenha mencionado Scott Andrews para Marion, ele nunca pareceu ser uma ameaça. Ele é uma figura vaga, até mesmo para ela, como a mãe que ela inventou e os irmãos com quem conversa em sua cabeça, uma vez que os de carne e osso nunca estão por perto.

Você lembra que de vez em quando eu mencionava o nome de S.A.? O jovem oficial de marinha que foi tão amável conosco durante nossa última viagem para cá? Aquele que estava sempre me escrevendo aquelas cartas que deixavam você tão curiosa! Bom, nós jantamos juntos ontem à noite. Fomos ao Madison Club, que dizem que tem um lugar clandestino nos fundos que vende bebida alcoólica. É claro que nós jantamos na frente, no salão oficial. Duas vezes durante o jantar S.A. pediu licença dizendo que precisava ir ao banheiro. Voltou para a mesa com o rosto vermelho, então eu imagino que não era bem ao banheiro que ele precisava ir! Ainda bem que ele usa roupas civis quando sai. Eu não suportaria sentar na frente de alguém usando o uniforme das tropas que ocuparam o nosso país.

Por causa dos três anos que passou em Minnesota, Camila escreve muito bem em inglês. Mas ela sempre escreve para a sua melhor amiga em espanhol para que Marion possa exercitar seu espanhol. Senão ela vai perder a fluência em Dakota do Norte onde *ninguém* (sublinhado três vezes — Camila chama Marion de “a marcadora apaixonada”), nem mesmo os professores de espanhol das escolas, sabe ler ou escrever bem. Em parte, também, Camila

desconfia, Marion prefere a sua correspondência em espanhol para assegurar privacidade na comunicação entre elas, já que seu pai, papai Reed, tem o hábito de abrir a correspondência de Marion “por engano”.

Agora, uma descrição. Alto, magro, louro como seus ancestrais ingleses — um ar de Douglas Fairbanks. É verdade, as pessoas o param na rua para perguntar se eles são parentes. Eu sempre me perguntei por que um homem tão bonito como ele é solteiro. Mas ele tem uma timidez que eu acho que quis superar entrando para a marinha. Agora é adido militar na Casa Branca, uma posição que combina melhor com ele. A família dele é de New Hampshire. Faz questão de me dizer que foram abolicionistas de primeira hora. Ele é um homem amável, embora tímido. Acho que você vai gostar dele.

Sua timidez impediu qualquer progresso no campo romântico. E no entanto, quando estão separados, Scott Andrews escreve cartas carinhosas para Camila, que chegam em Santiago de Cuba com o timbre da Casa Branca no envelope. Camila tem que ficar atenta. Se seu pai visse o remetente, ele abriria a carta achando que se tratava do presidente Harding ou do secretário Hughes, admitindo finalmente que os Estados Unidos estavam enganados ao invadir um país estrangeiro e forçar seu presidente a viver exilado numa ilha próxima. Quanto a Marion, se *ela* lesse as cartas, teria um dos seus ataques de ciúmes.

Mas, pessoalmente, Scott Andrews se esconde atrás de uma correção que deixa Camila perplexa. Talvez seja uma característica da profissão dele, imerso como ele é em protocolo. Ela gostaria que fosse ousado e defendesse a causa do seu pai, que usasse suas relações para aproximá-los do poder sobre o qual está sempre fofocando com ela. Mas tudo o que Scott faz é levar-lhe “souvenirs” da Casa Branca: um pequeno cinzeiro, como uma brincadeira depois do primeiro encontro deles; um baralho com Laddie Boy, o primeiro-cachorro, posando diante da bandeira americana; um relógio feminino numa caixa de presente gravada à mão pela Sra. Harding — segundo afirma Scott Andrews — *Tempo de normalidade, Tempo de Harding*.

O tempo está acabando! Seu pai mergulha cada vez mais na sua teoria de que existe um complô entre os Estados Unidos e o grupo

de Peynado para anexar a ilha. A saúde dele piora a cada dia. É difícil pedir ajuda a Scott. A timidez dele a deixa tímida também. Numa de suas visitas anteriores, durante o inverno, ele roçou os seios dela ao ajudá-la a vestir seu velho casaco dos tempos de Minnesota, e ficou vermelho, sim, vermelho. De fato, durante esta viagem, ela fica surpresa ao descobrir que ele está desobedecendo à lei seca e bebendo. Mas como ele mesmo disse a ela, o presidente Harding vive dando festas tarde da noite com bandejas cheias de garrafas contendo todas as marcas possíveis de uísque. Quando Scott Andrews está de serviço na Casa Branca, ele leva muitos senadores ou juízes da Suprema Corte para casa, bêbados.

Eu expliquei a S.A. sobre Papancho e que precisamos conseguir uma entrevista com o Sr. Harding antes que este plano Hughes-Peynado seja posto em ação, e S.A. disse o mesmo de sempre, que não há nada que ele possa fazer, que vamos ter que recorrer aos canais apropriados. Canais apropriados! Nós temos que recorrer aos canais apropriados para protestar contra as ações criminosas deste país contra nós!

Chega!, diz ela a si mesma. Está começando a falar como o pai: cada pensamento, cada observação voltando ao mesmo lugar. Foi isto que causou o colapso nervoso que ele teve no ano passado. Foi o que o deixou louco de preocupação e estressado por uma indignação constante. De fato, não tem certeza se concederia uma audiência a ele caso ela fosse o presidente dos Estados Unidos. Ela mesma não pode mais viver deste jeito. Passa noites andando de um lado para outro no quarto do sótão, depois desce, vai até a porta da frente, abre a portinhola de vidro, olha para fora.

Bom, Marion querida, imagino que você esteja aproveitando a paz e o silêncio dos seus campos dourados. Lembro-me daquele verão que passei com você e papai Reed e mamãe — você deve sentir tanta falta dela! Talvez papai Reed tenha razão e você deva ficar quieta aí em Dakota do Norte. Colando retratos da época da Universidade de Minnesota num álbum. Um dia a sua filhinha irá perguntar: E quem é essa? E você vai dizer: Essa foi minha professora de espanhol. Eu fui para Cuba atrás dela. Morei lá com ela e com a família dela durante dois anos. De vez em quando dava um ataque para chamar a atenção dela. Eu

ameaçava ir embora. Um dia fui mesmo embora e nunca mais voltei.

Ay, Marion, será que é assim que a nossa história vai terminar?

Mas ela não deve dizer isto, senão Marion vai se despencar e tomar um trem para o leste. Agora que estão separadas, Camila tem que aproveitar a oportunidade para deixar claro a Marion que ela não deve voltar. Precisa se libertar daquela relação. Mas não consegue imaginar um jeito de dizer isto à amiga querida, a não ser escrevendo estas cartas que delineiam uma nova situação para as duas.

“Quanto ao Outro Assunto”, escreve Camila, tentando terminar aquela carta interminável, cheia de saudades e queixas.

O assunto não veio à baila. Teve um momento que eu pensei que S.A. fosse dizer alguma coisa, mas ele pediu desculpas pela segunda vez e se ausentou bem por uns cinco minutos. Quando voltou, mais afogueado do que nunca, pareceu disposto a estudar o meu rosto, mas então, rapidamente, abordou o assunto da audiência de Papancho e disse que ia ver o que podia fazer. Depois confidenciou-me que Washington estava fervendo. Que havia um escândalo prestes a romper que poderia chegar nos mais altos escalões. Que o presidente estava esgotado e havia marcado uma viagem ao Alasca para relaxar. “Por que não incentivá-lo a ir até o Caribe?”, perguntei secamente. “Ele é praticamente dono de tudo aquilo agora...” E enumerei todas as ilhas ocupadas ou supervisionadas: Cuba, Haiti, Porto Rico, além da República Dominicana. Acho que estou me tornando tão mordaz quanto Papancho, Marion, e este simpático rapaz vai fugir para bem longe de mim.

Mas Scott Andrews não foge. Alguns dias depois, convida Camila para ir com ele ao Paradise Jazz Club. Jazz! Ela achava que jazz era a música insolente das garotas brancas petulantes com namorados de casacos de pele e carros último tipo. Mas jazz pertence a nós, ela pensa, pessoas de cor, como são chamadas aqui, e é a música mais triste do mundo. É claro que as únicas pessoas que parecem de cor estão no palco, e ninguém adivinharia que Camila, com sua pele clara e seu cabelo ondulado, de permanente, é uma delas. Ela atira

a cabeça para trás, fecha os olhos e se deixa levar pelo saxofone. Pode sentir os olhos de Scott Andrews no seu pescoço longo e nu.

Entre um número e outro, ele anuncia que pensou numa forma de fazê-la entrar na Casa Branca: uma das *garden parties* da Sra. Harding! Se Camila conseguir atrair a atenção da Sra. Harding, o presidente concordará em receber Pancho.

— Todo mundo diz que quem governa o país é ela — diz Scott Andrews. — Aliás, o presidente a chama de Duquesa e o público se refere a eles como o Chefe do Executivo e o Sr. Harding.

— Eu não sei — diz Camila, olhando para as próprias mãos, escondidas no colo, debaixo da mesa, acompanhando o ritmo do piano no palco. Ela devia contar a ele que não tem mais dinheiro para comprar roupas para essas festas elegantes, que é tímida e se sente mortificada sempre que chega num evento grande e mal consegue dizer duas palavras.

Antes que ela exprima sua relutância, ele estende a mão por cima da mesa em busca da mão dela. Rapidamente, ela a ergue do colo para ser beijada. Ele parece aliviado por ter completado sua missão com sucesso e sorri.

— Há muito tempo que eu venho esperando por isto — diz ele.

— Então somos dois.

O gemido do saxofone e o modo gingado do negro tocar o piano lhe dão coragem.

PEDRO CHEGA DO MÉXICO no dia seguinte com sua jovem e bela esposa, Isabel María Lombardo Toledano. Ele a trouxe para conhecer alguns membros da sua família tão espalhada pelo mundo. Dentro de poucos dias, Max irá chegar com sua mulher, Guarina, e seus dois filhos. Tio Federico também é esperado, com sua cabeça branca e seu olhar duro, um velho guerreiro feroz. Toda a família está se reunindo, não só para conhecer a esposa de Pedro, mas em resposta aos telegramas de Camila. É preciso fazer alguma coisa com Papancho. Os irmãos vêm para ajudar. Camila não sabe ao certo por que o tio Federico está vindo, uma vez que é ele que está sempre incentivando o irmão Pancho a lutar até a morte. A morte de quê?, Camila tem vontade de perguntar.

Na primeira noite da visita de Pedro, antes da chegada dos outros, ela conversa com o feliz casal na sala de visitas. Pancho, que geralmente pede licença e vai se deitar mais ou menos por esta

hora, fica por lá, cortejando a nova nora, como se ele também precisasse fazer uma conquista.

— Eu estou tentando agendar uma audiência para Papancho — explica Camila quando Pedro pergunta como estão as coisas, referindo-se a uma coisa apenas, aquilo que tem sido a obsessão do pai nos últimos sete anos da vida dele. Camila explica, ainda, que tem um amigo no Departamento de Estado.

— Que amigo? — Pedro quer saber.

— O marinheiro — diz Pancho. É assim que o pai chama Scott Andrews quando não se refere a ele como o cachorrinho de Camila.

— Meu amigo Scott Andrews. Ele me convidou para uma *garden party* na Casa Branca, onde vou tentar falar com a Sra. Harding.

— O quê? — diz Pancho. Esta é a primeira vez que ele ouve falar no plano. — Nós não devemos mendigar! — grita, para espanto da jovem Isabel, chocada com a súbita mudança do sogro.

— Nós não vamos entrar pela porta dos fundos! — continua ele, com a voz trêmula de raiva. — Ou fazemos as coisas com honra ou desistimos delas!

Camila fica calada. Ela não consegue raciocinar com ele quando fica assim tão zangado.

Depois que Pancho finalmente sobe para dormir, Camila explica a Pedro e a Isabel que toda manhã ela acompanha o pai — com um documento de protesto e outro de proposta na mão — até os escritórios da divisão latino-americana do Departamento de Estado. Um funcionário subalterno sempre os cumprimenta, recebe o cartão de visita de Papancho e desaparece por um bom tempo. Finalmente, ele volta cheio de desculpas. O secretário Hughes não pode recebê-los hoje.

— Nós temos que parar com isto — diz Camila a Pedro. — Ele vai adoecer de novo.

Mas Camila fica surpresa com a reação do irmão.

— Papancho tem todo o direito do mundo — diz Pedro, erguendo a voz e cerrando os punhos. Ao lado dele, Isabel parece atônita pela segunda vez naquela noite. Quem é esse estranho com quem se casou? Que família esquentada, de tórridos idealistas! — Veja o que os ianques fizeram no México, no Panamá, na Nicarágua, no Haiti, em Cuba, em Porto Rico. Quem vai detê-los?

Não vai ser Papancho, Camila pensa.

— Quanto a você, irmãzinha — Pedro muda de assunto, estendendo uma das mãos para ela e dando a outra para Isabel

segurar, como se estivesse dividindo um prêmio com sua jovem esposa. Eles ficam ali sentados, de mãos dadas, como se estivessem numa sessão espírita. (Scott Andrews contou a ela que a Sra. Harding frequenta uma vidente em R Street!) É raro o irmão dela se mostrar tão explicitamente carinhoso. Mas Camila notou que ele ficou mais expansivo com ela depois que Marion partiu de Cuba. — Deixe-me dar-lhe um conselho, já que sou o seu irmão mais velho e já cometi todos os erros que você corre o risco de cometer. Não deixe que a questão política de Papancho domine a sua vida pessoal. Este amigo que você mencionou, desfrute simplesmente o prazer da companhia dele. Ele é americano?

— É — diz ela depressa. Por que será que, de repente, ela tem a sensação de que deve pedir desculpas pela nacionalidade de Scott? Ela sabe que o irmão está contente por ela estar saindo com um homem, qualquer homem. Desde que as surpreendeu em Minnesota que Pedro se preocupa com a amizade de Camila com *la norteamericana*. — A família de Scott Andrews é de New Hampshire. Eles foram abolicionistas de primeira hora — acrescenta Camila, tentando tornar o major da marinha simpático aos olhos do irmão.

— Ele sabe sobre Mamá? — pergunta Pedro, lançando um olhar significativo na direção de Isabel. No país deles, esta mistura de raças é esperada. É óbvio que a própria Isabel tem um pouco de índia na sua pele dourada e muito no seu cabelo preto e nos seus olhos escuros e amendoados.

— As coisas ainda não progrediram a esse ponto — responde Camila.

— Quando ele me conhecer, vai saber na mesma hora. — Apesar do esforço para falar naturalmente, a voz de Pedro tem uma ponta de amargura. Camila se lembra dos momentos difíceis que o irmão passou em Minneapolis, aluguéis recusados, impossibilidade de entrar em certos clubes. Pedro e Max acabaram sendo os filhos mais parecidos com a família do lado de Salomé, pele morena, cabelo crespo, todos os sinais reveladores. Camila pensa nos músicos do jazz club; que eles entraram por uma porta separada; que ela os viu comendo do lado de fora, sentados em caixotes, quando ela e Scott saíram durante um intervalo. Eles podiam ser irmãos, especialmente o saxofonista, que tinha a pele mais clara. Ela recorda que Max um dia ganhou a vida tocando piano em Nova York. Onde será que eles comem no inverno?, pensa ela.

— Quando vamos conhecê-lo, Camila? — pergunta Isabel após

vários instantes de silêncio. É a primeira vez que ela abre a boca. Ela é dezenove anos mais moça do que Pedro; talvez ache que tem que pedir permissão aos mais velhos para falar!

Se Pedro fizer qualquer comentário a respeito de Scott Andrews, Camila vai dizer: Você, especialmente, deveria saber que o coração faz escolhas esquisitas, quando faz alguma escolha. Olha só para você, o velho da família, escolhendo uma esposa tão nova; ou Max, um músico talentoso, com sua surda Guarina; ou Mamã, escolhendo um garoto obcecado pelo talento dela e pelas grandes causas.

Mas é preferível um coração que escolhe, ela pensa, àquele que Pica distante, numa indecisão sem riscos.

— Querida Marion — escreve Camila para a amiga naquela noite. — Acho que estou amando.

ELA TRANSFORMOU O SÓTÃO EM quarto, agora que Max e a família dele chegaram. Desenha a planta da casa para Marion, a entrada formal, a porta com seu estranho olho mágico (“Você puxa um pedacinho de madeira e enxerga a visita do outro lado, mas a visita não enxerga você!”), a sala de visitas de um lado, a sala de jantar do outro, a sala de estar com o imponente piano no qual Camila toca as belas peças de Debussy que agradam e acalmam o seu pai, e nos fundos a imensa cozinha, onde Isabel passa grande parte do tempo cozinhando para impressionar sua nova família.

Nós estamos com as roupas estourando, Marion querida. Eu coloquei iniciais em todos os quartos para você saber como foi que acomodei todo mundo. Papancho e tio Federico dormem no quarto do sudoeste. Ao lado deles, a leste: Pedro e Isabel. No quarto da frente: Max e Guarina, com os meninos em camas de armar no quarto de vestir. O outro quarto, de Peynado, deveria ser o meu, mas como eu poderia dormir nos aposentos de um homem de quem o meu pai se queixa o dia inteiro? Eu me transferi para o sótão, o que me dá um pouco mais de privacidade, mas que está ficando cada vez mais quente à medida que o verão avança. Não sei até quando vou poder suportá-lo.

Ela fica acordada até tarde, só de combinação, escrevendo para Marion cartas diárias que acaba não enviando. Às vezes se levanta para esticar as costas e olhar para a rua tranquila, residencial, lá

embaixo. Quando um carro se aproxima, ela recua, embora sua janela esteja oculta pelos galhos do enorme *plátano* do jardim.

Hoje, domingo, nós fomos ver o tão falado Lincoln Memorial. Max e Guarina foram andando na frente com seus garotos barulhentos. (Acho que foram os garotos e não a gripe como todo mundo diz que pioraram a surdez de Guarina!) Pedro, Isabel e eu vamos mais atrás, conversando sobre o Sr. Lincoln, cujos discursos e textos meu irmão, evidentemente, cita de memória — você conhece o nosso Pedro! Papancho e Federico ficaram em casa, planejando o golpe, sem dúvida. Estava um desses lindos dias de início de verão, com uma brisa suave, desses que, quando você olha para o céu, tem vontade de chorar.

Mas a verdade é que olhar para o céu sempre fez os seus olhos se encherem de lágrimas. De alguma forma, aquele espaço enorme, azul, sempre reflete as feições de sua mãe. No verão que ela passou com a família de Marion em LaMoure, há cinco anos, era difícil não olhar para cima. Metade do mundo era feito de céu! Isto explica por que ela estava sempre à beira das lágrimas, sentimental e emotiva, sentindo-se ofendida toda vez que papai Reed tentava esclarecê-la a respeito de Woodrow Wilson e da doutrina Monroe.

De repente, lá estava ele à nossa frente, de uniforme, caminhando com uma jovem atraente, tão loura quanto ele, de braços dados com ela. Ele ia apontando para lá e para cá, como se estivesse de cicerone num passeio. Puxei o meu chapéu para ocultar o rosto, torcendo para que ele não me visse. Mas um dos garotos de Max, o pequeno Leonardo, começa a gritar, TIA CAMILA, EU SEI CONTAR OS DEDOS DO SR. LINCOLN, e é claro que S.A. se vira e vê a família inteira de uma vez. Achei que ele fosse segurar com mais força no braço da jovem deusa branca e se afastar, mas não. Ele se aproximou “Então é você mesma, Camila! Que surpresa!”

Por quê?, ela pergunta a si mesma enquanto escreve, por que ela não envia estas cartas para a amiga? Ou se ela tem medo de perder Marion, por que não mantém simplesmente um diário como tantas mulheres estão fazendo? (Scott Andrews contou-lhe que a Sra. Harding tem um diário vermelho no qual anota todas as suas queixas.) Mas por que este fingimento de que está apenas relatando

o seu verão para alguém que irá ouvir?

É claro, ela pensa enquanto escreve páginas e páginas de cartas que não são enviadas, *Eu não quero que ninguém, nem mesmo Marion, me veja tão perturbada.*

Minhas suspeitas eram infundadas. A loura que acompanhava era sua irmã Franny, que tinha vindo de Concord para visitá-lo. Quando terminamos as apresentações, fomos todos até a estátua do Sr. Lincoln e ouvimos enquanto o pequeno Leo contava os enormes dedos de mármore em inglês e em espanhol. Depois, S.A. nos convidou para tomar refrescos num elegante café ali perto. Ay, Marion, que momento penoso. O estabelecimento recusou-se a nos servir. Disseram que não tinham lugar para um grupo tão numeroso, mas havia muitas mesas vazias, e todos nós compreendemos a razão. Pedro imediatamente virou as costas e levou Isabel para casa. Mas os meninos insistiram em tomar o *ice cream sundae* que lhes haviam prometido, então nós encontramos um quiosque ali perto e nos sentamos em bancos, S.A. do meu lado, silencioso e abalado. Antes de nos separarmos, ele se virou para mim e disse de um modo muito sentido: “Camila, eu sinto muito.” Você não sabe o quanto fiquei comovida com esta demonstração de apoio por parte de S.A.

“Acho que estou amando”, torna a escrever. Mas desta vez, revendo o que escreveu, risca as duas primeiras palavras só para ver a ousada afirmação por escrito. *Estou amando.* Algum dia ela disse isso em relação a alguém?

Ela fica em pé, apagando a luz do abajur de modo que o sótão fique iluminado apenas pela luz que vem do hall, lá embaixo. Vai até a janela e contempla o seu reflexo. Dizem que ela é mais alta e mais atraente que sua mãe, embora não saiba se este cumprimento é um eufemismo para “mais branca, mais clara, mais caucasiana”. Segundo Mon, Salomé era uma mulata comum. No retrato póstumo que seu pai encomendou, Salomé é uma mulher clara, bonita, com uma faixa preta no pescoço e uma boca de lábios rosados e cheios, uma versão mais branca e mais bonita da Grande Salomé, mais uma das campanhas de seu pai.

À NOITE, CAMILA GOSTA DE PASSEAR pelo jardim. A casa é cercada por uma cerca viva alta, então ela se sente à vontade,

sentada numa cadeira de jardim só de camisola e com um xale para se proteger caso alguém a surpreenda, fumando o seu cigarro. Não sabe se alguém suspeita que ela fuma. É claro que Marion sabe. Afinal de contas, foi Marion quem a introduziu neste vício, assim como a ensinou a mergulhar pelada no rio James e a correr na “máquina de velocidade” do pai dela. Mas ao contrário de sua amiga ousada e exibida, Camila não gosta de chamar atenção para as suas transgressões. Para que provocar críticas? Ela já se critica o suficiente.

De noite, consegue se recostar na cadeira e contemplar o céu sem ter vontade de chorar. Ao contrário da maioria dos fantasmas, o rosto de sua mãe nunca aparece no escuro. Camila olha para cima e, como uma aluna resolvendo um problema no quadro-negro, começa a ligar as estrelas, desenhando o futuro que todo mundo espera dela. Ela vai morar numa casa, não muito diferente desta. Terá filhos, não muito diferentes dos seus sobrinhos. Beijará o seu bondoso marido, um homem não muito diferente de Scott Andrews...

Desde já ela se sente entediada com esta versão do futuro.

UMA TARDE, JÁ DE VOLTA da visita aos escritórios do Departamento de Estado, ela está sentada no quintal, lendo, quando é chamada à porta da frente por Isabel. Pedro está na Biblioteca do Congresso, pesquisando, e Max e Guarina levaram os meninos para passar uns dias na Filadélfia. Lá em cima, as duas eminências grisalhas estão tirando sua *siesta*, e Isabel, tão querida, está fazendo merengues na cozinha com este calor. Abençoadas sejam as jovens esposas. Elas irão engordar a Terra.

— Eu olhei pelo buraco como você me ensinou — explica Isabel. Mas é uma pessoa desconhecida.

Camila sente uma pontada de desapontamento. Tinha achado que podia ser Scott Andrews com notícias de uma audiência. Mas é claro que se Isabel não reconhece o estranho, não pode ser Scott. Ela vem esperando, ansiosa, há vários dias, mas não tem notícias dele desde aquele último e tumultuado encontro. Não entende como eles chegaram nesse impasse. Nunca teve a intenção de lançar um ultimato.

Nós tínhamos acabado de pedir a sobremesa quando S.A. se

inclinou na minha direção e perguntou se eu havia pensado na proposta dele. Estava claro que ele tinha bebido demais. Antes de irmos mais longe, resolvi contar a S.A. que é absolutamente necessário conseguir um encontro entre Papancho e o presidente Harding. *Absolutamente necessário*. Meu pai precisa encerrar este capítulo da vida dele, e sem essa última audiência, ele vai permanecer naquele limbo terrível que quase o matou no ano passado. E existe uma chance, uma pequena chance de que o Sr. Harding seja receptivo. No ano que vem tem eleições e os presidentes deste país sempre retomam suas nobres aspirações mais ou menos nesta época. “Mas e se eu não conseguir agendar uma entrevista?”, perguntou S.A. Então olhei bem nos olhos dele e disse: “Se você quer um futuro para nós, não vai me recusar isto.” Ele ficou aborrecido mas eu não cedi, e para não correr o risco de voltar atrás, larguei a sobremesa intacta, coloquei minha estola e tomei um táxi para casa.

— Já estou indo, Isabel — diz ela à cunhada, fechando o novo romance de Willa Cather que Marion enviou-lhe, *A Lost Lady*, um título que ela toma para si. Sobe a escadinha dos fundos, enfiando alguns fios soltos de cabelo para dentro da rede que está usando para segurar o penteado. Ela está precisando de um permanente, mas os salões de Washington são caros demais. Pensa em tirar a rede para ficar mais apresentável, talvez dar uma passadinha rápida no banheiro para conferir sua aparência no espelho. Como primeira-filha e anfitriã oficial, passou os últimos sete anos tendo que prestar atenção nesses detalhes. Sua madrastra foi poupada. Morta há oito anos, bem na hora. Exausta pelo fato de ser a esposa do cidadão Pancho, ela não teria durado uma temporada como primeira-dama do presidente Pancho. Mas Camila não tinha nenhum álibi conveniente desde que abandonara o seu emprego em Minnesota.

Marion, não sei que Fúria me possuiu naquele restaurante. Mas depois, no banco de trás do táxi, quando refleti sobre a oportunidade que tinha acabado de perder, fiquei com dor de estômago. Acalmei-me respirando devagar, sentada sobre as mãos. E juro que ouvi minha mãe falando comigo com uma voz muito baixa, mas firme: *É isto que significa amar o seu país. O dever é a maior das virtudes*. Que fantasma opressivo minha mãe se tornou! Eu também sou um território ocupado. Tive que dizer

ao motorista para parar o carro. Estávamos atravessando o Rock Creek Park, então ele parou, entreguei o dinheiro a ele rapidamente, saltei aos tropeções e vomitei na grama.

No banheiro, conclui que a rede é imperceptível, uma vez que é da mesma cor do seu cabelo castanho-escuro. Dá um tapinha nas bochechas. Seus irmãos têm razão: ela está muito magra. “Agora é moda ser magra”, responde, ignorando a preocupação deles. O Front Otimista. “Se você conseguisse engarrafá-lo”, Marion costuma dizer, “poderia ganhar um milhão de dólares.” *Garantido em promover afabilidade e sorrisos.* Ela guarda seus momentos de depressão para bem tarde da noite, sob as estrelas, depois que a família já foi dormir, para parques isolados com estranhos se dirigindo a ela enquanto ela se apoia numa árvore, perguntando se ela está bem, se podem ajudá-la em alguma coisa.

“Deixem-me em paz”, ela tem vontade de dizer. “Mas se quiserem mesmo ajudar, basta saírem do meu país.”

Quando chega na porta da frente, olha pelo olho mágico e fica chocada com o que vê. Peynado tinha dito que talvez usasse a casa para uma visita ocasional durante o verão. Mas estamos em maio, lá na ilha a campanha para presidente está no auge e Peynado é candidato. Na verdade, Camila tinha planejado a viagem do pai de tal forma que eles estariam indo embora quando o dono da casa estivesse voltando para Washington.

Mas o que a deixa ainda mais chocada é a figura alta e loura parada atrás do homem baixo e enfarpelado. Scott Andrews de uniforme! Mas que diabo ele está fazendo aqui?

Camila considera a possibilidade de ignorar as visitas, mas, evidentemente, Peynado não é uma visita. A casa é dele. No quarto da frente, que Camila se recusou a ocupar, ela encontrou protetores de ouvido, uma lata de pastilhas para garganta, um baralho com figuras de damas audaciosas, semidespidas, com os seios saltando de dentro de corpetes como pão crescendo dentro do forno quente.

— *¿Quién es?* — sussurra Isabel. Camila dá um salto, assustada com a voz da cunhada ali ao lado dela. Ela parece amedrontada. A pobrezinha provavelmente acha que vieram extraditar o clã inteiro.

— Você os conhece?

Isabel não deve ter reconhecido, atrás de Peynado, o rosto do belo major que encontraram várias semanas atrás no monumento.

— Sim, eu os conheço — diz Camila calmamente para apaziguar

os temores da cunhada. — Mas não quero incomodar Papancho — diz ela. — Mantenha-o aqui dentro, sim?

A moça lança um olhar cansado na direção da escada e balança a cabeça. Camila gira a chave, abre a porta e sai.

ELA LEVA OS DOIS HOMENS até um banco de ferro batido que parece unicamente ornamental, sob o *plátano*. Durante a conversa tensa, ela fica, é claro, vigiando o tempo todo para ver se Pancho, ou pior, se Federico, o irmão dele com olhos de águia, está na janela ou se Pedro está vindo pela rua, voltando a pé com uma bolsa cheia de folhetos gratuitos que apanhou num dos diversos museus no caminho de volta para casa. E, é claro, o tempo todo ela imagina por que Scott Andrews está ali acompanhando o rival do seu pai.

Quando esta viagem terminar, terei mais um diploma: pós-graduação em conspiração. Até quando estava escolhendo um lugar para sentar no banco com Peynado (S.A. insistiu em ficar em pé), eu estava imaginando qual lado seria melhor para vigiar tanto a rua quanto a casa. Mas por outro lado, estou rapidamente perdendo o meu diploma de boas maneiras. Eu nem cumprimentei as visitas. Na verdade, disse a Peynado sem rodeios que se ele entrasse na casa, Papancho morreria de um ataque apoplético. Ele pareceu atônito. “Mas por quê, Camila? Nós somos velhos amigos. Ele está usando a minha casa.” Então tive que explicar que Papancho não fazia ideia de quem era a casa, que ele achava que se tratava de um leasing antigo feito pelo governo dominicano, que ele achava que tinha direito à casa uma vez que era presidente quando a ilha foi invadida. Pude ver que toda aquela triste situação estava aos poucos sendo absorvida por Peynado. “Eu compreendo”, disse ele finalmente. “Vou ficar no Portland. Mas você precisa conversar com o seu pai.” Foi aí que ele olhou na direção de S.A., que estava de costas para nós, arrancando folhas de uma cerca como se fosse um colegial nervoso.

— General — chama ele. Camila notou que Peynado adula os oficiais chamando-os por uma patente superior à deles. — Talvez o senhor pudesse explicar à Srta. Camila que chegamos a um ponto que não tem mais volta.

“A campanha eleitoral está indo muito bem”, continua ele. E a única coisa que Camila consegue dizer é:

— Então o que é que o senhor está fazendo aqui?

Ele ri do jeito áspero dela e ela vê que ele não ficou ofendido. Às vezes ela se pergunta se é capaz de ofender alguém. Se toda reação raivosa é filtrada pela lembrança de sua nobre mãe e de sua nação sofredora e sai como uma observação polida e abafada. Ela sabe que isto é considerado uma de suas qualidades: sua raiva não transparece; seus dedos apenas tocam um número de jazz no seu colo, por baixo da toalha da mesa, não no imponente piano da sala.

— Eu recebi um telefonema — explica Peynado.

Scott Andrews, que se virou de frente para eles, fica tenso. Ela pode ver isso em seu rosto, nos ossos dos ombros que saltam para fora como se fossem joelhos. O que será que o assustou? Rapidamente, ela olha para cima para certificar-se de que o pai não os avistou pela janela do hall.

— O general Andrews ligou para me informar que você considerava absolutamente necessário que o seu pai fosse recebido por alguém do Departamento de Estado. Mas você precisa entender, Camila. Nós estamos num momento histórico delicado. O seu pai não deve comprometer as nossas chances. Eu vim para levá-lo de volta para casa.

Ela sente uma súbita falta de ar e tem medo de cair desmaiada ali mesmo, na frente dos dois homens. Então Scott Andrews a havia enganado, ele a havia feito pensar que uma audiência seria possível, e depois, quando ela o apertou, ele pediu a Peynado que viesse ajudar a tirar o pai dela de cena. Logo agora, quando eles se tornaram tão íntimos, quando ela está se apaixonando, quando será doloroso perdê-lo.

Ela não sabe como encontra forças para se levantar.

— Vou ser obrigada a pedir que ambos saiam — diz ela calmamente. Depois, virando-se para Peynado, acrescenta: — Nós deixaremos esta casa até o fim da semana.

— Por favor, Camila — o velho amigo do pai dela se aproxima. — Você tem que entender.

Ela passa por ele, indo na direção do portão como se precisasse mostrar a ambos o caminho da rua. Tenta controlar a fúria que lhe sobe pela garganta. Em sua cabeça, ela começa a tocar a música que a banda de jazz estava tocando várias semanas atrás. O piano abafa a voz de sua mãe, as explicações de Peynado, o barulho das

cigarras, o canto dos passarinhos nas árvores próximas.

Só quando Scott Andrews fica para trás para falar com ela em particular é que a música para...

Onde está a música? Ela precisa da tristeza melodiosa daquelas teclas de marfim para continuar. Ergue a mão como se estivesse tocando aquele piano e tivesse feito uma pausa momentânea, causando aquele intervalo na música, aquele hiato na história de amor que vem fabricando em suas cartas para Marion. E então, sem conseguir mais controlar a sua fúria, ela dá uma bofetada com toda a força no rosto pálido do major.

SEIS

Ruínas

São Domingos, 1887-1891

Lunes, 6 junio 1887

Amado Pancho:

Acabamos de nos despedir de você e eu achei que não alcançaria a casa antes que as lágrimas explodissem. Mas tive que me controlar pelo bem dos nossos filhos: eles não conseguiam parar de olhar para o barco e depois para mim, como se algo inteiro tivesse sido partido ao meio. (E foi, ah, foi sim!)

Mesmo tão pequenos, nossos filhos sentem a sua falta. Quando estávamos voltando do cais, Fran olhou para o sol e disse: “Ele era mais brilhante antes do Papancho partir.” De onde é que as crianças tiram estas coisas? Hostos tem razão: eles são uma mina de ouro. (Pensa só nele, batendo na testa, sorrindo aquele sorriso dele.)

Eles agora estão dormindo, sem dúvida sonhando com o pai deles a caminho de Paris. Eu prometo, querido, manter minha promessa e conservar os seus filhos alegres e saudáveis até a sua volta.

Sua Salomé

Martes, 7 junio 1887

Pancho, querido:

Hoje só sinto desespero. Nós fomos loucos, eu e você, de aceitarmos este sacrifício: dois anos de separação! Sei que isto é uma excelente oportunidade para você: estudar medicina com o famoso Dieulafoy. (Posso ouvir todos os seus argumentos na minha cabeça.) Mas todo dia eu me vejo concordando mais com a opinião de Hostos de que o nosso querido “presidente” Lilís quer você longe

daqui. Senão, por que lhe oferecer uma bolsa para estudar medicina no estrangeiro quando você já tem o seu diploma do nosso Instituto Profissional?

Pibín pegou um resfriado voltando do cais. Essa criança pega tudo. Estou ouvindo-o tossir lá no quarto. Como tenho medo de não ser capaz de cumprir a promessa que fiz a você!

Sua Salomé

Miércoles, 8 junio 1887

Mi querido Pancho:

Eu poderia escrever-lhe todos os dias da semana, mas não vou nem mesmo tentar. O navio agora só vem uma vez por mês. Além disso, o que escrevo de manhã não vale mais à noite. A paciência e a esperança do amanhecer se transformam em desespero quando escurece.

Comecei a escrever um poema sobre a observação do nosso filho de que o sol ficou menos brilhante depois que seu pai partiu. Mas este poema, vou avisando logo, não será como aqueles outros mais antigos, que você prefere. Sei que você ainda tem esperança de que — como você disse na véspera da sua partida — eu vá “criar algo de valor duradouro para as futuras gerações”. Eu já criei, Pancho: os nossos três filhos!

Sua Salomé

Domingo, 16 de agosto 1887, Dia da Restauração

Pancho, meu amor:

Há comemorações em toda a cidade. As crianças estão me pedindo para deixá-las sair e seguir a banda de música. Mas — eu não quero preocupar você — foram registrados alguns casos de crupe na capital, e eu estou preocupadíssima com os nossos pequeninos. Estou dando a eles pílulas de Clorato, já que são pequenos demais para gargarejar, e — *pobrecitos* — estou mantendo-os dentro de casa.

Eu mesma não tenho passado bem ultimamente, como você sabe. A mudança para esta casa escura e úmida não ajudou. Mas

Mamá não podia mais acomodar o nosso instituto. (Eu já tenho sessenta e sete alunas matriculadas para o início das aulas.) Acordo de noite sem conseguir respirar. Estou seguindo a receita de Alfonseca e tenho tomado o chá de Estramonio no jantar junto com uma pequena dose de Ipecacuana. Também estou tentando seguir o programa que você preparou para nós antes de partir: tomamos o primeiro bonde para a praia de Güibia e estamos de volta às sete e meia, a tempo para eu abrir a porta da escola às oito. A brisa marinha faz bem aos meninos. Até agora não notei nenhuma melhora na minha saúde.

O *Ayuntamiento* ainda não pagou a verba prometida para o ano passado. Federico diz que vai tratar do assunto pessoalmente com Lilís. Mas Federico e Hostos já têm problemas demais. Acho melhor não dizer mais nada. Como sabemos, em boca fechada não entra mosca.

“*¡Qué viva la patria!*” Posso ouvir os gritos do lado de fora da minha janela. E o nosso querido Pibín pergunta: “*¿Qué es patria, Mamá?*” Eu não tenho coragem de responder para ele que não existe pátria com Lilís no poder.

Uma mosca zumbe na minha boca. Ainda bem que esta carta vai ser entregue em mãos por *Don Eliseo*.

Sua Salomé

Sábado, 3 diciembre 1887

Pancho:

Hoje é aniversário do nosso Fran: cinco anos. Ele ergue os cinco dedos da mão direita e escreve o nome dele, FRAN, num papelzinho e o coloca debaixo da estátua da *virgencita* para dar sorte. (Tia Ana insiste.) Ele está tão orgulhoso de si mesmo!

Hostos trouxe seus quatro filhos e a pequena María para comemorar. E você sabe como o apóstolo transforma tudo numa lição. Ele ensinou os números a Fran perguntando a ele a idade de todo mundo que estava presente: Quantos anos tem o Max? Dois dedos! E Pedro? Três! E Mamá? Nessa hora ele fica muito atrapalhado porque não tem dedos suficientes para mostrar. Aliás, Hostos ficou muito surpreso. Ele não sabia que eu sou nove anos mais velha que você.

Você pergunta sobre a crupe — estamos todos de dedos cruzados

por causa da estação das chuvas —, pois parece ter havido mais casos. Mas por favor, Pancho, não me faça mais ameaças como a que me fez! Eu sei que você confiou este tesouro a mim. Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para manter a promessa de entregar-lhe os seus filhos, felizes e com saúde, quando você voltar. Mas se, Deus me livre e guarde, alguma coisa acontecer a um deles, você não deve cometer um desatino contra si mesmo. E quanto aos nossos outros filhos? E quanto a mim?

(MUTILADA)

Viernes, 9 diciembre 1887

Pancho, querido:

Ontem recebi várias cartas suas, datadas de 3 e 21 de outubro (obrigada pelos parabéns pelo meu aniversário: trinta e sete pregos no meu caixão, como *Don Eloy* costumava dizer) e de 3 de novembro. Eu me pergunto se algumas de suas cartas (ou das minhas) não estão se extraviando. Você se refere a suas instruções para mim, enviadas numa carta anterior, sobre como fazer com que o *Ayuntamiento* pague a dívida que tem comigo. Mas esta carta nunca chegou aqui.

Eu preciso tomar ainda mais cuidado com o que digo, a menos que a carta esteja sendo levada por alguém de confiança — como os *Llomparts*, no caso desta.

Federico aparece aqui com frequência e sem avisar. Ele diz que devo medir o que escrevo, para que você possa prosseguir os seus estudos sem preocupações. Eu me pergunto se algumas das minhas cartas não foram retidas. Mas esta aqui, pelo menos, deve passar pelo censor da família. Matilde *Llompart* prometeu que não ia dizer uma palavra a respeito dela. Ela costura toda a correspondência no forro do vestido, com medo dos espiões de *Lilís*.

Só confie nas cartas escritas por mim que cheguem às suas mãos através de amigos.

Sua Salomé

Domingo, 1 enero 1888

Pancho, querido:

Quantas esperanças e temores neste ano novo que começa! Eu digo a mim mesma: tenho que ser forte. Este ano inteiro, mais a metade do próximo, e então você estará de volta.

Envio-lhe meu presente de ano-novo: “Tristezas.” Se por acaso eu colocar a minha tristeza em forma poética, você permitirá que eu diga o quanto sinto a sua falta? É maldade você brigar comigo por eu reclamar. Como posso deixar de reclamar quando você está tão longe de mim? Eu me sinto tão só, Pancho, tão só. Se eu não tivesse feito minha promessa a você, acho que morreria de melancolia.

A crupe agora é uma epidemia. Não deixo as crianças saírem da minha vista. Toda vez que elas choramingam e estou prestes a ceder, lembro-me da minha promessa e fico firme.

Minha asma não melhorou nada. Se a sua teoria estiver correta, de que se trata de uma doença nervosa, então não espero nenhuma melhora até a sua volta.

6 enero (CONTINUACIÓN)

Hoje, dia de Reis, eu não dei nada às crianças. Somando o dinheiro que o *Ayuntamiento* me deve com a quantia que estou mandando para você, não sobra nada para frivolidades. Então inventei um jogo: cada um podia fazer um desejo. Hostos passou aqui com os filhos e pensou num modo de melhorar e tornar mais educativo o jogo: cada um faria um desejo com a letra do alfabeto que ele anunciasse.

“Eles estarão aprendendo a soletrar, a raciocinar com rapidez, e estarão enriquecendo seu vocabulário”, ele me explicou. Eu perguntei qual era o desejo dele.

“Depende da letra”, disse ele, e ficou calado.

Como você sabe, a campanha nos jornais contra ele continua. Seu irmão Federico assumiu a defesa do nosso mestre no *El Mensajero*. Mas isto serve apenas para aumentar as suspeitas de Lilís contra o nosso apóstolo e sua ira contra o seu irmão.

Lilís anunciou que irá promover eleições neste verão. Entre a crupe e as rebeliões que sempre ocorrem durante nossas eleições, estou esperando um ano cheio de problemas.

Seus filhos continuam bem. Pibín e Max estão sempre com tosse. O Dr. Pietri examinou-os, bem como o Dr. Arvelo, e eles concordam com o Dr. Alfonseca, os meninos estão com boa saúde. Mas todos os

médicos observaram que eu pareço obcecada com a saúde dos meninos. Eles não sabem da promessa que fiz a você.

Meu único desejo: que você estivesse aqui.

Sua Salomé

Miércoles, 11 julio 1888

Pancho, querido:

Tem dias que o coração está mais leve. Quem pode explicar este mistério? Até Hostos, que está sempre enfatizando o lado racional das coisas, concorda que conhecemos muito pouco das profundezas do nosso coração.

Parece que o seu irmão Federico mostrou a ele o meu poema “Tristezas”. O seu irmão precisa ler toda a nossa correspondência? Até as cartas que eu consigo mandar sem passar por ele, você devolve para que ele examine.

Mas a indiscrição do seu irmão teve ao menos um resultado positivo: o mestre ficou tão preocupado com o meu estado de espírito que veio me visitar. Devo admitir que me senti animada pelo resto do dia. *El maestro* me lembrou que o trabalho que estamos fazendo é como uma semente no chão, invisível até começar a florir — ao contrário de um poema que eu posso segurar nas mãos.

Você me acusa de ser ousada no que escrevo — essa não é uma nova faceta minha como você sabe muito bem.

El maestro manda lembranças. Também mandam lembranças estas três gralhas que estão aqui:

Papancho, volta logo para casa! Seu filho Fran.

Papancho, me traz umas letras de madeira para completar o meu conjunto, Pibín.

XXXXXXXXXXXX (Max diz que escreveu o “nome grande” dele, Maximiliano, eu suponho.)

E, finalmente, sua Salomé

Jueves, 6 septiembre 1888

Como você ousa duvidar da minha integridade! Não posso acreditar

que o seu irmão, que não permite que você receba qualquer carta minha que possa trazer-lhe preocupações (de tal modo que eu, que odeio subterfúgios, fui obrigada a armar este esquema de enviar-lhe o maior número possível de cartas através de amigos em quem posso confiar), resolva perturbar a sua paz de espírito com este boato insultante.

NENHUM HOMEM VISITA A CASA exceto Federico e seus inúmeros irmãos e o nosso honrado amigo Hostos. Como você ousa me questionar depois de todos os meus sacrifícios!

(ORIGINAL INCOMPLETO)

Domingo, 21 octubre 1888

Meu amado marido:

Recebemos o seu poema, que Federico gentilmente leu para as minhas alunas sem dizer quem o havia escrito. Mas todas adivinharam que você era o autor! Lindos versos. Não restou um único olho seco na sala.

Eu também recebi o lindo vestido de seda que você comprou em Nantes. Mas Pancho, meu querido, onde vou usar um vestido destes se não vou a lugar algum sem você aqui? Por favor, da próxima vez lembre-se de que pedi que as meias dos meninos não fossem brancas, uma vez que eles são pequenos e eu despedi a lavadeira por medida de economia. Max, aliás, já está da altura de Pibín — mas nossos pequeninos vestem qualquer tamanho dos nossos sobrinhos.

Hostos e suas escolas estão sob sério ataque. O meu instituto, como é para moças, até agora escapou aos ataques. Mas os alunos de Hostos são atacados quando tentam entrar na escola. Nós tivemos que colocar simpatizantes no caminho da escola. Fazendo jus ao sobrenome Henríquez, seu irmão está entre os primeiros. Ele está aqui ao meu lado protestando que eu não devia elogiá-lo tanto.

Estamos todos bem. A minha asma melhorou. As eleições de agosto foram pacíficas — como poderiam deixar de ser? Apenas onze mil dos cem mil homens com direito a voto efetivamente votaram, e todos a favor de Lilís. Seus oponentes fugiram para o Haiti, de onde, segundo soubemos, estão planejando uma invasão. O nosso velho inimigo agora abriga as sementes do nosso futuro! Mas resta saber se algum dia a nossa pátria irá florescer.

Estamos trabalhando noite e dia para conseguir diplomar a próxima turma antes da partida de Hostos em dezembro. Sim, *el maestro* aceitou um convite do Chile para organizar escolas lá. Estamos perdendo os nossos melhores homens. Parece que eles só têm duas escolhas: *destierro* ou *entierro*, exílio ou morte. As meninas chegam às sete e não saem antes das seis. Se você estiver imaginando a que horas levo os meninos à praia — como você mandou — devo dizer que a epidemia de crupe está tão séria que eu não acho mais seguro andar de bonde.

Só Mimí tem permissão para sair. Será que os gatos transmitem crupe? Por favor, pergunte a Dieulafoy.

Federico diz que eu não devo preocupá-lo, devo repetir que os meninos estão bem, que a minha asma está melhor e que o seu primeiro poema em oito anos é muito bom.

25 octubre (CONTINUACIÓN)

Que cena tocante, Pancho. Queria que você tivesse visto. Imagine as minhas seis meninas mais velhas, debruçadas sobre os seus diagramas da parte interna das flores (tantas recordações, Pancho, tantas recordações). Elas ficam depois da aula para terminar suas lições de botânica e conseguirem se formar antes de *el maestro* partir. De vez em quando, uma delas suspira de cansaço ou de admiração.

De repente, levanto a cabeça e as vejo reunidas em volta de mim, com seus lindos olhos úmidos, seus rostos tristes. É Eva quem fala.

— Mestra, nós todas nos sentimos muito tristes com a ideia de que a senhora abandonou a sua poesia para nos ensinar.

Pobres meninas. Durante anos elas abrigaram este sentimento de culpa.

Eu explico que o meu silêncio não tem nada a ver com elas. Os sofrimentos do meu país, sua instabilidade e seus erros são a causa principal deste silêncio.

— Vocês ainda são muito jovens para saber o quanto se pode amar o próprio país.

Tua Salomé

Lunes, 10 diciembre 1888

Pancho, querido:

Estou mandando esta carta pelos Grullóns, que partem na semana que vem.

O seu irmão está insuportável. Ele aparece aqui a toda hora, até mesmo nos fins de semana quando fecho a parte de baixo da casa. Poderia parecer uma gentileza da parte dele se não fossem suas suspeitas. Ontem à noite, Hostos apareceu para arguir as meninas e se despedir. Lá veio Federico junto, espionando. Hoje (eu tive que rir!), ele ouviu o barulho de Mimí com seus filhotes debaixo da minha cama e insistiu em examinar o quarto “para a minha própria proteção”.

Você quer notícias mais frequentes dos seus filhos. Mas o que posso fazer se o seu irmão não permite uma correspondência mais frequente? Ele diz que não temos dinheiro para enviar todas as cartas que eu gostaria.

Soube que você passou em todas as matérias, mas existe uma certa controvérsia entre Federico e mim quanto à sua volta para casa. No meu entendimento, você deverá voltar em junho, após ter escrito a sua tese: uma separação de dois anos, lembra? Mas Federico diz que não, sacudindo a cabeça com muita segurança. O diploma de medicina da Universidade de Paris é concedido após seis níveis e você só ultrapassou os dois primeiros. Falta ainda pelo menos um ano ou dois. Eu quase enlouqueço ao ouvir isto.

(ORIGINAL INCOMPLETO)

Lunes, 17 diciembre 1888

Pancho:

No sábado passado nós diplomamos o meu segundo grupo de professoras. Teria sido uma ocasião de muita alegria se não fosse pelo fato de sabermos que era também a despedida de Hostos.

Os espões de Lilís estavam ativíssimos.

E agora o nosso apóstolo partiu. Na quinta-feira, uma multidão de seguidores foi levá-lo junto com Belinda, os quatro meninos e a pequena María até o cais do porto. Parecia que era você que estava partindo de novo — eu senti um desespero tão grande...

Ay, Pancho, Pancho, a vida sem você me assusta!

Estou ouvindo Pibín chamar...

Sua Salomé

Lunes, 24 diciembre 1888

Noche Buena, meu querido! E a noite é mesmo boa, porque seu irmão permite que eu coloque uma carta extra no nosso último pacote do ano.

Eu já ganhei o meu presente. Pibín está totalmente curado! Só estou dando a notícia para você agora porque o seu irmão não deixou que eu mencionasse uma única palavra na minha última curta: o nosso filho caiu com crupe e ficou vários dias entre a vida e a morte. Em um mês envelheci anos: a doença de Pibín, a partida de Hostos. O poema que estou mandando para você, “Angústias”, fala por si mesmo.

Minha promessa permanece firme.

Sua Salomé

Viernes, 1 marzo 1889

Pancho:

Como foi que você pegou sarampo? Está havendo uma epidemia aí? Estou vendo, pela carta que você escreveu para Federico, que você foi nomeado nosso delegado no congresso americanista e que vai preparar um trabalho para explicar por que os ossos de Colombo estão aqui.

Que indelicadeza da sua parte, Pancho, não ter mencionado isto para mim. Tudo que afeta você afeta também a mim. E lembre-se, esses segredos sempre vazam. Os pacotes e as cartas endereçadas a Federico muitas vezes são entregues aqui. E você não vai querer que eu espere até o seu irmão aparecer para abri-los.

É claro que esta notícia me aborreceu. Você explicou sobre os seis níveis que só descobriu depois que chegou aí. Eu me resignei a mais um ano de espera. Mas se o tempo é tão curto, por que enchê-lo com outras distrações?

Não consigo entender por que você precisa sair da rue Jacob, que parecia perfeitamente adequada, e ir para Mazarine, onde o

aluguel é mais caro, como você mesmo admite. Com certeza não é só para ficar perto do Café Procope onde Molière e Voltaire tomavam café!

(ORIGINAL RASGADO)

Sábado, 7 abril 1889

Pancho, querido:

Está falando sério sobre mandar Fran?

Fizemos uma conferência sobre isso — todos nós — e temo estarmos divididos sobre o que fazer. Tia Ana e Federico acham que seria uma experiência fortificante para o nosso filho. Seu mau comportamento, suas birras, sua violência são motivo de preocupação. Ramona e Mamá (“Mon e Manina” — os meninos renomearam todos!) dizem que é imperdoável enviar uma criança de seis anos de idade através do oceano, mesmo que ele seja acompanhado por nosso bom amigo *Don* Eugenio.

Eu mesmo vacilo horivelmente.

A criança está bastante determinada em ir a Paris e ver seu pai e os ursos. Por que ele acha que tem ursos em Paris, eu não sei. As coisas das crianças! Mas dizer isso me lembra que ele é uma criança. Ele tem se comportado muito melhor para não arruinar suas chances de embarcar em um navio. Ele não bate mais nas meninas nem atrapalha minhas aulas com suas violentas birras.

Pancho, vou me deixar guiar pela sua opinião.

Sua Salomé

Lunes, 17 junio 1889

Querido Pancho:

Esta carta vai presa no casaco do nosso querido menino como amuleto e admissão que estou enviando ele, nosso filho amado, para me manter em seu coração. Nas minhas noites mais escuras temi que outra musa tenha capturado sua imaginação e é por isso que você adia seu retorno e escreve tão raramente. Eu sei que não devo incomodá-lo já que você tem muita coisa em sua mente. Mas minha imaginação trabalha em sua ausência como se fosse uma

folha de papel em branco.

Fran parte amanhã. *Don* Eugenio me promete que não deixará nosso menino fora de sua vista durante a travessia. Vinte e quatro dias no mar! Tento antecipar o desespero que sentirei ao ver seu boné de marinheiro diminuir mais e mais à medida que o navio sai da doca.

Já lhe disse que tenho um devaneio que me permito em momentos tristes? Imagino-me velejando pelo céu até estar acima de você em Paris enquanto você caminha para as aulas de dissecação ou para as rondas do hospital em Necker. Espero que o doutor Dielafouy goste dos charutos que estou enviando com o nosso Fran. Por favor, diga a ele que eu apreciei todos os seus conselhos sobre como tratar minha asma. Mas cá entre nós, meu querido, tomarei de bom grado todo o suco de mamão com conseguir, mas traço a linha em enemas de gás sulfuroso. Onde, para começar, encontraria gás sulfuroso em nossa pequena capital? *Por Dios*, Pancho, isso não é Paris!

Leve em consideração o temperamento violento de nosso primogênito, que só piorou desde a sua partida. A atenção de um pai, sem dúvida, melhorará seu caráter. Ele prefere *café con leche* a água com chocolate, já que ele quer ser um homenzinho. (Eu preparo principalmente leite quente com uma pitada de café.) Ele molha a cama de vez em quando, então lembre-o de esvaziar a bexiga, e se por acaso você dividir uma cama com ele, tome precauções.

Fico aliviada ao saber que *Mlle.* Chrittia está disposta a cuidar do nosso pequeno. Como é conveniente que ela viva na mesma pensão e já esteja fazendo sua limpeza. Sua mudança para Mazarine foi uma decisão sábia, afinal. (Que singular dela dizer: “Por outro franco, por que não acrescentar Fran!”) Estou enviando a ela dois lenços de seda bordados por Mamá. Somos pobres demais para mandar mais, mas sentimos que devemos mandar alguma espécie de presente para *mademoiselle*.

Também incluo a fotografia que Julio Pou tirou de nossas três gralhas e uma de uma senhora que você pode não reconhecer com seu rosto cansado e olhar fatigado. Mas, por acaso, você se lembrará da pequena cruz que deu a ela?

Cuide bem do meu tesouro. Agora confio a você a saúde e a felicidade dele.

Sua Salomé

Miércoles, 24 julio 1889

Meu querido:

Obrigada por me comunicar por telegrama que o nosso filho chegou bem em Paris. Por favor não seja muito duro com ele. Lembre-se de que deve haver lapsos. Ele só tem seis anos e você esteve dois anos longe, o que significa um terço da existência dele.

Você não pode acreditar em tudo o que a criança diz. A cicatriz em sua testa é resultado de uma pancada que ele deu na porta durante um ataque de raiva. Seu irmão Pibín não o empurrou. (Pibín tem um temperamento extraordinariamente calmo.) Quanto ao medo que ele tem do cuco haitiano, eu jamais poria medo nos meus filhos para fazê-los comportarem-se bem. Além disso, nunca achei que os nossos duendes morassem em outro lugar que não o nosso próprio país.

Na sua última carta, você pergunta o que tenho escrito. Meu querido, eu não tenho tranquilidade de espírito nem para ler, que dirá para escrever. Passo as noites preparando as aulas do dia seguinte e queimando enxofre para desinfetar a casa. Não noto nenhuma melhora na minha asma, mas os meninos não têm tido tantos resfriados quanto tinham antes.

Eles estão crescendo. Você não irá conhecê-los quando voltar. Eu já ultrapassei a minha promessa. O seu Pibín sabe contar até mil — e me deixa louca contando alto — e Max é muito carinhoso. No meio de uma brincadeira, ele larga tudo e corre para me dar um abraço. Nessas horas, eu digo a mim mesma que baixou nele o espírito do pai, e que, lá na França, você está querendo me abraçar.

Diga a Fran que a sua Mimí teve mais uma ninhada de gatinhos! Eu gostaria que Federico tomasse conta dela um pouco melhor.

Tua Salomé

Jueves, 15 agosto 1889, véspera do Dia da Restauração

Pancho:

Não temos nada para comemorar amanhã. Seu irmão Manuel foi deportado e parte dentro de poucas horas para St. Thomas. Ele

enviará esta e a ordem de pagamento de trezentos francos que você pediu. Federico foi atirado em *la fortaleza* por causa de um “artigo sedicioso” que escreveu contra a última novidade de Lilís, o dinheiro de papel. Ele teve a chance de se juntar ao irmão mais velho, mas você conhece Federico. “Vou lutar até a morte!”, ele anunciou para Lilís, que na mesma hora retirou a opção de exílio e atirou-o na cadeia.

Quanto ao artigo escandaloso sobre você que saiu no *El Eco de la Opinión*, confesso que já ouvi comentários semelhantes. Mas aqueles que o criticam por aceitar uma bolsa dada pelo governo confundem o nosso país com o nosso tirano. Nosso país premiou-o com esta oportunidade para que você possa participar da mais avançada pesquisa médica que está sendo realizada no mundo e na volta beneficiar os seus conterrâneos. (Que gentileza a de Dieulafoy mencionar você numa nota do volume seis da sua *Pathologie*.) E pense nisto, Pancho: se você estivesse aqui, sem dúvida estaria na prisão junto com o seu irmão Federico. E não nos serviria de nada.

Portanto, ignore o artigo, meu amor. Mantenha a cabeça erguida. Você não tem nada do que se envergonhar. Estou mandando algo que deverá animá-lo, um poema à minha velha moda, que você tanto gosta, “*¡Adelante!*”

Pibín e Max estão aqui do meu lado. Pibín está lendo para Max um jornalzinho infantil, *La Edad de Oro*, publicado por Martí, exilado em Nova York. Betances em Brooklyn, Hostos no Chile, Penson a caminho da América do Norte. Todo o Caribe está morando em outro lugar!

Ouvimos dizer que está sendo convocada em Washington, pelo presidente Harrison, uma primeira conferência Pan-americana. (Federico estava planejando ir.) Dizem que o Sr. Harrison declarou que os Estados Unidos querem ser um vizinho amistoso. Amistoso o quê — eles vêm até aqui e tiram tudo o que precisam! Se não tomarmos cuidado, um dia vamos ter um americano governando o país em vez do governador espanhol de antigamente.

Enquanto isto, eles estão devorando o próprio continente deles. Você soube que eles adquiriram quatro estados novos (cada um deles maior do que a nossa pequena pátria)? Não consigo lembrar-me de todos os nomes — tenho certeza de que Pibín lembraria, mas ele está na casa da sua Manina.

Os meninos estão chegando e insistem em cumprimentar o pai deles. Tiram a pena da minha mão...

Hola, Papancho. Eles são Montana, Washington, Dakota do Norte, Dakota do Sul.

Hola Fran. Hola Mademoisette.

Pibín e XXXXXXXX

e sua Salomé

Domingo, 1 diciembre 1889

Pancho:

Eu só disponho de poucos momentos para fazer algumas anotações. Federico ainda está na prisão, então tudo cai nas minhas costas. Depois de ter reclamado tanto da intromissão dele, confesso que agora sinto falta dele. Sinto-me mais sozinha do que nunca.

Por favor, não me torture com suas observações sobre necessidades masculinas. Você encara a sua fidelidade como um sacrifício mas vê a minha como um dever. Será que você não aprendeu nada com Hostos?

Você diz que eu devo guardar as minhas queixas para quando você voltar, pois poderá ouvi-las com mais equanimidade. Mas será que você não entende, Pancho? Assim que você entrar em casa vou esquecer tudo o que sofri, da mesma forma que depois de passar horas em trabalho de parto eu esquecia toda a dor que havia sentido ao olhar para a carinha de um filho recém-nascido.

Vou mandar os cem francos, mas, obviamente, vou ter que pedi-los emprestado à firma de Cosme Batlle, uma vez que ninguém que conhecemos tem este tipo de dinheiro.

O meu instituto vai bem. Ele é a única coisa que me dá esperança nestes tempos difíceis.

Seus filhos perguntam por você e pelo irmão. Eu não sei mais o que prometer a eles.

Sua Salomé

Domingo, 15 abril 1890

Pancho, querido:

Nosso velho amigo Billini vai ser enterrado esta tarde numa cerimônia oficial. Minhas meninas foram todas cedo para casa,

embora, é claro, não tenham permissão para marchar, só os menos. Mas eu as instruí para fazerem uma fila ao longo das calçadas e a acenar com um lenço ou um pedaço de pano preto. Não é possível que nos seja negado até mesmo o direito de lamentar a nossa perda.

Depois que elas saíram, tranquei o andar de baixo. Quando estávamos deitados fazendo a sesta, ouvi alguém bater na porta. Pibín correu até a sacada e disse que havia três soldados lá embaixo. Eu fiquei gelada. Achei que logo estaríamos nos juntando a Federico na prisão.

Minutos depois, o próprio homem estava na minha sala! Ele é alto e ágil, muito moreno como você sabe, com olhos brilhantes e um magnetismo que não se pode negar.

Parece que Lilís tinha lido o poema que escrevi para Billini no *Boletín Eclesiástico* (anexo) e estava aqui para me dizer o quanto tinha ficado comovido pela minha elegia e que planejava lê-la no funeral. Em seguida, teve a coragem de ficar ali parado no meio da sala da nossa casa, com seu irmão preso em sua masmorra, e recitá-lo.

“Evitar que os seus sonhos morram
foi o único monumento que sonhou ter...”

A poesia não tem poder nenhum, como Hostos diz?

Quando ele se virou para sair, mencionei o nome de Federico e aquele outro ponto nevrálgico do dinheiro que o *Ayuntamiento* nos deve.

“A senhora é uma mulher de poucas palavras, *Doña* Salomé, mas vai direto ao assunto”, observou.

Ali mesmo, ele prometeu que as somas consideráveis seriam pagas no dia seguinte. (Não disse nada sobre Federico.) Excepcionalmente, foi fiel à sua palavra e na manhã seguinte a entrega foi feita: trezentas papeletas — o novo dinheiro de papel no qual ninguém acredita. Estou tentando convertê-las em mexicanos ou em francos para mandar-lhe uma parte da quantia que você precisa para comprar o seu equipamento médico. (Por que tem sido tão cara a sua estadia em Paris este ano, meu amor?)

Como está o meu filho? Por favor, não pense que não me interesse por cada detalhe sobre ele. Ele pergunta por nós? Seu temperamento melhorou? Está se dando bem com *Mlle.* Chrittia? Diga-me se devo mandar alguma coisa para ela quando os

Marchenas tornarem a viajar para a França. As viagens deles vão ser mais frequentes agora que *Don Eugenio* foi nomeado ministro em Paris.

Sua Salomé

Viernes, 10 mayo 1890

Ay, Pancho:

Aconteceu uma tragédia em Cuidad Nueva: o pior incêndio da história, segundo o nosso historiador *Don Emiliano*. A capital ficou vários dias envolta numa fumaça negra. Você pode imaginar o quanto isto foi ruim para a minha asma. Mas nada se compara às perdas que outros sofreram. Estou preocupada com Federico — ainda não tive notícias dele. Pibín — você conhece o temperamento compassivo dele — perguntou se havia algo que pudéssemos fazer para ajudar as vítimas. De fato, Trini e a mãe dela estão recolhendo donativos, e dei a minha contribuição, “Mi obolo”, cuja cópia vai anexa.

Trini passa aqui pelo menos uma vez por mês — quando sabe da chegada do correio marítimo — para saber notícias suas e de Fran. Eu já disse que você quer que ela escreva para você, mas não acho que Trini seja muito de escrever cartas ou qualquer outra coisa. Lembre-se de que ela frequentou as irmãs Bobadilla quando a escrita não era incentivada. Ela sempre pede para eu mandar lembranças.

Então estou mandando as lembranças dela.

Salomé

Martes, 8 julio 1890

Meu querido:

Fiquei fora de mim ao saber da sua fadiga e da sua doença. Se Dieulafoy aconselha um descanso de três meses em Cabourg Beach, é claro que posso esperar. Posso esperar séculos se isto significar que a sua saúde não será comprometida. Quem sabe, meu querido, se este descanso não demora menos de três meses se você se cuidar direito? Espero ardentemente que sim! Já se passaram três anos e

you ainda tem dois níveis para cursar. É claro que de vez em quando eu me desespero. Mas a sua saúde não pode ser sacrificada de jeito nenhum.

Fico feliz em saber que você convenceu *Mlle. Chrittia* a acompanhá-los até Cabourg. De outra forma você não iria descansar, pois sei muito bem que o nosso Fran   sem dúvida dotado de “uma personalidade forte”, como diz *Mlle. Chrittia*. Na sua próxima carta, mande-me as medidas dela, pois Mamá insiste em fazer-lhe um casaco de passeio. (Pergunte se ela já tem um.) Você conhece Mamá ela agradece a todo mundo com agulha e linha.

Seus filhos estão bem e perguntam por você.

A situação de Federico continua na mesma.

Sua Salomé

Miércoles, 3 septiembre 1890

Querido Pancho:

Não recebi nenhuma carta sua desde que saiu de Paris. Você se tornou pouco comunicativo. Temo que essa doença seja a causa do seu silêncio. Você começou o ano com bronquite, depois teve pleurisia no verão. O que posso pensar? *Por Dios*: mande-me um telegrama com notícias suas. Eu nunca lhe pedi nada nesses três anos. Por favor, faça isso por mim.

Aqui, as notícias continuam tristes. Federico ainda está na prisão. Depois daquela demonstração de Lil s de que estava ajudando o meu instituto, o congresso dele se recusou a nos considerar uma instituição de utilidade pública. Então não podemos receber nenhum recurso extra para complementar a ninharia que recebemos do *Ayuntamiento*.

Professoras e alunas perderam o ânimo. Muitas ausências.

Mas os seus filhos estão crescendo. Você não vai acreditar como eles estão altos e espertos. Pib n agora quer ser chamado de Pedro em vez do seu apelido de bebê, mas eu digo que ele vai ser sempre o meu Pib n. Max se tornou um grande falador — *yak, yak, yak*, o dia inteiro. Eu não entendo metade das palavras, mas ele diz que está praticando o francês para poder conversar com o pai quando ele voltar de Paris.

Tua Salomé

Martes, 18 noviembre 1890

Francisco Henríquez y Carvajal:

Eu tive a maior decepção da minha vida. Depois de todos os meus sacrifícios, é assim que sou recompensada. E debaixo do nariz do nosso próprio filho, com sua própria babá!

Como eu sei? A carta que você escreveu para Federico foi entregue aqui, a mim. Você a colocou numa bela situação. Agora entendo os seus adiamentos. Todo esse trabalho duro em Paris.

Você partiu o meu coração. Fique aí o tempo que quiser, mas mande o meu filho de volta, senão vou aí buscá-lo pessoalmente. Eu juro, você não sabe do que sou capaz.

Nunca mais quero ouvir falar em você.

(MUTILADA)

Viernes, 5 junio 1891

Dr. Francisco Henríquez y Carvajal
60 rue de Mazarine

Aguardo retorno no navio Olinda que parte de Havre no dia 12 de junho. Parabéns pela formatura em medicina. Federico foi libertado. Filhos estão alegres e com saúde.

Cumpri minha promessa.

Salomé

SEIS

Fé no futuro

Minneapolis, Minnesota, 1918

CAMILA NÃO SABE AO CERTO quem é, mas alguém a está seguindo pelo campus da Universidade de Minnesota.

É mais uma sensação do que algo que ela tenha visto, uma sensação que ela tenta descartar como parte da tensão de estar num país em guerra. Grupos de vigilantes estão surgindo em toda parte. Eles estão atrás mesmo é dos alemães, mas todos os estrangeiros são suspeitos. Pedro, que é muito moreno, e Camila, com seu sotaque pronunciado, já foram interrogados por duas vezes pelo ramo local dos Meninos Espiões da América.

Na sua bolsa há uma cópia da carta que atesta que Camila está fazendo um curso de mestrado e ensinando espanhol; que Pedro é um candidato ao título de doutor com carga integral de ensino; que os dois acima mencionados juraram defender a Constituição dos Estados Unidos, caso fosse preciso. (“E quem vai defender a nossa?”, resmungou Pedro na frente do diretor, enquanto Camila tossia para disfarçar.) Estes documentos reduziram o número de incidentes, mas mesmo assim, eles são obviamente estrangeiros, e isso já é razão suficiente para serem detidos e obrigados a se explicar.

É claro que ela tem outras razões para se sentir espionada. Tudo começou de forma bem inocente com as duas deitadas juntas na cama — em que outro lugar poderiam se sentar naquele quatinho de pensão onde Marion morava? — lendo em voz alta, primeiro Marion lendo um parágrafo, depois Camila lendo o parágrafo seguinte. “Para você poder praticar o seu inglês.” Sua aluna tinha se tornado sua professora. Foi assim que começou.

É o início de junho, as calçadas estão cheias de alunos indo ou voltando das aulas ou então sentados nos bancos, desfrutando do calor depois de um inverno longo e rigoroso. Por um momento, os exames, que vão começar dentro de duas semanas, são esquecidos,

assim como a guerra que está havendo na Europa, os recrutas americanos nas trincheiras na França. Os jovens estudantes tomam sol como se fossem criaturas recobrando a consciência depois de um longo período de hibernação.

Ela própria não pode deixar de se sentir animada com o futuro. Tem o convite de Marion para passar o verão com a família dela em LaMoure e a oferta do diretor dela, Olmsted, para o ano que vem. Tudo isso, é claro, depende de como ela vai enfrentar sua família. Esta é uma das coisas que a está preocupando no momento: como informar a Papancho que ela não voltará para Santiago de Cuba no fim do ano como havia sido planejado.

É claro que ela tem que começar pelo irmão, Pedro, que está em casa, no pequeno apartamento que dividem, recuperando-se de uma operação nos seios da face. Pedro está deixando Minnesota. Talvez ele vá para o México ou, então, se a guerra terminar, para a Espanha, onde o seu melhor amigo, Alfonso Reyes, está morando agora. Ele não vai suportar outro inverno, como afirma para os colegas. Mas em particular, ele admitiu para Camila que as dificuldades que teve que enfrentar por causa da sua cor e do seu sotaque o deixaram desgostoso com relação ao lugar. E todo dia o patriotismo fica mais violento, misturado com uma ponta de crueldade. “É melhor darmos o fora daqui enquanto podemos”, tinha brincado com uma certa amargura. É claro que está achando que Camila vai junto com ele.

Ela ainda não encontrou uma ocasião oportuna para contar a ele sobre seus novos planos. As últimas semanas passaram voando no meio de crises de dor da parte dele e, da parte dela, uma agenda apertadíssima tentando terminar a tese, preparar-se para os exames, dar aulas, cobrir as aulas do irmão. Na véspera, Olmsted risse que estaria precisando da resposta dela sobre o emprego do outono seguinte até o fim das provas.

Agora, enquanto se dirige para as classes de Pedro — para recolher os cadernos —, ela sabe que hoje também não vai ser um dia bom para conversar sobre o assunto. No fundo da sua bolsa está um exemplar do *Minneapolis Journal* que ele ainda não viu. Ela talvez devesse ocultá-lo dele, fraco do jeito que ele está ainda, mas eles devem responder as acusações, senão o silêncio deles vai ser tomado como concordância. Afinal de contas, eles não são dois anônimos professores estrangeiros, vindos de um país insignificante e estudando para um mestrado ou um doutorado, mas são também,

como Marion gosta de se gabar, o filho e a filha do presidente de um país que fica pertinho da Flórida.

“Mas neste momento ele não tem um país”, Camila fez lembrar a Marion. O presidente Pancho foi despejado pelos Marines e está aguardando o fim da guerra no exílio em Santiago de Cuba. Depois planeja ir a Washington e mostrar para o presidente Wilson a injustiça desta ocupação. Como ele vai fazer isso Camila não sabe, mas nessa altura ela estará bem longe, e as campanhas e os entusiasmos de Pancho não serão mais problema dela. Mesmo assim ela se preocupa — com a saúde dele: ele já teve um derrame; com suas tias velhas e lamurientas; e, principalmente, ela se preocupa com seus três meios-irmãos, soltos por aí sem nenhuma supervisão.

Só de pensar no estado deplorável deles já faz surgir aquelas velhas vozes em sua cabeça. Ela *devia* voltar. Não pode abandoná-los também. De fato, quando Pedro escreveu para casa dizendo que havia conseguido um posto de professor assistente para ela fazer o mestrado na universidade onde ele estava fazendo o seu doutorado, ela primeiro decidiu que não iria. Estranhamente, foi Pancho quem a aconselhou a ir. Ela obteria um sofisticado título americano e estaria de volta em menos de um ano para ajudar a família que estava naquele aperto. A melhoria do seu inglês seria de extrema valia quando fossem negociar com o presidente Wilson.

Até o último momento, no cais de Santiago de Cuba, Camila a toda hora mudava de ideia. Até agora, durante certas tardes solitárias, especialmente quando Marion não está por perto, ela ouve aquelas vozes em sua cabeça, chamando-a de volta com frases saídas diretamente dos poemas de sua mãe: *O dever é a mais elevada das virtudes. A vida é uma doação: quem se dá aos outros vive entre as pombas.*

Segundo Marion, estas vozes não passam de figuras da sua infância invadindo a sua vida adulta e dizendo-lhe inconscientemente o que fazer. “Você tem que se livrar do controle delas!”, diz Marion. Freud está em grande moda agora, e Marion e suas colegas de dança são adeptas de suas teorias mais recentes. Marion faz análise quatro vezes por semana e depois compartilha todo o seu conhecimento com a amiga, “de graça”.

A figura de chapéu e paletó escuro está mantendo uma distância respeitosa. Passa pela cabeça de Camila que o seu perseguidor pode muito bem ser um repórter do *Journal*. Para testar o seu palpite, ela se esconde atrás da escada do Folwell Hall, de onde pode vigiar a

entrada sem ser vista.

Não pode ser! Pedro? Seu irmão está em casa, deitado no sofá, convalescendo de uma operação. Mas neste campus com uma esmagadora maioria de pálidos finlandeses, suecos, alemães (embora não devam mais ser chamados de alemães), a pele escura e o cabelo preto do irmão chamam muita atenção.

Se ela não tivesse que percorrer as turmas dele agora mesmo, iria correndo até em casa para ver se ele está onde deveria estar.

ELA ENCOSTA O OUVIDO na porta antes de abri-la. O barulho do teclado da máquina de escrever. É claro, ele está datilografando a sua tese de doutorado. Quando ele não está trabalhando, ela usa a máquina alugada para datilografar a sua tese de mestrado. *Pastores nas Pastorais de Lope de Vega*, sugestão de Olmsted. Ela tinha querido escrever sobre Hostos, o querido amigo e mentor de sua mãe. Mas o prof. Olmsted, alto, louro, com seu bigode espesso e uma expressão triste, parecendo uma morsa, tinha sugerido algo mais clássico.

Pedro levanta os olhos quando ela abre a porta. Seu pobre irmão parece que levou uma surra: seu nariz está inchado pelo fato de o médico ter tido que quebrá-lo e depois realinhá-lo. Toda vez que Pedro explica a operação para um amigo, Camila se encolhe toda.

— Pobre Camila — diz Pedro. — Ela suportou todo o sofrimento mas não sentiu nenhuma dor. — Ela ri quando ele diz isto, mesmo já tendo dito meia dúzia de vezes.

Camila coloca a bolsa pesada, cheia de livros, sobre a mesa da cozinha. O apartamento tem um único cômodo com uma cortina isolando um pedaço no qual Camila dorme e se veste. O anúncio dizia tratar-se de uma pequena quitinete, o que o descrevia perfeitamente. Mas o proprietário, um velho alemão que sem dúvida vinha sentindo o ferrão da discriminação, estava disposto a alugar para estrangeiros que fossem membros da comunidade universitária.

— Como vai a minha eficiente irmã? — Pedro sorri. Ele fica pior ainda quando ri. — Como vai a Meca de Minnesota? — A Meca de Minnesota é como Pedro se refere ao departamento deles, quando está sendo gentil.

— Todas as suas turmas mandaram votos de pronto restabelecimento. — Camila está empilhando os cadernos dos

alunos dele em cima da mesa. Do fundo da sacola, o cabeçalho do jornal olha para ela.

— Tem alguma novidade? — pergunta ela, ansioso por notícias.

— Por que você pergunta?

Ele parece surpreso com a resposta brusca. Normalmente, quando voltam para casa, eles ficam conversando sobre os acontecimentos do dia enquanto comem um jantar leve.

— Aconteceu alguma coisa? Você parece aborrecida.

— Aconteceu realmente uma coisa interessante — diz ela, observando-o atentamente para ver como ele vai reagir. — Eu acho que vi você.

— O que é que você está dizendo, Camila? — Ele está sentado de roupão, com o rosto inchado, trabalhando na sua tese sobre versificação irregular na poesia espanhola, e de vez em quando faz uma pausa para servir-se de um copo de chá que ela deixa preparado para ele e tomar mais duas aspirinas contra a dor. Aliás, ele trabalhou um bocado nesta última semana de convalescença: sua tese está quase toda datilografada e ele avançou na compilação das “melhores obras” da sua mãe, que pretende publicar numa nova edição que o seu amigo Alfonso Reyes conseguiu com um amigo editor em Madri. Desde que os Amigos do País publicaram aquele primeiro livro, não saiu mais nenhuma coleção dos poemas de Salomé. — É assim que os poetas morrem realmente — comentou Pedro.

— Então você não saiu daqui de dentro?

— Por favor, Camila. — Ele ergue as mãos como para dizer: Olhe para mim, eu sou um homem doente.

— Talvez eu estivesse tão perturbada que estivesse vendo em dobro. — Ela tira o jornal da bolsa e fica parada ao lado dele enquanto ele lê em voz alta: FILHOS DO EX-PRESIDENTE DE SÃO DOMINGOS PREFEREM OS ESTADOS UNIDOS

— *Hijos de la gran puta* — diz Pedro baixinho.

Camila nunca ouviu o irmão xingar deste jeito. Mas em vez de ficar chocada, ela se sente aliviada ao vê-lo expressar os sentimentos que manteve guardados dentro dela o dia inteiro.

O irmão arranca da máquina a folha em que estava datilografando e coloca outra em branco. Seus dedos batem nas teclas com força e rapidez.

— Cuidado com o que vai dizer — avisa ela. Ela não precisa lembrar a Pedro as histórias que ambos têm lido nos jornais: o

jovem que foi enforcado por mencionar o nome do Kaiser em Wyoming, a proibição de se falar alemão nos bondes pelo governador de Iowa, cardápios com oferta de hambúrgueres sendo corrigidos em todo o país com o nome de sanduíches da liberdade. Ele agora refere-se ao seu *dachshund* como “cachorrinho da liberdade”.

— Nós temos que nos defender contra estas mentiras — diz Pedro, batendo furiosamente nas teclas. Mas ele está tão zangado que não para de cometer erros.

— Deixa que eu faço isso, Pibín — diz Camila, pondo a mão em seu ombro para acalmá-lo. — Você dita.

Ele segura a cabeça com as mãos — obviamente a dor está voltando — e dá o lugar a ela. Ele se senta no sofá, que também lhe serve de cama, e dita a carta que ela datilografa.

— Nosso pai foi despejado pelos americanos porque não concordou com as exigências deles... Nós estamos aqui porque a ocupação do nosso país não nos permite voltar...

Na última semana de Pancho na presidência, depois de ele ter informado à família que iriam voltar para o exílio, Camila se lembra de ter vagado de sala em sala no elegante palácio presidencial. Em um dos quartos vazios do segundo andar, ela abriu uma janela. Era novembro. O inverno tropical estava se aproximando. As ondas batiam contra o dique com um ímpeto que a assustou. Ela imaginara a sua volta para casa, em triunfo, a filha já adulta de Salomé, voltando com o pai para ajudar o seu país... Agora, dois meses depois, via a inutilidade da fantasia que havia abrigado na imaginação para balizar a sua ação. Mas ao contrário de sua mãe, não ia deixar que esta decepção a consumisse. Ela não se refugiaria num país que não estivesse à altura dos sonhos que trazia no coração.

Pedro faz uma pausa, e depois numa voz cansada que ela sabe que não é para a carta, ele diz:

— Estou felicíssimo por estarmos deixando este país maluco dentro de poucos dias.

Ela sente o peso desta conclusão. Não há como passar o verão com Marion ou aceitar o convite de Olmsted sem parecer estar traindo o seu país e o seu amado irmão.

Naquela noite ela sai para o seu passeio costumeiro — “para tomar ar fresco” —, como explica para Pedro. Mas quando chega na pensão onde mora Marion, não entra como faz normalmente. Ela se

vira bem a tempo de ver a figura escura, familiar, correndo de volta na direção do prédio onde eles moram. É Pedro, ela tem certeza disso. Com uma pontada de vergonha, fica imaginando o quanto ele sabe sobre Marion e ela.

MARION REED FOI UM DOS NOMES mais fáceis de pronunciar da lista de chamada no primeiro dia de aula de conversação de espanhol. As consoantes e as vogais dos nomes dos seus alunos (Hough, Steichner, Thompson) fizeram Camila enrolar a língua, e as meninas — havia uma grande maioria delas com tantos rapazes lutando na guerra — riram impietosamente.

Mas a jovem de cabelos escuros e curtos que estava sentada na primeira fila parecia extremamente interessada em tudo o que Camila dizia. Ela aparentava ser mais velha do que os outros alunos, talvez da mesma idade que Camila. Estava usando um casaco esporte e quando cruzou suas longas pernas ficou claro que estava usando calças! Camila nunca tinha visto uma mulher vestida daquela maneira exceto em revistas ou em musicais em sua terra.

Ela estava dando voltas na sala, perguntando a cada aluno, em inglês, por que ele ou ela havia escolhido estudar espanhol.

Quando chegou perto da jovem, ela respondeu em espanhol.

— *Amo la lengua.*

Eu amo a língua.

Camila sentiu a emoção de um estrangeiro que vê elogiada a sua língua materna.

Naquela tarde, ela foi informada por Olmsted de que devia matricular-se na aula de educação física para preencher as exigências acadêmicas.

— Educação física? — perguntou, inclinando-se para a frente na cadeira. Naquelas primeiras semanas de língua inglesa ela nunca sabia se estava ouvindo corretamente ou se uma língua podia ser assim tão diferente da outra.

— Hóquei, higiene, higiene pessoal, condicionamento físico elementar, intermediário ou avançado. — Ele estava lendo no caia logo. — Expressão rítmica.

— Expressão rítmica?

— Acho que isso quer dizer dança — sugeriu Olmsted.

Para sua primeira aula, Camila vestiu-se adequadamente com um vestido de festa e sapatos de salto baixo que a ajudariam a

dominar a valsa e o foxtrote. Ela sempre adorara dançar.

A sua aluna, Srta. Reed, estava na aula. Mas em vez de usar roupas de passeio, ela e as outras alunas usavam túnicas largas. Elas davam saltos pela sala, jogando os braços e as pernas de uma maneira embaraçosa, como se estivessem bêbadas. Camila virou-se para sair.

— Olá! — Marion atravessou a sala na direção dela. — Eu não conheço você? — Os olhos escuros examinaram o rosto dela atrevidamente, sem tentar disfarçar a grosseria do olhar. Camila olhou para baixo e ficou surpresa ao constatar que a moça estava dançando descalça.

“Eu sei! Você é a minha professora de espanhol. Você está cursando E.R.?” Ela olhava fixamente para o vestido de renda creme de Camila como se estivesse tentando decidir se ele era comestível. Anos antes, a frente do vestido tinha ficado suja numa festa de aniversário. Sua madrastra havia tirado a mancha, mas toda vez que Camila usava o vestido e as pessoas olhavam para ela, pensava, ah, não, a mancha não saiu completamente.

“É uma ótima aula”, dizia a moça. Seu corpo esbelto era visível através das cavas pronunciadas da túnica. — “Estamos começando com exercícios Delsarte e passando depois para Fuller e St. Denis, abrindo bem o plexo solar.” Ela começou a respirar profundamente e a estender os braços como se fosse abraçar Camila. Instintivamente, Camila deu um passo para trás.

O gesto tirou a jovem do seu transe. Ela olhou para Camila interrogativamente.

— O que foi?

— Nada — respondeu Camila, tentando não parecer aborrecida. Ela sabia que os estudantes americanos eram muito informais com seus professores, mas ainda não se havia acostumado com este novo estilo.

Marion encarou-a por um momento. E então completou o gesto que havia iniciado e estendeu os braços o mais que pôde.

Camila ficou olhando sem saber o que tinha que fazer.

— O que você quis dizer com aquele gesto? — ela perguntou a Marion meses depois, quando já tinham se tornado amigas. — Estendendo os braços daquele jeito.

— Eu estava apenas fazendo o movimento de boas-vindas de Delsarte. Queria que você soubesse que podia confiar em mim — explicou Marion. — Sério, eu me senti atraída por você desde o

começo. Foi como dar um rosto ao amor.

Naquela noite, no seu caderno, Camila anotou a frase que havia atraído a sua atenção, *dar um rosto ao amor*. Ela sempre imaginara um rosto de homem ou o rosto de sua mãe pregado naquele enorme coração, mas desde que seus encontros com seu primeiro namorado, Primitivo, a haviam deixado estranhamente fria, ela se havia perguntado se seria capaz daquele tipo de amor. Desde então tinha havido diversos admiradores, mas nenhum que ela admirasse. “Você está procurando um herói de romance”, havia dito Pedro. Mas ela achava que não, que era a sua mãe quem ela procurava.

— Eu vejo você com olhos de amor — disse Marion, virando-se de barriga para baixo para olhar nos olhos de Camila. *The Song of the Lark*, o novo romance de Cather que elas estavam lendo, está esquecido no pé da cama.

— E eu vejo você me vendo — diz Camila, retribuindo o sorriso.

Às vezes Camila imagina se a sua amiga americana realmente a vê. Quando Marion sugeriu pela primeira vez que elas passassem o verão juntas, Camila ficou preocupada com a recepção que teria em LaMoure, Dakota do Norte. Afinal de contas, se ela e Pedro tinham sido importunados em cidades grandes como Minneapolis e St. Paul, seria seguro visitar uma pequena aldeia?

Marion riu.

— Camila, meu bem, nós não temos aldeias na América do Norte. Deixa disso, você tem tanto de negra quanto eu tenho de alemã. — Várias gerações antes, o bisavô de Marion tinha emigrado da Alemanha. Depois disso, o sobrenome da família tinha sido mudado de Reidenbach para Reed. Este era um dos muitos segredos que elas partilhavam e que não podiam ser repetidos. Papai Reed tinha uma posição importante na firma em que trabalhava e precisava ser cuidadoso. — Isso não faz de mim uma alemã. Isso foi há muito tempo. É a mesma coisa que dizer que somos macacos porque descendemos deles.

“Não me importa o que você seja”, acrescentou Marion, beijando primeiro a palma de uma mão, depois da outra, pronunciado o nome de Camila devagar, como se ele fosse um trava-língua que ela estivesse tentando dominar.

Passou pela cabeça de Camila que qualquer pessoa de fora acharia boba aquela conversa de namorados. Mas quem estaria ouvindo? Sem dúvida, aquele velho fantasma que sua tia Mon um dia ensinou-a a invocar quando ela era criança: “Em nome do pai,

do filho e de Salomé, minha mãe.” Mas não é só a sua mãe; seu pai, seus irmãos, suas tias também entraram na sua cabeça. Mesmo aos vinte e quatro anos é difícil romper com aquele velho costume de ver a si mesma através dos olhos deles.

E agora aqueles olhos são reais: os olhos do seu irmão favorito, seguindo-a, tentando apanhá-la fazendo alguma coisa — mas o quê? Ela fica zangada com esta invasão de privacidade. Zangada o bastante para aproveitar a primeira oportunidade para se vingar invadindo a dele.

ELE ESTÁ NO MÉDICO para a sua última consulta pós-operatória. Depois ele pretende parar na redação do *Journal* para entregar a carta que os dois escreveram. Normalmente, ela o acompanharia, mas desta vez ela pede para ficar. Precisa terminar de datilografar sua tese e preparar as provas finais para as suas turmas.

Ela fica olhando pela janela e assim que ele desaparece da vista ela se ajoelha ao lado da velha mala onde Pedro guarda seus manuscritos e pacotes de correspondência. Seu irmão é um escritor inveterado: tudo o que Pedro pensa, sabe, questiona, ele anota, normalmente em longas cartas dirigidas a Alfonso Reyes, que sofre da mesma enfermidade. O que quer que Pedro suspeite, ele deve ter escrito para Alfonso a respeito, e, sem dúvida, Alfonso deve ter mencionado o assunto em suas respostas.

A mala também serve de mesa de datilografia e de mesa de centro. Ao erguer as pilhas de papéis que estão sobre a mesa, ela vê o sumário que Pedro datilografou da nova edição dos poemas de sua mãe. Muitos dos poemas favoritos de Camila estão faltando. “Poemas pessoais”, é como Pedro os chama, como se isto diminuísse seu valor. No âmago da personalidade do seu irmão existe um profundo conservadorismo que a espanta num homem que se acha racional e moderno.

Ela fica assombrada pelo que encontra dentro da mala: não apenas a correspondência de Pedro, mas cartas escritas por sua mãe para o seu pai, um diário que Pedro mantinha quando era menino, com uma história da vida da mãe deles, exemplares de um pequeno jornal que Pedro e Max publicavam quando eram crianças onde aparece o nome da mãe deles como diretora, até mesmo recortes de jornais dominicanos, que ela já viu antes, relatando a absolvição de Fran, acusado de ter assassinado um rapaz. O caso foi considerado

como legítima defesa, embora Camila, conhecendo o temperamento violento do irmão, talvez não o tivesse absolvido.

Podia passar horas lendo aquilo tudo e sem dúvida descobrindo vários segredos antigos da família, mas ela precisa agir rápido. O pacote de cartas de Alfonso está bem no alto. No final da terceira carta, ela vê o seu nome.

Sobre esse assunto preocupante de Camila. Pedro, é melhor que você veja com seus próprios olhos para não restar nenhuma dúvida em sua mente e para que ela não consiga desviá-lo do que você terá que fazer. Nós dois sabemos que os americanos têm um comportamento muito mais livre. E esses jovens Yanks (acredite, eu os vi por aqui) são muito mais abusados com uma mulher estrangeira de raça indeterminada. Quando você obtiver provas, deve confrontá-la e insistir que ela rompa relações, e assim que ela se formar, mande-a de volta para perto da família.

O que ela sente, a princípio, é alívio: seu irmão suspeita que ela esteja tendo um caso secreto com um *homem*! Por mais terrível que seja isto, não é nada comparado a ter um caso com uma mulher. Mas o alívio logo passa. Em seguida, o que ela sente é tristeza pela falta de confiança demonstrada. Por que Pedro não lhe perguntou diretamente se ela estava interessada em alguém? Ela lembra que ele vinha jogando verde, mencionando o nome de um ou outro professor. Mas o interesse de Camila por esses jovens era tão pequeno que ela achou que os comentários de Pedro fossem apenas parte das notícias diárias que eles compartilhavam nas longas conversas que mantinham noite adentro.

Algumas noites atrás, aliás, Camila perguntou a Pedro sobre uma vaga lembrança que ela tinha da mãe, e que Pancho sempre disse que Camila tinha inventado para evitar um castigo.

— Você não inventou isso — tranquilizou-a Pedro. — Eu nunca vou esquecer que, quando Mamá me deu esse poema, ela me fez Jurar que iria tomar conta de você. Mamá jamais me perdoaria se algo de ruim acontecesse com você. — Pedro estava olhando fixamente para ela.

Ela desviou os olhos, incomodada.

— Tem alguma coisa errada, Camila? Você tem andado preocupada.

Ela tinha pensado em contar a ele seus planos para o verão e o

outono, e até mesmo em expor seus sentimentos por Marion. Mas sem a presença do amor, como diria Marion, qualquer paixão pareceria crua e grotesca. Até mesmo o seu amado Pibín, se ela não o amasse, até ele seria um tanto repugnante, com seus ruídos e cheiros animais, suas mágoas, o pelo escuro e macio enroscando-se nas costas de suas mãos.

Ela sacudiu a cabeça, não. Por enquanto não tinha nada para confessar a ele.

ELES ESTÃO SENTADOS em frente a Olmsted, que estala os dedos de juntas rosadas como se fosse um colegial nervoso. Periodicamente, ele raspa o pelo do seu *dachshund*, um bichinho estranho com um corpo de bala de puxa-puxa chupada e o fantástico nome de *Doña Lola*. *Doña Lola* acompanha-o por toda parte — formam um par inacreditável —, um homem grande, de aparência tímida, e o cachorro mais baixo do mundo. Os dois irmãos foram chamados ao escritório do diretor para discutir a carta-resposta que haviam escrito e que havia sido publicada no *Journal*, desagradando a administração.

— Estou do lado de vocês dois, espero que saibam disso — diz Olmsted. Ele coça a cabeça coberta por um cabelo fino e sem cor. O atrito faz o cabelo ficar em pé, espetado, formando um halo.

— Não temos que nos desculpar de nada. — Pedro está sentado na ponta da cadeira. Camila sofre ao vê-lo naquele estado de prontidão, como se a qualquer momento ele fosse sair pela porta e correr até a fronteira. Que fronteira, se pergunta ela? Eles estão cercados pelos Estados Unidos. — Foram colocadas mentiras em nossas bocas — acrescenta Pedro.

— O jornal é que deveria desculpar-se — concorda o diretor. Ele se levanta e vai até a janela, com *Doña Lola* nos calcanhares. O ruído das unhas do cachorro batendo no assoalho é enervante. — Mas sejamos realistas. Tem uma guerra acontecendo. A palavra de ordem no país é patriotismo, e qualquer pontinha de crítica... — Ele não termina a frase. Talvez tenha visto alguma coisa no jardim que o impeça de continuar.

Embora o fato não tenha sido mencionado, Camila sabe o que está em jogo, os diplomas que ambos devem receber dentro de uma semana. Ela própria só estaria sacrificando um ano de trabalho, mas Pedro já está ali há dois anos, e vai receber seu título de doutor em

espanhol.

— O que o senhor aconselha? — pergunta Camila.

— Vocês dois podiam escrever uma carta, explicando que não pretenderam ofender esta grande nação, et cetera, et cetera. — Olmsted dá um suspiro e ergue os braços, deixando-os cair em seguida. Agora mais do que nunca ele parece uma morsa, solitária, fora do seu ambiente natural, agitando as nadadeiras desesperadamente.

Camila pegou um caderno e está anotando as frases do diretor.

— Nós não vamos escrever uma carta dessas. — Pedro fica em pé e cruza os braços, pronto para o martírio. *Doña* Lola rosna com o movimento inesperado, mas Olmsted se abaixa e acalma-a passando a mão enorme pelo corpo magro que parece uma salsicha. — Se a universidade resolver não conceder os nossos diplomas, nós entraremos com uma ação — declara Pedro.

Olhando para ele, Camila nota o quanto seu irmão se parece com seu pai. A mesma teimosia que às vezes torna Papancho Insuportável. Ela não diz nada. É inútil tentar argumentar com um *Henríquez* que fincou o pé com base na moralidade.

— Eu não estou preocupado com os diplomas de vocês — diz Olmsted. Ele faz uma pausa e olha para os dois, como se estivesse prestes a revelar uma conspiração e quisesse ter certeza da lealdade deles. — Mas como a senhorita sabe, Srta. *Henríquez*, eu lhe ofereci um emprego neste outono. — Ele balança a cabeça na direção de Camila, que sente os olhos do irmão fixos em seu rosto como se dissesse: Você sabia disto e não me contou!

“Quanto a você, Pedro, com tantos dos nossos colegas indo para o front, estou preparado para oferecer-lhe um contrato de dois anos com um considerável aumento de salário. Mas, é claro, tudo isso tem que ser aprovado pela administração...”

— Eu já tenho outros planos — interrompe-o Pedro. Isto é uma mentira deslavada, como Camila sabe muito bem. Pedro tomou a decisão de partir, mas não tem planos. A Espanha está fora de questão. O México ainda sofre os efeitos da guerra civil e da intervenção americana. O país deles está ocupado, assim como o vizinho Haiti. Porto Rico agora pertence aos Estados Unidos, e Cuba está indo pelo mesmo caminho. Para onde eles podem ir que já não seja território inimigo?

Um suspiro escapa da boca do diretor, acompanhado de um movimento desanimado de ombros — a emoção encenada de um

professor veterano que precisa projetar a sua decepção para a turma. As orelhas de *Doña* Lola ficam eretas, atentas a qualquer problema. O diretor vira-se para Camila.

— Suponho, então, Srta. Henríquez, que a senhorita também não voltará.

Ela respira fundo, mas sua voz sai muito baixinha.

— Eu resolvi aceitar o seu convite — diz ela para a cara tristonha de morsa.

Ela recolhe os livros e se levanta para enfrentar o olhar furioso do irmão.

Doña Lola também se levanta, latindo animadamente.

PEDRO ESTÁ ANDANDO de um lado para outro. Dado o tamanho do conjugado, ele não pode ir muito longe antes de se virar para encará-la.

— Papanchito confiou-a aos meus cuidados.

Ela não diz nada, apertando bem as mãos para elas não tremerem. Podia responder de várias maneiras. Dizer que tem vinte e quatro anos. Dizer que a vida é dela. Que agora ela tem um emprego, uma forma de cuidar de si mesma.

Seus diplomas foram concedidos. Eles souberam de manhã por intermédio de Olmsted. O diretor também entregou a Camila o seu novo contrato. “Para assinar quando puder.” Camila enfiou o envelope na bolsa para evitar um confronto com o irmão em público. Eles já tiveram várias discussões desde que ela aceitou o convite do gabinete de Olmsted. Toda vez que ele começa com seus argumentos, Camila responde apenas: “Eu não vou deixar de levar em consideração os seus sentimentos, Pedro.” Ela não pode chamá-lo Pibín uma vez que está tão zangada com ele.

Quanto a uma carta de explicação para os jornais, isto acabaria sendo desnecessário. Olmsted contornou a situação convidando um repórter do jornal rival, o *Minneapolis Tribune*, para na casa dele conhecer Camila e Pedro. O repórter fez-lhes algumas perguntas e escreveu um artigo simpático sobre aqueles tão brilhantes emissários do sul da fronteira. Pedro foi citado corretamente como tendo dito: “Eu não gosto de comparar países, qual é melhor, qual tem mais razão. Estou interessado em pessoas, em indivíduos.” A presença de Camila na imprensa foi breve e sem controvérsias como sempre. “Sua bonita irmã concordou com ele.”

Se aquele repórter pudesse nos ver agora, Camila pensa, enquanto o irmão para bem na frente dela com um ar zangado.

— Eu não vou deixar você aqui sozinha.

— Mas eu não vou ficar aqui sozinha. Vou passar o verão com Marion e a família dela.

Pedro ficou boquiaberto. O nariz dele ficou bom e só uma inchação em volta dos olhos lembra a dor e o incômodo de poucas semanas atrás.

— Você não sabe quem são essas pessoas — diz Pedro.

— Os pais dela mandaram um convite muito gentil. O Sr. Reed e diretor da Companhia de Seguros da América do Norte. — Ela menciona este detalhe como prova da respeitabilidade da família de Marion, mas é claro que este não é o ponto.

Vai até seu espaço de dormir para pegar a carta. De costas, ela tem coragem para acrescentar:

— No outono, vou morar num apartamento com Marion e algumas outras amigas. Então, como você vê, não vou ficar sozinha. — Ela acha a carta no lugar em que a guardou durante várias semanas, debaixo do colchão, onde sua tia Ramona contou que Salomé costumava guardar seus poemas.

Quando ela se vira, Pedro está sentado na cadeira onde ela estava sentada antes, como que derrubado pelo choque de todas essas novidades. Mas de fato, ele não parece nem chocado nem zangado, apenas cansado. É muita coisa para absorver, ela pensa, uma irmã caçula finalmente ficando adulta.

AQUELA NOITE, ela custa a sair para o seu passeio costumeiro. Pedro e ela ficam sentados na sala, tomando chá e conversando. Eles deixaram de lado a reserva e agora Pedro está pensando em aceitar o convite de Olmsted e ficar mais dois anos.

— Pibín — diz ela, tocando a mão dele —, se você decidir partir, não tem importância. — A raiva dela passou, e ela só sente ternura por ele. Nunca conseguiu guardar rancor por muito tempo. Acaba sempre entendendo o ponto de vista da outra pessoa. Foi um hábito que desenvolveu por ter lido muitos livros, talvez, ou por ter tido sempre aquelas vozes em sua cabeça dizendo-lhe o que fazer. Lembra como Pedro descreveu-a numa de suas cartas para Alfonso. “Minha irmã tem um caráter perfeito.” (Ela sentiu uma pontada de culpa ao ler isto quando estava espionando.) “Está sempre fazendo

pequenos reajustes em sua vida que, aos olhos do mundo, dão a impressão de que ela é uma pessoa indecisa. Mas estes reajustes, a meu ver, são a forma de ela realinhar a sua bússola moral na direção do seu verdadeiro norte — que eu acho que, para ela, é a nossa mãe, mas que na realidade é a sua própria alma. Ela é forte, mas sem violência.”

Ela não reconheceu a si mesma nesta descrição, mas apreciou o esforço do irmão em olhar para ela com tanto respeito. Já se perguntou muitas vezes se o destino não lhe pregou uma peça dando-lhe como perfeito companheiro um irmão em vez de um amante.

— Talvez eu é que vá sentir demais a sua falta se estivermos separados — diz Pedro. Ela não acredita muito nisso. Pedro sempre foi um viajante solitário.

Enquanto conversam, ele descansa os pés na mala que ela não consegue mais olhar sem se sentir envergonhada. Uma ou duas vezes, durante a conversa, esteve a ponto de confessar tudo a ele. Mas era melhor ele ver com os próprios olhos, como Alfonso havia aconselhado. Assim pouparia a si mesma a humilhação de tentar explicar o que ela mesma não entende.

Na esquina, espera que ele a alcance. Ela ergue os olhos para o céu: tantas estrelas em lugares estranhos. Levou algum tempo para se acostumar com o fato de encontrar coisas familiares em lugares inesperados. Como esta paixão que vem sentindo, uma paixão que sempre desejou sentir mas que não esperava que fosse por uma mulher.

Ela espera alguns minutos, mas esta noite Pedro não aparece. Sente uma pontada daquela velha solidão que sentiu quando era mocinha, quando caiu em depressão e teve vontade de desaparecer. De fato, na época havia escrito para Pedro, que estava no México, dizendo que a amiga de uma amiga estava pensando em se matar e perguntando o que ela deveria fazer. Ele tinha respondido prontamente, sugerindo que Camila fosse morar com ele. Evidentemente, o pai não havia consentido.

Pedro é a pessoa mais próxima a ela e que ela mais ama neste mundo. E se ao se livrar da família vier a perdê-lo também? Ela sai andando rapidamente pela rua, perseguida por seus temores, como a menina do seu livro de mitos gregos atacada pelos sofrimentos e pragas que deixou à solta no mundo.

QUANDO MARION ABRE A PORTA, Camila se joga em seus braços.

— Está tudo bem? — pergunta Marion, abraçando-a, como se Camila fosse uma criança precisando de consolo. — Você está ofegante. Venha sentar-se antes que tenha uma crise de asma.

Camila não consegue ficar parada e deixar que seus pensamentos sombrios a dominem. Ela anda de um lado para outro enquanto repete o que disse ao irmão.

— Você contou a ele! — exulta Marion. — Muito bem!

Camila manda-a calar-se.

— Lembre-se de que tem gente aqui em volta. — “Gente” são as outras estudantes e a Srta. Tucker, que mora no andar de baixo, mas que está ficando surda e por isso deixa a porta da frente destrancada até as nove horas, quando “ergue a ponte levadiça inunda o fosso”. Antes da sua ocupação atual como mãe de pensionato, a Srta. Tucker ensinava história numa escola de meninas perto de Boston.

— Salomé... Camila... Henríquez... Ureña... — Marion murmura cada nome como se fosse uma carícia. Cada um merece um beijo, cada beijo dura mais do que o outro.

Quando a porta se abre, Camila não fica surpresa ao ver o irmão com um olhar de espanto no rosto.

— Como você ousa! — Marion cai em cima dele como uma galinha defendendo os pintinhos contra um predador. Ele recua, embaraçado.

Tem alguma coisa no rosto dele que leva Camila de volta para aquela primeira lembrança de sua mãe, erguendo o rosto do poema que acabou de terminar e dizendo: “Fique perto do seu irmão.”

Ele deu meia-volta e está descendo rapidamente a escada.

— Pibín — ela chama, na esperança de que o apelido o faça se lembrar da promessa que ele fez à mãe deles.

SIETE

La llegada del invierno

São Domingos, 1891-1892

PANCHO FINALMENTE VOLTOU para casa. Quatro anos tinham se passado.

Eu estava completamente mudada. Todo mundo me dizia isso. Estava tão magra que até Max conseguia rodear os meus pulsos com suas mãozinhas. Eu mal conseguia respirar. Meu cabelo estava grisalho. O meu rosto tinha linhas profundas, quase como se tudo aquilo que não consegui escrever no papel eu tivesse escrito na pele.

A última coisa que queria fazer era ir até o cais e ver o seu navio atracar.

O SOL ESTAVA SE PONDO, eu me lembro, e Federico tinha chegado para buscar os dois meninos. Um grupo de amigos e parentes de Pancho já tinha seguido na frente. Eu disse que não ia — o primeiro orvalho da noite era sempre o pior para a minha tosse.

Mas no último minuto, mudei de ideia. Vesti o meu vestido de seda preta, tão *buenamoza* quanto pode ficar uma mulher num vestido que cabia nela quando ela pesava mais dez quilos. Coloquei no pescoço a pequena cruz que Pancho me havia dado e caminhei para o cais com um menino em cada mão.

— Com calma, Salomé — pediu Federico.

Como eu podia permanecer calma depois de ter esperado quatro anos para ser enganada?

— Lembre-se de que ele é jovem — continuou Federico, confundindo o meu silêncio com aquiescência.

O pequeno Pibín olhou-me com seus olhos inteligentes.

— De quem vocês estão falando, Mamá?

— De ninguém que conhecemos — respondi.

Quando os passageiros saltaram do barco no cais e eu os vi,

Pancho! Fran! Não pude acreditar nos meus próprios olhos. Pancho tinha ficado ainda mais bonito na França. Quanto a Fran, eu tinha mandado o meu filho para lá menino e ele tinha voltado um homenzinho.

Eu dei um grito. Sabia que estava em público, mas não me importei. Abri os braços e corri na direção deles, com os pulmões tão apertados que pensei que fosse desmaiar antes de alcançá-los. Atrás de mim, os dois menininhos tentavam acompanhar-me.

Vi o choque no rosto de Pancho quando ele percebeu a triste realidade da gravidade da minha doença, quando viu o quanto eu estava acabada. Deve ter pensado que eu estava correndo na direção dele, toda a minha raiva e a minha cerimônia apagadas pela felicidade de tê-lo de volta. Ele se virou, entregou o chapéu ao homem que carregava a sua mala, e abriu os braços para mim. Passei por ele e tomei meu filho nos braços.

Fran se encolheu e por um terrível instante vi a aversão que meu filho estava sentindo. Ele não sabia quem era aquela mulher velha, de olhos fundos, magra como um espeto. E então, aos poucos, ele foi me reconhecendo.

— Mamá? — perguntou, antes de nós dois começarmos a chorar.

AQUELA NOITE TODO MUNDO se reuniu na nossa casa: todos os irmãos de Pancho, exceto Manuel, é claro, que ainda estava no exílio; Dubeau e Zafra tinham vindo de Puerto Plata especialmente para ver seu amado compatriota, e *Don* Eugenio Marchena, que havia levado tantas cartas daqui para Paris e de Paris para cá quando era ministro, deu uma passada. Apesar de doente, fiquei acordada, feliz por ver os meus três filhos juntos de novo.

Bem depois de ter soado nove horas, quando os dois mais moços não se aguentavam mais em pé, Ramona ajudou-me a colocá-los na cama. Logo depois, Fran me deu um beijo de boa-noite. “*Bon nuit, chérie.*” Ele quase não sabia mais falar espanhol. Eu imaginei se ele teria dito estas mesmas palavras para aquela outra mulher nas noites em que ela o colocava na cama antes de se deitar com Pancho.

Escorpiões na mente — era assim que o meu ciúme parecia. E no meu peito também. Toda vez que eu pensava naquela mulher, tinha um acesso de tosse.

Finalmente, a última visita foi embora. Ramona fechou a casa

Pancho foi levá-la até a casa de Mamá, a um quarteirão de distância. Esperei, parada na porta, tentando organizar minhas ideias.

Ele deu um pulo quando me viu, chocado em me encontrar ali na porta. Estava de cabeça baixa; era óbvio que tinha estado se preparando para esta cena. Pude ver que ele estava sem graça, pois aquele era realmente o nosso primeiro momento a sós.

Em janeiro tinha me mudado para uma casa mais perto de Mamã e Ramona. Grande e arejada, com um pátio interno cheio de árvores frutíferas e pássaros, a casa tinha a forma de uma ferradura, com uma sala no meio que eu usava para a escola e duas alas com diversos aposentos amplos para nossa moradia.

Nós ficamos um longo tempo olhando um para o outro, parados na porta. O cabelo dele tinha um corte moderno; seu bigode estava elegantemente aparado. Ele tinha voltado da França com a lanugem de um homem de trinta e dois anos que tem uma vida Inteira à sua frente. Eu, por outro lado, tinha sido consumida pela comparação. Estava com quarenta anos e parecia dez anos mais.

Quando ele se aproximou de mim, entreguei-lhe a lamparina que tinha tirado da parede.

— Acho que você deve estar cansado, Pancho. O seu quarto fica ali no fim do corredor.

— Nós não estamos no mesmo quarto? — perguntou-me ele. Havia uma estranha entonação francesa no espanhol dele. — Eu juro a você, Salomé...

— Suas malas estão lá — eu o interrompi com uma voz cansada. — De agora em diante, você segue o seu caminho e eu o meu.

— Ay, Salomé, *por Dios*, esta é a minha primeira noite em casa...

Não sei o que mais ele disse. Deixei-o ali parado com a lamparina na mão e fui no escuro para o meu quarto.

TODA NOITE EU QUEIMAVA *azufre* no meu quarto, na esperança de limpar os pulmões. Na mesinha ao lado da cama, ficava o vidro de Emulsão Scott e um copo de leite coberto por um pires. Quando acordava no meio da noite, fraca de tanto tossir, o leite me acalmava a garganta. Fechei as venezianas, tranquei a janela e pendurei um lençol na frente para bloquear os insalubres vapores noturnos. Ao lado da cama, mantinha uma *ponchera* pronta para a expectoração que vinha com cada acesso de tosse.

É claro que aquele não era um lugar que eu quisesse compartilhar com um homem.

Mas ao preparar o meu quarto para a noite e trancar a porta por dentro, não podia impedir que a mágoa me inundasse o coração. Não conseguia deixar de pensar em Pancho e sua *mademoiselle*. Era como tomar um grande gole de vinagre com a boca cheia de feridas.

Mentiroso, falso, egoísta, cafajeste, *sin vergüenza*, inútil, pensava comigo mesma, como se cada palavra fosse uma porta que eu estivesse fechando na cara dele.

Uma noite, ouvi passos, seguidos por uma batida na porta, que ignorei.

— Você está bem, Mamá? — Era Pibín, querendo saber como eu estava depois de um acesso de tosse.

— Estou, meu amor — respondi, comovida com a preocupação do meu filho querido. Mas também fiquei desapontada. Não queria admitir nem para mim mesma: queria que fosse Pancho.

Mentiroso, falso, egoísta, cafajeste, *sin vergüenza*, inútil, mas eu ainda o amava!

Tive outro acesso de tosse.

PARA O MUNDO À NOSSA VOLTA, o nosso reencontro era o final feliz de uma comovente história de amor. Ou o início de um final feliz. Primeiro era preciso consertar a saúde de *Doña* Salomé. Quem melhor para fazer isso do que o seu próprio marido, treinado nos mais modernos métodos de tratamento na França?

Pancho tinha voltado com uma cabeça grande, e que parecia ainda maior por causa da vistosa cartola, que era o que todos os médicos estavam usando em Paris. Ele também usava a sua casaca Prince Albert toda vez que ia à capital, mesmo quando não ia visitar nenhum paciente.

Todo fim de tarde, ele gostava de aparecer no Instituto Profissional durante as aulas. O ilustre doutor, recém-chegado de Paris, era, evidentemente, convidado a dizer algumas palavras. Pancho aceitava e fazia longos discursos a respeito das mais recentes descobertas no campo da medicina.

Seu tema favorito era a teoria dos germes de Pasteur e como disseminação da doença podia ser controlada através de uma higiene melhor. Na nossa casa, ele havia instalado pias em todos os cômodos e insistia conosco para lavarmos as mãos constantemente

para evitarmos a proliferação dos germes que as minhas alunas poderiam portar. Pancho e seus entusiasmos! Eu não conseguia deixar de me lembrar do jovem pelo qual me havia apaixonado, ansioso por exterminar toda forma de ignorância e injustiça. Agora a sua atenção estava voltada para a destruição de germes com água e sabão. Dá para imaginar o tipo de boato que começou a se espalhar, que *Don* Pancho tinha ido para Paris para aprender a lavar as mãos!

Pancho adorava levar o meu pequeno Pibín junto com ele para exibi-lo. A verdade é que o meu filho do meio era uma criança surpreendente. Ele tinha aprendido a ler sozinho aos quatro anos, e depois aprendido facilmente todos os números. Recentemente, para fazer surpresa ao pai, tinha decorado os nomes de todos os ossos e sabia onde todos eles ficavam. “Escápula, fíbula, clavícula, ulna e rádio, úmero, fêmur, metacarpo”, recitava com sua vozinha fina, apontando para o local do corpo onde se localizava cada osso.

Pibín voltava para casa contando o que o Dr. Alfonseca tinha dito e como Papancho o havia corrigido.

— Parece que o seu pai foi brilhante como sempre — observei.

O menino inclinou a cabeça, pensativo.

— Mas ele deixou o Dr. Alfonseca embaraçado. Não teria sido melhor se tivesse falado com o Dr. Alfonseca depois? — Alfonseca era o velho médico que havia salvo a vida de Pedro quando ele teve crupe, alguns anos antes. E também tinha sido Alfonseca quem me mantivera respirando durante vários meses de graves infecções pulmonares.

— Tenho certeza de que o seu pai não teve a intenção de embaraçar o bondoso doutor, Pibín.

Ele refletiu por um momento e disse:

— Eu não acho que Papancho teve a intenção de ofendê-lo. Só acho que Papancho queria ter razão.

Olhei para o meu Pedro. Não era só a base de informações que ele tinha na cabeça que eu admirava. Meu filho tinha uma seriedade moral que era estarrecedora em alguém tão jovem. Você ensinava alguma coisa a ele e ele refletia seriamente a respeito e formulava perguntas sérias: *O que é justiça? O que é pátria? A bondade é melhor do que a verdade?* E uma pergunta que eu não era mais capaz de responder, *O amor é mesmo mais forte do que qualquer outra coisa no mundo?*

UMA VEZ EU HAVIA FEITO esta mesma pergunta a Hostos.

Antes de deixar finalmente o país, Hostos tinha vindo examinar as meninas mais velhas nos seus conhecimentos de botânica, e depois tinha ficado mais um pouco. Eu sabia que aquela era a minha única chance de dar adeus a ele em particular. Já tinha prometido a mim mesma que não ia chorar. Tinha medo de que, se comesse, não conseguiria mais parar.

Ele estava inquieto, como sempre, andando, indo de um objeto a outro na sala — quase como se fosse um homem perdido que precisasse encontrar o caminho a partir de algumas pistas. Ao chegar na ventoinha que eu tinha construído para ensinar energia gerada pelo vento, ele se virou e me encarou. Eu vinha tossindo muito naqueles últimos dias da estação chuvosa.

— Você está bem, Salomé?

— Só estou com um pouco de catarro. Está todo mundo assim.

— Eu minimizei a importância da tosse.

— Sim, Belinda e María também pegaram. — E então ele parou, esperando, como se eu ainda não tivesse respondido a pergunta dele.

Talvez tivesse confessado a força dos meus sentimentos se ele não tivesse acabado de mencionar Belinda. Em vez disso, perguntei a ele o que Pibín estava sempre me perguntando.

— O amor é mesmo mais forte do que qualquer outra coisa no mundo?

— Por que você está perguntando isso, Salomé? — Hostos não era homem de deixar alguma coisa sem explicação.

— Porque eu me consolo na ausência de Pancho dizendo a mim mesma que o amor é mais forte do que a ausência dele, mais Forte do que os meus temores...

Eu teria dito mais. Teria dito a ele que estava consolando a mim mesma da partida dele com esta mesma filosofia, e que isso estava funcionando. Mas, de repente, Hostos colocou um dedo nos lábios, com a cabeça inclinada como se tivesse ouvido um intruso. Ele fez sinal para eu continuar falando enquanto ia devagarinho até a porta e a abria. Lá estava Federico, espiando pela fenda no meio da porta dupla.

— Por que não perguntamos a Federico o que ele acha? — disse Hostos. Pude perceber a raiva na voz dele, controlada pela sua mente positivista. Só que eu não tinha o mesmo autocontrole. — O amor é mais forte do que qualquer outra coisa no mundo, Federico,

ou a suspeita e a traição é que governam?

Aquela noite, na cama, chorei como não chorava desde criança. Não conseguia parar. “As lágrimas são a tinta do poeta”, tinha dito Papá uma vez. Mas eu não estava mais escrevendo. Agora podia gastá-las na minha própria tristeza.

UM DIA, LOGO DEPOIS da volta de Pancho, o Dr. Alfonseca apareceu e pediu para falar em particular comigo e com Pancho. Ramona tirou as crianças da sala. Pibín saiu atrás dos outros, sem despregar de mim seus olhos tristes.

— Não preciso dizer a você, Pancho, que o estado de saúde de Salomé é grave. Sua tuberculose...

— Perdão, José, mas examinei o escarro de Salomé...

— Você examinou? — Fiquei mortificada. Como ele tinha chegado perto do meu escarro se eu não permitia nem que ele entrasse no meu quarto?

— A sua *ponchera* é deixada todos os dias ao lado do banheiro para ser esvaziada. Retirei uma amostra e examinei-a no microscópio.

Eu pude ver pela expressão do Dr. Alfonseca que ele achava que aquele instrumento preto era um brinquedinho, nada para ser usado no esforço de salvar a vida de seres humanos.

— Koch demonstrou que a tuberculose é causada por um certo tipo de bacilo e eu não observei esses bacilos no escarro de Salomé — continuou Pancho. — Ela tem uma asma muito forte, agravada por excesso de trabalho, infecções pulmonares e... — Ele olhou para mim. Será que ele ousaria dizer isso, pensei, e decepção amorosa?

Alfonseca parecia não saber o que pensar daquele papagaio parisiense. Finalmente, ele desistiu de discordar.

— Não importa o nome que tenha, Pancho, mas quero tocar num assunto muito delicado. Acho que vocês devem tomar precauções, como casal, ou mesmo se absterem totalmente... — (neste ponto Alfonseca teve um acesso de tosse envergonhada) — porque uma gravidez nesta altura seria mortal para a mãe.

Mortal para a mãe? Parecia que ele estava falando de outra pessoa. Eu poderia ter respondido que ele não precisava se preocupar, que não havia nenhuma chance daquilo acontecer comigo.

— Há casos, pelo contrário, em que a gravidez ajudou —

discordou Pancho. Quando ele começou a enumerá-los, tive um ataque de tosse. Os discursos de Pancho tinham este efeito em mim.

— Sem dúvida os seus colegas franceses discordariam do senhor, *Don Pancho*, já que adoram aplicar a fórmula de Peter a esses casos. — Agora era a vez de Alfonseca se exhibir. Os dois médicos estavam envolvidos numa espécie de briga de galos médica. Ambos tinham se esquecido de mim. — Se donzela, nada de casamento; se esposa, nada de gravidez...

— Se mãe, nada de amamentação — Pancho concluiu a fórmula, balançando a cabeça em concordância. — Isto eu sei, mas estas restrições só se aplicam no caso de tuberculose, e o senhor está totalmente equivocado no seu diagnóstico, Dr. Alfonseca.

Alfonseca levantou-se. Pela cor do seu rosto vi que ele estava zangado.

— Eu já estou indo embora — disse ele, inclinando-se diante de Pancho. — Talvez o senhor tenha razão, e se prove que eu estava errado no meu diagnóstico, Dr. Henríquez, mas em uma coisa estou certo. O senhor é o marido de Salomé e eu sou o médico dela. Nós não deveríamos tratar, os dois, da doença dela. Mas neste caso, *Doña Salomé* — acrescentou, inclinando-se diante de mim —, cabe à senhora decidir.

Eu me levantei, apoiando-me nas costas da cadeira. Podia ver que Pancho estava esperando que eu dissesse que ele era meu marido e que, como tal, cabia a ele a decisão final com relação a todos os assuntos, inclusive a minha saúde. Mas não fiz referência — na verdade eu não soube como me referir — ao que Pancho era para mim agora.

— O senhor é o meu médico — garanti a Alfonseca. Podia sentir o olhar zangado de Pancho sobre mim, o que só contribuiu para que eu tivesse uma outra crise de tosse.

MESMO COM TODAS as suas sofisticadas teorias, Pancho não se saiu muito bem no ano em que voltou. Para ser mais exata, seus pacientes não paravam de morrer. Em parte, acho que era porque ele estava experimentando os mais modernos procedimentos cirúrgicos no nosso pobre país, sem remédios nem pessoal treinado para se apoiar. Quando ele fez a primeira ovariectomia na ilha, em *Doña Mónica*, que diziam ser amante de Lilís, e ela morreu, o que antes eram apenas insinuações passou a ser voz corrente.

Lechuza! Vozes calavam-se quando ele entrava na casa de um paciente. Coruja, a ave de mau agouro.

Matasano! Destruidor da saúde!

Esta perseguição piorou quando Pancho aliou-se ao rival de Lilís. Estou me referindo, é claro, a *Don Eugenio Marchena*, que havia sido ministro de Lilís na França mas que depois tinha rompido com o ditador. *Don Eugenio* e Pancho tinham se tornado amigos íntimos em Paris, e a amizade continuou na terra natal. Sem dúvida, o homem nos havia feito muitos favores, levando e trazendo correspondência e acompanhando o nosso Fran na travessia do oceano. Mas, infelizmente, qualquer pessoa associada ao período que Pancho passou em Paris agora só despertava a minha desconfiança. Sempre que via *Don Eugenio*, a única coisa que conseguia pensar era: Quanto ele saberá da outra vida de Pancho e estará escondendo de mim?

O braço direito de *Don Eugenio* era *Don Rodolfo Lauranzón*, que tinha se mudado com a família de Azua para a capital para ajudar na campanha. Quando Lilís anunciou que não iria concorrer às próximas eleições, *Don Eugenio* pôs na cabeça, ou talvez seus amigos Pancho e Rodolfo tenham posto na cabeça dele, que ele iria ser o novo presidente.

Eles três passaram muitas noites reunidos na ala da casa ocupada por Pancho, conversando em voz alta até altas horas e não me deixando dormir.

— Pancho, *por Dios* — disse-lhe eu uma noite. — Desista dessa bobagem!

— Eu não posso esquecer os sonhos que tenho para o meu país — protestou, enfiando a mão na casaca como o estadista que ele agora sonhava em se tornar.

— Nem eu — disse eu calmamente. — Mas tenho vivido este pesadelo nos últimos quatro anos, e posso dizer a você que estas eleições são um truque para esvaziar a competição. Pobre do homem que acreditar nele.

Pancho sacudia a cabeça como se eu não soubesse de nada.

— *Don Eugenio* vai mudar as coisas...

— *Don Eugenio*! — zombei. — Sem *Don Eugenio*, Lilís nem mesmo estaria onde está hoje. — Este era um fato que Pancho não podia negar. Tinha sido *Don Eugenio* quem tinha arquitetado todos os empréstimos feitos por Lilís e que haviam endividado o país por muitas décadas.

Pancho arriou os ombros; sua mão escorregou de dentro da casaca.

— Salomé, você precisa escolher sempre a opinião contrária à minha só para brigar?

Tive que pensar se isto era verdade ou não.

— Eu estou doente demais para brigar com você, Pancho. Mas estou preocupada com a sua segurança. — A cada dia, mais e mais testemunhos contra *el Doctor de Paris* estavam aparecendo nos jornais. — Você é o pai dos meus filhos. Não quero que eles percam você assim como eu o perdi.

— Você não me perdeu, Salomé — disse ele, fitando-me com tristeza.

Qualquer mulher que sofreu pelo homem amado sabe o quanto estas palavras podem ser consoladoras. Eu me senti fraquejar, a porta cedendo ao peso dos ombros dele.

— Fique do meu lado nisto, Salomé, por favor. Se der seu apoio a *Don Eugenio*, você sabe o quanto isto irá ajudá-lo.

Eu tentei. Sempre que o homem vinha à nossa casa, ouvia cuidadosamente o que ele tinha a dizer. Ele comparava os empréstimos de Westendorf com os empréstimos dos americanos, em taxas de retorno a longo e a curto prazos em prata ou em ouro, em credores privados versus credores nacionais, et cetera et cetera, mas eu nunca escutei as palavras *Liberdade Justiça Igualdade* saírem dos lábios do homem, exceto em pequenos crescendos, como se estas palavras fossem um guardanapo com o qual ele limpava a boca depois de comer uma comida engordurada.

A verdade é que não conseguia ver muita diferença entre esse homem e o nosso ditador, Lili.

Mas não discuti; Nessa altura, eu estava doente demais para brigar com qualquer pessoa.

FINALMENTE, PANCHITO ADMITIU a gravidade do meu estado. Ele engoliu a arrogância e o orgulho e foi conversar com Alfonseca. Ficou decidido que eu iria de barco para a costa, ao norte, onde, talvez, o ar mais seco pudesse curar-me.

Mamá e Ramona estavam presentes quando o prognóstico foi feito. Mamá teve que se sentar quando ouviu Alfonseca dizer que eu poderia não durar nem um ano se não cuidasse de mim. Excepcionalmente, Pancho não disse nada.

— E quanto ao Instituto? — protestei. — Não posso abandonar as minhas meninas.

— A sua saúde é a coisa mais importante agora — declarou Ramona. Ela estava me ajudando a dirigir a escola, que crescia a cada dia. Naquela altura nós já tínhamos setenta e duas alunas. Mães não paravam de ir na nossa casa, com as filhas pela mão, para me implorar uma vaga, embora pudessem ver que não havia um centímetro de espaço para colocar outra cadeira naquela sala. Na realidade, nós havíamos acabado de alugar uma casa maior no centro da cidade, bem ao lado da catedral, para atender a uma demanda cada vez maior.

— Eu faço a mudança enquanto você estiver fora. Assim você não vai ter trabalho — propôs Pancho. Ele tinha que ficar para trás de qualquer maneira para manter os clientes. E também não podia abandonar *Don* Eugenio com as eleições se aproximando.

— E quanto às crianças? — A simples ideia de deixar as minhas pequenas gralhas por vários meses causou-me um acesso de tosse. As pessoas se entreolharam, preocupadas, esperando que a crise passasse.

— Por que não levá-las com você? — sugeriu Pancho. — Assim você pode mandá-las para a escola Dubeau para que elas recuperem os estudos. — O que ele estava querendo dizer era que, na minha devoção ao instituto, eu vinha negligenciando a educação dos meus próprios filhos.

— Mas quem irá com ela? — perguntou Mamá. — Ana está tão mal que eu não tenho coragem de deixá-la.

— Eu posso ir — ofereceu Ramona, mas protestei. Ela tinha acabado de prometer que iria cuidar da minha escola!

— Que tal uma das meninas Lauranzón? — sugeriu Pancho. — Elas são quatro, certamente eles podem ceder uma.

Eu sempre me surpreendia com a facilidade com que Pancho dispunha da vida dos outros. Mas a verdade era que as filhas de *Don* Rodolfo ficariam, provavelmente, satisfeitas com esta oportunidade. O pai delas não acreditava em educação para as filhas dele, que poderiam aprender a ler e escrever cartas de amor. Ele unha bons motivos para ficar atento no tipo de cidade que São Domingos estava rapidamente se tornando, cheia de cafajestes e *sin vergüenzas*. Cada uma das meninas Lauranzón era mais bonita do que a outra, sendo que a mais linda era a mais moça, Tivisita, com uma massa de cachos ruivos e uma pele de porcelana.

Tivisita vinha frequentemente “ajudar *Doña* Salomé”. Pelo menos era esta a desculpa que ela dava ao pai para passar os dias em minha casa. E embora eu tenha certeza de que *Don* Rodolfo se preocupava com o fato de ela estar visitando a minha casa quando esta abrigava uma escola de meninas, ele não podia recusar favor ao seu compatriota, *Don* Pancho, que era, como ele, um ferrenho aliado de Marchena, e cuja esposa, *Doña* Salomé, era ícone nacional.

Essa boa menina aceitava com prazer qualquer tarefa que eu lhe desse. Eu a deixava nos fundos, consertando a roupa dos meninos ou servindo a Pancho o seu café com leite e pão, que ele insistia em chamar de *baguette*. Depois de suas reuniões até tarde da noite, Pancho acordava com o barulho das minhas alunas chegando. E embora eu tivesse a ajuda de Regina, ela tinha muito o que fazer para interromper a limpeza para preparar mais um café depois de ter servido o meu e o dos meninos duas horas antes.

No meio da manhã, eu sempre via Tivisita encostada na porta da sala de aula. No fim do dia, quando ela ajudava a limpar a sala, eu a pegava passando a mão sobre o abecedário, como se fosse aprendê-lo só pelo tato.

Comecei a dar-lhe tarefas que a traziam para a frente da casa durante as aulas das turmas iniciantes. E todo dia pedia a ela para copiar uma ou outra página para mim, como se achasse que ela sabia escrever. Um dia, quando entrei na sala para apanhar um livro que havia esquecido e que precisava para preparar as aulas do dia seguinte, encontrei-a sentada na mesa comprida, com o livro aberto diante dela, lendo devagar, acompanhando cada palavra como dedo.

Ela ergueu os olhos, assustada, quando me ouviu chegar, e fechou o livro depressa.

— Continue, por favor — disse eu, sorrindo do seu rosto preocupado. — Você está indo muito bem.

— Ay, *Doña* Salomé, se o meu pai descobrir... — disse ela.

— Vai ser o nosso segredo — eu prometi a ela. — Agora, você tem que parar de apontar com o dedo e aprender cada palavra com o olho, assim — eu li o trecho para ela, e em seguida ela tentou ler para mim, sem acompanhar com o dedo.

Então, naturalmente, quando Pancho falou em levar uma das meninas Lauranzón, eu pensei em Tivisita. Ela poderia fazer grandes progressos em Puerto Plata, longe do pai.

— Quem vai preparar o meu café? — perguntou Pancho, sem pensar.

— Ramona pode servir o seu café — disse eu, disfarçando um sorriso. Minha irmã e meu marido me olharam espantados.

Ramona tinha dito que faria qualquer coisa para me salvar, mas ela tinha os seus limites.

— Só se ele começar a se levantar numa hora decente.

— Uma hora decente — Pancho repetiu lentamente, como se tivesse que examinar as palavras cuidadosamente antes de oferecer um diagnóstico delas. Sua estranha entonação tinha se tornado um tanto afetada. — Uma hora decente. Um conceito provinciano de tempo, sem dúvida. Isso é bem dominicano.

— *Bueno*, Pancho, onde você pensa que está? — Ramona cruzou os braços. — Em Paris?

NA NOITE ANTERIOR à minha partida, Pancho ficou o tempo todo atrás de mim, parecia o nosso pequeno Coco, que tinha morrido recentemente. Eu estava levando a minha Emulsão Scott? Tinha bastante *azufre* para queimar, ipecacuana para o caso de ficar com febre? Tinha posto uma quantidade suficiente de meias na mala para os meninos, de sapatos, de bonés?

— Pancho — disse eu finalmente. — Você está desordenando o meu caos!

Sabia que era nervoso. Eu mesma estava tendo um dia horrível, já que qualquer emoção me fazia tossir sem parar.

— Quero pedir um favor especial a você — disse Pancho finalmente, sentando-se diante de mim e tomando minhas duas mãos nas suas. Não sei se foi pelo fato de estar partindo, mas não senti a repulsa que sentia habitualmente.

— Vou tomar conta muito bem dos nossos filhos — prometi, pensando, é claro, que esta era a promessa que ele queria obter de mim.

— Sei que você vai fazer isso sem que eu precise pedir — disse ele, contemplando-me com uma estranha ternura. — Mas não é esse o favor que quero pedir.

Ele explicou. Em outubro, o país estaria celebrando os quatrocentos anos da chegada de Colombo às nossas praias. Os Amigos do País estavam planejando uma representação no teatro nacional, com música composta por Reyes e letra de Prud'homme

discursos de todo mundo. Ele mesmo estava planejando usar a apresentação que tinha feito em Paris, referente ao local onde descansavam os ossos de Colombo. Martí provavelmente viria. Um poema de Salomé iria coroar a noite.

Eu não podia acreditar que Pancho estivesse pedindo poesia numa hora dessas.

— Pancho — disse eu, olhando-o diretamente nos olhos. — Você percebe o quanto estou doente?

Ele balançou a cabeça devagar, mas pude ver que ele não conseguia apreender a realidade daquilo que eu estava dizendo.

— Eu penso muito naquele incidente que você relatou numa de suas cartas — prosseguiu Pancho, com a voz embargada de emoção. Era a primeira vez que ele se referia à nossa correspondência. — Quando as suas alunas se desculparam por você estar sacrificando a sua poesia por elas. Eu sinto que também devo desculpas a você, Salomé. Se não fosse por mim e pelos nossos filhos, você teria prosseguido nesse caminho imortal.

— Ay, Pancho — disse eu, sacudindo a cabeça. — Meus filhos são a única imortalidade que eu quero.

Pancho estava me olhando intensamente, como se quisesse atravessar todas as camadas de fingimento até chegar à verdade de meus sentimentos.

— Mas você poderia ter sido um Quintana. Poderia ter sido um Gallego — disse ele.

— Mas o que eu sou é Salomé, que nenhum deles poderia ser.

Ele me beijou carinhosamente na testa, na ponta do nariz, no queixo.

— Eu, particularmente, estou muito feliz por isso.

Mais tarde, eu o ouvi lavando as mãos numa de suas muitas pias.

AQUELES TRÊS MESES LONGE foram um borrão glorioso, ensolarado. Nós — as crianças, Tivisita e eu — ficamos numa casinha alugada para nós pelo meu velho amigo Dubeau, que havia dado aula na Escola Normal e no meu próprio instituto. Quando Lilís começou a perseguir os discípulos de Hostos, Dubeau e a mulher dele, Zenona, mudaram-se para o norte, para a cidade costeira de Puerto Plata, e abriram uma pequena escola. Eles nem deram nome a ela para não atrair a atenção do governo para o seu

trabalho. O positivismo tinha se tomado uma atividade clandestina.

Nós ouvimos rumores de todos os preparativos que estavam ocorrendo na capital para comemorar a chegada de Colombo. Dubeau achava que toda aquela agitação era a estratégia que Lilís tinha adotado para distrair a atenção das eleições que estavam se aproximando e dos muitos oponentes que tinham que ser tirados do caminho antes do dia da votação. Então, quando as réplicas de *Niña*, *Pinta* e *Santa Maria*, enviadas pela Espanha, entraram no nosso porto, elas flutuaram no mar junto com os cadáveres dos inimigos de Lilís. Seus tiros de canhão abafaram o ruído dos pelotões de fuzilamento em Azua, onde partidários de *Don Eugenio* estavam sendo massacrados por todos os lados.

Na nossa pacata cidadezinha tudo isso parecia irrereal. Nós acordávamos cedo, andávamos descalços na areia, catando conchas, cada uma mais perfeita do que a outra. Quando voltávamos para a nossa casinha de madeira, minha saia estava cheia de tesouros. Em pouco tempo, todos os meus vestidos tinham o colo desbotado e a bainha manchada. A brisa do mar levou embora a infecção do meu peito. O marulho das ondas acalmou o meu espírito. Meus pulmões começaram a sarar e o meu coração a colar os pedaços.

Da capital, Pancho enviava cartas carinhosas e frequentes, como se quisesse me compensar pelos longos silêncios e a frieza de suas comunicações da França. Havia feito a mudança para a casa nova, um “palácio”, como ele chamou. Queria saber se as crianças iriam gostar de ter um macaco, já que tinha recebido uma boa oferta de um dos seus pacientes, um tocador de realejo. De jeito nenhum, eu escrevi de volta. Com uma família grande e uma escola, já tinha coisa demais para tomar conta. “Se vamos comprar um macaco, por que não um urso e um cabrito também?”, acrescentei, para aliviar um pouco a minha recusa.

Contemplando o oceano, eu me senti inspirada, e pela primeira vez em dois anos, apanhei minha pena e escrevi não um, mas dois poemas. O primeiro foi no meu velho estilo, o grito do Marinheiro ao avistar terra, “¡Tierra!”. Vendo finalmente realizadas suas esperanças e expectativas. O outro poema, “Fé”, era muito mais calmo, os marinheiros no meio do mar, acossados por tormentas, precisando da fé para continuar sem ter nenhum sinal de terra à frente.

Enviei os dois poemas para Pancho e, é claro, ele escolheu “¡Tierra!” para ler na comemoração. Se eu acreditar no que Pancho

contou daquela noite, então o meu poema foi bem recebido. No fim da cerimônia no Teatro Republicano, Pancho levantou-se e declamou-o, com a mão enfiada no bolso da casaca, sem dúvida, e usando aquele leve sotaque francês que se recusava a perder. O grande apóstolo Martí e o grande general Máximo Gómez, e o incomparável Meriño, e o próximo presidente Marchena (os superlativos de Pancho!), todos tinham ficado visivelmente comovidos. Até Martí tirou o lenço do bolso. Pancho jurou que foi a força da minha poesia, mas eu imaginei que o apóstolo devia estar pensando na sua adorada Cuba, de onde havia sido exilado muitos anos antes.

“*¡Mi musa, mi esposa, mi amor, mi tierra!*”, concluiu Pancho. Do outro lado da ilha, na costa setentrional, nós nos reunimos naquela mesma noite na pequena sala do nosso chalé à beira-mar. Dubeau leu alguns poemas; meus filhos leram suas redações; depois surpreendi a todos lendo o meu novo poema, “Fé”. Uma lamparina iluminava os rostos dos meus filhos e dos meus queridos amigos. A distância, eu podia ouvir as ondas indo e vindo, lido e vindo — todo o aplauso que eu queria. Quando terminei, senti-me radiante: durante a leitura não havia tido nenhum acesso de tosse.

A viagem de repouso tinha funcionado. Eu tinha atravessado a tormenta. Fé!

QUANDO VOLTAMOS PARA A CAPITAL, tudo parecia mudado. A eletricidade tinha chegado, e à noite a cidade ficava iluminada como se fosse dia. O Carrossel Americano foi instalado na praça central e por um mota você podia rodar e rodar por cinco minutos, até mal conseguir ficar em pé de tão tonto. Era, provavelmente, um estado apropriado para se ficar com as eleições se aproximando.

O sobrado grande que tínhamos alugado ficava no Centro da cidade. No dia em que chegamos, olhei pela janela do segundo andar para o mar e depois para o quintal lá embaixo. Uma pequena criatura, com uma coleira e uma corda amarrada a uma goiabeira, estava olhando para mim.

— Pancho! — chamei.

Ele sacudiu os ombros, impotente.

— O tocador de realejo morreu. O macaco não quis ir embora.

— Vou fazer com que ele queira ir — declarei, mas já tinha perdido a batalha. Os meninos, ao ver aquele fantástico bichinho de

estimação, gritaram:

— Um macaco! Um macaco! — e desceram correndo para recebê-lo.

Eu estava feliz demais com minha casa nova para deixar que algo estragasse a minha chegada. A casa era muito imponente, com um telhado de telhas espanholas e ferro batido em cada uma das suas cinco sacadas. Nós usamos o primeiro andar para o instituto e o segundo para moradia. As irmãs Bobadilla teriam ficado orgulhosas da aparência do meu instituto, e quem sabe até do que ocorria lá dentro — meninazinhas aprendendo a ler e escrever.

A escola tinha dobrado de tamanho, o que era uma coisa boa. Com os poucos pacientes que Pancho tinha, nós dependíamos do rendimento do instituto para pagar nossas dívidas. E estas eram muitas. Embora Pancho tivesse recebido uma bolsa do governo, ele tinha tomado emprestado uma soma considerável de Cosme Batlle para ajudar a sustentar os seus estudos parisienses e comprar seu equipamento. E ele havia incorrido também em outras despesas pessoais, que nem vou mencionar aqui.

Mesmo com o instituto progredindo e as matrículas crescendo a cada dia, nós concedíamos tantas bolsas que nunca conseguíamos sair do vermelho. Além disso, o *Ayuntamiento* estava sempre atrasando o pagamento da nossa verba mensal, uma soma consideravelmente reduzida do que nos haviam prometido originalmente. Quando descobrimos que estavam pagando o dobro por aluno para o San Luis Gonzaga e para a Escuela Central, ficou claro o que estava acontecendo. O regime queria nos obrigar a fechar, na surdina, levando-nos à falência.

Mas Salomé tinha voltado de Puerto Plata forte e decidida. Eu me sentia capaz de encarar a tarefa de reconstruir a minha pátria, menina a menina. Todo mundo notou a minha bela cor, o peso que eu havia recuperado. Os olhos de Pancho não se demoravam mais nas belas moças Lauranzón, pelo menos não na minha presença. Nem precisa dizer que com a saúde recuperada ele começou a me importunar.

Havia um detalhe muito simples: não existiam duas alas na casa nova em que pudéssemos manter nossos quartos separados. De fato, ao voltar para a capital, descobri que Pancho tinha feito a nossa mudança para o mesmo quarto. Mesmo assim, eu insisti com os carregadores para eles colocarem as minhas coisas numa Balinha ao lado do quarto dos meninos. Eles me ajudaram a armar minha

estreita cama de armar ao lado da janela que dava para o mar.

— Salomé, você vai ficar mais aquecida no quarto dos fundos junto comigo — observou ele, com vergonha de explicitar suas necessidades. O inverno está chegando, disse-me, e as noites vão ficar mais frias, especialmente agora que nós moramos mais perto do mar.

— O tempo frio é melhor para a minha saúde — respondi.

— Mas você está curada — insistiu Pancho.

— Os meus pulmões estão curados — disse eu.

Eu estava zangada comigo mesma, pois, na verdade, queria perdoar-lhe. Mas por mais que eu promettesse a mim mesma que ia desistir da minha teimosia, a minha raiva se erguia como uma barreira entre nós. Subitamente, eu me lembrava do quanto Pancho havia mentido para mim, das suas inúmeras desculpas para não voltar para casa, das explicações que inventava para pedir mais dinheiro. Ou ficava imaginando *Mlle. Chrittia* com seu cabelo ruivo encaracolado e seus olhos acinzentados — tinha conseguido arrancar esta informação de Fran. Eu me lembrava dos presentes que tinha mandado para ela, com tanto sacrifício, em sinal de gratidão por ela estar cuidando dos “meus garotos”. Realmente! Eu estava furiosa com Pancho, furiosa com *Mlle. Chrittia* e furiosa comigo mesma.

Talvez, se Pancho tivesse insistido, eu tivesse cedido mais cedo. Mas ele estava preocupado, como logo fiquei também, com o banho de sangue que estava ocorrendo bem diante dos nossos olhos.

Lilís tinha anunciado que ia concorrer à presidência. Imediatamente, todos os candidatos desistiram, sabiamente. Isto é, todos menos *Don Eugenio*. Pancho confidenciou-me que ele e Rodolfo tinham insistido com *Don Eugenio* não só para desistir da candidatura como também para tomar o primeiro navio a sair do país. Mas *Don Eugenio* se achava invulnerável. “O que não é um bom sinal num futuro líder”, admitiu Pancho. O que salvou Pancho no fim foi o declínio do seu entusiasmo por *Don Eugenio*. Quando o círculo mais íntimo de Marchena começou a ser investigado, os espiões de Lilís souberam que Pancho não fazia mais parte dele.

Na véspera da eleição, à noite, Pancho e Federico saíram para sentir o clima da cidade. Esperei na minha cama estreita, sem conseguir dormir, até ouvir o barulho de Pancho chegando em casa. Havia dias que eu me sentia febril, o que estava me deixando temerosa do retorno da minha doença. Mas não havia tido nenhuma

recaída daquela tosse terrível. Ainda estava me apoiando na fé — na fé de que fosse apenas uma das minhas velhas crises de asma.

Não sei o que foi que ouvi primeiro — os tiros ou os passos na entrada. Eu me sentei na cama e, jogando um xale nos ombros, corri até a frente da casa. Encontrei Pancho tentando recuperar o fôlego no alto da escada. A cidade estava em polvorosa.

— Quero que você vá com as crianças para a casa da sua mãe amanhã bem cedo — disse ele com firmeza.

— É você quem tem que ir embora, Pancho. Você tem que pegar o primeiro navio, não importa para onde. Haiti, Cuba, Curaçao, Puerto Rico, França. — Eu preferia mandá-lo de volta para a outra mulher do que arriscar um único fio de cabelo da sua cabeça. O amor era mesmo mais forte do que qualquer outra coisa no mundo. Até aquele momento eu não sabia que era capaz de fazer isso.

Quando Pancho me segurou, eu não o repeli. Ele me levou pelo corredor, passando pelo quarto dos meninos, pelo quartinho com a cama estreita onde eu estava dormindo, até o quarto dele e a cama larga, com a colcha do enxoval de casamento que eu alisava todas as manhãs quando fazia a cama dele.

Ele dormiu profundamente nos meus braços aquela noite, mas fiquei acordada, sem conseguir dormir. O quarto estava frio. Podia ouvir o mar batendo contra o *malecón*. Lá embaixo, o macaco chorava querendo entrar. Quase de madrugada, a batalha começou. Tiros abafaram meus acessos de tosse. Fiquei ali deitada, sabendo que as esperanças que tinha para a minha pátria — e para mim mesma — estavam perdidas. Não importa o quanto Pancho negasse, eu tinha todos os sinais de tuberculose, as remissões, as recaídas, as febres, a falta de ar. O único sintoma que não havia tido até então era escarrar sangue.

As horas foram passando e à medida que o quarto foi clareando, pude ver tudo o que ia acontecer: Marchena morto, os Lauranzón forçados a partir para o exílio, Pancho obrigado a fugir, o instituto fechado, meus filhos sem um lar organizado. E não conseguia recuperar o fôlego. Não, eu não conseguia recuperar o fôlego. Não conseguia recuperar o fôlego de jeito nenhum.

SETE

Resposta

Santiago de Cuba, 1909

A QUALQUER MINUTO, Camila espera avistar a carruagem aparecer no alto da última colina, seu pai sentado ao lado da sua tia Mon, com uma sombrinha protegendo-a do sol. Eles partiram do cais com seu pai apontando uma casa aqui e outra ali ao atravessarem a cidade, indicando onde mora o melhor poeta cubano, ou o mais talentoso flautista, ou a *doña* mais bondosa, que prepara os pastéis mais saborosos. Camila revira os olhos só de pensar nos excessos de entusiasmo do pai.

— Camila, querida, eles já chegaram? — Tivisita entra na sala da frente onde Papancho instalou o seu consultório e a sua biblioteca. Camila respira fundo antes de responder com o tom de voz mais neutro possível: — Ainda não. O navio só era esperado às dez horas, afinal de contas. — É esse “afinal de contas” que lhe traz problemas. Se seu pai estivesse aqui, observaria numa voz cheia de ternura por Tivisita. “Isso não é maneira de falar com a sua madrastra, Camila.”

Sua madrastra não diz nada, e Camila não se vira para olhar para ela, na esperança de que ela se toque e saia. Deve haver pelo menos um cômodo nesta casa onde Camila possa escapar da loucura desta nova família. Nos últimos tempos, todos vêm esgotando a sua paciência — desde o bebê, Rodolfo, apesar de ser uma gracinha; até o porco cor-de-rosa, Teddy, e o urso que devia chamar-se Teddy mas que se chama Cristóvão Colombo. É uma vergonha receber os amigos e eles pisarem em cocô de urso ou ouvirem as observações mal-educadas do papagaio Paco, mesmo que ditas em inglês. Depois de três anos de ocupação, todo mundo em Cuba sabe o que quer dizer *Lembrem-se do Maine, para o diabo com a Espanha!* ou *Traseiros para cima!* ou *Enfia isso onde o sol nunca bate!* Essas brincadeiras são especialmente desagradáveis com sua linda amiga Guarina Lora, cuja família é uma das mais antigas e finas de Cuba.

Mon está vindo a Santiago de Cuba apenas para visitá-la, Camila, e a mais ninguém. Mon é sua tia especial, sua madrinha, a única irmã da sua mãe — o mais próximo de uma mãe que alguém pode ser. Camila escreveu a Mon no início do ano, pedindo que ela viesse para a sua festa de quinze anos em abril, mas a tia respondeu dizendo que viajar era muito difícil para “uma velha gorda como eu”. Em vez disso, ela convidou Camila para passar o verão com ela. Isso causou uma grande discussão na família. Papancho não quis deixar que Camila viajasse. Ele disse que o clima lá seria prejudicial a sua asma. Mas Camila sabia que isso era só uma desculpa. Seu pai nunca havia deixado que ela voltasse ao seu país para uma visita, embora a viagem de barco entre as duas ilhas durasse apenas um dia. Dava até a impressão de que São Domingos era o México, onde o seu irmão Pedro estava morando. Ela não vê nem a tia nem a avó desde que Papancho mudou-se com a família para Cuba há cinco anos. Isto é *tão* injusto.

Ela sabe, pelos comentários trocados entre o pai e a madrastra, comentários que são sempre interrompidos quando ela entra na sala, que Ramona não se dá bem com Papancho. Ela não sabe por quê. É um daqueles mistérios do passado que ninguém menciona, com medo de aborrecer a madrastra dela. Pelo menos é assim que Camila explica o fato para si mesma. Senão, por que não contar a ela o real motivo da implicância que tia Ramona tem por Papancho? Ela tem o direito de saber. Afinal de contas, é a vida dela que é afetada pela briga entre eles! É claro que ela não fala sobre isso. Na verdade, só recentemente é que Camila se permitiu ter esses pensamentos sombrios.

— Eu acho que você não devia ficar na janela. Tem muita poeira na rua. — A voz de Tivisita parece preocupada, mas Camila sabe que é fingimento. Se Tivisita gostasse tanto dela assim, teria permitido que ela fosse na carruagem buscar o pai e a tia no cais, Papancho não estava sempre anunciando as propriedades salutares da brisa do mar? Mas não, Tivisita disse que uma ida até a cidade abafada e úmida seria a pior coisa possível para os pulmões de Camila. Desde que eles se mudaram para Vista Alegre, Camila está sempre ouvindo que a brisa daquelas colinas vai curar a sua asma. Deus me livre que haja uma outra tragédia pulmonar na família!

Bem, há uma outra tragédia na família, mesmo que eles não percebam. Ela está tão infeliz que não aguenta mais. Só escreveu sobre isso para o seu irmão Pedro, e só de uma maneira velada,

dizendo que uma amiga dela tem uma amiga que está melancólica e que gostaria de se matar, e seu irmão respondeu dizendo: “Diz a ela para esperar um pouco. A adolescência nunca é fácil.” Mas Pedro também escreveu para o pai pedindo a ele que mandasse Camila para morar com ele na Cidade do México. Ela sabe disto porque seu pai tem o hábito de usar as cartas como marcadores de livros, e Camila, ao ler *La divina commedia* ou *El Cid* ou Victor Hugo, por várias vezes já encontrou cartas de um dos seus irmãos marcando o lugar onde Papancho parou de ler.

Foi assim que ela descobriu que o seu irmão mais velho, Fran, que parece ter abandonado a família, matou um homem. A carta, escrita por Fran para o pai, da prisão, dizia que o rapaz Bordas o havia ameaçado primeiro, e explicava que a vítima tinha levado uma facada e ele tinha sido preso. Folheando o exemplar do pai de *La vida es sueño*, Camila descobriu uma carta de Mon, implorando a Papancho a custódia de Camila. Até o seu irmão Max parece ter herdado este hábito do pai. Recentemente, Camila descobriu que Max gosta da sua melhor amiga, Guarina. Seu irmão deixou um soneto inacabado dentro do livro de poemas de Salomé, talvez frustrado nas suas tentativas de igualar o talento da mãe. Ao lê-lo, Camila sentiu uma pontada de ciúme. Max não tinha o direito de se intrometer na amizade dela com Guarina.

Seus meios-irmãos entraram correndo na sala, gritando:

— Camila! Camila! — Eles são proibidos de entrar no escritório do pai, a menos que um adulto esteja presente, e é claro que assim que veem a irmã mais velha indo para a frente da casa, eles saem correndo atrás dela. Ela já tentou ralar com eles e mandá-los embora, mas se atiram na porta, dizendo para ela não ser tão malvada.

Às vezes ela gostaria de poder enfiar todos eles de volta na barriga da mãe deles, como as bonequinhas russas que cabem uma dentro da outra e que seu pai trouxe de Paris para ela quando era ministro do exterior. Em seguida atiraria aquela boneca mamá o mais longe possível!

Que pessoa horrível ela deve ser para pensar essas coisas. Sua mãe deve estar olhando lá do céu para ela de cara feia. Rapidamente, Camila faz o sinal da cruz. *Em nome do Pai, e do Filho e da minha mãe, Salomé...*

O pior é que seus meios-irmãos a adoram e andam o tempo todo atrás dela. O pequeno Rodolfo, aliás, chama-a de Mamila, e quando

está atacado, ninguém consegue acalmá-lo, nem sua mãe, nem sua tia Pimpa, nem seus irmãos mais velhos, Cotú e Eduardo, nem a velha ama de Camila, Regina, que agora é babá dele. Só Mamila. Ele abre e fecha suas mãozinhas, e a raiva de Camila desaparece diante de uma carência tão óbvia.

— Meninos, meninos! — exclama Tivisita. Tem tanta indulgência na voz dela que os meninos sabem que não precisam obedecer. Nesta casa, quem manda é a irmã mais velha de Tivisita, Pimpa. — Deixem sua irmã em paz. A tia dela, Mon, está vindo visitá-la e eu quero que vocês se comportem.

Eles a ignoram. Todos, exceto Papancho, ignoram aquela mulherzinha mignon e bonita, pelo menos é o que Camila acha. Mas recentemente ela começou a notar o quanto os homens prestam atenção em sua madrastra. Os próprios amigos de Camila costumam dizer que ela tem uma bela madrastra — como se isto fosse um cumprimento para ela! Sempre que Camila vai fazer compras com Tivisita, ela nota como os homens olham para elas na rua. Alta e desajeitada do jeito que é, Camila sabe que não é para ela que eles olham. Até pouco tempo atrás, ela gostava da sua invisibilidade, mas agora que é uma jovem *señorita*, sente uma pontada de tristeza. Especialmente quando seu amigo Primitivo Herrera ou então Papancho parecem esquecer que ela existe assim que Tivisita entra numa sala.

Uma nuvem de poeira ao longe anuncia a chegada da carruagem.

— Eles chegaram! — gritam seus irmãos. Papancho passou várias semanas na República Dominicana, chamado pelo novo governo para ser sondado para um possível posto, e agora está voltando com sua ex-cunhada. Os meninos, ansiosos pelos presentes que ele devia estar trazendo, começam a gritar, excitados, e saem correndo da sala.

É então que Camila se vira e vê a expressão no rosto da sua jovem madrastra: dor e preocupação ainda não escondidas atrás de uma calma e de uma alegria aparentes. Algo não dito espreita nos seus olhos cor de avelã e deixa Camila sem jeito. Ela não sabe o que é e não quer perguntar.

— Camila — começa Tivisita, num tom íntimo. — Eu espero que... — Ela interrompe o que ia dizer. Talvez tenha visto o ar de impaciência no rosto da enteada.

Bem nesse momento, Camila poderia perguntar: “O que foi,

Tivisita?”, e encorajar uma intimidade que ela sabe que a madrasta deseja. Mas não consegue abrir essa porta, nem mesmo uma pequena fresta.

Ela sai da sala rapidamente, com medo de ficar sozinha com esta pessoa que ela não quer amar.

SUA TIA RAMONA é mais feia do que ela se lembrava, gorda e maravilhosamente rabugenta com todo mundo exceto com Camila. Ela olha para os seus novos sobrinhos como se eles fossem parentes do macaco de estimação que corre pela casa. Afugenta o porco com a sombrinha. Quando ficam finalmente a sós no quarto de Camila, ela olha para a sobrinha e pergunta, sem rodeios:

— Como é que você aguenta isto?

Camila tem vontade de dizer: “Eu não aguento, Mon; estou desesperada; leve-me com você quando voltar para casa.” Mas ela adquiriu o hábito de se acomodar, e sua recente revolta tem sido principalmente interna, exceto quando vem à tona na presença da madrasta. A menos que Camila se contenha, ela diz alguma coisa grosseira que faz aparecer aquela expressão no rosto da madrasta.

— Você está cada vez mais parecida com a sua mãe — diz Mon, inclinando a cabeça para um lado e para o outro para ver a sobrinha de diferentes ângulos.

Camila adora ouvir este cumprimento. Ela olha para o retrato de Salomé, um retrato a óleo que seu pai mandou pintar recentemente por um artista de Londres. A pintura costumava ficar pendurada no consultório de Papancho, mas quando ele transferiu o consultório para casa, perguntou a Camila se ela gostaria de ter o quadro pendurado em seu quarto. Camila acha que Tivisita deve ter dito que o quadro da sua antecessora não devia ficar pendurado na sala de visitas.

Sua tia está olhando para o quadro e sacudindo a cabeça.

— Sua mãe não era assim.

Camila ama aquele retrato. Sempre leva Guarina até lá para a amiga ver como sua mãe era linda, tão linda quanto Tivisita, embora mais morena, com olhos negros e brilhantes e um belo nariz aquilino e uma boca rosada. Ela não quer ouvir que sua mãe não era assim. Mas de fato, quando seu pai trouxe o retrato do consultório para casa, Tivisita também observou que a pintura não se parecia com a Salomé que ela conheceu. Dessa vez o pai também

se aborreceu. “É claro que é parecido, Tivisita. Só que quando você conheceu Salomé ela já estava muito doente.”

— Papancho diz que é muito parecido — insiste Camila. — Antes de Mamá ficar doente — Camila completa para suavizar o desafio em sua voz.

Sua tia está estudando o retrato, sacudindo a cabeça.

— Para começar, sua mãe era muito mais escura.

— Tão escura quanto eu? — quer saber Camila. Embora ela tenha a pele clara, perto de Tivisita e dos novos irmãos Camila parece uma das empregadas.

Sua tia hesita.

— Mais escura. Da cor de Pedro, com as mesmas feições que ele.

Camila mal consegue se lembrar da cor do irmão, muito menos de suas feições. Ele saiu de Cuba há três anos, enviando pelo correio sua carta de despedida, que Camila achou recentemente no exemplar do pai de *Ariel* de Rodó, pouco antes de embarcar no navio.

Papancho, quando receber esta carta, eu estarei a caminho da terra dos astecas. Temo que, se ficar, irei sucumbir, como minha mãe, de asfixia moral.

Asfixia moral? Todo mundo sabe que a mãe dela morreu de tuberculose! Como ela deve interpretar o diagnóstico do irmão? Ela tenta visualizar seu rosto bonito e trigueiro, mas a imagem de Pedro ficou tão apagada que Camila provavelmente não o reconheceria se passasse por ele numa rua movimentada de Santiago de Cuba. Será que ele só se viraria para olhar para ela se sua madrastra estivesse junto?

— Dizem que Mamá era bem alta. Muito atraente — continua Camila, com a esperança de que a tia forneça mais detalhes, preenchendo os muitos espaços em branco que ela tem na cabeça.

Mon olha para Camila por um instante, como se estivesse tomando uma decisão, antes de ignorar as perguntas dela.

— Procure conhecer sua mãe através dos poemas dela. Aquela é a verdadeira Salomé. Aquela é a Salomé antes de... — Ela não completa a frase. Camila tem tanta certeza de que pode completar a frase que nem precisa perguntar se a tia está se referindo a Papancho.

— Eu sei de cor todos os poemas de Mamá — diz Camila. Na

realidade, ela gosta de ensaiar os poemas com Guarina, declamando enquanto a amiga vai seguindo no livro.

Sua tia sorri orgulhosamente e empurra a cadeira de balanço na direção de uma das malas que estava desmanchando. Uma terceira e uma quarta malas com livros que a família havia deixado para trás ao emigrar para Cuba foram colocadas na sala da frente. Dois homens esvaziaram a carroça com a bagagem que subiu a colina atrás da carruagem.

— Você veio com uma mudança completa! — comenta Pimpa, iniciando a guerra que em breve iria ser decretada entre as duas cunhadas, ambas sem papas na língua.

— Eu trouxe algumas coisas de sua mãe que acho que devem ficar com você — explica Ramona. Ela tira da mala um pente de prata que diz que o pai de Salomé deu a ela quando fez quinze anos e um vestido de seda preta que estende na cama. Camila alisa a fazenda com a palma da mão, uma silhueta escura do corpo de sua mãe. De uma bolsinha de veludo, Mon tira um medalhão de ouro e um livrinho que parece costurado à mão. Coloca esses artigos no colo do vestido. — Ela usou esse vestido no dia em que recebeu a medalha nacional. Esses são os poemas originais...

— O livro dela?

Sua tia sacode a cabeça.

— Não, seu pai mexeu naqueles. Estes são os que eu copiei dos originais. Um dia espero que você ou Pedro, já que são os que têm uma inclinação para isso, espero que vocês os publiquem.

Camila apanha o livro e abre-o. As páginas são mal cortadas, e cada vez que vira uma página, a costura estica, de tal modo que ela teme que o livro se desmanche em suas mãos. Começa a ler “Sombras” e como sabe o poema de cor, consegue perceber as pequenas diferenças.

— Por que Papancho fez isso?

— Ele achou que sabia o que era melhor — diz Mon, torcendo a boca como que para fechá-la com um nó.

Neste momento, alguém bateu de leve na porta.

— Posso entrar? — pergunta Tivisita. Camila fica tensa.

— É claro que você pode entrar, Tivisita — diz Mon com uma voz cheia de paciência.

A porta se abre, e Tivisita espia para dentro. Os olhos dela caem na cama, onde o vestido e a medalha estão expostos.

— Eu estou me intrometendo — diz ela, com um leve tom de

Interrogação. Deseja tanto ser incluída neste momento de privacidade. Camila está quase cedendo, e olha para Mon para ver se a tia vai concordar em fazer a vontade à outra.

— Eu não vejo Camila há cinco anos — diz Mon firmemente. — Estamos apenas tentando recuperar o tempo perdido. Não é verdade?

Tivisita parece ter levado uma bofetada. Por que ela não pode ser uma madrasta horrorosa para que eu possa odiá-la? Camila pensa. Ao contrário, ela sente uma pontinha de afeição que não quer sentir. Seria como trair sua mãe.

— É claro que vocês querem ficar juntas um pouco — diz Tivisita, fechando a porta.

— Nós vamos sair logo — diz Camila, ouvindo os passos se afastando. Então, para mostrar à tia que ela, Camila, também não gosta de Tivisita, revira os olhos para cima.

NO PRIMEIRO DOMINGO da visita de Mon, Camila pede para convidar seus amigos Guarina e Primitivo para o grande almoço de meio-dia. Sua madrasta, é claro, transforma a reunião numa outra festa de aniversário, uma vez que Mon perdeu as comemorações em abril. Serpentinhas de papel foram penduradas nas colunas da varanda, como tinha sido feito para a festa de quinze anos dela. Na festa, um grupo de músicos amigos de Max tocou e todo mundo dançou num tablado colocado no jardim. Primitivo tinha escrito um poema para ela, “Rimas galantes”, e recitou-o para ela enquanto dançavam um *danzón*. A primeira dança, uma valsa, tinha sido reservada para o seu pai. Até que sua madrasta tinha sido simpática e tinha ido passar a noite com os três meninos e Pimpa em Cuabitas, deixando que Camila fosse a dona da casa pelo menos uma vez.

Quase na hora dos seus amigos chegarem, Camila, usando o vestido preto da mãe e seu pente de prata, junta-se à família na sala da frente.

Assim que ela entra, Papancho fecha a cara. Ele empalidece e põe a mão no coração — a ameaça de um ataque cardíaco faz sempre parte da sua demonstração de desagrado.

— Isso não é apropriado para uma festa de quinze anos.

— Por que não? — Mon entra na sala atrás de Camila, usando uma roupa cinzenta que parece uma tapeçaria. Com aquela barriga,

as roupas de Mon não têm forma.

— Preto não é cor para uma festa de aniversário. E eu não preciso dizer, Mon, que este vestido me traz lembranças dolorosas.

— Que tal o seu lindo vestido cor de alfazema? — diz Tivisita, querendo ajudar. Ela se adianta para conduzir Camila para fora da sala, quase como se o tom da conversa entre Pancho e Mon não fosse apropriado para uma mocinha ouvir. Os meninos ainda estão se vestindo e o sempre pontual Primitivo ainda não chegou. Quanto a Guarina, ela vai ser apanhada por Max, o que significa que não vai chegar na hora, uma vez que Max sempre chega atrasado para tudo o que é planejado por outra pessoa. — O seu vestido cor de alfazema vai combinar muito bem com esse medalhão de ouro.

— Eu odeio aquele vestido — exclama Camila, sabendo muito bem que o comentário vai entristecer a madrastra. O vestido, todo enfeitado de laços e pregas, foi presente de Tivisita para a sua festa de quinze anos. Camila nunca gostou do vestido, mas Papancho insistiu que ela o usasse para não ferir os sentimentos da madrastra. “Ela andou a cidade inteira atrás desse vestido”, o pai tinha explicado a Camila.

— Mas ele fica tão bem em você — diz baixinho Tivisita. Ela está de novo com aquele olhar: parece que quer dizer alguma coisa para a enteada mas não consegue.

Juntas, elas saem da sala, enquanto as vozes ficam mais alteradas lá dentro, especialmente quando Pimpa entra na discussão do que é e não é apropriado para uma jovem de quinze anos usar na sua festa de aniversário.

De volta no quarto de Camila, Tivisita abre o guarda-roupa de mogno.

— O que você gostaria de vestir, Camila? Quer dizer, além desse vestido.

— O belo vestido cor de alfazema — diz Camila com mais ironia na voz do que pretendia.

— Por que você diz isso? — pergunta Tivisita, com um ar de tristeza.

— Porque se eu não usá-lo, vou criar um caso com Papancho.

Tivisita balança a cabeça, pensativa, como se estivesse finalmente compreendendo o problema de Camila.

— Eu compreendo — diz ela, o que deixa Camila surpresa, uma vez que sua madrastra sempre pareceu ser uma mulher superficial, alguém cujos pensamentos podiam ser retirados com uma

escumadeira da superfície do que ela estivesse dizendo.

Elas chegam a um acordo quanto ao vestido — nem o de seda preta da mãe dela nem o rebuscado vestido cor de alfazema, mas sim um vestido de renda creme que foi entregue há pouco tempo pela costureira.

— Tem certeza, Camila? — hesita Tivisita. O vestido foi encomendado especialmente para a formatura dela em setembro. — É um tanto chique demais para um almoço, você não acha?

É claro que a madrastra tem razão. Mas Camila se recusa a alterar sua escolha e concordar com a mulher.

— É isso que eu quero vestir — diz ela, mordendo o lábio para não chorar da própria rabugice.

Tivisita olha para o retrato pendurado sobre a cama de Camila, com uma expressão de incerteza no rosto. Ela é uma mulher pequena e delicada, de modo que Camila sempre acha que tem que ser mais gentil com ela porque é muito mais alta que ela — como se ela fosse uma criança. Quando Tivisita finalmente concorda, Camila pode ver os grampos prendendo o penteado dela.

— Então eu vou buscá-lo.

O vestido está guardado no guarda-roupa de Tivisita, coberto por um lençol para não sujar. Camila escolheu o tecido e a renda em parte para implicar com a madrastra, que achava que um vestido daqueles ia ser extravagante demais para uma formatura no meio da tarde.

Quando ela torna a entrar na sala, encontra o pai tirando os livros da mala, enquanto Mon, trepada numa pequena escada, guarda-os na estante. Como será que eles fizeram as pazes? Ela pensa. A tia, apesar de reclamar, nunca repudiou Papancho e sua nova família.

— Você não pode escolher os parentes — diz ela sempre a Camila.

— Agora sim, está muito melhor — diz Papancho, sorrindo para Tivisita.

Olhe para mim! Camila tem vontade de gritar. Quase como se tivesse ouvido os pensamentos dela, o pai se vira para ela.

— Que belo vestido, Camila. Você parece uma noiva!

— Eu adoro o seu vestido — diz Guarina ao chegar, poucos instantes depois.

Seu irmão Max vem atrás da amiga de Camila.

— Eu só me cerco de mulheres bonitas — diz ele, galanteador.

Guarina disfarça o sorriso com a mão enluvada. Aos vinte e quatro anos, Max é nove anos mais velho que Camila e Guarina. Por que ele não arranja uma namorada da mesma idade que ele? Camila pensa, enquanto dá o braço a Guarina com ar de proprietária.

Quando Primitivo toma o lugar dele na mesa, ao lado dela, ele se inclina para ela e cochicha:

— Você está encantadora, Camila, igualzinha a sua mãe.

Camila fica vermelha de prazer. Mas logo em seguida se dá conta de que Primitivo nunca viu uma imagem de Salomé. O único retrato dela está pendurado no seu quarto, onde o rapaz não tem permissão para entrar. Ele deve estar comparando-a à madrastra!

Ele pode enfiar o cumprimento dele no lugar em que o sol nunca brilha, obrigada!

SEU PAI BATE NO COPO com a colher, chamando a atenção da mesa. Ele está tão bonito e elegante com seu cabelo e seu bigode grisalhos ali na cabeceira da mesa. Guarina já confessou a Camila que o seu pai tem um ar “muito presidencial”.

No silêncio que se faz antes de Papancho entoar graças, o papagaio grita: “Hora do rango, amigos!”

As crianças riem, mas Camila fica vermelha de vergonha.

— *¿Qué dice ese bendito animal?* — pergunta Mon, dirigindo a Nua pergunta a Camila, como se confiasse apenas na sobrinha para contar-lhe a verdade sobre o que aquele horrível animal estava dizendo.

— Ele está mandando comer a comida! — diz Cotú, o mais velho dos meios-irmãos, para a velha tia. Ele já está com a boca cheia de banana amassada, o que demonstra para a mesa como se quisesse mostrar o que é comer.

— Cotubanamá, *por Dios!* — diz Tivisita, sacudindo a cabeça com um orgulho inconfundível. O menino H, esperando o momento propício. — Desculpe, Mon, você sabe como são as crianças.

— *Algumas* crianças — diz Mon.

— Minha teoria é que o papagaio foi mascote de piratas — observa Max, sem dúvida, querendo mudar de assunto. — Foi assim que ele aprendeu todas essas expressões mal-educadas em inglês.

— Lembrrrem-se-do-Maine! — berra Cotú. — Pro-inferno-coma-Espanha! — Eduardo e Rodolfo juntam-se a ele.

— Quietos — diz Camila depressa, antes que Paco se anime e

desfie todo o seu repertório de americanismos. Os meninos olham para ela, Rodolfo com o mais sedutor dos sorrisos. Ele se parece tanto com Tivisita! Ela pensa de repente.

Hoje eles estão vestidos de marinheiro, de azul-marinho e branco, sendo que Rodolfo ainda está de boné. A pobre criança está enciumada há dias, desde que Mon chegou e sua companheira favorita, a irmã mais velha, Mamila, está trancada no quarto, falando, falando, falando, recusando-se a abrir a porta para ele, apesar dos seus gritos.

— Eu gostaria de fazer um brinde — Max se levanta. Seu irmão ficou tão forte e másculo nos últimos meses. Passou o ano anterior no México com Pedro, mas depois de ter tido uma infecção pulmonar, que Papancho ficou com medo de ser tuberculose, Max voltou para casa para se recuperar. Ele está morando no campo, em Cuabitas, onde ar fresco, exercícios diários e cinco doses de rum por dia o deixaram com a saúde quase perfeita. O amor está fazendo o resto.

“Esta é uma ocasião esplêndida”, inicia Max, tirando do bolso uma folha de papel. “Desde a Grécia que não se viam reunidas tantas Graças.” Camila detesta quando Max abusa dos elogios. É *tão* embaraçoso. Ela olha para a amiga para dividirem uma careta, mas Guarina está sorrindo. “Portanto, em homenagem à minha querida tia, à minha irmã e sua bela amiga” — um gesto na direção de Guarina, “eu compus um poema para a ocasião...”

— Podemos comer primeiro? — pede Eduardo, embora conheça as regras. A poesia é sagrada nesta casa. Toda vez que alguém se levanta para recitar, todos os garfos e colheres devem descansar.

Hoje, Papancho intercede em favor deles.

— Acho melhor deixarmos o poema para depois, filho, para a comida não esfriar.

Camila percebe que Max ficou aborrecido por terem adiado o seu poema, mas não quer demonstrar seu mau humor na frente de Guarina. Então ele se senta e começa a recitá-lo baixinho só para ela, sem perceber que está sentado do lado do ouvido ruim dela. Mas Camila prometeu não contar a ninguém sobre a crescente surdez da amiga. Elas trocaram segredos: a surdez de Guarina pelo primeiro beijo que Primitivo deu em Camila; a crescente má vontade de Camila com a madrastra pelas frustrações de Guarina com um pai severo demais, o general; seus afetos e desafetos entre os jovens de suas relações. Mas existe um segredo que Camila não

pode confessar nem mesmo para a sua melhor amiga: as sensações estranhas que ela experimenta quando elas se sentam na cama, encostadas em travesseiros, lendo os poemas da mãe dela.

Passando os olhos em volta da mesa, Camila suspira de alívio. Todo mundo parece estar finalmente acomodado: Primitivo e Max estão conversando animadamente com Mon sobre um poema de Salomé. Na outra cabeceira da mesa, Papancho está conversando com Guarina, tentando extrair algumas palavras da tímida moça. Os meninos estão apostando quem enche mais a boca de comida, com Pimpa ou Regina, a babá, ralhando ora com um ora com outro. Só Tivisita, na outra extremidade da mesa, parece distraída, tomando o seu *sancocho* com um ar cansado. Camila tem uma súbita e chocante premonição: *Tivisita vai morrer em breve*. Mas talvez isto não seja uma premonição e, sim, outro daqueles desejos secretos que ela não pode revelar, nem mesmo para Guarina.

Ela se sente péssima quando tem esses maus pensamentos. E no entanto, diz a si mesma, Tivisita deve sentir o mesmo com relação a ela. Sem dúvida a madrastra gostaria que ela tivesse morrido junto com a mãe naquele quarto escuro. Lembra como ficou zangada quando Tivisita chamou a primeira filha de Salomé, como se quisesse substituir tanto Camila quanto sua mãe. “Esse é o nome da minha mãe, e ela o deu para *mim*”, tinha dito à madrastra. “Salomé Camila.” Mais tarde, quando o bebê morreu, Camila sentiu-se culpada, como se sua raiva é que tivesse provocado a morte dele.

Mas algo vem acontecendo com ela desde que escreveu aquela carta para o seu irmão Pedro há algumas semanas. Não sente mais vontade de estar morta. Tem, finalmente, uma amiga encantadora e um rapaz que diz que ela é linda, mesmo que pareça mais interessado nos poemas da sua mãe e na aparência da sua madrastra do que nela. Mas isto é muito melhor do que a solidão terrível dos últimos anos. Quem sabe? Talvez em breve ela surpreenda a si mesma e saia da concha como a Vênus nua do livro de arte que Pancho trouxe de Paris e que Camila adora folhear.

Tivisita ergue os olhos e, ao ver o olhar sonhador de Camila, sorri para ela. Camila desvia rapidamente os olhos, antes que aquela outra expressão tome conta do rosto da madrastra.

TIVISITA ENTRA NA SALA cantando “*Feliz cumpleaños*”. As velas do bolo estão acesas. Atrás dela, os dois meninos mais velhos tentam

acompanhar a melodia nos seus violinos. Camila morde o lábio para não rir da desafinação deles.

Ela olha para os amigos e sorri, como que pedindo desculpas. Felizmente, Guarina sorri de volta, como quem diz: Não se preocupe. Na minha casa é a mesma coisa.

Por que Tivisita a obriga a passar por isso? Ela sabe o quanto Camila odeia ser o centro das atenções. O bolo é de chocolate, o seu favorito, e Tivisita teve o trabalho de fazer uma bonequinha de marzipã para pôr no meio. No mês de julho, o calor na cozinha é insuportável. Qualquer pessoa que faça marzipã com este calor merece uma medalha.

Camila toca no medalhão que traz pendurado no pescoço e murmura um rápido pedido de desculpas. *Em seu nome, Salomé*. Que coisa horrível comparar as realizações de sua mãe ao marzipã da madrastra.

— O que é que você está pedindo? — quer saber Cotú.

— Não posso dizer — diz a ele Camila, embora, na verdade, não tenha feito nenhum pedido, de tão preocupada que ficou com sua ofensa imaginária à memória da mãe.

— Pode sim! Conte-nos o que você pediu! — insiste Cotú. O mais velho da nova família de Papancho tem uma aparência surpreendente, indígena, que ninguém sabe de quem ele herdou. A teoria de Max é que o nome Taino que Papancho usou um dia como seu pseudônimo e depois deu para o seu filho, Cotubanamá, funcionou como a palavra do Criador no Gênesis e fez com que o garoto se parecesse com o nome nativo.

— Desejo! Desejo! — repete Rodolfo batendo animadamente no prato. Sua tia Pimpa arranca a colher da mão dele. É claro que o bebê desata a chorar.

— Vem sentar aqui perto de mim — diz Camila finalmente quando ninguém consegue acalmar o garoto. Do outro lado da mesa, Ramona está sacudindo a cabeça para esta nova esposa que não consegue controlar os filhos.

A cadeirinha alta é levada para perto de Camila. Para mantê-lo feliz, Camila se vira para ele de vez em quando e diz que eles irão catar conchinhas na praia com Mon, que irão visitar Cuabitas e caçar borboletas e fazer cócegas nos dedos dos pés de Max, e que se ele for um bom menino vai ganhar mais um pedaço de bolo e ficar com a bonequinha de marzipã.

Acontece tão depressa que Camila leva alguns instantes para

entender por que está todo mundo olhando para ela de boca aberta. Rodolfo levanta a colher para dar um pedaço de bolo a Camila, vira-se para ela e, errando o alvo, bate com a colher no queixo de Camila e o bolo de chocolate suja toda a frente do seu vestido novo.

ESSA NOITE, depois que todos vão dormir, Camila inicia o seu passeio costumeiro pela casa e pelo jardim, indo parar, como sempre, no escritório do pai, onde fica lendo até altas horas. *La dormilona*, dorminhoca, é como ela é conhecida na família. Todo mundo pensa que o fato de ela acordar tarde tem a ver com sua asma e não com insônia.

Esta noite, o escritório do pai está uma bagunça, com livros desencaixotados e ainda não arrumados na estante. Há livros didáticos de quando seus pais tinham aquela escola progressista na capital, inspirada por seu amigo Hostos; os compêndios médicos do pai, todos em francês; livros autografados, que parecem ter sido dados a seus pais por diversas pessoas famosas.

Desde que a biblioteca de seu pai está agora completamente em Cuba, é claro que eles não irão para casa cedo. A longa discussão de Papancho para trazer a família de volta tem sempre esbarrado em como ele ganharia a vida lá. Seria difícil restabelecer uma prática medicinal neste tarde estágio de sua vida, e os postos de governo ele mantém obtendo ofertas pagas mais com prestígios que com pesos.

— Eu só quero ficar aqui e cuidar dos meus pacientes — afirma Papancho. Mas toda vez que ele é chamado à sua ilha natal para ajudar a resolver algum problema ou assumir algum posto honorário, breve, ele vai, e deixa a família para trás. De vez em quando, ouvem-se rumores de que *Don Pancho* está sendo considerado um candidato de consenso à presidência. — Qualquer coisa para servir ao meu país — diz seu pai, inclinando a cabeça ao dever, se não fosse adorar governar um país inteiro e não apenas o pequeno círculo da sua família.

Ao tornar a ver Mon, Camila compreende o quanto se sentiria sozinha se voltasse para morar com a tia rabugenta, a velha avó Minina e o fantasma da sua mãe em toda a parte. Mas se ao menos seu pai deixasse que ela fosse visitar Pedro ou pelo menos viajar até Havana, onde o seu irmão Fran mora com a nova mulher, María, para conhecer um pouco mais do mundo! Talvez ela conseguisse ter

alguma pista do que fazer com sua vida, além de se esforçar o tempo todo para não desapontar os outros.

Mas seu pai não gosta da ideia dos filhos saindo de perto dele. Ele diz que vai ser a morte para ele, pondo a mão no coração toda vez que o assunto é mencionado. Como exemplo, ele cita o caso do seu próprio pai. Papancho acha que foi a partida dele de São Domingos que causou a morte de *Don* Noël, assine como foi a temporada que Max passou no México que causou sua tuberculose, e a ida de Pancho para Paris, para estudar, que fez com que Fran perdesse a cabeça treze anos depois e matasse um homem. Não é de espantar que ele não queira que Camila saia de perto dele. O que seria dela longe dele?

Eu seria eu mesma, pensa ela, excitada com a ideia do que isto poderia significar.

Sentada na cadeira do pai, Camila abre o primeiro livro da pilha à sua frente. Os poemas de Lamartine, um presente para Herminia, seja ela quem for, de alguém chamado Miguel Román. Ela vira várias páginas, procurando alguma pista de como o seu pai conseguiu aquele livro. Enfiadas no meio do livro, ela encontra diversas cartas de Paris, França, que seu pai deve ter escrito para sua mãe durante aqueles anos em que estudou medicina no estrangeiro, e uma do seu pai para o seu tio Federico, que parece ter sido amassada e depois alisada e dobrada de novo.

Esta é a primeira carta que ela lê com o coração disparado, o peito ofegante. Depois, passa para outra, e mais outra. Quando termina com Lamartine, pega Marco Polo.

De livro em livro, ela vai conhecendo toda a história.

— POR QUE você não me contou a verdade? — Camila nunca linha falado com a tia daquela maneira. Sua voz está tremendo. Segundo *Doña* Gertrudis, sua professora de canto no conservatório, a voz de Camila não é forte o bastante para cantar ópera, um sonho que ela tem desde que ouviu Lucrezia Bori cantando *La traviata* em Havana.

Parece que sempre que sente uma emoção muito forte ela não consegue encher os pulmões de ar e sua voz desaparece. Limpa a garganta e respira fundo, como *Doña* Gertrudis ensinou-a a fazer antes de iniciar uma ária. O que ela não pode é olhar para o retrato da mãe. Isto acabaria com ela.

— Fica calma, Camila. Não há motivo para ficar tão aborrecida.

— Como é que você pode dizer isso? Eu sei de tudo! — E então ela começa a enumerar detalhadamente os segredos que descobriu ao ler as cartas dos pais na noite anterior.

“Ele tem até outra filha. O nome dela é Mercedes. Mercedes Chrittia. Ela usa o sobrenome da mãe.”

Mon está sacudindo a cabeça como se quisesse evitar pensar nisso.

— Você vai para casa comigo — diz ela, tirando o lenço do seu enorme peito e assoando o nariz. Camila sente o conhecido aperto no peito. Mas não gosta de chorar na frente dos outros, isto desde que era bem pequena e sentia tanta falta da mãe que achava que ia morrer também.

— E houve outras. Alguém chamada Trini. E uma Herminia.

— Herminia era a sua mãe, Camila, um pseudônimo que ela usou por algum tempo.

— Eu só quero saber uma coisa — continua Camila, ignorando a explicação da tia. Ela vê Mon olhar preocupada para o retrato pendurado sobre a cama. — Quero saber sobre Papancho e Tivisita. Quer dizer, Papancho tornou a se casar no mesmo ano. Até Roosevelt teve a decência de esperar dois anos antes de se casar com sua segunda esposa, e ele é americano. — Ela não sabe bem o que quer dizer com isto, exceto que detesta o palavreiro do papagaio e, portanto, supõe que quem o treinou, os americanos, também devem cometer impropriedades.

— Eu não sei nada sobre isso — diz Mon, cruzando os braços, como se estivesse preparada para bloquear o acesso de Camila ao passado. — Tudo o que eu sei é que Tivisita veio morar aqui logo depois que Salomé ficou doente. Depois, é claro, quando você nasceu e sua mãe quase morreu...

Este é um assunto que todos evitam sempre. Como se não quisessem que Camila associasse a morte de sua mãe com o seu nascimento.

— Você foi um consolo tão grande para a sua mãe — acrescenta Ramona rapidamente. — Foi por isso que, apesar dos prognósticos dos médicos, ela melhorou. Viveu mais três anos. E viveu esses anos por você, Camila. Eu acredito firmemente nisso.

— Mas por que Tivisita ficou? — insiste Camila. Ela ainda acha que a tia está ocultando alguma coisa dela.

— Sua mãe quis que ela ficasse. Você era muito agarrada com ela. Você era com ela como o seu irmãozinho é com você.

Camila é tão resistente a esta ideia que não pode acreditar que alguém possa pensar que isto de fato aconteceu.

— Tivisita foi sempre muito boa para você. — Sua tia suspira como se tivesse vencido sua própria resistência em dizer algo de bom sobre a nova mulher de Papancho. — Foi um parto difícil, como você pode imaginar. Sua mãe, seu pai, até mesmo eu, nós todos achamos que você estava morta. Tivisita salvou a sua vida...

— Isso não é verdade! — diz Camila, embora não tenha nenhuma lembrança que possa provar isto. Por mais que detestasse chora na frente dos outros, seus olhos estão úmidos e ardendo. Ela olha para o retrato da mãe, como que em busca de proteção, como uma criança que está sendo maltratada. Através de suas lágrimas, o belo rosto da mãe, meio borrado, parece com o de Tivisita.

A batida da porta faz as duas pularem. Elas se entreolham por um momento, e Camila enxuga rapidamente os olhos. Desta vez Tivisita não espera para ser convidada a entrar. Ela entra no quarto, segurando o vestido como se ele fosse um troféu, lavado e passado, pendurado no cabide, com a frente imaculada.

OCHO

Luz

1893-1894

EU NÃO VINHA ME SENTINDO bem havia semanas. Meu estômago estava embrulhado. Meus ossos estavam doendo. Meus pulmões precisavam de ar. Pancho e eu interrompemos nossas relações, ambos assustados com esta volta da doença. Quando minha menstruação falhou uma vez, não me preocupei. Por causa da perda de peso, muitas vezes eu passava meses sem enxergar sangue no pano que usava por precaução.

Nesse dia, tinha acabado de mandar a minha última aluna para casa e estava subindo as escadas quando fui tomada por uma crise de tosse. Sentei-me nos degraus, fraca demais para continuar, e levei o lenço à boca. Quando vi a mancha escura nele, meu primeiro pensamento, alucinado, foi: Recuperei a minha menstruação.

Fiquei ali sentada, tentando recuperar o fôlego, compreendendo aos poucos o que estava acontecendo:

Eu estava grávida.

Eu estava morrendo de tuberculose.

UMA COISA EU SABIA. Ninguém mais podia saber, senão iam querer que interrompesse a gravidez para me salvar. Só quando já estivesse grávida de muitos meses é que contaria a eles sobre minha filha.

Eu digo “minha filha” porque soube disto desde o início. Talvez fosse a estranha clarividência que me havia atacado na noite das eleições, a clarividência — entendo agora — dos moribundos. À medida que os meses se passavam, foram aparecendo outros sinais. Eu carregava este bebê bem no alto, e os antigos, como Mamá, dizem que querer ficar bem perto do coração da mãe é próprio de uma menina.

É claro que, quanto mais ela crescia, mais difícil se tornava para mim respirar. Muitas noites acordava no meio de um acesso de tosse e ficava com medo de expeli-la junto com o escarro sanguinolento que também estava ficando cada vez mais difícil de ocultar dos outros.

Especialmente de Tivisita, que tinha ficado para me ajudar quando a família foi obrigada a emigrar para o Haiti. Ela tomava conta da casa enquanto eu reservava as poucas forças que me restavam para dirigir a minha escola. Talvez para recompensá-lo por ter-se distanciado do partido de Marchena, Lilís havia concedido a Pancho uma licença para continuar a praticar medicina, apesar das reclamações. E com este duvidoso benefício, Pancho ia vivendo.

Toda manhã procurava me lembrar de esvaziar o urinol antes de descer, apressada. Mas uma manhã devo ter esquecido. Antes mesmo de as aulas terem terminado, Pancho estava na porta, com um ar grave.

Eu disse a mim mesma para respirar lentamente para não ter um acesso de tosse. Com tantas execuções e banimentos, além da minha saúde precária, eu vivia apavorada naquele período.

— O que foi que aconteceu? — perguntei baixinho, assustada.

Ele fez sinal para eu subir até o seu escritório. Eu o segui até o pé da escada e olhei para cima. Sabia que não ia conseguir subir sem tossir.

— Pancho — chamei.

Ele já estava no alto da escada quando se virou e percebeu que eu não podia acompanhá-lo. Lá em cima, com a luz das janelas do segundo andar entrando por trás dele, ele parecia um arcanjo que descera à terra para dar uma mensagem que eu já conhecia.

— Você está com o bacilo da tuberculose — anunciou ele tristemente. — Tivisita mostrou-me o escarro e nós o examinamos no microscópio. — A ideia de eles dois examinando a sujeira do urinol me fez começar a rir.

Pancho olhou-me perplexo antes de prosseguir.

— Temos que fechar o instituto, Salomé...

Este era um perigo que eu não havia previsto: o encerramento da minha gravidez, sim, mas não da escola que eu havia lutado durante doze anos para consolidar. E agora que ela estava indo bem, eu não queria fechá-la.

— Não há necessidade disto — disse eu. — Ramona pode

assumir de novo até eu voltar.

— Ela vai continuar sendo uma preocupação. — Pancho sacudia a cabeça. — E nós temos que fazer tudo o que for possível para salvar você.

Não só eu, pensei. Sem menstruar há quatro meses, sabia que ela não estava a salvo.

— Pancho — disse eu, quando ele começou a descer a escada na minha direção. — Tenho outro segredo para contar a você.

ALFONSECA FICOU FURIOSO quando contei para ele.

— *Pero Doña Salomé*, isto é uma loucura! É o mesmo que tomar um copo de cicuta. Temos que interromper isto imediatamente — ele se dirigiu a Pancho, como se os dois fossem operários e estivessem decidindo o destino de um coqueiro que impedia o progresso do seu trabalho.

Pancho estava com as mãos no bolso, a cabeça baixa.

— A gravidez está muito adiantada, José, muito adiantada. Temos que ir até o fim.

— *Una locura* — repetiu Alfonseca.

— Vamos nos concentrar no que faremos para salvar esta criança — sugeri. Sentia como se estivesse na minha sala de aula, tentando incentivar as alunas a não desistir de um difícil problema matemático.

— Nós deveríamos estar pensando no que podemos fazer para salvar a mãe — discordou Alfonseca. — A senhora tem mais três filhos que precisam da senhora, *Doña Salomé*.

Foi então que notei que o meu Pedro estava na porta. Nós queríamos esconder das crianças a natureza da minha doença. Até porque, se elas mencionassem que Mamá estava tuberculosa, era o mesmo que colocar um cartaz na porta anunciando: aqui existem leprosos. A tuberculose era o terror de todo mundo. Centenas de milhares de pessoas estavam morrendo desta doença. Até mesmo a esposa do presidente Harrison, em sua grande mansão branca, tinha morrido disto. Mas não se sabia ao certo se a doença era contagiosa. Não importa. Se *Doña Salomé* fosse considerada tuberculosa, a clientela de Pancho iria desaparecer. E não haveria necessidade de fechar o instituto. O êxodo se encarregaria disto.

Mas também não queria que nada preocupasse os meus meninos. Eles já tinham passado por muita coisa em suas jovens vidas: um

pai ausente, uma mãe doente, tantas revoluções que eles sempre perguntavam antes de sair para visitar a avó e a tia: “Se a guerra começar, nós ficaremos na casa de Mon ou tentaremos voltar para casa?”

— Pibín! — disse eu para alertar os outros. — Venha até aqui. Mamá tem uma boa notícia. Vocês vão ganhar uma irmãzinha.

— Ou um irmãozinho — corrigiu-me Pancho.

Como eu disse, já sabia que estava carregando uma menina.

— Como iremos chamá-la, Pibín? — eu perguntei alegremente, a fim de distraí-lo.

Ele não hesitou nem por um momento.

— Salomé.

— Vamos ver — disse eu para não desapontá-lo. Mas não queria que a minha filha tivesse o meu nome. Queria que ela tivesse o seu próprio nome para ser construído longe da vida que estava se fechando para mim.

TIVISITA PASSOU VÁRIOS DIAS sem me encarar depois de ter revelado o meu segredo a Pancho. Eu me perguntei por que ela não tinha falado diretamente comigo, mas suponho que teve medo de interpelar a sua amada professora. Ela era dedicada a mim, pois eu lhe havia dado um par de asas na forma do alfabeto. Às vezes, quando ela se sentava na minha cama e repassava comigo as suas lições, eu tinha uma visão da minha própria filha, na idade dela, sentada ao meu lado, contando-me todos os seus pequenos segredos. Esta não era uma fantasia tão impossível assim. Com dezesseis anos, Tivisita era apenas cinco anos mais velha do que o meu Fran.

Em muitas ocasiões, nós conversávamos como mãe e filha sobre um ou outro assunto. Um dia nós entramos numa discussão sobre o nosso país. Dentro de poucos meses, nós estaríamos comemorando os cinquenta anos da nossa independência.

— Talvez não estejamos mesmo preparados para ser uma pátria — eu admiti. Obrigada a passar tantas horas deitada na cama, com tempo demais para pensar, eu tinha sido obrigada a entender que a pátria que desejávamos ainda não tinha sido criada. Durante cinquenta anos tínhamos lutado para fazê-la nascer, mas só tínhamos tido um aborto atrás do outro.

— Não diga isso, mestra — disse Tivisita, tentando animar-me. Isto me fazia lembrar do modo como eu costumava chamar o meu

querido amigo Hostos, mestre. Ele tinha escrito para mim do Chile: estava criando escolas sob os auspícios de um governo novo e progressista; a família estava instalada; mas sentia saudades dos velhos amigos.

— Pense só nisto, Tivisita, nestes cinquenta anos, nós tivemos mais de trinta governos diferentes. Nossos sonhos foram destruídos inúmeras vezes.

Os olhos de Tivisita encheram-se de tristeza pela nossa trágica história. Ela endireitou os belos ombros e anunciou que, daquele dia em diante, iria dedicar-se a lutar pela pátria.

Fiz força para não rir — isto iria causar um ataque de tosse. Eu não queria desencorajar os seus nobres sentimentos. Mas a garota se parecia tanto com a velha boneca de porcelana de Mon, que veio lá de St. Thomas, ali sentada com sua blusa de gola alta e mangas bufantes, que era difícil levá-la a sério como revolucionária.

— O que podemos fazer? — perguntou Tivisita, como se de repente tivesse compreendido que não sabia para que tipo de pátria devia lutar.

Nós?, pensei. Não, o meu tempo estava acabando. Tudo o que me restava para dar eram os filhos que eu estava enviando para o futuro.

— Você vai ter que recomeçar — disse eu a Tivisita. — Em nome de Martí e Hostos e Bolívar e todos aqueles que deram tudo pela pátria.

— A senhora está com medo, mestra? — perguntou Tivisita. Ela tinha visto a minha mão alisando a minha barriga, pois eu estava falando para Tivisita e também para a minha filha. — Quer dizer, muitas mulheres têm medo de dar à luz — acrescentou ela, como que querendo tranquilizar-me de que mesmo mulheres saudáveis tinham medo de parir.

— Não, eu não tenho medo de parir — disse eu. Eu não acrescentei que tinha, sim, medo de morrer, de não viver para ver meus filhos crescidos e felizes.

PANCHO DECIDIU que tínhamos que fechar o instituto antes do fim do mês. No dia que escolhemos para dar a notícia às alunas, ele insistiu em ficar perto com uma garrafa de Spiritus Vitae e um vidrinho de sais para o caso de alguma menina desmaiar. Achei que ele estava sendo exagerado — Pancho e seus entusiasmos! —, mas

desta vez ele tinha razão. A menina Pou ficou histérica e várias outras tiveram que ser abanadas porque, conforme insistiam em dizer, a melhor parte da vida delas estava acabada.

— *Señoritas*, não lhes ensinei uma lição diferente? — ralhei, disfarçando as lágrimas.

— A *Señorita* Ramona não pode dirigir a escola? — Algumas meninas olharam esperançosas para Ramona.

— Precisam da minha irmã em casa — expliquei. Era verdade. Tia Ana não saía mais da cama e o coração de Mamá estava sempre falhando, embora ela afirmasse que o seu problema cardíaco não tinha nada a ver com doença e sim com sua preocupação a respeito da minha saúde. — Tem também a questão do financiamento. O *Ayuntamiento* não está nos pagando o que deveria por cada aluna. Nós vamos ter que sair desta casa no dia primeiro do próximo ano. — Eu estava enumerando os diversos motivos para não lhes contar o motivo verdadeiro: eu precisava poupar todas as minhas forças para dar à luz a minha filha. E sem a minha proteção, a escola iria afundar. O arcebispo Meriño havia publicado recentemente uma outra pastoral, exigindo o fim das escolas sem Deus, especialmente aquelas que educavam meninas.

Duas das minhas primeiras formandas, que agora eram professoras, se adiantaram:

— Eva e eu vamos solicitar mais verbas ao *Ayuntamiento* — anunciou Luisa. — Vamos tratar de reabrir a escola dentro de poucos meses. Nós não vamos desistir do nosso instituto. Viva a nossa mestra!

As meninas se levantaram.

— ¡Viva Salomé!

Olhei para os seus rostos jovens e vibrantes e senti uma onda de esperança. Estas também eram minhas filhas, que eu estava mandando para o futuro para recomeçar.

DEPOIS DE FECHAR A ESCOLA, Pancho e eu tomamos uma decisão ainda mais difícil: deixar o país.

Nossos problemas políticos tinham começado de novo quando Pancho e seu irmão Federico usaram seu novo jornal, *Arte y Ciencias*, para avaliar o progresso de *la patria* em seu quinquagésimo ano. Os pacientes de Pancho desapareceram, como um rio secando. Uma noite, um grupo de capangas de Lilís cercou a casa, gritando

xingamentos. Na manhã seguinte, nós encontramos o macaco enforcado no quintal. Os meninos estavam em prantos. Também senti uma enorme tristeza ao ver aquela silhueta infantil pendurada na goiabeira.

— Não se preocupem, não se preocupem — consolou-nos Pancho, também em prantos. — Vamos conseguir um outro, eu prometo.

Fiquei furiosa com Pancho por ele ter colocado as nossas vidas em perigo. Mas admito que também senti orgulho da sua coragem teimosa. Como eu poderia censurá-lo quando a maioria dos nossos homens de valor estavam mortos ou haviam fugido do país, e aqueles que permaneceram estavam calados.

— Presta atenção — disse eu, esfregando a barriga. Sabendo que eu não passaria muito tempo com a minha filha, tinha começado a educá-la antes mesmo de ela nascer. — Não importa onde formos morar, lembre-se, *esta* é a sua pátria!

Nós tínhamos decidido morar em El Cabo, no vizinho Haiti. Lá estava se tornando o ponto de encontro de todos os nossos rebeldes. Os Lauranzón já estavam lá, e de acordo com as cartas que *Don* Rodolfo mandava para Tivisita, a cidade era próspera, tinha muitas oportunidades de negócios e uma atmosfera cosmopolita bem francesa. (Esta era uma característica atraente para Pancho, cujo sotaque tinha finalmente desaparecido, mas não a sua preferência por tudo o que fosse francês.) Além disso, havia um grande hospital nos arredores, Hospice Justinien, no qual um médico formado em Paris facilmente encontraria trabalho.

Mas eu só suportaria deixar o meu país se El Cabo fosse uma parada provisória. Assim que nos livrássemos do tirano, nós voltaríamos.

Pancho iria na frente com Max, que estava me dando muito trabalho na época. Embora tivesse oito anos de idade, Max ainda era um bebê, levado e exigente — especialmente agora que a minha doença me deixava menos disponível para ele. A pobre criança ficava parada do lado de fora da minha porta, chamando por mim, surda às explicações de Tivisita de que precisava deixar sua Mamá descansar para ela poder melhorar.

O resto de nós — os dois meninos, Regina, Tivisita e eu — iríamos junto com Pancho até Puerto Plata, ao norte, na costa, para a casa dos nossos velhos amigos Dubeau e Zenona. Um outro amigo, Zafra, um médico que agora morava em Puerto Plata, iria cuidar de

mim. (“Nenhum de vocês nunca me deu atenção mesmo”, comentou Alfonseca, quando contamos nossos planos para ele.) Dois meses antes do parto, Ramona viria ficar comigo. Enquanto isso, Pancho ficaria em El Cabo, a um dia apenas de distância de navio, caso eu viesse a precisar dele. Isto foi um alívio para mim, pois a ideia de outra separação de Pancho era assustadora.

— Puerto Plata vai ser bom para nós — disse eu à minha filha, esfregando a barriga onde finalmente tinha sentido um cotovelo me empurrando. Talvez o ar que um dia havia restaurado a minha saúde tornasse a realizar o mesmo milagre. — Fé! — eu vivia dizendo a nós duas.

— Com quem você está falando, Mamá? — perguntou Pibín, entrando no quarto. Ao meio-dia, quando normalmente a minha febre baixava, eu deixava as crianças entrarem para me visitar.

— Com a sua irmã.

— Você também conversava comigo antes de eu nascer?

— É claro que sim. — Eu estava forçando um pouco a verdade, mas com os filhos é preciso fazer isto, para que eles saibam que o nosso amor inclui todos eles.

— O que foi que você disse para ela?

Pensei por um momento e então resolvi surpreendê-lo.

— Vou escrever o que eu disse e dar para você. — Aquela noite, fiquei deitada na cama, sem conseguir dormir, e comecei a compor um poema na cabeça, “Mi Pedro”. Era, na realidade, um poema sobre o que havia conversado com Tivisita: meu Pibín como o presente que eu deixava para o futuro do meu país. Mas não consegui terminá-lo. Mesmo assim, recitei para ele as quatro primeiras estrofes que havia escrito, alguns dias depois.

— Você falou comigo em versos! Ah, Mamá! — Ele correu para me abraçar, mas estendi o braço para detê-lo. Pancho havia escrito para Dieulafoy na França, que havia respondido que tinha quase certeza de que a tuberculose não se transmitia pelo simples contato. Mesmo assim, tinha me tornado muito precavida com as minhas gralhinhas. Eu não queria correr nenhum risco.

— Não chegue perto de mim, meu querido — disse eu com firmeza.

— Por que Mamá? Por causa do bebê?

Eu não podia deixar que ele pensasse que a sua irmã era a causa de qualquer distância entre nós. Então contei-lhe a verdade:

— É a minha tuberculose. E eu não quero transmiti-la.

— Foi por isso que você fechou o instituto? — perguntou ele.

Fiquei com vergonha de confessar que este não foi o motivo que falou mais alto em minha mente. Foi preciso que o meu Pibín, com toda a sua sensibilidade moral, me lembrasse de que outras pessoas também estavam correndo riscos.

Busca la luz. Eu havia aconselhado a ele em meu poema. *Procura a luz.* Mas não havia seguido o meu próprio conselho, mergulhada como estava na tristeza da partida. Por isso é que não conseguia terminar o poema.

Esta não era a primeira vez que eu me mostrava mais sábia no papel do que em pessoa.

AQUELA VIAGEM DE BARCO até Puerto Plata acabou sendo como o progresso de uma rainha através do seu reino em prantos.

A notícia havia se espalhado de que Salomé estava doente e estava indo para o norte para se recuperar. Em cada porto, uma delegação de jovens poetas pedia permissão para vir a bordo. Eu os recebia deitada na minha cadeira no convés, de chapéu e com uma manta me cobrindo as pernas e o colo. Tivisita a havia colocado lá — talvez para esconder a minha barriga ou então para me proteger da correnteza que ela temia que fosse piorar a minha tosse. Os poetas se adiantavam, um por um, e liam seus poemas para mim.

Eu me lembro especialmente de um jovem que subiu a bordo em San Pedro de Macorís. Ele tinha a pele morena e olhos negros e líquidos como de alguém que estivesse prestes a chorar. Eu não pude deixar de pensar nas palavras de Papá: *As lágrimas são a tinta do poeta.* O nome dele era Gastón Deligne, e quando começou a declamar, fez-se silêncio no barco. “Suas palavras estufaram as velas de nossas almas...” Sua voz jovem me lembrou a de Pancho, naqueles dias de antigamente quando costumava recitar meus poemas como se ele mesmo os houvesse escrito.

Quando Gastón terminou, eu estava comovida demais para agradecer. Ele se aproximou e me mostrou o pacote que tinha nas mãos. A princípio, achei que estivesse me oferecendo um manuscrito dos seus poemas. Eu os teria lido com prazer, pois, julgando pelo que tinha declamado, era sem dúvida um poeta talentoso. Mas eram os meus próprios poemas que ele havia juntado, inclusive o livrinho que os Amigos do País haviam publicado, e outros poemas mais recentes que ele havia recortado

do jornal.

— Eu tenho todos eles — ele se gabou como um menino exibindo uma coleção de bolinhas de gude.

Antes de ir embora, apertou a minha mão e não parecia querer soltá-la. Outros haviam mantido uma certa distância, fosse por respeito à poetisa ou por medo de contágio. Mais tarde, soube que o irmão mais moço de Gastón, Rafael, também poeta, estava morrendo de lepra. Talvez eu é que devesse ter retirado a minha mão. Mas os olhos dele me impediram.

— Nós vamos construir a pátria que a senhora queria, poetisa. Eu prometo.

Eu suspirei e não disse nada. Já tinha ouvido isto antes.

— Vamos fazer isto em seu nome. — Ele era um tanto intenso demais.

Tivisita olhou preocupada na direção de Pancho, que se aproximou.

— Chega, jovem Dante — disse ele de uma maneira efusiva. — Salomé já teve emoção demais por um dia. — Mas enquanto nos afastávamos do cais, eu podia ouvi-lo gritar: “Em seu nome, Salomé!” Tive a impressão de estar morrendo, deixando para trás a praia dos vivos, não mais sujeita a promessas humanas ou a pobreza de espírito.

A VIAGEM POR MAR, em si, foi como um tempo fora do tempo, calmo e ensolarado, sem nenhum espião rodeando a casa, sem escola para me preocupar, sem alunas para examinar, tendo apenas o ar salgado para respirar e o balanço do mar para me embalar, de tal modo que me sentia como a criança que trazia dentro de mim, à mercê de suas águas. No meu colo ficava o livro que eu estava lendo, *Numa Pompilius* de Florian, um velho favorito. Eu tinha embalado uma pequena mala de livros para me ajudar a preencher as horas em Puerto Plata antes do nascimento da minha filha, dentre eles, livros da biblioteca do meu pai que nós havíamos desfrutado juntos. Tornei a ler sobre a amiga de Numa, a errante Camila, de pés ligeiros, que conseguia correr através de um campo de trigo sem vergar um único talo, caminhar pelo oceano sem molhar os pés.

Camila! Eu já tinha quase esquecido que, quando menina, havia prometido a mim mesma que se um dia tivesse uma filha daria a ela

o nome desta jovem corajosa. Ia ser Camila. Mas para não desapontar o meu Pibín, daria a ela também o meu nome. De repente, pareceu-me uma boa coisa que os nossos nomes fossem ficar sempre juntos.

“Salomé Camila”, disse-lhe quando me deitei na minha cabine para descansar naquela noite.

Senti uma enorme felicidade ao dizer isto.

FOI MAIS DIFÍCIL DO QUE EU PENSAVA separar-me de Pancho em Puerto Plata. E se desta vez ele ficasse longe por quatro anos! Eu me agarrei a ele com os olhos já que não podia mais abraçar ninguém.

Antes de partirmos para a capital, Pancho recebeu uma segunda carta da França, de Dieulafoy. Novos estudos indicavam que o bacilo da tuberculose poderia realmente transmitir-se por contato. Era melhor tomar precauções, especialmente com as crianças.

É claro que fiquei preocupada com a minha Camila ainda não nascida. Dieulafoy tinha assegurado a Pancho que o bacilo não era transmitido no útero. Mas assim que a criança nascesse, eu teria que evitar qualquer contato com ela.

— Procura uma ama de leite — disse Pancho a Tivisita, que ficou vermelha quando expliquei a ela mais tarde o que era isto.

Pancho mandou instalar pias em todos os cômodos do chalé de madeira que Dubeau havia alugado para nós. Ele ensinou a Tivisita como lavar as mãos dos meninos e as dela própria depois de terem estado num cômodo junto comigo. Um conjunto de utensílios amarrados com fitas vermelhas era mantido num pequeno armário do meu quarto, junto com minha roupa de cama e de banho.

— Mamá tem fitas vermelhas — foi assim que Max passou a chamar a minha doença. Só para Pibín, que mesmo sendo pequeno sabia ser discreto, é que eu havia mencionado a palavra *tuberculose*.

Na manhã de sua partida, Pancho repassou as regras com a família: as crianças podiam visitar-me, mas nada de beijos, nem abraços, nem dormir na cama da Mamá. Ao dizer isto, ele olhou para Pibín, que desviou os olhos, mordendo os lábios para não chorar. Pancho às vezes não tinha nenhum tato.

Ele havia insistido para que Tivisita estivesse na sala para ouvir suas últimas instruções, para que, trais tarde, eu não tentasse automedicar-me.

— Vou escrever toda semana para acompanhar o seu progresso

— prometeu Pancho.

— E vou escrever para você todos os dias, Mamá! — disse Max. Ele estava usando sua marinheira e estava todo prosa porque já tinha andado de navio antes.

Eu sorri ternamente para o meu bebê, sabendo o trabalho que ele ia dar a Pancho.

— Vou ficar muito feliz com isso — disse-lhe eu. Era uma dor quase física não poder abraçá-lo antes de ele partir.

— Talvez ele possa melhorar a letra para você conseguir ler as cartas dele — disse Pancho. Max ficou vermelho, envergonhado por ter sido repreendido no meio das suas manifestações de carinho.

— Verifique o armário de remédios, Tivisita. Deve haver quinino suficiente, mas se lembre, é só para febre alta. Salomé tem mania de tomar quinino como se fosse água. — Pancho sempre me acusava de ser uma doente difícil, de achar que eu havia frequentado a escola de medicina junto com ele. — Quero que ela tome 25 centigramas por dia de iodo para a tosse, além de suas cápsulas de creosoto com dois dedos de óleo de fígado de bacalhau. Em todas as refeições, está ouvindo? Salomé costuma esquecer que o café da manhã é uma refeição e não apenas hora de se levantar para ler seus livros.

Enquanto Tivisita verificava os remédios no armário, Max mostrou-me o pião que ela tinha dado a ele como presente de despedida. Ela também estava mandando presentes para as suas três irmãs mais velhas, das quais admitia sentir muitas saudades. Eu tinha tentado convencê-la a ir para El Cabo junto com Pancho e com Max para poder visitá-las. Regina poderia cuidar de mim até a chegada de Ramona, mas Tivisita não quis se afastar de mim.

— Só depois que a senhora estiver curada e o bebê tiver nascido — prometeu ela.

Foi quando desviei os olhos de Max que estava mostrando todo prosa o seu pião novo que vi algo que desejaria não ter visto. Tivisita estava de costas e Pancho estava olhando para ela com uma mistura de desejo e renúncia. Foi a renúncia que me causou mais sofrimento, pois significava que Tivisita tinha penetrado no domínio da imaginação dele, onde o desejo se transforma em amor e as almas se casam.

Senti aquele velho escorpião, o ciúme, se mexendo no meu coração, mas o expulsei de lá imediatamente. Tinha ouvido Mamá e as pessoas antigas dizerem que mulheres grávidas podiam

envenenar seus bebês com maus pensamentos. Eu não queria que a minha Camila fosse mesquinha e tacaña, com o mundo reduzido ao tamanho daquilo que ela não temesse.

E então, mais uma vez, fiz o que sempre fizera com a dor. Engoli a minha decepção. Eu só estava feliz por uma coisa. Tivisita ia ficar comigo. Para vê-la, Pancho teria que vir para casa, para perto de mim.

PANCHO MANTEVE SUA PROMESSA de escrever regularmente. Toda semana nós recebíamos uma ou duas cartas dele; quanto a Max, houve várias cartas nas primeiras semanas, depois elas foram rareando até parar. Meu Max, igualzinho ao pai, seus entusiasmos maiores do que o seu caráter!

Zafra normalmente trazia os pacotes de cartas, já que nós raramente saíamos. Ele passava pelo chalé diariamente para verificar o meu estado. Estava preocupado com a minha falta de ar. À medida que as semanas passavam e a minha barriga crescia, a pressão no meu diafragma tornava a minha respiração ainda mais difícil. A febre persistia, as expectorações com sangue e a tosse renitente solapavam o resto das minhas forças. O prognóstico não era bom. Finalmente, Zafra sugeriu que eu chamasse Pancho de volta para casa. Mas eu resistia. Ele estava começando a ter alguns pacientes no seu pequeno consultório no hospital, e nós precisávamos desesperadamente do ninho que Pancho tinha começado a construir.

Ramona apareceu mais cedo do que havíamos planejado, dizendo que a nossa prima Valentina, de Baní, tinha ido morar com Mamá e tia Ana neste ínterim. Mon era uma figura com seu chapéu de véu, suas luvas e uma capa sobre os ombros e uma sombrinha cobrindo a cabeça, cada superfície do seu corpo protegida de alguma maneira. E havia um bocado de superfície para cobrir — pois minha irmã tinha engordado muito com a idade. Não era segredo na nossa família que Ramona detestava viajar, achando que todo navio ia afundar, todo trem ia ser assaltado por bandidos, cada pedacinho do campo era cheio de vermes e de animais selvagens. Ela tinha lido muito Plutarco, eu acho, e Marco Polo. Mas ela faria qualquer coisa no mundo por mim, e portanto ali estava ela, usando a armadura de uma dama pronta para enfrentar a natureza selvagem pela sua irmãzinha.

Mas a verdadeira batalha aconteceu desde o início dentro de casa. Ramona não era de aceitar ordens de ninguém: “Especialmente de uma garota que se parece com a minha velha boneca.” Não que Tivisita fosse de contradizer ninguém, mas Pancho tinha dado a ela instruções precisas, que Ramona frequentemente desobedecia só para se desforrar do seu cunhado namorador. Eu tinha contado a ela o episódio de Paris.

Um dia, Tivisita entrou para me ajudar a escrever uma carta para Pancho. Eu tinha pedido a ele um par de óculos, mas ele ainda não havia mandado. Era um esforço ler, então Tivisita agora estava escrevendo as cartas para mim. Que boa semente eu tinha plantado para o futuro ao ensinar a jovem a ler e escrever!

Nessa altura já a conhecia o suficiente para saber que a animação que demonstrava era fingida.

— O que foi, Tivisita? — perguntei, olhando diretamente para ela.

Uma expressão apareceu nos seus olhos: algo que ela queria dizer mas que não tinha coragem. Eu sabia o que era, é claro.

— Não liga para ela, Tivisita, ela não faz por mal. — Não ousei mencionar nenhum nome, com medo de Ramona estar escutando.

— Mas Pancho diz que não posso deixar que ela modifique o regime que ele estabeleceu. Disse que isto poderia significar a diferença entre... — Ela parou, sem querer pronunciar aquilo que todos temíamos.

Então Pancho estava se correspondendo com Tivisita! É claro que ele escrevia para mim também. O tom dele era carinhoso, mas as cartas eram breves. Obviamente, ele estava com muita coisa na cabeça. Agora eu me perguntava se o que estava na cabeça dele não estaria morando bem ali debaixo do meu próprio teto.

Quando Zafra entregou o nosso próximo pacote, mandei Tivisita ir buscar água fresca no poço porque a minha sede era muito grande. Ela hesitou, olhando para o pacote ao meu lado na cama. Normalmente era ela quem separava as cartas e as contas que Pancho enviava para casa toda semana, encaminhando algumas para a capital e distribuindo as outras.

Assim que Tivisita saiu do quarto, peguei o pacote e ergui o envelope contra a luz. Além do meu, havia um endereçado com letra de Pancho para um nome que não consegui ler, o que pareceu ser uma remessa de dinheiro para o comerciante que nos havia vendido as pias, uma carta com um artigo para Federico na capital,

um bilhete para os *Meus amados filhos* e um outro naquela letra familiar endereçado a *Señorita Natividad Lauranzón, sus manos*. Uma correspondência particular para ser entregue somente a ela.

Fiquei com a carta na mão, sem saber o que fazer com ela. Da última vez que eu tinha lido uma carta que Pancho havia escrito para outra pessoa, tinha sofrido um grande baque. A minha saúde já estava sacrificada e o meu coração partido de tanta decepção, então o que mais havia para ser destruído — com exceção da minha paz de espírito? Eu podia viver, e morrer, sem saber.

Coloquei a carta no meio das outras e o pacote na mesinha de cabeceira. Quando Tivisita entrou apressada, com a minha caneca cheia de água fresca, ela me olhou inquieta. Pude ver a sua inocência indo embora, o seu segredo como a pérola que a ostra fabrica em decorrência de alguma irritação, um fato que Pancho me havia ensinado anos antes, quando se ofereceu tão galantemente para me ensinar ciências.

QUANDO PEGUEI PNEUMONIA, o meu estado se agravou. A minha febre era tão alta que a minha pobre Camila não parava de me chutar.

— Eu vou morrer? — perguntei a Zafra, que me lançou um olhar de profunda pena. Ele só estava clinicando há alguns anos e ainda não tinha aprendido a banir do rosto todas as expressões não profissionais.

— Acho que Pancho deveria vir — foi tudo o que ele disse.

Eu tinha perdido peso, a pele da minha barriga estava esticada como um tambor, de modo que conseguia perceber a forma do bebê com minha mão. “Aguenta firme, minha Camila”, dizia-lhe eu. Ela respondia com um pontapé, como se estivesse dizendo: Estou fazendo o melhor que posso, Mamá.

O TRABALHO DE PARTO COMEÇOU logo depois da chegada de Pancho. À meia-noite, senti uma pontada de dor nas costas que me fez começar imediatamente a tossir. É claro que não pensei imediatamente que fosse o trabalho de parto, pois ainda faltavam oito semanas para o bebê nascer. As contrações me fechavam os pulmões, de tal forma que não conseguia respirar. Sem dúvida eu estava morrendo, pois não me lembrava que a asfixia fizesse parte do trabalho de parto.

Ramona foi a primeira pessoa a entrar no quarto com uma lamparina na mão, sua longa trança como uma corda grossa pendendo de um dos ombros e descendo pela frente da sua camisola. Tentei responder as perguntas dela, mas não conseguia mais falar, só mover os lábios. Isto deve ser o início da morte, pensei, quando os raminhos da linguagem não conseguem mais se estender para fora do eu e atrair a atenção dos outros.

Atrás dela veio Pancho, com Tivisita logo atrás, carregando sua maleta preta de médico. Pancho colocou o estetoscópio na minha barriga e então eu o ouvi lavando as mãos antes de erguer o lençol e me examinar. Foi então que senti o cheiro forte da poça em que estava deitada.

Ramona tinha voltado com Zafra, que estava arregaçando as mangas e ditando instruções para todo mundo. Do outro lado da porta, Pibín tentava acalmar os irmãos.

— Mamá! — Max não parava de berrar. Eu queria dizer alguma coisa para acalmá-lo, mas estava poupando o restinho de forças que tinha.

Zafra e Pancho me haviam recostado em travesseiros para aliviar a minha respiração e permitir que eu fizesse força para baixo. Estava me esvaindo em sangue e podia sentir a criança lutando para nascer. Finalmente, com uma dor que pareceu partir-me ao meio, Zafra enfiou o instrumento de metal dentro de mim e retirou-a, primeiro a cabeça, depois um dos ombros, depois o outro, e finalmente lá estava ela, de cabeça para baixo, com uma aparência horrível, toda azul e coberta por uma membrana como se tivesse nascido em sua própria mortalha, pronta para ser enterrada.

Pude ver o prognóstico sombrio pelo olhar que Zafra e Pancho trocaram. Quando o cordão foi cortado e a criaturinha foi levada embora, eu chamei:

— Tivisita — mas a minha voz estava fraca. — Eu a batizei — murmurou Ramona, como se o que me preocupasse fosse o fato da criança morrer como cristã.

— Eu quero que ela viva — solucei, tentando levantar-me. Porém, mãos me seguraram na cama; vozes tentaram me acalmar; depois senti a picada de uma agulha no braço.

Ficou tudo calmo. Eu os via trabalhando em mim como se estivessem trabalhando num corpo que não me pertencia. Ao longe, podia ouvir as vozes dos meus filhos, Pibín lendo para Max, sem dúvida um livro do seu amado Julio Verne, Max fazendo suas

intermináveis perguntas, Fran batendo sem parar com a bola na parede da sala, suas vidas prosseguindo sem mim. A luz ficou mais fraca, a mente mais lenta, meus pulmões lutavam em busca de ar, e eu podia sentir a vida se esvaindo lentamente de mim. Na luz que estava começando a entrar pela janela atrás de Pancho, eu o vi, com os olhos inchados de chorar, inclinar-se sobre mim. Ele havia esquecido suas próprias precauções.

Não consegui ouvir o que ele estava dizendo, não podia mais ficar para ouvir. Eu estava caindo, caindo, rolando um longo lance de escadas, em direção ao centro de mim mesma.

E então ouvi um choro, um gemido vigoroso que reconheci.

— Salomé Camila — sussurrei.

Como que atraída pela força do meu desejo, Tivisita tinha voltado para perto de mim, carregando o embrulho que havia resgatado do julgamento fatídico dos outros. Ela colocou a minha filha recém-nascida sobre a minha barriga para que eu pudesse admirá-la.

Consegui com muito esforço sair da escuridão para acolhê-la.

OITO

Ave e ninho

Deixando São Domingos, 1897

ELA ESTÁ NO barco e a brisa está sacudindo o seu vestido e as fitas da sua touca e estão todos indo a El Cabo para visitar seu pai. As ondas estão batendo do lado do barco igual a Mon fingindo que está batendo em Max porque ele é tão levado, só que ela não bate nele de verdade mas Max chora porque Mamá foi para o céu e é ela o que Max quer realmente.

Ela trepa na mala que Pibín puxou para perto da grade para poder acenar para todo mundo no cais. Mon, Minina, Luisa, Eva — já chega! A mão dela está doendo. Além disso, estão todos chorando tanto que não acenam de volta.

Ela está adorando o barco. Gostaria de nunca mais sair do barco, de continuar viajando para El Cabo pelo resto da vida, com o vento levantando o seu vestido como Max faz quando tenta ver sua anágua (e leva uma surra por causa disto), e as fitas da sua touca esvoaçando pela sua cabeça e toda vez que ela tenta olhar para elas o vento as afasta da sua vista.

Rápido! Ela vira a cabeça e consegue vislumbrá-las: fitas vermelhas!

— NÓS JÁ ESTAMOS CHEGANDO? — pergunta ela a Pibín. Ele é o irmão que responde com mais simpatia quando ela faz alguma pergunta.

— Nós nem partimos ainda — explica-lhe ele. Ele parece tão triste, quase tão triste quanto no dia em que Mamá morreu, mas não tanto.

Talvez ele esteja triste pelo que aconteceu na casa de Mon antes de eles partirem para o cais, todo mundo falando com uma voz zangada. Mon ficou parada na porta, segurando a mão de Camila.

— Sua Mamá disse que você devia ficar com a sua tia Mon,

lembra? — Mon apertou a mão de Camila para ajudá-la a lembrar-se.

Mas Camila não conseguia se lembrar do que a mãe tinha dito naquela última vez. Ela se lembrava de Puerto Plata e das conchas e do Dr. Zafra, que fazia caretas para ela rir, e da sua mãe tossindo e dos óculos engraçados que seu pai mandou para Mamá de El Cabo e de muitos e muitos vidros de remédio enfileirados na cômoda e da luz refletindo neles como nos vitrais da catedral.

— O pai deles diz que *todos* devem ir para El Cabo. — Era Pimpa, irmã de Tivisita, gorda e mal-humorada como Mon, que é irmã de Mamá, como se todo mundo precisasse ter uma irmã gorda e mal-humorada para brigar com as pessoas más. Mas Camila não tem irmã. Se ela for morar com o pai em El Cabo, talvez ganhe uma irmã, como Regina diz que pode acontecer. — Ramona, você não está vendo que está só piorando as coisas para todas as crianças? — Pimpa sacudiu tristemente a cabeça e se abaixou para pegar Camila no colo.

Mas Mon estava segurando firme na mão dela e se recusava a soltar, e Pibín e Fran pareciam não saber o que fazer. Max estava soluçando e chamando por Mamá, que estava longe demais lá no céu para poder responder, e então sua avó Minina disse “Isto é um absurdo, um absurdo”, e todo mundo parou de discutir porque ela tinha um sopro no coração como quando uma vespa entra dentro do seu mosquitoireiro e você tem que sair para ela não morder você e o seu coração inchar.

E então as mulas chegaram para levá-los para o cais mas ninguém conseguia encontrá-la, ¡SALOMÉ CAMILA! ¡SALOMÉ CAMILA!, porque ela tinha ido se esconder no buraco debaixo da casa onde ela às vezes se escondia de Max mas agora estava se escondendo de todo mundo que não parava de brigar, e de repente ficou tudo tão quieto e calmo como quando a vespa ia embora e você podia voltar para debaixo do mosquitoireiro e dormir.

E ELA ADORMECEU, só tirou uma pequena soneca na esteira que estava enrolada num canto, e quando viu lá estava Mon na abertura com Tivisita atrás dela, e todo mundo tão contente em vê-la no começo e depois ralhando com ela e dizendo que tinha que parar com esta mania de se esconder senão ia acabar matando todo mundo.

— Eu não fiz Mamá morrer — protestou ela. Ela é uma menina grande que sabe limpar seu prato e não faz pipi na calça.

Uma expressão passou de rosto em rosto e terminou alojada nos olhos de Tivisita, que disse:

— É claro que não, meu coração. Ninguém está dizendo isto. Você é uma boa menina. Sua mãe está muito orgulhosa de você lá no céu.

Então Mon se agachou ao lado de Camila e os olhos dela — que são iguaizinhos aos olhos de Mamá, Camila nunca tinha notado isto antes! — olharam bem dentro dos olhos de Camila.

— Você quer ficar aqui com Mon? É por isso que você está se escondendo? Diz para a sua tia Mon. — O rosto dela tinha vincos tristes dos dois lados da boca e pelinhos debaixo do nariz como um bigode de homem. — Diz para a sua tia Mon que você quer ficar com ela e com a sua avó Minina. — Desta vez não era uma pergunta e sim uma afirmação.

— Mon, *por Dios*, o pai dela escreveu dizendo que é para ela ir. — Tivisita também tinha se agachado. Ela estava tirando a terra do lindo vestido novo de Camila e endireitando a sua touca.

— As mulas estão partindo — gritou Pimpa da porta dos fundos. Tivisita ficou em pé e deu a mão a Camila.

— O seu pai está nos esperando em El Cabo.

— Fica! — exclamou Mon. Ela ainda estava ajoelhada no chão, sujando o vestido, olhando para o céu e soluçando.

No meio da escada, Camila parou e olhou para a pobre tia, agachada no chão. O que ela devia fazer?, pensou ela, e aquele momento de hesitação, olhando através das barras do gradil, sem saber o que fazer porque sua mãe não estava ali para dizer-lhe, aquele momento foi a primeira vez que ela sentiu um aperto estranho no peito que a fez lutar para respirar e fez o seu coração tremer como o de Minina quando uma vespa entra no peito dela e ninguém consegue tirar, e ela começou a tossir, ali parada no meio da escada, e de repente houve um silêncio e então Tivisita disse:

— Está vendo, é como diz Pancho, ela tem uma ponta de contágio. Ela precisa de um clima mais seco. Pense nisto, Ramona.

E então Mon parou de chorar e subiu os degraus lentamente, como se alguém a estivesse puxando para trás pela barra do vestido, e ela pegou a outra mão de Camila e levou-a até onde as mulas estavam esperando para levá-los a El Cabo para ver o pai.

ELES ESTÃO INDO A El Cabo para ver o pai, que mora lá. El Cabo está no Haiti assim como São Domingos está na República Dominicana e as estrelas estão no céu e Mamá está no paraíso.

O pai dela foi para El Cabo depois do desfile em que Mamá foi levada para a igreja num caixão cheio de flores, a caminho do céu, e ele está longe há tanto tempo quanto Mamá, os dedos de uma mão. Agora ele escreveu para Mon e disse que tinha mudado de ideia e que todas as crianças deviam ser enviadas para junto dele com Tivisita, que vai ajudar a tomar conta delas.

Tivisita morava com Camila e Pibín, Fran e Max, Regina e a mãe deles. Depois, quando Mamá foi para o céu, Camila, Pibín, Fran, Regina e Max foram morar com Mon e Minina, e seu pai foi para El Cabo, e Tivisita não teve para onde ir porque Mon não tinha lugar na casa dela para uma moça que se parecia com uma boneca de St. Thomas.

Então Tivisita ficou na antiga casa deles, tomando conta do pônei Patriota e de Tom, o cachorrinho, e do novo macaco, Macaco Dois, junto com sua irmã Pimpa.

Todo dia Camila ia com Pibín visitar Mamá na Igreja de Las Mercedes, mas Mamá nunca estava lá. Quem sempre estava era Tivisita como um buquê de flores brancas (“Lembra o quanto sua mãe gostava destas flores?” Ela não se lembrava...), chorando e dizendo que se não tivesse sido por Mamá ela não saberia ler o nome que estava escrito na lápide e que Camila não podia ler.

MON ESTAVA SEMPRE perguntando o que ela se lembrava da mãe.

— Eu me lembro dela tossindo. — Ela tossia com a mão na frente da boca para demonstrar.

Mon a estava ensinando a recitar mais alguns poemas da mãe. Ela já sabia “El ave y el nido” e um pouquinho de “Mi Pedro”, mas o poema que a mãe escreveu sobre quase ter morrido quando Camila nasceu era adulto demais para ela aprender agora. (“Nós pensamos que você não ia viver. Pusemos você numa caixa de charuto forrada de algodão, mas aí você viveu e nós a usamos como o seu primeiro berço.” Mon sabia que ela adorava ouvir esta história!) Mon estava copiando todos os poemas em um livro que ia dar a Camila um dia, quando ela estivesse grande o bastante para cuidar dele.

— Você vai esquecer a sua mãe a menos que nós estejamos

sempre fazendo você lembrar — explicou Mon.

E então Mon ensinou-a a fazer o sinal da cruz, e a recitar “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo de Salomé, minha mãe”.

No dia seguinte, na igreja, Camila corrigiu Tivisita quando ela fez o sinal da cruz, e quando Tivisita soube que fora Mon quem ensinara a Camila aquela oração, ela disse que teria que mandar uma carta para Pancho contando isto, e foi aí que o pai dela pediu que os filhos fossem mandados de barco para perto dele em El Cabo para iniciarem uma nova vida.

ELA ESTÁ NO BARCO, segurando a mão de Tivisita para não cair no oceano Atlântico e estragar o vestido novo que Tivisita fez para ela.

Preto, com uma gola branca, igual ao que Tivisita está usando para ir para El Cabo. Uma touca enfeitada de fitas vermelhas e uma sombrinha preta para combinar com a que Tivisita está carregando.

— Jogue um beijo para Minina — diz Tivisita.

E ela joga um beijo para a avó, lá longe no cais, torcendo para que isto acalme o tremor que ela tem no coração.

— Por que estão chorando? — pergunta, mas ninguém ouve. Pois neste instante o barco a vapor buzina e sai fumaça da sua chaminé e eles começam a se afastar do continente! Vai ficando tudo cada vez menor: as casas, a catedral com os dois sinos, a casa grande com cinco sacadas onde eles costumavam morar (segundo Pibín), e a fortaleza onde Lilís coloca os seus inimigos, e parque onde os cavalos de madeira, mais ou menos do tamanho de Patriota, giram e giram ao som de uma música, e Mon está ficando menor, embora seja muito gorda, e Minina e Luisa e Eva, até Camila não saber mais se está acenando para elas ou para pessoas desconhecidas, mas agora elas estão acenando de volta.

— Eu não quero deixar Mamá! — Max começa a soluçar, e Tivisita é obrigada a soltar a mão de Camila e se agachar diante de Max e conversar com ele.

— Onde está Mamá, Pibín? — pergunta ela, olhando para o irmão e vendo aquele olhar triste que tem o mesmo gosto da escuridão no seu quarto, à noite. Ele não diz como os outros, com vozes alegres como que acendendo luzes, “Sua mãe está no céu”.

Ele pega a mão dela e a pressiona de encontro ao coração.

— Aí — diz ele.

— Ela não está no céu?

Ele sacode a cabeça e desvia os olhos.

— Por que não?

— Porque o céu é para os mortos — diz ele. — E nós vamos manter a Mamá viva, você e eu.

Ela não entende uma só palavra do que ele disse, mas fica com a mão no coração para que Mamá não precise morrer.

REGINA ESTÁ INDO junto com eles, mas está lá embaixo, bem abaixo do convés, porque vai ter um ataque se olhar para o mar.

A pele de Regina é tão preta que é preciso acreditar em tudo o que ela diz.

A família dela chegou num navio escravo, acorrentada, e quando ela vê a imensidão do mar, diz que os antepassados que traz no sangue começam a gemer e ela é capaz de fazer qualquer coisa, inclusive vomitar.

Então é melhor Regina ficar lá embaixo, bem segura e cheirando a garrafa fedorenta que trouxe com ela. Quando Camila encosta o nariz no buraquinho, ela sente o cheiro do quarto da mãe, um cheiro estranho que faz suas narinas coçarem e se abrirem como as de Patriota antes de ele relinchar quando a vê se aproximando com um torrão de açúcar na mão.

Max parou de chorar e Tivisita está de volta.

— Vamos sentar nas cadeiras do convés — diz ela. — Vou contar uma história para você.

— A história da caixa de charutos e de algodão?

Tivisita faz um ar de dúvida.

— Bem, a verdadeira história do dia em que você nasceu.

— Mamá quase morreu. Tivisita hesita, com uma expressão nos olhos como se não soubesse o que dizer.

— Mas ela viveu mais três anos...

— E depois morreu.

— Sua mãe está no céu agora, que sua alma descanse em paz.

Camila sacode a cabeça, balançando suas fitas vermelhas, mas aí avista Pibín com o canto dos olhos. Ele está lançando para ela aquele olhar secreto que significa: Não conte.

Ela põe a mão no coração. Sua mãe está bem pertinho — mas Tivisita não deve saber porque Pibín diz que Tivisita não se mostrou uma amiga verdadeira de Mamá. Mas por que não? Tivisita é amiga

dela e amiga do seu pai, e todos irão encontrá-lo em El Cabo onde talvez exista uma grande surpresa, como Mamá voltando do céu para onde ela foi para se livrar da tosse e para buscar uma irmãzinha para Camila tomar conta.

ELES SE SENTAM NAS CADEIRAS do convés, Tivisita e Max e Camila e Pibín. Fran é mais velho, então ele está na cabine do capitão aprendendo como funciona um barco a vapor.

Ela é mais velha também, já está com quase quatro anos! Mas na casa de Mon hoje de manhã, quando ela não conseguiu lembrar o que Mamá havia dito, Mon disse a Tivisita e a Pimpa: “A criança é pequena demais para lembrar.”

“Eu já tenho quase quatro anos”, disse ela. Mas ninguém estava prestando atenção nela, porque estavam brigando e Minina se sentiu mal e foi por isso que Camila se escondeu no buraco escuro, para sair de perto de todo mundo. Ela tem feito isto um bocado ultimamente, se escondendo debaixo da mesa ou dentro do armário de mogno ou no buraco escuro, porque aí ela fica igual a Mamá, que foi embora para o céu para ficar livre da sua tosse.

— No dia em que Camila nasceu — começa Tivisita e Camila sente uma onda de felicidade ao ouvir aquelas palavras como quando o sol nasce de manhã e banha o seu rosto. Quando Tivisita conta a história do dia em que Camila nasceu, a história é diferente da que Mon conta. Tivisita diz que nunca pôs Camila numa caixa de charutos forrada de algodão. Ela a pôs num lindo cobertor. Ela encostou a boca na boca de Camila para soprar ar em seus pulmões e Camila chorou e sua mãe acordou por mais três anos antes de morrer.

Mas no meio daquele sentimento alegre como o sol, tem uma ponta de preocupação.

— Por que Mon estava zangada? — pergunta ela a Tivisita.

Mas Tivisita não quer falar sobre isso.

— No dia em que Camila nasceu — repete Tivisita, olhando para Max e Pibín para eles a ajudarem a contar esta importante história.

— Por que eu não me lembro? — quer saber Camila. Mon disse: “A criança é pequena demais para lembrar.”

— Você não se lembra desta história porque ninguém se lembra do dia em que nasceu — explica Tivisita.

— Eu me lembro! — diz, Max.

— Eu também — diz Pibín, erguendo o queixo.

Seus irmãos fazem sempre isso. Tudo que Tivisita diz que não pode ser, eles dizem que pode. Assim que isso acontece, todas as histórias acabam, e todo mundo fica calado, como agora, escutando as ondas batendo no convés enquanto eles navegam pelo oceano a caminho de El Cabo, onde seu pai está esperando com Mamá e uma irmãzinha para eles começarem uma nova vida juntos.

— POR QUE EU NÃO ME LEMBRO? — pergunta ela a Regina aquela noite.

— Menina, vai dormir senão o oceano vai nos engolir a nós duas. Você quer fazer pipi?

— Eu me lembro do dia em que eu nasci — cochicha para a sua babá. Ela não quer que Tivisita nem Pimpa escutem, senão elas vão dizer “Camila, não diga mentiras. Sua mãe está olhando para você lá do céu”.

— E eu me lembro do dia em que o mundo foi criado — diz Regina. Camila não sabe se a babá está brincando porque está escuro e ela não consegue ver o rosto de Regina.

Quando fecha os olhos, ela ouve o barulho das ondas como costumava ouvir na casa de Puerto Plata antes que o barulho da mãe tossindo explodisse como tiros anunciando o começo de uma guerra e Camila acordasse chorando.

ACIMA DE TUDO, ELA SE LEMBRA da tosse da mãe — de manhã com os galos cantando e o dia inteiro e especialmente à noite quando não há nenhum outro ruído exceto o barulho das ondas e do vento soprando nas palmeiras.

— Mamá, você está bem? — pergunta ela da porta.

Ela só pode entrar no quarto se Tivisita ou um dos seus irmãos a levarem, e aí não pode tocar na mãe para não pegar o micróbio da tosse.

Mas ela entra assim mesmo. Isto é um segredo. Tem um banco e tem livros empilhados sobre ele, e Camila sobe numa ponta do banco e vai até a outra ponta, perto da mãe, e senta em cima dos livros dela. Sua mãe tapa a boca com um lenço para prender os micróbios da tosse e conta histórias sobre a origem do nome Camila.

Uma linda dama que anda sobre o mar e não molha os pés.

Um dia sua mãe está escrevendo quando Camila entra. Um poema para Pibín.

— Você vai escrever um para mim?

Sua mãe é um rosto magro e triste com óculos engraçados que fazem os seus olhos parecerem grandes como olhos de peixe, mãos ossudas que se movem muito depressa sobre o papel em branco.

— Sim, quando a tosse parar.

Mas a tosse nunca para. Sua mãe fica cada vez mais magra, de modo que tem uma aparência diferente das outras pessoas. Ninguém entra na casa exceto o Dr. Zafra com suas caretas engraçadas de macaco e seu polegar que ele faz desaparecer. Eles estão morando em Puerto Plata porque é bom para a tosse de Mamá, mas a tosse não melhora, então Mamá diz que quer voltar para a capital para morrer perto da mãe dela.

O pai deles ainda está em El Cabo e diz que Mamá tem que ficar em Puerto Plata porque uma viagem sem dúvida iria matá-la.

— Estas são as ordens de Pancho — diz Tivisita, mas Mamá diz que vai partir para a capital e que Tivisita pode ficar e contar a papai se quiser, o que faz Tivisita chorar. Então Tivisita arruma as malas e escreve uma carta breve para Pancho (que entrega a Regina para levar para o barco correio junto com uma moeda de prata para ela não contar a ninguém), e todos eles entram no barco de passageiros, Fran e Max e Pibín e Tivisita e Regina — e quando chegam na capital Mamá está tão mal que tem que ser colocada numa maca e carregada até em casa.

Mon está zangada e diz que Mamá vai morrer porque Tivisita permitiu que ela viajasse nas péssimas condições de saúde em que se encontrava.

Tivisita chora e diz que a culpa não é dela e mostra a Mon a carta de Pancho que diz que Salomé não deve viajar. Mas agora Mon está mais zangada ainda e quer saber que história é esta de Pancho estar escrevendo para uma jovem sobre Beatrice e Dante quando a sua própria esposa está morrendo tuberculosa.

E então Tivisita começa a chorar de verdade e Max está chorando e Minina tem uma daquelas vespas no coração que se recusa a sair.

Essa é a primeira vez que Camila se lembra de ter se escondido no buraco escuro debaixo da casa.

E ENTÃO A AGONIA COMEÇA; naquele quarto escuro, com um monte de visitas que mantêm Regina ocupada levando cadeiras e servindo *cafecitos* que ninguém quer tomar com medo de pegar a tosse na borda das xícaras de porcelana.

Seu pai chega de El Cabo, embora a princípio ela não saiba que aquele é seu pai. Todo mundo está na sala dos fundos ou entrando no quarto em pequenos grupos, então, naquela tarde, é Camila quem ouve alguém bater na porta da frente, que foi fechada porque Mon diz que isto não é uma festa e onde vão colocar tantas visitas com sua irmã morrendo. Então Camila abre a porta e vê um homem de casaca e cartola e quando ela diz “Quem é você?”, ele a toma no colo e diz: “Eu sou seu pai, Salomé Camila.”

Quanta coisa ele já sabe sobre ela!

— Como está a sua mãe? — pergunta ele.

— Ela está morrendo por causa da tosse — responde Camila.

Ele fica arrasado quando ela diz isso, e então enterra o rosto no vestido dela, soluçando igual a Max.

— Minha pobre filha — diz ele —, minha pobre esposa, minha pobre família.

Então Tivisita entra na sala e ele põe Camila no chão, enxuga as lágrimas, toma a mão de Tivisita e diz o quanto ele e sua família são gratos a ela por sua bondade.

— Não diga isso — diz Tivisita, e então ela está chorando por causa do que Mon disse, que a culpa era toda dela por ter deixado Salomé viajar naquele estado.

— Isso não é justo — diz seu pai. — Eu já cheguei tarde demais quando... — Os olhos dele pousam nela, Camila, a voz dele prossegue na ponta dos pés. — Ela nunca mais se recuperou depois disso.

Do quarto dos fundos eles ouvem o espasmo de tosse como se fosse um chamado.

— Mamá está nos chamando — diz-lhes ela, caso tenham esquecido.

O SOL ESTÁ ENTRANDO pela janela redonda bem no rosto dela, fazendo a água brilhar com estrelas caídas. Camila se prepara para ouvir a mãe tossir.

Mas não tem nenhuma tosse. Regina não está mais ao seu lado na cama, e Pimpa ainda está roncando na cama ao lado, e Tivisita

está deitada de costas, olhando para o teto.

Em cima, no convés, alguém está gritando e Camila escuta o barulho de passos de pessoas adultas ocupadas com alguma coisa importante. Do fundo do barco vem o chiado do vapor subindo pela chaminé como Fran explicou a Pibín durante o jantar na noite passada.

Tivisita senta-se na cama, vê que ela está acordada e sorri.

— É melhor nos vestirmos. Logo estaremos em El Cabo.

— E veremos o meu pai — diz ela, acrescentando mais uma informação para fazer a história prosseguir.

— Sim! — diz Tivisita, tornando a sorrir.

— E Mamá e minha irmãzinha?

O sorriso desaparece.

— Que irmãzinha? Camila, a sua mãe agora está no céu.

— Ela foi para o céu para buscar uma irmãzinha para mim.

Tivisita vira-se para Pimpa, que se ergueu na cama e está ouvindo a conversa.

— Deixa ela — diz Pimpa, fazendo um gesto secreto com a mão.

— Isso leva tempo.

Regina está de volta com um chá de limão para as senhoras e com o leite de Camila numa mamadeira.

— Estou vendo terra — diz Regina aliviada, fazendo o sinal da cruz.

Em nome do Pai, do Filho e de Salomé, minha mãe, diz Camila em pensamento, mas não diz em voz alta, uma vez que foi isso que deu início a toda a confusão.

ELES ESTÃO NO CONVÉS e lá adiante veem montanhas de um verde carregado com uma pequena cidade no sopé e belas casas que vão até o mar com telhados de zinco faiscando ao sol e barcos de pesca andando de um lado para o outro, como quando morávamos em Puerto Plata, que ela lembra como o som da sua mãe tossindo.

— A baía está rasa demais hoje para barco entrar”, ela escuta Fran explicar a Pibín.

“A baía está rasa demais hoje para o barco entrar — ela canta, uma canção sobre a chegada deles.

DE REPENTE, O GRITO!

— Lá está Pancho!

Camila inclina a cabeça para um lado e para o outro e tenta combinar a silhueta que acena do pequeno bote com o homem alto vestindo uma casaca que foi dizer adeus à mãe dela muitos meses antes.

— Papancho! — Ela grita porque disseram a ela que este é o nome dele.

— Papancho! Papancho! — Seus irmãos estão gritando e Tivisita está acenando com o lenço e sorrindo.

Ele grita de volta, mas o bote ainda está longe demais para que se possa ouvi-lo. Além disso, o navio a vapor está fazendo ruídos horríveis que significam, conforme Fran explica a Pibín, que estão parando.

Quando o bote se aproxima, ela pode ver o pai em pé, acenando. Outro homem está remando. Mas onde está Mamá? Onde está a irmãzinha que veio do céu?

— Pibín — pergunta ela —, onde estão Mamá e a irmãzinha que veio do céu?

Pibín olha para ela, franzindo a testa. Como se achasse que ela era mais velha, mais esperta.

— Nós não vamos ter nenhuma irmãzinha, Camila.

— Você é que é a irmãzinha — diz Max. — Bebê! Bebê!

Camila o ignora.

— Por que não podemos ter uma irmãzinha, Pibín?

O rosto de Max fica vermelho como quando ele está prestes a romper em choro.

— Porque Mamá está MORTA, estúpida! — diz ele, como se estivesse batendo uma porta na cara dela.

Ela vê a maldade no rosto do irmão, e é isso mais do que qualquer outra coisa que lhe dá vontade de chorar. Talvez alguém vá brigar com Max por tê-la chamado de bebê, garoto travesso! Mas todo mundo está excitado demais com a aproximação do bote, e Tivisita e Pibín e Fran estão correndo para receber o pai, que sobe pela escada de corda e lhes dá um abraço apertado.

Camila não vai chorar na frente de todo mundo para ser chamada de bebê de novo. Ela sai correndo do convés, desce a primeira escada que vê, passa pela cabine onde Regina está arrumando a cama delas, continua andando pelo estreito corredor do barco e desce a escada íngreme que vai dar no buraco escuro onde está a caldeira fazendo ruídos gorgolejantes e homens sem camisa abrindo válvulas e um grande vapor como o que sai de uma

chaleira fervendo.

— Apaga a fornalha! — grita um deles.

Ela se agacha atrás de uma pilha de carvão no calor da fornalha, ouvindo os homens apagarem o fogo e pararem o barco que ela achou que iria levá-la para junto da mãe.

FICA TÃO QUENTE e tão cheio de vapor que ela não consegue respirar, mas não pode tossir, senão vão encontrá-la e levá-la embora para El Cabo, onde ela sabe agora que não irá ver sua mãe.

Mas onde está Mamá?

No céu? Mas onde é o céu?

No seu coração? Mas então por que sua mãe não sai para que ela possa vê-la?

No último dia, sua mãe tentou dizer a ela onde iria estar. Mas o lenço estava cobrindo a sua boca, então Camila não conseguiu entender o que ela estava sussurrando.

Tivisita havia posto nela o seu vestido branco com folhas bordadas na gola como se sua cabeça fosse uma flor.

— Meu coração — disse Tivisita, beijando-a na testa —, você precisa ser muito corajosa.

— O que eu tenho que fazer?

— Sua Mamá quer ouvi-la recitar “El ave y el nido”. E ela quer dizer adeus para você.

— Para onde ela vai? — pergunta Camila, subitamente amedrontada.

Havia vários dias que muitas pessoas chegavam lá passando por aquela esteira que haviam colocado na frente da casa para que o barulho das carruagens não incomodasse sua mãe. Pessoas entram e saem do quarto escuro, chorando e sacudindo tristemente as cabeças ao verem Camila. Mas Mon não deixa que Camila entre lá porque ela diz que não vai fazer bem a Camila ver a mãe naquele estado.

Naquele último dia, quando Tivisita termina de arrumá-la, Mon entra e a leva no colo até o quarto escuro. Seus olhos levam alguns instantes para se acostumarem, mas aos poucos ela vai reconhecendo as pessoas em pé em volta da cama, enxugando os olhos com seus lenços: o gordo arcebispo Meriño, com sua faixa vermelha, o Dr. Alfonseca com manchas amarelas no bigode branco onde ele sopra a fumaça das suas narinas, as alunas da sua mãe,

Luisa e Eva, sua avó Minina, seus três irmãos mais velhos, seu tio Federico, sua bela tia Trini e tia Valentina com seus primos de Baní — parece que todo mundo que eles conhecem está lá.

Ela olha de um para outro, procurando a mãe, e seus olhos avistam finalmente o rosto pálido perdido na cama larga, cercado por flores brancas com um perfume doce e galhos verdes do loureiro.

— Mamá! — chama, e os olhos se abrem e os lábios esboçam um leve sorriso.

Mon põe um lenço sobre a boca de sua mãe, e o meio do lenço afunda quando ela toma fôlego para falar. Na mesma hora, ela começa a tossir.

— Recite para a sua mãe! — ordena seu pai.

Como ela pode se lembrar das palavras de “El ave y el nido” quando sua mãe parece tão mal?

— Vamos — a encoraja Mon. — Sua mãe quer que você recite para ela.

Ela olha para a figura frágil deitada na cama. Quer fazer qualquer coisa para agradar-lhe e mantê-la ali. Então começa a recitar o poema que a mãe escreveu anos antes sobre um pássaro que voa para longe porque seu ninho foi perturbado.

Quando termina, muitas senhoras começam a chorar.

Sua mãe faz um sinal para ela chegar mais perto, mas seu pai não deixa. Mon murmura alguma coisa para seu pai, e ele finalmente deixa que Camila se aproxime da cama.

Ela está olhando diretamente nos olhos da mãe, e pode ver a mãe se afastando cada vez mais, mas também lutando contra o que a está levando embora para poder dizer alguma coisa a ela.

O lenço treme — as palavras ficam presas atrás dele. Ela se inclina mais para perto, virando a cabeça na direção do som, como viu Minina fazer com seu ouvido bom para ouvir melhor. Mas então seu pai se inclina e afasta a cabeça dela.

— Ela está dizendo alguma coisa. — Ele ergue a mão para que todos se cale. — Eu vejo mais luz — repete ele. Em seguida, ergue a mão dela como se fosse beijá-la, mas logo a coloca de volta sobre a barriga dela, ao lado da outra. — Salomé se foi — ele soluça, inclinando a cabeça.

Todo mundo faz o sinal da cruz. O arcebispo Meriño inicia uma oração. Algumas senhoras começam a chorar.

Mas sua mãe não se foi. Camila vê os olhos se abrirem, o lenço

mexer, a mão se estender para tocar nela.

Será que isto aconteceu mesmo? Como ela pode ter certeza de que aquilo que ouviu foi mesmo o que sua mãe disse, quando a boca de sua mãe estava coberta e sua voz tão fraca?

Então ela passa o filme para trás. Sai do quarto, Tivisita a arruma, ela volta à última viagem no barco, a Puerto Plata e à areia e às palmeiras, ao quarto com a luz do sol, onde sua mãe está sentada escrevendo um poema, e tossindo, e então começa de novo.

Ela vai para a frente e para trás, enquanto o rosto de sua mãe começa a desaparecer e o som da tosse a diminuir até se tornar o ruído longínquo dos barcos a vapor quando a maré está alta e eles podem entrar na baía, e ela pode vê-los navegando nas águas da sua casa cor-de-rosa de dois andares no centro de El Cabo, enquanto no andar de baixo o bebê Salomé está chorando e sua madrastra, Tivisita, está dizendo para Camila sair de onde está escondida para dizer olá para o seu pai que chegou do hospital, e ela vai descer, porque tem que descer, mas por enquanto fica parada na sacada com o sol tão quente que deixa a sua pele ainda mais escura, o que ela deve evitar de fazer, tentando recordar aquela primeira viagem de barco a vapor até a capital, com uma senhora doente tossindo na cabine e pessoas chorando sobre uma cama de flores e o desfile silencioso das estudantes com faixas pretas no braço, parando nas sete casas onde a professora delas morou antes de chegarem na igreja de Las Mercedes e os sinos começarem a tocar, fazendo as pombas voarem da torre.

É assim que as pessoas podem realmente morrer, ela pensa, lembrando-se da mãe.

MAS TUDO ISTO É O FUTURO que ela ainda vai ter que viver. Neste momento, está agachada atrás de uma pilha de carvão no buraco escuro de um barco a vapor cheio de fumaça. Ela não consegue respirar. Está fraca por causa da falta de ar, sua cabeça está começando a girar.

Ela ouve passos correndo pelos corredores, descendo a escada de ferro, e o vapor chiando no ar, e alguém está gritando alguma coisa para os homens que estão perto da caldeira e eles respondem: “NÃO!”

Mais passos, mais gritos, e bem quando ela sente que vai mergulhar no centro escuro de si mesma, onde sua mãe está

esperando para tomá-la pela mão e levá-la para o céu, onde elas irão começar uma nova vida juntas, ela engole um montão de ar e seus pulmões explodem num ataque de tosse.

— ¡SALOMÉ CAMILA! — É a voz de seu pai gritando com um desespero tão grande que a arrasta para fora do seu esconderijo. — ¡SALOMÉ CAMILA!

Salomé Camila, o nome de sua mãe e o seu nome, juntos para sempre! Como naquele último dia no quarto escuro, em que ela se lembra de todo mundo chorando e da tosse doída e de sua mãe erguendo a cabeça do travesseiro para dizer o nome especial delas duas.

— Nós estamos aqui — diz ela.

EPÍLOGO

Chegando em São Domingos

Setembro, 1973

— ELA NÃO VAI SABER a diferença — uma das sobrinhas diz. Como se junto com a catarata eu estivesse também ficando surda.

— Eu posso ouvir vocês, meninas — aviso. Elas estão na casa dos vinte agora, mas ainda penso nelas como as lindas meninas de Rodolfo. Em Cuba, quando ainda moravam lá, elas eram a sensação da cidade, mesmo depois da revolução, quando supostamente não se prestava atenção a essas coisas.

Há um momento de silêncio, e depois risadinhas, pequenos soluços de riso no corredor onde elas estavam planejando um modo de adiar a nossa excursão ao cemitério. O pai delas, Rodolfo, comprou um lote para “aqueles da família que não são famosos”, e me convidou gentilmente, sua meia-irmã, a tia Camila, para ficar com eles. Há algumas semanas escolhi um local e tomei algumas providências com relação à minha lápide.

Foi então que começaram os problemas.

— Ora, tia Camila — diz Elsa, a mais velha das meninas —, como você sabe que nós estávamos falando de você?

— Porque sou eu quem está criando dificuldades, só por isso. — Eu reajo ao toque dela apertando-lhe a mão. A maciez de sua pele e a forma dos dedos me fazem lembrar de outra mão do passado. Isto já se tornou habitual. Na minha idade, tudo faz lembrar alguma coisa que passou. Cada vez mais, as pessoas que eu amei reaparecem nas suas versões mais jovens, sem dúvida sinalizando a minha partida.

Por essa razão, estou criando esta confusão agora.

QUANDO AS MENINAS me levaram pela primeira vez no lote do cemitério há várias semanas, eu escolhi o nível mais baixo da cripta de três gavetas, do lado esquerdo, perto do chão.

— Mas a sua inscrição vai ser coberta pelo mato — disse o

atendente do cemitério. Ele tinha razão. Aqui o mato cresce tão depressa que não dá para enfrentá-lo. — A senhora não prefere a mais alta, para todo mundo vê-la?

— Deus me livre — disse eu, sacudindo a cabeça. Quem era este rapaz afetado, que discutia locais de sepultamento como se fossem camarotes na ópera? — Quero ficar perto do chão. Sabe, eu passei a minha vida inteira mudando de um lugar para outro. Um endereço novo a cada década. Esta vai ser a primeira casa permanente.

— Você está sendo mórbida, tia! — resmungaram minhas sobrinhas. Rodolfo estava junto e para variar me apoiou.

— Sua tia Camila tem razão. Nós estamos numa idade em que temos que pensar nessas coisas. — Diariamente, ele e eu competimos para ver quem se sente pior em nossos corpos mortais: a sua artrite contra a minha asma; o seu quadril esquerdo (“Eu mal consigo andar!”) contra o meu sopro no coração e a minha catarata. É como se estivéssemos jogando um daqueles velhos jogos de tabuleiro que eu costumava trazer dos Estados Unidos para as minhas sobrinhas: Mexe-Mexe, minha nossa, imagine se os meus amigos revolucionários ouvissem isto, Monopólio.

— Ora, Rodolfo, deixa disso, você é o bebê — dizia eu para ele. Aos sessenta e sete anos, ele é o mais jovem de todos os filhos de Papancho, doze anos mais moço do que eu.

Quanto à lápide propriamente dita, disse-lhes eu, nada de anjos, nem de Cristo barbudo — como um Fidel magrinho — desnudando o peito para mostrar o coração. Eu tinha dado a eles instruções precisas, então, quando voltamos na semana passada e Elsa leu para mim o que estava escrito na lápide, é claro que eu fiquei danada.

— O nome está errado — disse-lhe eu.

— Você sempre gostou de ser chamada de Camila — disse Rodolfo. — Aliás, Papancho disse que você ficava zangada com ele quando ele chamava você de Salomé Camila. Você corria para se esconder.

É claro que Rodolfo estava certo ou parcialmente certo. Depois que compreendi que ela não ia mais voltar, eu detestava lembrar da minha mãe. Mas mesmo assim tinha saudades dela — uma saudade que me invadia no meio da noite e me fazia vagar por casas, apartamentos, onde quer que eu estivesse morando na ocasião. Tentei todo tipo de artifício. Estudei a história dela. Comparei-a com a minha. Teci nossas duas vidas juntas como uma corda bem resistente com a qual eu içava a mim mesma para fora do poço da

depressão e da dúvida. Mas não importa o que eu fizesse, ela continuava longe. Até que finalmente eu a encontrei no único lugar em que podemos encontrar os mortos: no meio dos vivos. Mamá estava viva e saudável em Cuba, onde lutei junto com outras pessoas para construir o tipo de país com o qual ela sonhou. Mas como posso explicar isto ao meu autocrático irmão caçula, que a cada dia parece mais ser uma reencarnação do doido do nosso velho pai? Só de ouvir falar em Cuba ele fica tão zangado que tenho medo de que ele vá para o túmulo antes de mim.

— Quero que mande refazer a lápide — disse a eles na mesma hora.

— Mas tia Camila, que diferença faz? — argumentou Lupe. Estava na ponta da língua dela dizer que eu tinha vindo de Cuba, onde passara inúmeras privações. Diante disso, que importância tinha a omissão de um nome numa lápide que eu não estaria viva para desfrutar?

E então “ouvi” as cotoveladas e os olhares de advertência. Estes olhares diziam: faça a vontade dela. Vamos dizer que o nome foi mudado, e ela não vai saber a diferença.

EU TINHA VOADO DE AVIÃO de Cuba para lá para ver Rodolfo e minhas sobrinhas. Festas de quinze anos, formaturas, aniversários se haviam passado e a tia Camila tinha estado ocupada demais para ir. Pelo menos a minha desculpa era essa. Mas de fato a minha pensão estava congelada nos Estados Unidos e o meu magro salário do Ministério da Educação de Cuba não dava para comprar uma passagem de avião. Então, Rodolfo me mandou o dinheiro junto com um bilhete, “Não aceito desculpas”, e o apelo sentimental: “Tenho que ver você antes de morrer, Mamila.”

No aeroporto, Rodolfo tinha ficado nervoso com a deterioração da minha visão, com minhas roupas modestas.

— Você só trouxe isso? — perguntou ele, apontando para a minha pequena mala. Eu tinha pensado em trazer o malão com os papéis de Mamá, que vinha guardando comigo havia anos. Mas já perto do dia da viagem decidi que já era tempo e liguei para os arquivos em Havana e pedi para virem buscá-los. Pobre Max (já faz cinco anos que ele morreu!), ele deve estar se revirando no túmulo.

Na tarde da minha chegada, eu e Rodolfo nos sentamos para conversar nas cadeiras de balanço da varanda e ele me perguntou

sobre o meu futuro.

— Meu futuro? Na minha idade? — Eu fiz força para não rir.

— As coisas lá vão ficar cada vez piores, você sabe disso — disse Rodolfo, balançando-se mais devagar para dar mais ênfase ao que estava dizendo. Meu irmão, sempre tão diligente com as escalas quando era menino, aprendeu a tocar sua cadeira de balanço na velhice como se fosse um instrumento musical. — Diga-me uma coisa, Camila — acrescentou, como que para provar o seu ponto de vista —, quando foi a última vez que você tomou um sorvete de pistache?

— Eu não gosto de sorvete de pistache, Rodolfo. Não sinto um pingão de falta dele.

— Quero que você fique aqui comigo para eu poder cuidar de você. — A voz dele tinha ficado rouca, o catarro da sua última gripe forte estava agarrado na sua garganta. (Bronquite residual versus minha asma persistente; cálculo renal versus a hérnia que devia ter sido operada há anos.) Não era uma voz muito diferente daquela do garotinho que gritava para sua Mamila sair do quarto para eles irem fazer cócegas no porco, Teddy Roosevelt, com um galhinho de goiabeira.

— Mas como você vai poder cuidar de mim, Rodolfo? — brinquei com ele. — Você está em pior estado do que eu, lembra?

— Camila, Camila — ele estava se balançando rápido, eu tive que empurrar o corpo para a frente e para trás para acompanhá-lo. — Só de pensar em você sozinha em Riomar...

— Sierra Maestra — o corrigi. Talvez por isso é que eu não tenha recebido as muitas cartas que ele jurava que havia mandado para mim. Junto com diversas outras coisas, o meu prédio tinha mudado de nome para homenagear a revolução. Mas Rodolfo insistia em endereçar o envelope com o antigo nome.

— Só de pensar em você ali sozinha, isto me mata, Camila. — Ele pôs a mão no coração, aquele velho gesto de Papancho ameaçando castigar a desobediência filial com um ataque cardíaco do *páter-familias*.

— Rodolfo querido — disse eu, estendendo a mão para ele. — Vamos falar sobre o verdadeiro futuro. Acho que tenho que tomar algumas providências.

Foi então que o meu irmão me ofereceu um lugar no lote do cemitério que ele e Max tinham comprado antes de Max morrer.

— E mais uma coisa — acrescentou ele —, quero que você dê

um jeito nos seus olhos.

— Para que gastar dinheiro? — argumentei. Depois da operação, seriam necessários três meses para me ajustar aos óculos que iriam me ajudar a enxergar, e então já teria morrido. Eu tinha certeza disto. Por isso é que eu tinha voltado para casa, não apenas para visitar o meu meio-irmão e as minhas sobrinhas.

Mas Rodolfo insistiu.

— Pense nisso, Camila, poder enxergar nossos rostos com nitidez outra vez. Poder ler poesia de novo.

— Está bem, Rodolfo — disse a ele. — Faça o que quiser comigo. — Eu não queria preocupá-lo com minhas premonições. Mas podia sentir o cansaço do cachorro velho andando em círculos ao redor do lugar que ele escolheu para se deitar.

— VOCÊ PODIA SER ENTERRADA junto com Salomé — disse Rodolfo no carro, a caminho do panteão para visitar o monumento de minha mãe. Eu já tinha aceitado o oferecimento dele no cemitério, mas acho que Rodolfo achou que eu estava me privando do local que poderia reivindicar por causa do meu parentesco. — Nós poderíamos fazer um requerimento dizendo que você gostaria de descansar ao lado do seu pai e da sua mãe.

— Ora, Rodolfo, por favor! — Eu sacudi a cabeça na direção dele. — Uma eternidade de visitantes! O que poderia ser pior do que isso? Quanto a estar com Mamá, aprendi a conviver com a ausência dela a minha vida inteira. Por que mudar isso agora?

Nós entramos no salão e Rodolfo foi anunciando os nomes dos túmulos à medida que íamos passando por eles. Paramos no túmulo de María Trinidad Sánchez. Era ela quem tinha costurado a nossa bandeira e depois pedido que sua saia fosse amarrada em baixo antes de ser executada por ordem do general Santana (agora lamentavelmente enterrado bem defronte dela). Dependendo do presidente, o panteão de heróis muda, o vilão de um regime é o herói do outro, até que a palavra *herói*, assim como a palavra *pátria*, perde o seu significado. Esta é outra das razões pelas quais eu não quero ser enterrada aqui no meio dos mortos famosos. Tudo o que tenho a fazer é colocar a minha vida ao lado da vida da minha mãe, eu sei qual é a diferença.

No último túmulo, no canto, Rodolfo lê os nomes. Mamá e Pedro estão na cripta central — eternamente juntos! —, este foi o último

desejo de Pibín. À direita está Papá, recentemente transferido do cemitério em Santiago de Cuba.

— Você teve chance de visitar o túmulo de Tivisita quando foi buscar Papancho? — perguntou-me Rodolfo.

Não tive coragem de dizer ao meu meio-irmão o que tinha acontecido com o túmulo da mãe dele. Quando o governo dominicano solicitou a volta do corpo de um dos seus antigos presidentes, eu fui de Havana para Santiago de Cuba para assinar os papéis e supervisionar a transferência. A fim de exumar o corpo para que o ex-presidente pudesse ser colocado no panteão ao lado da sua primeira esposa, a poeta Salomé Ureña, o túmulo que ele dividia com sua segunda mulher, Tivisita, teve que ser aberto. Ao fazer isso, a pesada lápide foi partida e depois jogada fora, de modo que Tivisita foi deixada num túmulo sem identificação.

O meu silêncio obviamente intrigou o meu meio-irmão.

— Eu sempre me perguntei, Camila, se você gostava de mamãe.

— Tivisita foi sempre muito boa para mim — disse-lhe eu. — Nós éramos amigas. — Uma vantagem da minha cegueira era que os meus olhos não me traíam mais.

Talvez devesse ter contado a verdade, que tinha me esforçado para amá-la assim como tinha me esforçado para amar diversas outras pessoas. Pensei, é claro, em Domingo e no belo Scott Andrews, e na minha velha amiga Marion, que ainda está viva em Sarasota, com os dois olhos bem afiados, operados por um médico cubano exilado, usando a técnica mais moderna possível. “Venha visitar-me”, tinha escrito ela. “Eu pago para você voltar a ver.”

A luta para ver e a luta para amar a coisa defeituosa que vemos — que outra luta existe? Até mesmo a luta para criar um país vem dessa mesma semente.

Em nome de Hostos, de Salomé, de José Martí...

— Estou realmente surpreso — dizia Rodolfo num tom brincalhão. Ele tinha apanhado a sua agnóstica irmã fazendo o sinal da cruz. É claro que ele não tinha escutado a oração sacrílega.

NAQUELA TARDE, RODOLFO me emprestou o carro dele e o jovem motorista que ele contrata, uma vez que não dirige mais. (Sua degeneração da mácula versus a minha catarata; sua pressão alta versus a minha pressão alta.) Eu queria dar um longo passeio pela parte velha da cidade, da cidade de Mamá. Rodolfo estava cansado

por causa da nossa saída matinal, Elsa estava trabalhando e Lupe também, então o bebê Belkys — agora com mais de vinte anos! — veio junto. A querida Belkys é toda Lauranzón. Ela não se interessa pela história interminável e chata do clã dos Henríquez — todos aqueles tios professorais com seus livros maçantes de crítica e de poesia patriótica.

— Onde está o meu esmalte cor de tangerina? — grita a plenos pulmões. Ela não pode ir à cidade com as unhas sem esmalte. Graças a Deus não tenho que *ver* essas unhas. Ouvir falar nelas já é o suficiente.

Nós nos instalamos no carro e pedimos ao motorista para nos levar à casa de Salomé Ureña.

— E onde fica isso? — pergunta ele.

— Onde fica, tia Camila? — perguntou Belkys, como se eu não conseguisse ouvir o que homem dizia só porque não podia vê-lo. — Será que fica na Rua Salomé Ureña?

— É claro, querida.

Mas quando chegamos lá, ninguém na rua soube nos dizer qual era a casa exatamente. Com a minha visão prejudicada, não conseguia distingui-la no meio das outras, mas sabia que conseguiria encontrá-la pelo tato. Uma placa havia sido incrustada na parede logo depois da morte de Salomé. Devem ter-nos achado umas doidas ali naquele sol quente da tarde: uma velha cega passando a mão na parede das casas e uma moça com as unhas cor de laranja e sapatos de salto alto andando atrás dela com uma sombrinha para que a tia já bem morena não ficasse mais morena ainda.

— Aqui está! — exclamei.

— Aqui viveu e desabrochou Salomé Ureña — Belkys leu a placa para mim. Nosso jovem motorista tinha nos acompanhado, fechando o séquito, sem dúvida apreciando a visão de Belkys com a sua minissaia. Elsa diz que o comprimento das saias de Belkys causa furor aonde quer que ela vá.

— Quem é esta Salomé Ureña? — perguntou ele. — Eu leio o nome dela em toda parte.

Eu tive que morder a língua. E mordi mesmo.

— Ela foi uma das maiores poetisas de língua espanhola — gabou-se Belkys, como se ela soubesse! — Ela fundou a primeira escola de ensino superior para moças no país. O que mais, tia Camila? — perguntou ela, virando-se para mim.

Eu não soube mais o que dizer. Senti a velha tristeza se apoderando de mim. Então disse com simplicidade:

— Ela era minha mãe.

— Que ela descanse em paz — disse o rapaz, sua mão faiscando diante de mim ao fazer o sinal da cruz para selar o seu desejo.

NÓS VISITAMOS A ESCOLA. Mamá tinha aberto o Instituto de *Señoritas* em 1881 na sua sala da frente, e exceto pelo hiato de alguns anos quando ficou doente, a escola tinha sobrevivido a dezenas de revoluções e guerras civis e mudanças de governo. Neste aspecto, nós não havíamos mudado como povo desde o tempo de Mamá. Agora o prédio ocupava quase um quarteirão inteiro.

— Descreva-o para mim — pedi aos meus jovens acompanhantes.

— Ele é verde-oliva, enfeitado de verde-oliva mais escuro.

Isto me soou muito marcial — como um prédio em Cuba depois que o gosto soviético tomou conta de lá.

— O que mais?

— Ele tem grades nas janelas — disse Belkys. — Que sinistro.

— É claro, com todo o crime e o vandalismo que há hoje em dia — reclamou o jovem motorista. Parecia que ele estava vivo havia milênios e tinha percebido a terrível direção que a humanidade estava tomando.

Uma vez lá dentro, nós nos vimos no meio de uma confusão de professoras ralhando e meninas recitando suas lições.

O que havia acontecido com o método positivista?, me perguntei. Com mentes jovens fazendo perguntas originais?

— Vocês têm uma autorização? — Era uma das professoras, eu imagino, tomando conta do corredor.

A minha querida Belkys, princesa da bazófia, falou com certa arrogância:

— Não precisamos disso. Esta é a filha de Salomé Ureña.

— Certo, e eu sou o papa — respondeu a professora. Um desafio à sua autoridade era algo que ela não podia tolerar, especialmente nos corredores à poucos passos das suas alunas. Sem dúvida não nos ajudou o fato de um rapaz ter entrado conosco neste covil de mulheres.

— Mas estou dizendo a verdade — respondeu Belkys, com a voz trêmula. — Venha, tia Camila, vamos embora.

— Conte-me exatamente como era lá dentro — pedi na viagem de volta para casa.

E foi então que ela descreveu o pátio interno cheio de mato e de lixo; o chão de madeira todo rachado; o bando de faxineiras com rostos cansados e mal-humorados, sentadas em cadeiras de bambu; as diversas regras e *mandamientos* presos no quadro de avisos; as meninas caminhando pelos corredores com tigelas cheias de alguma coisa que elas tinham aprendido a cozinhar naquele dia.

— Chega — disse eu, apertando a mão dela.

— Ay, tia Camila — Belkys estava soluçando. Todo o esmalte cor de tangerina tinha desaparecido da voz dela. — O que diria Salomé se pudesse ver este lugar agora?

O que ela teria dito a não ser o que deve ter dito para si mesma diversas vezes, quando via os seus sonhos desmoronarem? Comece de novo, comece de novo, comece de novo.

DE TARDINHA, EU E RODOLFO nos sentamos na varanda, balançando-nos ritmadamente. O dueto da cadeira de balanço, como diz Elsa. O cheiro de chuva e gengibre fica no ar — tem uma moita de gengibre em volta da casa, as meninas me dizem.

Às vezes *aquele* assunto surge, não a morte, como se poderia pensar em se tratando daquelas cabeças brancas e corpos cheios de mazelas — é fácil falar nisso —, mas sim Cuba.

— A experiência não deu certo — diz Rodolfo com amargura. Desde que conseguiu sair de lá há cinco anos com as filhas, Rodolfo, como a maioria dos exilados, tenta manchar o solo para aqueles que ficaram. É um solo que já está bastante manchado, como digo a ele.

— Mas esse não é o problema — acrescento. — Nós temos que continuar tentando criar uma pátria na terra em que nascemos. Mesmo quando a experiência não dá certo, especialmente quando não dá certo.

— Mas você nem nasceu lá! — retruca Rodolfo.

— Mas eu fui criada lá. E como Martí disse uma vez...

— Camila, Camila — suspira ele —, não abusa da sua vantagem. — É assim que Rodolfo se refere a uma certa tendência que a irmã mais velha, a professora, tem de saber de tudo, de oferecer seus pedacinhos de sabedoria onde quer que encontre ignorância, um estado mental que, evidentemente, não existe na cabeça do irmão.

“A verdade é”, ele começa, sua abertura favorita hoje em dia,

como se a idade o tivesse transformado num Moisés descendo a montanha com suas tabuletas de verdades numeradas, “*la pura verdad* é que nós somos uma família cigana.”

Esta é uma verdade com a qual ambos concordamos. As sementes dos Henríquez estão espalhadas pelas Américas: as duas filhas de Pedro na Argentina; Fran onde quer que a família da mulher tenha levado as cinzas dele quando fugiu da revolução; os filhos de Max indo de um lado para outro na América do Sul, de modo que todas as vezes que eu liguei para a casa deles suas mulheres disseram suspirando: “Vamos ver, hoje é quinta-feira... ele está no Panamá.” E tem também os netos franceses de Papancho, espalhando sua semente na França e na Noruega e em Nova Jersey, pelo que ouvi dizer. E cada um desses filhos impulsionados pelo pequeno motor da vida e da necessidade num mundo que cada vez mais se parece com o nosso vizinho do norte, um mundo sem alma ou espírito suficientes, como Martí dizia, como se o grande sacrifício e a visão dos antigos tivesse desaparecido com o tempo.

— Você está se balançando de forma estranha hoje — observa Rodolfo, parando a sua cadeira como que para prestar mais atenção na minha. Na verdade, estou batucando no braço da cadeira enquanto me balanço para a frente e para trás. — Você está tocando jazz, não cantando uma harmonia.

— Eu às vezes faço isso — eu digo a ele.

— VOCÊ DEVIA DESCANSAR, tia Camila — sugere Belkys. Nós voltamos ao assunto da lápide errada. Minhas sobrinhas querem que eu cancele a ida ao cemitério programada para hoje.

— Nós mudamos a inscrição, você não acredita em nós? — pergunta Lupe, com uma pontinha de impaciência na voz.

— Eu gostaria de ver por mim mesma.

— Se você vai *ver* por si mesma, é melhor esperar até depois da operação para conferir se estamos dizendo a verdade! — diz Belkys, atrevida como sempre.

Elas não querem que eu saia hoje. Tem uma greve de lixeiros. Em alguns lugares, os grevistas armaram barricadas com o lixo.

— Além disso, parece que vai chover. Não vale a pena você pegar um resfriado antes da operação. — Lupe, sempre prática. Ela não acredita em discussão, mas sim em raciocínio lógico, como gosta de dizer. Quando eu costumava trazer para elas cadernos de

exercícios dos Estados Unidos, os exercícios favoritos dela sempre foram as analogias: casa está para lar assim como país está para espaço.

Mas as desculpas delas me deixaram desconfiada. A minha operação está marcada para a próxima terça-feira, *si Dios quiere*, como os dominicanos gostam de dizer, se Deus quiser e se os lixeiros permitirem. Caso aconteça alguma coisa, quero ter certeza de que este último desejo foi cumprido.

— A chuva vai parar logo. Aí nós podemos ir.

— Tia Camila, se nós estivéssemos tentando enganá-la, tudo o que teríamos que fazer era levar você até o cemitério e ler o que você quer ouvir — Lupe continua com o seu raciocínio.

Tenho formas de verificar isso, penso, com minhas mãos cruzadas tranquilamente no colo. Quanto mais a minha visão fica embaçada, mais os meus dedos ficam sensíveis. Eu ia passar os dedos na pedra e perceber a diferença.

— Então você pode aceitar a nossa palavra, querida tia! — conclui Lupe, endireitando o laço da minha gola como se eu fosse uma criança petulante.

Elsa, a mais atenciosa das três, acha que a minha preocupação por este pequeno detalhe é um sinal da minha ansiedade pela operação de catarata que se aproxima.

— Eu não estou preocupada com isso — digo com firmeza. — A única coisa que estou deixando é essa pedra. O mínimo que posso fazer é verificar se os detalhes estão corretos. — Realmente, a minha velha amiga Marion costumava implicar comigo dizendo que eu só escrevia a lápis porque não gostava que meus erros aparecessem.

“Se há uma coisa que eu odeie a respeito da revolução”, acrescento, e é claro que elas aguçam os ouvidos ao me ouvir dizer isso, já que querem tanto que sua velha tia concorde com o ponto de vista delas, “é o uso desleixado da língua.” Eu tenho vários exemplos, mas não os utilizo.

— Isso é tudo? — pergunta Lupe, como se eu tivesse reclamado de um joanete quando o problema é um pé gangrenado.

Penso um instante antes de responder — Elsa chama isto do lapso de tempo do raciocínio da tia Camila.

— Sim — digo eu. — Isso é tudo. — Embora pudesse muito bem ter dito: Isso é tudo o que importa. As palavras que dizem quem somos nós.

EU ME LEMBRO DO PRIMEIRO emprego que tive em Cuba depois que voltei em 1960.

O *jefe* do departamento pessoal do Ministério da Educação tinha sabido que uma mulher dominicana havia deixado o seu emprego de professora em Vassar para se juntar à revolução. (As inexatidões já estavam se infiltrando.) Será que *la compañera* Camila gostaria de trabalhar como assessora técnica na campanha nacional de alfabetização? A carta dele estava cheia de erros e tentativas enxovalhadas de correção. Sem dúvida a secretária dele fora mandada para uma plantação de cana e ele tinha ficado sozinho para datilografar a própria correspondência.

Não foi a carta em si que me deixou inquieta. Foi o final dela. *Revolucionariamente seu, Pátria ou Morte! Venceremos!* Sem dúvida, uma dessas expressões já seria suficiente.

Estava acontecendo por toda Cuba, esta linguagem horrível, exagerada. Toda vez que eu me aventurava a sair, tinha que me conter para não pegar o lápis vermelho. Um lojista escreveu, “O cliente tem sempre razão, exceto quando ataca a revolução”. Ambas afirmativas falsas: uma do capitalismo, outra do marxismo. Oh, Deus, pensei, onde foi que eu vim parar?

Nos primeiros anos, antes de aprender os novos nomes, era impossível para mim ir para qualquer lugar de táxi, a menos que eu encontrasse um motorista mais velho. Um motorista jovem não conhecia a Calle de la Reina porque ela tinha sido rebatizada de Simón Bolívar antes que ele tivesse aprendido a ler. O Boulevard Carlos III tinha desaparecido, mas o Boulevard Salvador Allende ainda nos levava para onde quiséssemos ir. Nós estávamos aos pés da nossa própria Torre de Babel, ideológica e linguística, e o êxodo começou, principalmente dos ricos que tinham recursos para começar vida nova nos Estados Unidos.

— O que eles não querem admitir é que agora os filhos dos empregados deles estão frequentando a escola, e todo mundo tem o que comer e tem atendimento médico — observou minha amiga Nora Lavedán. — Quando tem comida e remédio — acrescentou ela sarcasticamente.

Um lugar que eu queria visitar antes que todos os nomes fossem mudados era o túmulo de Domingo. Mas quando cheguei no cemitério o lugar estava uma bagunça. Os túmulos tinham sido saqueados, as cabeças das estátuas foram arrancadas, os bustos e os ossos dos antepassados ricos tinham sido enviados para Miami pela

Pan Am.

A jovem *compañera* encarregada dos registros ficou resmungando para si mesma enquanto procurava numa pilha de fichários que estava renumerando.

— Eu teria que saber a data da morte e do enterro dele.

— Não sei ao certo — disse-lhe eu. — Estive fora por tanto tempo que ele morreu e eu nem soube.

A jovem de feições salientes com uma boina e botas de combate me olhou com curiosidade.

— Ele era seu parente? — Ela precisava desta informação antes de prosseguir com a busca.

— Não, não exatamente — expliquei, sempre a mania de exatidão. A afetação de professora na minha voz foi como um lápis vermelho passado na permissão que ela poderia ter-me concedido.

— *Compañera*, vou precisar de uma autorização assinada pelo comandante de cemitérios antes de fornecer qualquer informação.

Comandante de cemitérios!, pensei. Todo mundo agora era encarregado de alguma coisa. Estas eram as más notícias. Mas as boas notícias eram muito boas: nós todos estávamos encarregados de tomar conta uns dos outros. Eu podia viver e morrer por isso, também.

— Se você pudesse fazer a gentileza, *compañera*, de anotar o endereço do comandante. — Eu obedecia, mesmo quando as regras pareciam tolas, mesmo quando os meios eram errados. Nós nunca tínhamos tido permissão para governar a nós mesmos. Estávamos fadados a errar nas primeiras vezes.

Uma noite, com Domingo na cabeça, segui o cheiro do mar e me vi no cais do porto, onde um dia havíamos protestado juntos, não me lembro mais por que causa. Caminhei no meio dos pescadores e estivadores, descarregando um navio soviético, transportando latões de açúcar e barris de rum e caixotes cheios de charutos cheirosos com guindastes que penetravam nas entranhas desses navios. Tive o súbito desejo de me esconder num desses navios e acordar numa terra totalmente nova, onde a revolução já houvesse triunfado e o povo estivesse livre e o meu trabalho já estivesse feito.

MINHA VIDA EM CUBA — foi uma vida inteira, não foi? Treze anos passaram voando. Eu estive ocupada o tempo todo. Para começo de conversa, com os racionamentos de combustível, eu tinha que ir a

toda parte a pé, e assim cada tarefa levava o dobro do tempo.

O êxodo que havia começado como um vazamento transformou-se numa enchente. Com tantos indo embora, aqueles que ficaram tornaram-se cada vez mais necessários. Eu ensinava na universidade à noite e em *factorías* durante o dia. Nos fins de semana, eu me reunia com os meus jovens *compañeros* para escrever manuais e preparar material para os professores que vinham das escolas rurais. Às vezes eu era designada para o campo.

Logo depois que cheguei, Rodolfo pediu para sair, levando minhas sobrinhas com ele.

— Como você pode suportar isto, Camila? — Rodolfo cochichou no meu ouvido enquanto nos dirigíamos para a última audiência dele com o Comitê para a Defesa da Revolução. — Que tipo de revolução é esta? — Ele contemplou mais um cartaz de Fidel sendo colocado no Boulevard Lenin.

— Com calma, Rodolfo — disse-lhe eu.

Fiquei desapontada com a reação dele, pois nunca me passara pela cabeça que a verdadeira revolução era a que Fidel estava comandando. A verdadeira revolução só podia ser ganha pela imaginação. Quando um dos meus alunos recém-alfabetizados apanhava um livro e lia com um prazer voraz, eu sabia que estava um pouco mais perto da pátria que todos desejávamos.

Um verão, fui mandada para uma brigada de alfabetização em um cafezal em Sierra Maestra. Dia após dia, lia para uma sala cheia e abafada de mulheres catando grãos de café. Uma manhã, deixei de lado a lista que me havia sido sugerida (*Granma*, Karl Marx, José Martí) e li para elas um poema de Mamá que nunca havia sido publicado. Ela deve tê-lo escrito logo após o nascimento de Fran.

Ali dorme o meu pequenino, todo meu!
Ali dorme o anjo que encanta o meu mundo!
Eu ergui os olhos do livro uma dúzia de vezes,
Absorta com ele, não li uma só palavra.

Ergui os olhos quando acabei de ler; as mulheres tinham parado de trabalhar e estavam olhando para mim, interessadas.

— O que foi? — perguntei, olhando por cima dos ombros delas para a nossa encarregada que estava no fundo da sala. Ela era bem dura quando as trabalhadoras deixavam de cumprir suas cotas.

— Isso foi escrito por uma mãe? — perguntou uma das

mulheres.

Balancei a cabeça afirmativamente.

— Na verdade, foi escrito pela minha mãe. — E então contei a elas a história dela, e quando terminei, uma por uma, as mulheres começaram a bater com seus tamancos de madeira do lado das mesas, até que o barulho na sala abafou a voz da *compañera* que gritava pedindo ordem, em nome de Fidel, em nome da revolução.

A CHUVA ESTÁ CAINDO forte. Elsa senta-se ao meu lado, nossas cadeiras puxadas para perto da parede da varanda. Rodolfo pegou um resfriado e está dormindo. Nós ficamos sentadas em silêncio, ouvindo o barulho da chuva, uma névoa úmida em nossos rostos.

— Está vendo, tia Camila, Lupe tinha razão. Choveu mesmo.

— Eu não me importo com uma chuvinha — digo.

— Você está zangada conosco por não a termos levado lá hoje?

— São vocês que mandam agora — digo, com uma certa amargura na voz.

— Talvez no domingo — diz ela. — A operação é só na terça-feira, lembra?

— Talvez — concordo. Mas no domingo o sol vai estar forte demais. A greve dos lixeiros terá deixado as ruas intransponíveis. A tosse de Rodolfo vai estar tão ruim que todo mundo vai ter que ficar a postos para o caso de ele resolver morrer.

— Tia Camila, muitas vezes eu me perguntei se a senhora está contente por ter voltado para Cuba.

Suspiro porque esta é uma pergunta que me é feita por várias pessoas que descobrem que tive uma outra vida nos Estados Unidos. Podia ter-me aposentado com uma boa pensão e terminado os meus dias num chalé em um lago em New Hampshire ou em Vermont ou talvez até mesmo em Sarasota, perto de Marion e do marido dela, cujo nome eu nunca consigo lembrar direito. Como pude jogar fora esta vida aos sessenta e cinco anos?

— Como eu podia não fazê-lo? — respondo.

— Você abriu mão de tanta coisa — diz Elsa.

— De menos do que você pensa, minha querida — digo a ela. A pensão que descobri mais tarde que tinha perdido ao me mudar para Cuba não era nada comparada com o que havia encontrado. Ensinar literatura em toda parte, nos campos, nas salas de aula, nas barracas, nas *factorías*, literatura para todos. (*Liberatura*, como Nora

gosta de dizer.) O instituto de minha mãe tinha ficado do tamanho do país!

— Foi muito sim, tia. Você sempre procura parecer menos do que é.

Eu fui obrigada a rir.

— Nós somos todos do mesmo tamanho, você não sabe disso? Só que alguns de nós nos esticamos um pouco mais.

Minha sobrinha aperta a minha mão. Eu me lembro subitamente de Domingo, de como ele sempre tinha que fazer algum contato físico quando falava comigo. Senti outra vez aquele velho remorso por tê-lo enganado. Mas eu tinha enganado a mim mesma também, achando que havia me apaixonado pelo homem, quando na verdade havia me apaixonado pelo artista, por sua intensidade, pela África em sua pele — as coisas que me ligavam à minha mãe, não a ele.

— Estava na hora de voltar para casa — digo à minha doce Elsa. — Ou o mais perto que eu podia chegar de casa. Queria isso mais do que qualquer outra coisa. — Quem pode explicar isto? Este amor secreto e envergonhado que nos liga ao lugar arbitrário onde por acaso nascemos.

Nós ficamos ouvindo as gotas de chuva caindo do telhado da varanda no arbusto embaixo. O cheiro de gengibre é muito forte.

— Eu sinto saudades de Cuba — confessa Elsa finalmente. Ela era mais velha do que as irmãs quando partiu, então sente mais falta. — Mas não acho que Castro seja a resposta.

— Foi errado pensar que havia uma resposta. Não existem respostas, meu bem. — Hesito. Nem mesmo sei como explicar isto a ela. Se ao menos pudesse ver o rosto dela com clareza, talvez as palavras brotassem do conhecimento sem palavras que trago no coração. — É o fato de continuar a lutar para criar o país com o qual sonhamos que transforma em pátria a terra que temos sob nossos pés. Eu aprendi isto com a minha mãe.

— Então você acha que eu devia voltar? — Elsa é dentista, ela estudou muito para montar o seu pequeno consultório nas salas da frente da casa do pai.

Que erro desejar a clareza acima de tudo! penso em dizer isto a ela. Um erro que cometi muitas vezes em minha vida.

— Mais uma vez você quer uma resposta, meu bem. — Sorrio porque entendo o que ela sente.

DE MANHÃ BEM CEDINHO, me visto em silêncio e vou até a frente da casa. Geralmente os meus passeios acontecem no meio da noite, entrando e saindo das salas, como se eu tivesse perdido algo durante o dia e precisasse recuperar durante a noite.

— Ignacio — chamo quando chego no portão.

Eu tinha encontrado o jovem motorista na frente da casa na véspera e havia combinado esta ida ao cemitério. Ofereci a ele minha bolsa de moedas cheia de pesos, mas ele recusou.

— Será uma honra — insistiu ele.

Uma honra! Um rapaz jovem trabalhando pela honra! Fiquei impressionada. Apesar da nossa história decepcionante, o meu povo continua a me surpreender com sua generosidade de espírito. O que era mesmo que Martí costumava dizer: Toda época tem o seu demônio mas o ser humano pode sempre ser bom? Ou foi Hostos quem disse isso ou foi Mamá, afinal? Os belos, os bravos, os bons — estão todos correndo juntos na minha cabeça para dentro daquele enorme rio do tempo que agora está me levando junto.

A manhã está fresca, com um resquício de chuva nos ventos que sopram do mar. Em breve entraremos no nosso inverno tropical, com as ondas ficando selvagens, a escuridão chegando mais cedo a cada dia. Estremeço ao pensar nos invernos longos e frios em Poughkeepsie e Minnesota e na longa eternidade que se estende diante de mim. Tanta coisa por fazer! E nenhum filho meu para eu enviar para o futuro para fazer o que falta.

Não é verdade! A minha Nancy em Poughkeepsie, as minhas catadoras de café em Sierra Maestra, a minha Belkys, a minha Lupe, a minha Elsa em São Domingos — minhas e não minhas —, como é para todas nós, mães sem filhos, que ajudam a educar os jovens.

Os portões já estão abertos quando nós chegamos. Sinto o cheiro dos cravos, trazidos da periferia, sendo colocados nas latas, um perfume agradável depois do fedor do lixo não recolhido nas ruas da cidade.

— A senhora gostaria de umas flores? — uma vendedora pergunta para nós, sem muito entusiasmo na voz, um tique de vendedora, oferecer o produto a quem quer que passe. Os compradores de verdade chegam mais tarde em suas Mercedes pretas com vidros escurecidos e que não expõem a sua dor privilegiada para os transeuntes curiosos.

Ignacio conhece o caminho, uma vez que traz sempre *Don* Rodolfo aqui para visitar *Don* Max e *Doña* Guarina.

— Eu tenho que ir cuidar do carro — me diz ele depois de me instalar no banco de pedra defronte do lote da família. Nós deixamos o carro perto da entrada, o sereno permitiu, para que Ignacio pudesse ajudar a velha a encontrar seus mortos antes de voltar para estacioná-lo.

Pouco antes de ele ir, nós ouvimos algo cair com um estalido como se fosse uma bombinha de São João.

— O que foi isso? — perguntei, assustada.

— Foi a *anacahuíta* — explica Ignacio. — Tem uma bem grande perto do túmulo.

As vagens da *anacahuíta* explodem quando batem no chão. Ora bolas, penso, lá se vai a tranquilidade da minha eternidade!

Depois que ele se afasta o silêncio é tão profundo que eu me pergunto se já não morri. Mas logo o som do tráfego começa à medida que a cidade acorda para trabalhar. Buzinas, carros zangados navegando sobre o lixo que cobre as ruas. Uma sirene soa de vez em quando. Uma mulher chama por Juan para lembrá-lo de comprar mangas na volta do trabalho. Sexta-feira de manhã cedinho na cidade em que nasci.

Eu me inclino para a frente, com as mãos estendidas, para encontrar a minha pedra e verificar o meu nome. Mas o banco está muito distante dos túmulos e eu quase caio de cara no chão. Quando recupero o equilíbrio, reteso o corpo e presto atenção. Ouço um barulho ali perto. Alguém se aproxima furtivamente e penso se não foi um erro permitir que Ignacio me deixasse sozinha num cemitério deserto numa cidade cada vez mais conhecida por sua violência.

— Quem está aí, por favor?

— Sou só eu, *doña* — diz uma voz de menino. Ele se apresenta: José Duarte Gómez Romero.

“Chamam-me de Duarte.” Duarte é de Los Millones, um bairro próximo, chamado assim não pelos milionários que não moram lá, mas pelos milhões de pobres que moram. Ele vem a pé todas as manhãs para limpar o mato dos túmulos em troca de alguns tostões. “A senhora quer que eu cuide do seu lote?”

— Tem mato nele?

O menino fica calado. Sem dúvida, ele pensa que estou querendo apanhá-lo com minha pergunta boba. Não percebeu que eu não posso ver muito bem. Ele chega mais perto.

— A senhora não enxerga, *doña*?

— Não tão bem quanto costumava enxergar — explico a ele. Em alguns aspectos, eu poderia acrescentar, enxergo muito melhor do que antes. — Preciso da sua ajuda, Duarte. A pedra que fica embaixo, à esquerda. O que está escrito nela?

Mais uma vez ele fica calado.

— A que fica bem embaixo, deste lado — digo, sacudindo a mão esquerda. Nem uma palavra dele. Finalmente, eu entendo. Em Cuba, ele saberia ler. Ele não estaria tirando mato num dia de aula. — Ponha a minha mão nessa pedra — digo a ele, erguendo-me e indo ajoelhar-me ao lado dele. Como vou me levantar de novo eu não sei. — Aquela bem embaixo.

A mão pequena dele se fecha sobre a minha e ele conduz os meus dedos para as palavras inscritas. Sinto as curvas do meu nome completo. Minhas sobrinhas cumpriram a promessa!

O menino guiou a minha mão, e agora eu ponho a minha mão sobre a dele.

— Sua vez — digo a ele. (Meu José Duarte em Los Millones!) Juntos, nós percorremos a inscrição na pedra, ele repetindo o nome de cada letra depois de mim. — Muito bem — digo a ele depois de termos feito isso diversas vezes. — Agora você diz sozinho.

Ele tenta várias vezes até acertar.



Salomé Camila Henríquez Ureña

9 de abril 1894—

12 de setembro 1973

E.P.D.

AGRADECIMENTOS

É IMPOSSÍVEL MENCIONAR todas as pessoas que tornaram possível este livro. Colaboradores e colegas do Middlebury College, Vassar College, Nova York, Cuba e República Dominicana ofereceram-me livros, conhecimento, comentários, *insights*, lembranças. A todos vocês, *mis gracias* e meu sincero obrigada. Nunca foi mais verdadeiro dizer que sem a ajuda de vocês eu não poderia ter escrito este livro.

Mas todo livro tem padrinhos, e estes eu vou mencionar pelo nome.

Gracias aos padrinos: José Israel Cuello, que um dia me convidou à casa dele para uma surpresa e me entregou o diário original que Pedro Henríquez Ureña guardou depois da morte de sua mãe com toda a história da família, e me disse, com aquela incomparável generosidade dominicana, que eu podia conservar este tesouro enquanto precisasse dele. E *gracias*, também, a Arístides Incháustegui, cantor de ópera que virou historiador, que cedeu generosamente o seu tempo, a sua pesquisa, os seus insights sobre as figuras do passado. E a Ricardo Repilado, agora com mais de noventa anos, morando em Santiago de Cuba, que trouxe a jovem professora, Srta. Camila, para a minha imaginação, incluindo sua voz ligeiramente “nasal” que sempre tremia de tensão, e que antes da minha partida me deu outro tesouro, a edição de 1920 dos poemas de Salomé, porque, disse ele: “Eu sou um velho, solteiro, sem filhos, e quando eu morrer, quem ficar com este livro não gostará tanto dele quanto você.” Finalmente, a Roberto Véquez, colega do Middlebury College, cuja ajuda foi desde detalhes da pontuação espanhola até os nomes de ruas da sua cidade, Santiago de Cuba. *Mil gracias*.

E às *madrinas*: Chiqui Vicioso, que há cinco anos, logo após eu ter terminado *No tempo das borboletas* (a tinta ainda nem estava seca!), me chamou até o apartamento dela em São Domingos e me emprestou um exemplar do recém-publicado *Epistolario* da família Henríquez Ureña, e um exemplar dos poemas de Salomé, e como

uma musa mandona disse: “Seu próximo livro, Julia!” (Chiqui partiu para escrever a sua peça premiada sobre Salomé, *Cartas a una ausencia*.) E à outra *madrina*, Shannon Ravenel, que me encorajou a cada passo do caminho. *Gracias* pela fé e pela excelente ajuda “invisível” o tempo todo.

E sempre obrigada à minha agente, Susan Bergholz, infatigável *luchadora* e anjo da guarda que protege o espaço e o tempo para que o trabalho seja feito.

Finalmente, minhas mais profundas *gracias* estão reservadas para o meu *compañero* Bill, que me acompanhou ao longo dos anos por mil e uma páginas que eu não poderia ter escrito sem a ajuda dele, suas fotografias, seu senso de aventura, sua fé e suas refeições maravilhosas.

Para escrever o meu livro, li e reli os poemas de Salomé Ureña, reunidos em diversas edições: começando com aquela primeira publicação dos seus poemas da juventude, *Poesías de Salomé Ureña* (São Domingos: Amigos del País, 1880); seguida por *Poesías*, compiladas por seu filho Pedro (Madri: 1920); depois a primeira edição completa, edição comemorativa do centenário, *Poesías completas* (Ciudad Trujillo: Impresora Dominicana, 1950); uma edição posterior, *Poesías completas*, reunidas com uma introdução e excelentes notas de Diógenes Céspedes (São Domingos: Editora Corripio, 1989); e, mais recentemente, a edição de Chiqui Vicioso, *Poesías completas* (São Domingos: Comisión Permanente de la Feria Nacional del Libro, 1997). Além dessas edições, os dois volumes do *Epistolario*, contendo grande parte da correspondência da família Henríquez Ureña, proporcionando um grande insight do relacionamento entre Salomé e Pancho e da dinâmica desta família talentosa e complicada (São Domingos: Editora Corripio, 1996). As minhas traduções dos poemas de Salomé são aproximações/improvisações em inglês das suas próprias palavras em espanhol.

Cada um desses textos e cada um desses colaboradores, assim como diversos outros não mencionados pelo nome, permitiram que eu recuperasse a história, a poesia e as presenças do passado. Mas ao agradecer a eles, gostaria de enfatizar que todas as invenções, opiniões, descrições, erros existentes neste livro são da minha exclusiva responsabilidade. Isto não é uma biografia nem um retrato histórico nem mesmo um registro do que aprendi, mas uma obra da imaginação.

A Salomé e a Camila que vocês irão encontrar nestas páginas são

personagens de ficção baseadas em figuras históricas, mas são recriadas à luz das perguntas que só podemos responder, como elas o fizeram, com nossas próprias vidas: *Quem somos nós como povo? O que é uma pátria? Como podemos servir? O amor é mais forte do que qualquer outra coisa no mundo?* Dadas as lutas constantes na Nossa América para nos compreender e criar como países e indivíduos, este livro é um esforço para entender o grande silêncio do qual emergiram estas duas mulheres e no qual elas tornaram a mergulhar, deixando-nos para sonhar as suas histórias e assumir a responsabilidade de suas canções.

Virgencita de la Altagracia, gracias por acompañarme, paso por paso, palabra por palabra.

Título original
IN THE NAME OF SALOMÉ

Copyright © 2000 by Julia Alvarez

Todos os direitos reservados.

Esta obra de ficção é baseada em fatos históricos
referenciados nos agradecimentos da autora

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Rodrigo Silva, 26 — 4º andar
20011-040 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: 2507-2000 — Fax: 2507-2244
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
MAIRA PARULA

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

A474e Alvarez, Julia
 Em nome de Salomé / Julia Alvarez; tradução de Léa
Viveiros de Castro. — Rio de Janeiro: Rocco, 2003

Tradução de: In the name of Salomé
ISBN 85-325-1488-X

1. Ureña de Henríquez, Salomé, 1850-1897 — Ficção. 2.
Ureña Henríquez, Camila Salomé, 1894-1973 — Ficção. 3.
Romance americano. I. Castro, Léa Viveiros de. II. Título.

02-1685

CDD: 813
CDU: 820(73)-3

A AUTORA

JULIA ALVAREZ é autora, entre outros, do romance *No tempo das borboletas* (finalista do National Book Award) e do infanto-juvenil *Tia Lola veio visitar/morar*, ambos lançados no Brasil pela Rocco. Também publicou três coletâneas de poesia e, mais recentemente, uma coleção de ensaios. A autora vive em Vermont e na República Dominicana, onde ela e o marido possuem uma plantação de café.

Digitalização e revisão

Virgínia Vendramini